

STEVE BERRY

Autor de Vingança em Paris

A TUMBA DO IMPERADOR

ROMANCE

"Eletrizante até a última página."

LIBRARY JOURNAL







STEVE BERRY
A TUMBA DO IMPERADOR

Tradução de Michele Gerhardt
EDITORA RECORD
2012

AGRADECIMENTOS

Aos colegas da Random House: Gina Centrello, Libby McGuire, Cindy Murray, Kim Hovey, Katie O'Callaghan, Beck Stvan, Carol Lowenstein, Rachel Kind e a todo o pessoal de promoções e vendas. Mais uma vez, obrigado.

A Mark Tavarti, obrigado por ser um editor tão persistente. A Pan Ahearn, ofereço minhas reverências de gratidão e minha contínua admiração.

A Simon Lipskar, agradeço do fundo do coração sua sabedoria e orientação.

Algumas menções especiais: Charlie Smith, que fez algumas investigações, na China, pelas quais sou muito grato; Grant Blackwood, um soberbo escritor que me salvou da derrocada em Denver; Eis Wouters, que me forneceu, em um curto prazo, uma pesquisa essencial in loco na Antuérpia; Esther Levine, por abrir as portas para a exposição do exército de terracota; Bob e Jane Stine, que instigaram minha imaginação durante o almoço e me colocaram em contato com "Julia" Xiaohui Zhu; James Rollin, por mais uma vez salvar o meu dia; Michele e Joe Finder, que me deram sábios conselhos; Meryl Moss e sua maravilhosa equipe; Melissa Shapiro, que ajudou mais do que imagina; e Esther Garver e Jessica John, que mantiveram meus negócios funcionando.

Também quero agradecer a todos os meus leitores espalhados pelo mundo. Agradeço seu leal apoio, seus comentários inspirados, seu entusiasmo contagioso e, sim, até as críticas. São vocês que me mantêm escrevendo todos os dias.

E tem também Elizabeth — crítica, animadora, editora, esposa e musa Opacote completo.

Finalmente, este livro é dedicado a Fran Downing, Frank Green,

Lenore Hart, David Poyer, Nancy Pridgen, Clyde Rogers e Dai Woodworth. Juntos, eles me mostraram como eu poderia ensinar a mim mesmo a ser um escritor.

Se fui bem-sucedido, ainda é uma questão a ser discutida.

Uma coisa, porém, está clara.

Sem a influência deles, nada teria sido publicado.

Estuda o passado se quiseres decifrar o futuro.

CONFÚCIO

A história é uma donzela e podes vesti-la como bem entenderes.

PROVÉRBIO CHINÊS

Todos os países, grandes e pequenos, sofrem de um mesmo mal: o governante é cercado de pessoas que não são dignas de confiança. Aqueles que querem controlar os governantes primeiro descobrem seus medos e desejos secretos.

HAN FEI TZU - SÉCULO III A.C.

CRONOLOGIA DE ACONTECIMENTOS RELEVANTES

1765-1027 a.C.

Dinastia Shang (primeira conhecida)

770-481 a.C.

Período das Primaveras e Outonos

551-479 a.C.

Período de vida de Confúcio

535 a.C.

Origem do sistema eunuco

481-221 a.C.

Período dos reinos combatentes e do aparecimento do legalismo

200 a.C.

Primeira perfuração chinesa de petróleo

221 a.C.

Qin Shi unifica os reinos combatentes na China e torna-se o Primeiro Imperador

210 a.C.

Qin Shi morre; o exército de terracota é concluído e enterrado com o Primeiro Imperador na Tumba Imperial

146 a.C.-67 d.C.

O sistema eunuco expande-se e transforma-se em uma força política.

89 a.C.

Sima Qian completa Registros do Historiador (Shiji)

202 d.C.-1912 d.C.

Governo dinástico chinês prospera

1912 d.C.

O último imperador é forçado a abdicar do trono

Governos dinásticos terminam

Sistema eunuco é abolido

A República da China é formada

1949 d.C.

Revolução Comunista
A República Popular da China é formada

1974 d.C.
O exército de terracota é redescoberto

1976 d.C.
Mao Tsé-Tung morre

ÁREAS DO NORTE — PAQUISTÃO
SEXTA-FEIRA, 18 DE MAIO
8H10

Uma bala passou zunindo por Cotton Malone. Ele mergulhou no solo pedregoso e procurou abrigo nas esparsas árvores. Cassiopeia Vitt fez o mesmo e eles rastejaram pelo cascalho pontudo, encontrando uma pedra grande o suficiente para proteger os dois.

Mais tiros vieram na direção deles.

— Isso está ficando sério — disse Cassiopeia.

— Você acha mesmo?

A trilha deles tinha sido, até agora, calma. A maior concentração de picos do planeta os cercava. O teto do mundo, a mais de 3 mil quilômetros de Pequim, no extremo sudoeste da região autônoma de Xingjian na China — ou nas áreas do norte do Paquistão, dependendo de quem respondia à pergunta —, ficava em uma fronteira arduamente disputada.

O que explicava os soldados.

— Eles não são chineses — disse ela. — Consegui dar uma olhada. Certamente são paquistaneses.

Cumes pontiagudos e cobertos de neve que chegavam até 6 mil metros de altura protegiam geleiras, pedaços de florestas verde-escuras e vales exuberantes. As cordilheiras do Himalaia, Karakoram e Pamir misturavam-se aqui. Esta era a terra de lobos pretos e papoulas azuis, cabritos-monteses e leopardos da neve. *Onde as fadas se encontravam*, Malone lembrou-se do comentário de um velho observador. Possivelmente a inspiração por trás de *Shangri-La* de James Hilton. Um paraíso para *paratrekkers*, alpinistas, *rafters* e esquiadores. Infelizmente, Índia e Paquistão reivindicavam soberania, a China retomou a posse, e os três governos brigavam pela região desolada havia décadas.

— Parece que eles sabem para onde vamos — disse ela.

— Também pensei nisso. — Então, ele teve de acrescentar: — Eu avisei que ele não era confiável.

Eles vestiam jaquetas de couro, jeans e botas. Embora estivessem a mais de 2.500 metros acima do nível do mar, a temperatura estava surpreendentemente amena. Uns 15 graus talvez, estimou ele. Por sorte, os dois carregavam armas chinesas semiautomáticas e alguns cartuchos de reserva.

— Temos que ir por ali. — Ele apontou para trás deles. — E esses

soldados estão próximos o suficiente para fazer um estrago. Malone buscou em seu cérebro eidético o que precisavam. Ele havia estudado a geografia local e notara que esse pedaço de terra, que não era muito maior do que Nova Jersey, já tinha sido chamado de Hunza, uma propriedade principesca por mais de novecentos anos, cuja independência finalmente evaporou na década de 1970. Os moradores locais, que tinham pele e olhos claros, reivindicavam ser descendentes dos soldados do Exército de Alexandre, o Grande, de quando os gregos invadiram, 2 mil anos atrás. Quem sabe? A terra permanecera isolada por séculos, até a década de 1980, quando a autoestrada Karakoram atravessou-a e ligou a China ao Paquistão.

— Temos de acreditar que ele vai conseguir resolver isso — disse ela finalmente.

— A escolha é sua, não minha. Vá na frente. Eu dou cobertura.

Ele segurou a pistola chinesa de dupla ação. Não era uma arma ruim. Quinze tiros, bem precisa. Cassiopeia preparou-se também. Ele gostava dessa característica dela — sempre pronta para qualquer situação. Formavam uma boa equipe, e esta formidável espanhola árabe definitivamente o deixava intrigado.

Ela seguiu na direção de uma fila de árvores.

Ele apontou a pistola por cima da pedra e preparou-se para atirar ao menor movimento. A sua direita, sob a iluminação fúnebre que atravessava a folhagem de primavera, ele conseguiu ver o cano de um rifle apontado para o tronco de uma árvore.

Ele atirou.

O cano desapareceu.

Malone decidiu aproveitar o momento e seguir Cassiopeia, mantendo a pedra entre ele e seus perseguidores.

Ela a alcançou e os dois continuaram correndo, protegendo-se atrás das árvores.

Tiros agudos de rifle ecoaram. Balas zuniam em volta deles.

A trilha afastava-se das árvores e subia por um terreno íngreme, um tanto melhor para se escalar, entre rochas e pedras soltas. Não tinham muita proteção aqui, mas não havia alternativa. Depois da trilha, ele conseguia avistar desfiladeiros tão profundos que a luz só conseguia entrar quando o sol estava alto. Um penhasco caía à direita deles, e eles correram por sua borda. O sol brilhava forte do outro lado, obscurecido pela sombra negra da montanha. Trinta metros abaixo, a água corria e tremia, cinzenta por causa da areia, lançando espuma ao ar.

Eles subiram a ladeira íngreme.

Cotton viu a ponte.

Exatamente onde tinham dito que ele a encontraria.

Não era bem uma ponte, apenas algumas estacas, que não pareciam seguras, pranchas de madeira na horizontal, tudo amarrado por cordas. Uma passarela de tábuas pendendo sobre o rio.

Cassiopeia chegou ao topo da trilha.

— Temos de atravessar.

Ele não gostava da ideia, mas ela estava certa. O destino deles estava do outro lado.

Tiros ecoaram a distância, e ele olhou para trás.

Nenhum soldado.

O que o deixou preocupado.

— Talvez ele os esteja distraíndo — disse ela.

A desconfiança o deixava na defensiva, mas não tinha tempo para analisar a situação. Enfiou a arma no bolso. Cassiopeia fez o mesmo, depois apoiou o pé na ponte.

Ele foi atrás.

As tábuas vibravam por causa da agitação das águas que batiam. Ele calculou que estavam a menos de 30 metros do outro lado, mas tinha consciência de que ficariam suspensos no ar sem nenhuma cobertura, movendo-se das sombras para a luz do sol. Era possível ver outra trilha de cascalho do outro lado, que seguia pelas árvores. Ele viu uma imagem, de uns 4 metros de altura, esculpida na rocha depois da trilha: uma imagem budista, exatamente como tinham dito a eles.

Cassiopeia virou-se para ele. Olhos orientais em um rosto ocidental.

— Esta ponte já teve dias melhores.

— Espero que ainda tenha mais um dia.

Ela agarrou as cordas trançadas que sustentavam a ponte no ar. Ele apertou com mais força a áspera corda também, depois decidiu:

— Eu vou na frente.

— Por quê?

— Sou mais pesado. Se a ponte me aguentar, aguentará você também.

— Como não posso argumentar contra esse argumento — disse ela dando um passo para o lado —, fique à vontade.

Ele passou à frente, seus pés sintonizados com as vibrações constantes.

Nenhum sinal dos perseguidores.

Ele decidiu que seria melhor se andasse mais rápido, não dando tempo para as tábuas reagirem. Cassiopeia o seguiu.

Um novo som ecoou mais alto do que a correnteza.

Grave e profundo. Distante, mas que estava se aproximando.

Tum Tum Tum.

Ele virou a cabeça para a direita e viu uma sombra em uma pedra, a mais de 1 quilômetro de distância, onde o desfiladeiro que estavam atravessando encontrava outro perpendicular.

Na metade do caminho, parecia que a ponte ia resistir, embora as tábuas mofadas parecessem esponjas. As palmas de suas mãos seguravam frouxamente a corda áspera, prontas para agir se o chão cedesse embaixo de seus pés.

A sombra distante ficou maior e assumiu a forma distinta de um helicóptero de ataque AH-1 Cobra.

De fabricação americana, mas isso não queria dizer salvação. Paquistaneses o pilotavam também. Washington havia fornecido os helicópteros para ajudar um suposto aliado na guerra contra o terrorismo.

O Cobra vinha na direção deles. Hélice com duas pás e duas turbinas. O helicóptero carregava duas armas 20mm, mísseis antitanque e foguetes aéreos. Tão rápido quanto uma vespa e igualmente manobrável.

— Eles não estão aqui para ajudar — ele escutou Cassiopeia dizer. Ele concordava, mas não precisava dizer que sabia disso desde o início. Eles tinham sido conduzidos a este local para este propósito.

Maldito filho da...

O Cobra começou a atirar.

Uma sucessão de estouros mandou balas 20mm na direção deles. Ele mergulhou de barriga sobre as tábuas da ponte, no exato momento em que Cassiopeia fazia o mesmo. O Cobra aproximou-se deles, o motor turboélico sugava o ar seco e límpido. Salvas de tiros foram em direção da ponte, atingindo madeira e corda com uma fúria selvagem.

Mais tiros.

Concentrados nos 3 metros que o separavam de Cassiopeia.

Ele viu fúria nos olhos dela e observou enquanto ela pegava a arma, ajoelhava-se e atirava na capota do helicóptero. Mas ele sabia que o revestimento blindado e o fato de a aeronave estar movendo-se a mais de 270 quilômetros por hora reduziam a zero as chances de causar algum dano.

— Abaixo — gritou ele.

Outro tiro de canhão destruiu o pedaço da ponte entre ele e Cassiopeia. Em um momento, a construção de madeira e corda existia, no minuto seguinte, era uma nuvem de poeira.

Ele ficou de pé e percebeu que a ponte toda estava prestes a desabar. Não podia voltar atrás, então correu os últimos 6 metros à sua frente, segurando-se nas cordas enquanto a ponte desabava.

O Cobra voou direto para o outro lado do desfiladeiro.

Ele se segurou firme às cordas e, conforme a ponte se dividia, cada metade pendendo para lados opostos do penhasco, ele voou no ar.

Bateu em uma pedra, ricocheteou, depois parou.

Mas não se deu chance de sentir medo. Devagar, puxou-se para cima, escalando os metros que faltavam até o topo. Os barulhos da correnteza e do helicóptero enchiam seus ouvidos. Fitou o outro lado do penhasco, procurando Cassiopeia, torcendo para que ela tivesse conseguido subir até o outro lado.

O coração dele se apertou ao vê-la agarrada à outra metade da ponte enquanto esta balançava contra as pedras. Queria ajudá-la, mas não havia nada que pudesse fazer. Ela estava a 30 metros de distância. E só havia ar entre eles.

O Cobra fez uma manobra dentro do desfiladeiro, arqueando para cima, e começou a vir na direção deles de novo.

— Você consegue escalar? — gritou ele, mais alto do que qualquer barulho.

Ela balançou a cabeça.

— Tente — berrou ele.

Ela virou o pescoço na direção dele.

- Saia daqui.
- Não sem você.

O Cobra estava a mais ou menos 1 quilômetro de distância. O canhão começaria a disparar a qualquer momento.

- Suba — gritou ele.

Ela levantou uma das mãos.

E então, caiu de uma altura de 15 metros, dentro do rio.

Ele não sabia qual era a profundidade do rio, mas as pedras que se projetavam dele não eram nenhum consolo.

Ela desapareceu na água, que devia estar congelando, levando em consideração que o rio era alimentado pela neve da montanha.

Ele esperou que ela viesse à tona. Em algum lugar.

Mas isso não aconteceu.

Ele ficou fitando a corredeira cinzenta e ruidosa que carregava lodo, pedras e espuma em uma formidável corrente. Queria ir atrás dela, mas sabia que não era possível. Também não sobreviveria à queda.

Ficou parado, olhando, incrédulo.

Depois de tudo pelo que tinham passado nos últimos três dias.

Cassiopeia Vitt estava morta.

COPENHAGUE, DINAMARCA
TERÇA-FEIRA, 15 DE MAIO
12H40

Cotton Malone digitou o endereço eletrônico com dedos trêmulos. Assim como um telefonema no meio da madrugada, não existe nada de bom em uma mensagem anônima.

O bilhete tinha chegado duas horas antes, enquanto ele estava fora da livraria, mas a funcionária que recebera o envelope sem nada escrito só se lembrara de entregar-lhe alguns minutos atrás. — *A mulher não disse que era urgente — dissera ela, defendendo-se.*

— *Que mulher?*

— *Uma chinesa. Estava usando uma linda saia xadrez Burberry. Ela diss apenas para lhe entregar.*

— *Ela falou o meu nome?*

— *Duas vezes.*

Dentro do envelope havia uma folha dobrada de papel pergaminho cinzento no qual estava impresso o endereço de um site com sufixo .org. Subiu imediatamente os quatro lances de escadas até seu apartamento, que ficava em cima da livraria, e pegou o laptop.

Digitou o endereço e esperou enquanto a tela ficava preta, então uma nova imagem apareceu. Uma tela de vídeo indicava que uma transmissão ao vivo estava prestes a começar.

O link de comunicação estabeleceu-se.

Um corpo apareceu, deitado de costas, braços acima da cabeça, tornozelos e pulsos amarrados ao que parecia uma folha de compensado. Uma toalha envolvia o rosto, mas estava claro que era uma forma feminina.

— Sr. Malone. — A voz era eletronicamente alterada de forma a disfarçar qualquer tom ou altura. — Estávamos esperando. O senhor não estava com a menor pressa, não é? Temos algo para lhe mostrar.

Uma pessoa encapuzada apareceu segurando um balde de plástico. Ele assistiu enquanto a água era jogada na toalha que envolvia o rosto da mulher. O corpo dela contorceu-se enquanto ela lutava como podia.

Ele sabia o que estava acontecendo.

O líquido penetra na toalha e flui irrestritamente pela boca e pelo nariz. No início, ainda é possível respirar ar — a garganta contrai-se, inalando pouca água —, mas isso só pode ser mantido por poucos segundos. Então, o reflexo natural de ânsia de vômito entra em ação e perde-se o controle. A

cabeça fica posicionada para baixo de forma que a gravidade prolongue a agonia. Era como afogar-se sem precisar afundar.

O homem parou de jogar água.

A mulher continuou lutando com as poucas forças que tinha.

Essa técnica datava da Inquisição. Altamente aprovada por não deixar marcas, sua principal desvantagem era a severidade — tão intensa que a vítima confessava qualquer coisa imediatamente. Malone já havia tido uma experiência com essa técnica, anos atrás, quando treinava para tornar-se um agente Magellan Billet. Todos os recrutas tinham de passar pela escola de sobrevivência. Sua agonia tinha sido ainda maior por não gostar de confinamento. O cativo somado à toalha molhada criara uma claustrofobia insuportável. Ele se lembrava de um debate público alguns anos atrás que discutia se a técnica era considerada tortura ou não.

Claro que era.

— Este é o motivo do meu contato — disse a voz.

A câmera deu um zoom na toalha que envolvia o rosto da mulher. A mão de alguém entrou na cena e arrancou a toalha molhada, revelando Cassiopeia Vitt.

— Ah, não — sussurrou Malone.

Reflexos de medo tomaram conta de seu corpo. Sentia-se como se estivesse delirando.

Isto não pode estar acontecendo.

Não.

Ela piscou para tirar água dos olhos, cuspiu a que estava na boca e recuperou o fôlego.

— Não dê nada a eles, Cotton. Nada.

A toalha molhada foi colocada novamente em seu rosto.

— Isso não seria nem um pouco inteligente — disse a voz computadorizada. — Não para ela, claro.

— Você pode me escutar? — disse Cotton no microfone do laptop.

— Claro.

— Isto é realmente necessário?

— Para você? Acho que sim. É um homem tão respeitado. Ex-agente do Departamento de Justiça. Altamente treinado.

— Sou dono de uma livraria.

A voz riu.

— Não insulte a minha inteligência nem arrisque a vida dela ainda mais. Quero que entenda totalmente o que está em jogo.

— E eu quero que entenda que eu posso matá-lo.

— Quando isso acontecer, a Srta. Vitt já estará morta. Então vamos parar com toda essa valentia. Eu quero o que ela lhe deu.

Malone viu Cassiopeia retomar sua luta, a cabeça balançando de um lado para o outro embaixo da toalha.

— Não dê nada a ele, Cotton. Estou falando sério. Eu lhe dei aquilo para guardar em segurança. Não entregue a ninguém.

Jogaram mais água. Os protestos dela cessaram enquanto ela lutava

para respirar.

— Leve o que ela lhe deu para o Tivoli Gardens, às 14 horas, do lado de fora do pagode chinês. Alguém o procurará. Se você não aparecer... — A voz fez uma pausa. — Acho que pode imaginar as consequências.

A conexão foi interrompida.

Ele recostou-se na cadeira.

Fazia mais de um mês que não via Cassiopeia. E duas semanas que não falava com ela. Ela dissera que ia fazer uma viagem mas, como de costume, não deu detalhes. Não se podia dizer que tinham um *relacionamento*. Apenas uma atração que ambos, habilmente, reconheciam. De uma forma estranha, a morte de Henrik Thorvaldsen aproximara-os e eles passaram bastante tempo juntos nas semanas que se seguiram ao enterro do amigo.

Ela era durona, inteligente e corajosa.

Mas tortura?

Duvidava que ela já tivesse passado por algo parecido.

Vê-la na tela do laptop cortou seu coração. De repente, percebeu que se algo acontecesse com essa mulher sua vida nunca mais seria a mesma. Precisava encontrá-la.

Mas havia um problema

Ela obviamente tinha sido forçada a fazer tudo para sobreviver.

Desta vez, porém, ela fora longe demais.

Ela não dera nada para ele guardar.

Ele não fazia a menor ideia do que ela, ou seu sequestrador, estavam falando.

CHONGQING, CHINA

20H

Karl Tang adotou uma expressão que não deixava a menor pista do que ele estava pensando. Depois de quase três décadas de prática, ele era mestre nessa arte.

— E por que o senhor veio desta vez? — perguntou a médica. Ela era uma mulher com expressão fria, corpo tenso, cabelos pretos, cortados bem curtos, no estilo proletário.

— Sua raiva por mim não diminuiu?

— Não tenho nenhuma hostilidade, ministro. O senhor deixou bem claro na última visita que estava no comando, apesar de este ser o meu hospital.

Ele ignorou o insulto que vinha carregado no tom de voz dela.

— E como está nosso paciente?

O Primeiro Hospital de Doenças Infecciosas, que ficava nos subúrbios de Chongqing, cuidava de quase 2 mil pessoas que sofriam de hepatite ou tuberculose. Era um dos oito hospitais espalhados pelo país, todos desagradáveis, com prédios de tijolos cinzentos rodeados por cercas verdes, lugares onde as pessoas com doenças infecciosas podiam ficar de quarentena. Mas o sistema de segurança com o qual esses hospitais contavam também os tornava ideais para abrigar qualquer outro prisioneiro doente do sistema penal chinês.

Como Jin Zhao, que sofrerá uma hemorragia no cérebro dez meses atrás.

— Está deitado na cama dele, da mesma forma, desde o dia em que o trouxeram para cá — disse a médica. — Ele se agarra à vida. O dano é enorme. Mas, de acordo com as suas ordens, nenhum tratamento foi administrado.

Ele sabia que ela odiava o fato de ele usurpar sua autoridade. Já se foram os dias dos obedientes "médicos descalços" de Mao que, de acordo com o mito oficial, viviam de boa vontade entre o povo e cuidavam com zelo dos doentes. E, embora ela fosse a administradora-chefe do hospital, Tang era o ministro da Ciência e Tecnologia, membro do Comitê Central vice-primeiro-ministro do

Partido Comunista Chinês e primeiro vice-presidente da República Popular da China — o segundo mais poderoso do país, atrás apenas do presidente e primeiro-ministro.

— Como deixei claro da última vez, doutora — disse ele —, essa ordem não foi minha, e sim da diretiva do Comitê Central, ao qual eu e a senhora devemos total obediência.

Ele pronunciou essas palavras não apenas para a médica tola escutar, mas também para os três membros de sua equipe e dois capitães do Exército de Libertação Popular que estavam atrás dele. Todo militar usava uma farda verde com a estrela vermelha da terra natal gravada no quepe. Um deles certamente era informante — provavelmente reportando-se a mais de um benfeitor —, então queria que falasse muito bem dele.

— Leve-nos ao paciente — ordenou ele calmamente.

Eles atravessaram corredores com paredes rachadas e ásperas pintadas de verde, iluminados por fracas lâmpadas fluorescentes. O chão estava limpo, mas amarelado de tanto ser esfregado. Enfermeiras com rostos escondidos atrás de máscaras cirúrgicas inclinavam-se sobre doentes que usavam pijamas com listras azuis e brancas, alguns com robes marrons, parecendo mais prisioneiros do que pacientes.

Entraram em outra enfermaria através de portas de metal. A sala era espaçosa o suficiente para acomodar uma dúzia de pacientes, ou mais, mas havia apenas um deles deitado em uma única cama e coberto por lençóis brancos e encardidos.

O ar cheirava mal.

— Vejo que deixou o prisioneiro sozinho — disse ele.

— Como o senhor me ordenou.

Mais um ponto a seu favor para o relatório do informante. Jin Zhao fora preso dez meses atrás, mas sofrera uma hemorragia durante o interrogatório. Logo depois, foi acusado de traição e espionagem, julgado em um tribunal de Pequim e condenado, mas não estava presente em nenhum desses eventos, pois permanecera ali, em coma.

— Ele está exatamente como o senhor o deixou — disse a médica. Pequim ficava a quase mil quilômetros a leste, e ele supunha que essa distância estimulava a rebeldia desta mulher. *Você pode roubar os Três Exércitos de seu comandante, mas não pode privar o mais humilde dos camponeses de sua opinião.* Mais tolices de Confúcio. Na verdade, o governo podia, e estava insolente deveria considerar o fato.

Ele acenou e um dos homens uniformizados a levou para o outro lado da sala.

Ele se aproximou da cama.

O homem deitado em prostração tinha uns 60 e poucos anos, seus cabelos sujos eram compridos e estavam despenteados, o corpo magro e o rosto fundo pareciam de um cadáver. Hematomas espalhavam-se pelo rosto e peito, enquanto tubos intravenosos saíam de ambos os braços. Um ventilador alimentava seus pulmões com ar.

— Jin Zhao, você foi considerado culpado de traição contra a República Popular da China. Foi-lhe concedido um julgamento, ao qual você não pode apelar. Sinto informar-lhe que a Suprema Corte Popular aprovou sua execução e negou-lhe recurso.

— Ele não escuta uma palavra do que o senhor está dizendo afirmou a médica, do outro lado da sala.

Ele manteve os olhos fixos na cama.

— Talvez não, mas as palavras têm de ser ditas. — Ele se virou para encará-la. — E a lei, e ele tem direito a um processo apropriado.

— Vocês o julgaram sem que ele ao menos estivesse lá — explodiu ela. — Nunca escutaram o que ele tinha a dizer.

— O representante dele teve a oportunidade de apresentar provas.

A médica balançou a cabeça, enojada, o rosto pálido de ódio.

— O senhor escutou o que acabou de dizer? O representante não teve nem a oportunidade de falar com Zhao. Que provas ele poderia apresentar?

O ministro não sabia se os olhos e ouvidos do informante pertenciam a alguém de sua equipe ou a um dos capitães do exército. Era difícil ter certeza de qualquer coisa agora. A única coisa que sabia era que seu relatório para o Comitê Central não seria o único, então decidiu deixar claro:

— Tem certeza? Zhao nunca foi comunicado de nada?

— Ele foi espancado até ficar inconsciente. O cérebro dele está destruído. Ele nunca vai acordar do coma. Nós o mantemos vivo apenas porque o senhor, ou melhor, o Comitê Central, mandou. Ele percebeu a repulsa nos olhos da mulher, uma coisa que tem visto com muito mais frequência recentemente. Principalmente em mulheres. Quase todos os funcionários do hospital — médicos e enfermeiros — eram mulheres. Elas tinham evoluído muito desde a Revolução de Mao, mas Tang ainda acreditava no que seu pai tinha lhe ensinado. *Um homem não fala de negócios dentro de casa, e uma mulher não fala de negócios fora de casa.*

Esta médica insignificante, que trabalha em um hospitalzinho público, era incapaz de compreender a enormidade do desafio dele.

Pequim governava uma terra que se estendia por 5 mil quilômetros de leste a oeste e mais de 3 mil de norte a sul. Uma grande parte era de montanhas inabitáveis e desertos, algumas das regiões mais desoladas do mundo, apenas 10 por cento do país arável. Quase 1,5 bilhão de pessoas — mais do que os Estados Unidos, a Rússia e a Europa juntos. Mas apenas 6 milhões eram membros do Partido Comunista Chinês — menos de 3 por cento do total. A médica era membro do país havia mais de uma década. Ele verificara. Ela não teria conseguido um cargo administrativo tão alto se não o fosse. Apenas chineses da etnia Han, membros do partido, conseguiam tal status. Os Hans eram maioria absoluta da população, a pequena porcentagem restante dividia-se em 56 minorias. O pai da médica era um notável oficial no governo da província local, um membro leal do Partido que havia participado da Revolução de 1949 e conheceria pessoalmente Mao e Deng Xiaoping.

Tang ainda queria deixar as coisas mais claras.

— Jin Zhao devia lealdade ao governo Popular. Ele decidiu ajudar nossos inimigos...

— O que um geoquímico de 63 anos pode ter feito para prejudicar o governo popular? Ministro, me diga. Eu quero saber. O que ele poderia fazer

conosco agora?

Ele olhou para o relógio. Um helicóptero estava esperando para levá-lo para o norte.

— Ele não era espião — disse ela. — Nem traidor. O que ele realmente fez, ministro? O que justifica bater em um homem até sua cabeça começar a sangrar?

Ele não tinha tempo para discutir o que já tinha sido decidido. O informante selaria o destino desta mulher. Em um mês, ela seria transferida — apesar dos privilégios do pai — provavelmente para bem longe, onde os problemas eram escondidos.

Ele se virou para um dos homens uniformizados e acenou.

O capitão tirou sua arma do coldre, aproximou-se da cama e atirou uma vez na testa de Jin Zhao. O corpo se mexeu, depois ficou imóvel.

O ventilador continuou forçando ar para dentro dos pulmões sem vida.

— A sentença foi executada — declarou Tang. — Devidamente testemunhada por representantes do governo popular, militares... a administradora deste hospital.

Ele indicou que estava na hora de ir embora. Deixaria a bagunça para a médica limpar.

Foi até as portas.

— Vocês acabaram de atirar em um homem indefeso — gritou a médica. — Foi nisso que o governo se transformou?

— Você deveria agradecer — disse ele.

— Pelo quê?

— Pelo governo não debitar do orçamento deste hospital o custo da bala.

E ele foi embora.

COPENHAGUE

13H20

Malone saiu de sua livraria e entrou em Højbro Plads. O céu vespertino estava sem nuvens, o ar dinamarquês era ameno. Stroget — um conglomerado de ruas onde não passavam carros, com lojas, cafés, restaurantes e museus — fervilhava.

Ele solucionara o problema do que levar simplesmente pegando o primeiro livro que viu em uma das prateleiras e enfiando-o dentro de um envelope. Aparentemente, Cassiopeia optara por ganhar tempo ao envolvê-lo. Não era um jogo ruim, exceto que a artimanha não poderia ir longe demais. Ele gostaria de saber o que ela estava fazendo. Desde o último Natal, eles tinham se visitado algumas vezes, almoçado e jantado aqui e ali, trocado alguns telefonemas e e-mails. A maioria para falar sobre a morte de Thorvaldsen, que fizera os dois sofrerem. Ele ainda não conseguia acreditar que seu melhor amigo havia morrido. Todo dia, esperava que o velho dinamarquês astuto fosse entrar em sua livraria, pronto para uma animada conversa. Ainda se ressentia pelo amigo ter morrido achando que ele o tinha traído.

— *Você fez o que tinha de fazer em Paris — dissera Cassiopeia. — Eu teri feito a mesma coisa.*

— *Henrik não pensou assim.*

— *Ele não era perfeito, Cotton. Ele se jogou em uma espiral. Não estava pensando e não escutava ninguém. Havia mais em jogo lá do que a vingança dele. Você não tinha escolha.*

— *Eu o decepcionei.*

Ela estendeu o braço sobre a mesa e apertou a mão dele.

— *Vou lhe dizer uma coisa. Se algum dia eu estiver encenecada, pode me decepcionar assim.*

Ele continuava andando, as palavras dela ecoando em sua cabeça.

Agora estava acontecendo de novo.

Ele saiu da Stroget e atravessou o bulevar que brilhava cheio de carros, ônis e bicicletas. Abriu caminho pela Rådhuspladsen, uma das muitas praças públicas de Copenhague, esta estendendo-se na frente da prefeitura. Viu os trompetistas de bronze em cima, tocando seus *lurs* sem som. Acima deles, ficava a estátua de cobre do Bispo Absalon que, em 1167 transformou uma pequena aldeia de pescadores em uma fortaleza cercada por muros.

Do outro lado da praça, depois do bulevar engarrafado, viu o Parque Tivoli. Segurava o envelope com uma das mãos, sua Beretta de Magellar Billet escondida embaixo do paletó. Pegara a arma que ficava embaixo da cama, guardada em uma mochila, com outras lembranças de sua antiga vida.

— *Acho que está um pouco nervoso — dissera Cassiopeia para ele.*

Estavam do lado de fora da livraria, no frio congelativo de março.

Ela estava certa.

— *Não sou muito romântico.*

— *Mesmo? Eu nunca teria percebido. Sorte sua, eu sou.*

Ela estava linda. Alta, magra, pele morena clara. Os pesados cabelos claro-rosçavam em seus ombros, emoldurando um rosto incrível destacado por sobranceiras finas e bochechas firmes.

— *Não fique se corroendo, Cotton.*

Interessante ela saber que ele estava pensando em Thorvaldsen.

— *Você é um bom homem. Henrik sabia disso.*

— *Ceguei dois minutos atrasado.*

— *E não há nada que você possa fazer para mudar isso.*

Ela estava certa.

Mas ele ainda não conseguia afastar esse sentimento.

Ele vira Cassiopeia na sua melhor forma e em circunstâncias que lhe tiraram toda a sua confiança — quando ela estava vulnerável, propensa a erros, emotiva. Por sorte, ele estava lá para compensar, assim como ela estivera presente quando os papéis se inverteram. Ela era uma incrível mistura de feminilidade e força, mas todo mundo, até ela, de vez em quando ia longe demais.

Uma visão de Cassiopeia amarrada no compensado com uma toalha sobre o rosto cruzou sua mente.

Por que ela?

Por que não ele?

* * *

Karl Tang entrou no helicóptero e acomodou-se no compartimento traseiro. Seus negócios em Chongqing tinham acabado.

Odiava este lugar.

Trinta milhões de pessoas consumiam cada metro quadrado das colinas que cercavam a confluência dos rios Jialing e Azul. Sob o domínio mongol han e manchu, fora o centro do império. Cem anos atrás, tornara-se a capital durante a guerra, na invasão japonesa. Agora, era uma mistura do novo e do antigo — mesquitas, templos taoistas, igrejas cristãs, marcos comunistas —, um lugar quente, úmido, desgraçado, onde os arranha-céus rasgavam o horizonte.

O helicóptero levantou voo em uma nuvem de carbono e rumou para o noroeste.

Dispensara os funcionários e capitães.

Nenhum espião viria nesta parte de sua viagem. Tinha de fazer isso sozinho.

* * *

Malone pagou seu ingresso e entrou no Parque Tivoli. Parte parque de diversão, parte ícone cultural, o reino encantado florido e arborizado entreteinha os dinamarqueses desde 1843. Um tesouro nacional, onde rodas-gigantes, pantomimas e um navio pirata de estilo antigo misturavam-se às atrações mais modernas que desafiavam a gravidade. Até mesmo os alemães o pouparam na Segunda Guerra Mundial. Malone gostava de visitar o parque — era fácil de ver por que inspirara Walt Disney e Hans Christian Andersen.

Ele atravessou a entrada principal e seguiu a avenida central contornada por flores. Jardins de bulbos, rosas, lilases, assim como centenas de tílias, castanheiras, cerejeiras e sempre-verdes em um engenhoso planejamento que, para ele, sempre parecia maior do que meros 21 acres. Cheiro de pipoca e algodão-doce enchia o ar, junto com o som de uma valsa de Viena e melodias tocadas por uma banda. Ele sabia que o criador do Tivoli justificara o excesso dizendo ao rei Christian VIII da Dinamarca *quando as pessoas estavam se divertindo não pensavam em política*. Conhecia o pagode chinês. Dentro do caramanchão de folhas tinha quatro andares com vista para o lago. Com mais de 100 anos, a construção asiática aparecia em quase toda publicação que citasse o Tivoli.

Um grupo de rapazes, elegantemente vestidos com paletós vermelhos e chapéus de pele de urso, desfilava pela alameda adjacente. Era a Guarda do Parque, banda que marchava pelo Tivoli. As pessoas se alinhavam em volta das ruas para assistir à parada. Todas as atrações estavam demasiadamente cheias para uma terça-feira de maio, a temporada de verão estava apenas começando.

Malone visualizou o pagode, três repetições verticais da base em proporções menores, cada andar com um telhado que se projetava para a frente e beirais virados para cima. Pessoas entravam e saíam do restaurante no térreo do pagode. Mais turistas ocupavam bancos embaixo das árvores.

Eram quase 14 horas.

Tinha chegado na hora.

Patos do lago misturavam-se à multidão, demonstrando pouco medo. Não podia dizer o mesmo sobre si. Estava em alerta, sua mente pensando como o agente do Departamento de Justiça que fora por 12 arriscados anos. A ideia era aposentar-se cedo e fugir do perigo, tornando-se dono de uma livraria na Dinamarca, mas os últimos dois anos não tinham sido nem um pouco calmos.

Pense. Preste atenção.

A voz computadorizada tinha dito que quando ele chegasse lá, alguém o procuraria. Aparentemente, os sequestradores de Cassiopeia sabiam exatamente quem ele era.

— Sr. Malone.

Ele se virou.

Uma mulher, com rosto mais longo do que redondo, estava parada ao seu lado. Os cabelos negros escorriam ao redor do rosto, e olhos castanhos com longos cílios só lhe acrescentavam uma qualidade misteriosa. Verdade seja dita, tinha uma queda por belezas orientais. Ela estava elegantemente vestida com roupas que valorizavam seus contornos, que incluíam uma saia xadrez Burberry envolvendo sua minúscula cintura.

— Vim pegar a encomenda — disse ela.

Ele acenou com o envelope que segurava.

— Isto?

Ela assentiu.

Devia ter uns 20 e poucos anos, movimentos casuais, aparentemente despreocupada com a situação. Suas suspeitas estavam rapidamente se confirmando.

— Gostaria de ficar e almoçar comigo? — perguntou ele.

Ela sorriu.

— Outra hora.

— Parece promissor. Como posso encontrá-la?

— Sei onde fica a sua livraria.

Ela sorriu.

— Que burrice a minha.

Ela apontou para o envelope.

— Preciso ir embora.

Ele entregou o pacote a ela.

— Talvez eu apareça na sua livraria — disse ela, dando um sorriso.

— Faça isso.

Ele ficou observando enquanto ela se afastava, desaparecendo na multidão, caminhando calmamente, sem se preocupar com nada.

* * *

Tang fechou os olhos e deixou o zumbido da turbina do helicóptero acalmá-lo. Olhou no relógio. Nove e cinco da manhã significava 14h05 na Antuérpia.

Tanta coisa estava acontecendo. Seu futuro estava sendo determinado por uma colisão de circunstâncias, que tinham de ser cuidadosamente controladas.

Pelo menos, o problema de Jin Zhao estava resolvido.

Tudo estava finalmente tomando seus devidos lugares. Trinta anos de dedicação prestes a serem recompensados. Cada uma das ameaças tinha sido eliminada ou contida.

Só faltava Ni Yong.

ANTUÉRPIA, BÉLGICA

14H05

Ni Yong estava acomodado em uma poltrona laqueada preta, uma reprodução do período Qing. Estava acostumado com as linhas elegantes e bonitas curvas, um excelente exemplo do talento chinês antes do século XVIII, a qualidade e precisão desta marcenaria tão meticulosa que pregos cola não foram necessários.

Seu austero anfitrião estava sentado em uma poltrona de vime, o rosto mais longo do que o da maioria dos chineses, olhos mais arredondados, testa alta, os poucos cabelos levemente ondulados.

Pau Wen usava um casaco de seda verde-jade e calças brancas.

— Sua casa é muito elegante — disse Ni na língua nativa deles.

Pau assentiu ao ouvir o elogio, aceitando-o com a humildade que se espera de um homem de quase 70 anos. Jovem demais para ter estado com Mao em 1949 quando a Revolução Popular expulsou Chiang Kai-shek e seu Nacionalistas para Taiwan. Ni sabia que o papel de Wen crescera durante os anos 1960 e que ele continuou sendo importante mesmo depois da morte de Mao, em 1976.

Então, dez anos depois, Pau deixou a China.

Acabando ali, na Bélgica.

— Queria que a minha residência me fizesse lembrar de casa — disse Pau.

A casa, que ficava a poucos quilômetros da Antuérpia, por fora parecia uma estrutura simples com muros altos e cinzentos, com telhados de vários níveis, beirais virados e duas torres que incorporavam os elementos fundamentais — reclusão, simetria, hierarquia — da arquitetura tradicional chinesa. O interior da propriedade era iluminado, arejado e refletia as cores e os estilos de decoração clássica, embora todas as conveniências modernas — ar condicionado, aquecimento central, sistema de segurança, televisão por satélite — estivessem presentes.

Ni conhecia o design.

Siheyuan.

O último símbolo de riqueza chinesa — residência de várias famílias com um pátio central cercado por quatro prédios, geralmente adornado com um jardim e um deque. Já tinha sido a casa de nobres, e hoje apenas militares chineses, membros do Partido ou os abomináveis novos ricos podiam comprá-la.

— Esta casa — disse Ni — faz com que eu me lembre de uma residência que visitei recentemente no nordeste, do prefeito local. Encontramos 250 barras de ouro escondidas nela. Uma façanha e tanto para um homem que ganhava poucos milhares de iuanes por ano. É claro que sendo prefeito ele controlava a economia local, que aparentemente era reconhecida pelos negociantes locais e investidores estrangeiros. Eu o prendi.

— E depois o executou. Rapidamente, tenho certeza.

Percebeu que Pau conhecia o sistema judicial chinês.

— Ministro, diga-me o que o traz à Europa e à minha casa?

Ni comandava a Comissão Central de Inspeção Disciplinar do

Partido Comunista da China. Diretamente subordinado ao

Congresso Nacional, no mesmo nível do todo-poderoso Comitê Central, ele era responsável por arrancar pela raiz toda corrupção e todas as infrações.

— O senhor não é um oficial que eu gostaria de ter como inimigo — disse Pau. — Ouvi dizer que é o homem mais temido da China.

Ela também já ouvira esse rótulo.

— Outros dizem que provavelmente é o homem mais honesto da China.

Ele também já escutara essa descrição.

— E o senhor, Pau Wen, ainda é um de nossos cidadãos. Nunca renunciou a esses direitos.

— Tenho orgulho da minha herança chinesa.

— Vim reivindicar uma parte dessa herança.

Eles estavam acomodados na sala de estar, que dava para um quintal interno com árvores floridas. Abelhas voavam de um botão cheiroso para outro, seus zumbidos e o gorgolejo da fonte eram as únicas distrações. Portas de vidro e cortinas de seda separavam-nos de um escritório adjacente.

— Aparentemente — disse Ni —, quando o senhor deixou nossa terra natal, decidiu que alguns de nossos artefatos viriam junto.

Pau riu.

— O senhor faz ideia de como era quando Mao estava vivo? Ministro diga-me, em sua alta posição como zelador da consciência do Partido, tem alguma ideia da nossa história? — Neste momento, apenas o seu roubo me preocupa.

— Estou fora da China há quase três décadas. Por que o meu roubo só agora se tornou importante?

Tinham lhe avisado sobre Pau Wen, um historiador treinado, orador habilidoso e mestre em transformar adversidade em vantagem. Tanto Mao quanto Deng Xiaoping tinham utilizado seus talentos.

— Seu crime só chamou a minha atenção recentemente.

— Um informante anônimo?

Ele assentiu.

— Temos sorte de tê-los.

— E vocês tornam tudo tão fácil. Têm até um website. E les só precisam

encaminhar um e-mail, sem nome nem endereço, cheio de acusações. Agora me diga, existem repercussões por fazer falsas acusações?

Ele não ia cair naquela armadilha.

— Ao entrar pelo portão da frente, notei um cavalo de cerâmica da dinastia Han. Um sino de bronze do período Zhou. Um figurino da dinastia Tang. Todos originais, roubados pelo senhor.

— Como você pode afirmar isso?

— O senhor era inspetor de vários museus e coleções, uma forma fácil de se apropriar do que quer que desejasse.

Pau Wen se levantou.

— Posso lhe mostrar uma coisa, ministro?

Por que não? Queria conhecer mais da casa.

Seguiu o homem mais velho pelo pátio, que desencadeava lembranças da casa ancestral de sua família em Sichuan, uma província de colinas verde-jade e campos bem cuidados. Por setecentos anos, os Ni viveram ali dentro de um bosque de bambus, que contornavam férteis arrozais. Naquela casa também havia um pátio. Com uma diferença, porém. Aquela casa não era de tijolos, e sim de terra batida.

— O senhor mora aqui sozinho? — perguntou Ni.

Uma casa tão grande precisava de cuidado constante, e tudo parecia imaculado. Mas não vira nem escutara ninguém.

— Mais do investigador que existe em você. Fazendo perguntas? — Parece-me uma pergunta fácil.

Pau sorriu.

— A minha vida é de solidão auto imposta.

Não era exatamente uma resposta, mas não esperara uma de toda forma.

Traçaram um caminho contornado por arbustos em vasos e telhas de pequeno porte e se aproximaram de uma grande porta preta, com um disco vermelho, do lado oposto do pátio. Abrindo a porta, havia um salão espaçoso, suportado por pilares imponentes com arabescos verdes no cume. Em uma parede havia prateleiras de livros, e em outra, de rolos de manuscritos chineses. Uma luz suave penetrava pelas janelas. Ele notou a cuidadosa marcenaria, as cortinas de seda, os armários antigos, mesas de madeira de lei, os objetos expostos como se estivessem em um museu.

— Minha coleção — disse Pau.

Ni fitou a coleção.

— É verdade, ministro. O senhor viu objetos de arte quando entrou em minha casa. Eles são valiosos. Mas este é meu verdadeiro tesouro. — Pau acenou e eles entraram mais no salão. — Aqui, por exemplo. Uma escultura de cerâmica esmaltada. Dinastia Han, 210 a.C.

O ministro examinou a escultura, feita de pedra de coloração esverdeada. A figura de um homem com a mão na manivela do que parecia um moinho giratório.

— É notável — disse Pau. — O grão era jogado em um receptáculo aberto em cima e o moinho remexia o que estava dentro, separando a casca.

Esse tipo de máquina foi conhecido na Europa cerca de 2 mil anos depois, quando os navegadores holandeses o importaram da China.

Outro pedestal exibia uma imagem de cerâmica nas costas de um cavalo, com um estribo ao lado. Pau percebeu o interesse do visitante.

— Esta é uma peça da dinastia Tang, Século VI ou VII d.C. Note que homem está montado no cavalo. Os pés dele estão nos estribos. A China desenvolveu os estribos séculos atrás, mas eles só apareceram na Europa na Idade Média. O conceito do cavaleiro medieval, montado em um cavalo armado com escudo e lança, não teria sido possível sem os estribos chineses.

O ministro olhou em volta e viu outros artefatos. Com eles ou até mais.

— Eu reuni esses objetos de aldeia em aldeia — disse Pau — de tumba em tumba. Muitos deles de sepulturas imperiais encontradas na década de 1970. E você está certo, eu tive acesso a museus e coleções particulares.

Pau Wen apontou para um relógio d'água que disse ser do ano 113 a.C. Um relógio de sol, canos de armas, porcelanas, esboços astronômicos, cada invenção é prova da engenhosidade chinesa. Um curioso item chamou a atenção de Ni: uma pequena concha equilibrada sobre um prato de bronze liso no qual ele percebeu gravuras.

— O compasso — disse Pau. — Concebido pelos chineses 2.500 anos atrás. A concha foi gravada com magneto e sempre fica virada para o sul. Enquanto os ocidentais mal eram capazes de existir, os chineses aprenderam a navegar usando esse dispositivo.

— Tudo isso pertence à República Popular — disse Ni.

— Pelo contrário. Eu poupei isso da República Popular.

O ministro estava cansado do jogo.

— O que você está querendo dizer?

— Durante nossa gloriosa Revolução Cultural, uma vez eu assisti a um cadáver de 2 mil anos, descoberto em perfeitas condições em Changsha, ser jogado no sol por soldados para apodrecer, enquanto camponeses jogavam pedras nele. Esse foi o destino de milhões de objetos da *nossa* cultura. Imagine quantas informações científicas e históricas foram perdidas por causa dessa estupidez. Tomou cuidado para não ser absorvido pela conversa de Pau. Como sempre ensinava aos seus subordinados, um bom investigador nunca se permite ser dominado pelo interrogado.

O anfitrião apontou para um ábaco de madeira e bronze.

— Este tem 1.500 anos, foi usado em um banco ou escritório como calculadora. O Ocidente só tomou conhecimento de tal aparelho séculos mais tarde. O sistema decimal, o zero, os números negativos, as frações, o valor do Pi. Esses conceitos, e tudo nesta sala, foram concebidos pela primeira vez pelos chineses.

— Como você sabe disso? — perguntou Ni.

— E a nossa história. Infelizmente, nossos gloriosos imperadores e a Revolução Popular de Mao reescreveram o passado para adequar-se às necessidades *deles*. Nós chineses sabemos pouco de onde viemos e de tudo o que realizamos.

— E você sabe?

— Olhe à sua volta, ministro.

Ele viu o que parecia a chapa de uma impressora, os caracteres prontos para serem impressos no papel.

— A prensa móvel foi inventada na China em 1045 d.C., muito antes de Gutenberg refazer a façanha na Alemanha. Nós também desenvolvemos o papel antes do Ocidente. A sismografia, o paraquedas, o leme, os mastros e as velas, tudo isso foi inventado primeiro na China. — Pau abriu os braços mostrando o salão. — Esta é nossa herança.

Ni agarrou-se à verdade.

— Você não deixa de ser um ladrão.

Wen balançou a cabeça.

— Ministro, não foi o roubo que o trouxe aqui. Fui honesto com o senhor. Então, me diga, por que veio?

A rudeza era outra característica conhecida de Pau, usada para comandar uma conversa, controlando suas direções. Como Ni estava cansado da brincadeira, olhou em volta, na esperança de localizar o artefato. A descrição dizia que tinha uns 3 centímetros de altura e 5 centímetros de comprimento, juntando uma cabeça de dragão, um corpo de tigre e asas de fênix. Feito em bronze, tinha sido encontrado em uma tumba do século II a.C.

— Onde está o lampião do dragão?

Uma expressão curiosa espalhou-se pelo rosto enrugado de Pau.

— Ela perguntou a mesma coisa.

Não era a resposta que ele esperava.

— Ela?

— Uma mulher. Espanhola, com um toque marroquino, acho. Uma beleza. Mas impaciente. Como você.

— Quem?

Cassiopeia Vitt.

Agora ele queria saber.

— E o que você disse a ela?

— Mostrei o lampião a ela. — Wen apontou para uma mesa no extremo oposto do salão. — Ficava bem ali. Muito precioso. Encontrei-o em uma tumba da época do Primeiro Imperador. Descoberto em... 1978, acho. Trouxe o lampião e todos esses itens comigo quando saí da China em 1987.

— Onde está o lampião agora?

— A Srta. Vitt quis comprá-lo. Ofereceu uma quantia alta, fiquei tentado, mas não aceitei.

O ministro esperou uma resposta.

— Ela sacou uma arma e roubou-o de mim. Não tive alternativa.

Sou um homem velho e moro sozinho.

Disso ele duvidava.

— Um homem velho e *rico*.

Pau sorriu.

— A vida tem sido boa para mim. E para você, ministro?

— Quando ela esteve aqui?

— Há dois dias.

Precisava encontrar essa mulher.

— Ela deu alguma pista sobre quem era?

Wen balançou a cabeça.

— Apenas apontou a arma, pegou o lampião e fugiu.

Uma história inesperada e perturbadora. Mas não insuperável. Era possível encontrá-la.

— O senhor veio até aqui só por causa do lampião? — perguntou Pau

— Diga-me, isso tem alguma coisa a ver com sua iminente guerra política com o ministro Karl Tang?

A pergunta surpreendeu-o. Pau estava longe da China havia muito tempo. O que acontecia internamente não era segredo de Estado, mas também não era de conhecimento público — pelo menos, ainda não.

— O que o senhor sabe sobre isso?

— Não sou nenhum ignorante — respondeu Pau, quase em um sussurro. — O senhor veio porque sabia que Tang queria o lampião.

Fora de seu gabinete, isso era desconhecido. A preocupação agora tomava conta do ministro. Este velho estava muito mais bem informado do que ele supusera. Mas outra coisa tinha lhe ocorrido.

— A mulher roubou o lampião para Tang?

Wen balançou a cabeça.

— Ela queria ficar com ele para si.

— Então, o senhor permitiu que ela o levasse?

— Achei melhor do que o ministro Tang ficar com ele. Antecipei que ele deveria vir e, na verdade, não sabia o que fazer. A mulher resolveu meu problema.

A mente dele girava, avaliando a mudança na situação. Pau Wen encarou com olhos que certamente tinham testemunhado muita coisa. Ni viera achando que uma visita surpresa a um velho ex-nacionalista chinês seria uma oportunidade fácil. Obviamente, não foi Pau quem se surpreendeu.

— O senhor e o ministro Tang são os dois principais adversários para presidente e primeiro-ministro — disse Pau. — O atual ocupante desses cargos é velho, o tempo dele está acabando.

Tang ou Ni. Todo mundo vai ter de escolher um lado.

Ele queria saber:

— De qual lado você está?

— No único que importa, ministro: o da China.

COPENHAGUE

Malone seguiu a mensageira chinesa, suas suspeitas confirmadas. Ela não fazia ideia do que viera buscar, sabia apenas que deveria levar o que ele lhe entregasse. Inferno, ela tinha até flertado com ele. Ele imaginou quanto ela estaria recebendo por essa perigosa tarefa, e também estava preocupado com o quanto o sequestrador de Cassiopeia sabia. A voz no laptop tinha zombado de sua experiência no governo — ainda assim, mandaram uma amadora desinformada.

Não perdeu a mensageira de vista enquanto ela abria caminho pelos grupos de pessoas espalhados pelo parque. O caminho que ela estava pegando levaria-os para um portão secundário do Tivoli, ao norte. Ele observou quando ela saiu do parque, atravessou o bulevar e entrou novamente na Stroget. Ele se manteve a uma quadra de distância dela.

Eles passaram por diversos sebos, os donos eram todos seus concorrentes e amigos, e incontáveis mesas ao ar livre e restaurantes, acabando em Højbro Plads. Ela virou à direita no Café Norden, que ficava na extremidade leste da praça, e seguiu pelo campanário de Nikolaj, uma antiga igreja que agora servia como salão público de exposições. Ela virou em uma rua lateral que saía de Nikolaj, na direção de Magasin du Nord, a loja de departamentos mais exclusiva da Escandinávia.

Pessoas andavam pelas ruas, curtindo uma jovialidade coletiva. Uns 10 metros à frente, carros e ônibus passavam de um lado para o outro onde a Stroget acabava.

Ela virou de novo.

Longe da loja de departamentos e do tráfego, seguiu na direção do canal e das ruínas carbonizadas do Museu de Cultura Greco-romana, que ainda não tinha sido reconstruído depois de um incêndio que o destruíra no ano anterior. Naquela noite, Cassiopeia Vitt apareceu e o salvou.

Agora era a vez dele de retribuir o favor.

Aqui, havia menos pessoas.

Muitas das construções dos séculos XVIII e XIX, suas fachadas restauradas havia muito tempo, tinham sido bordéis frequentados pelos marinheiros de Copenhague. Hoje em dia, apartamentos habitados por artistas e jovens profissionais dominavam a região.

A mulher desapareceu em outra esquina.

Ele correu até onde ela tinha virado, mas um contêiner de lixo bloqueava o caminho. Olhou em volta do contêiner de plástico e espiou a

estreita viela cercada por muros de tijolos quebrados. A mulher aproximou-se de um homem. Ele era baixo, magro e estava ansioso. Ela parou e entregou o envelope a ele. O homem abriu-o, depois gritou alguma coisa em chinês. Malone não precisava escutar o que estava sendo dito para compreender. Era óbvio que ele sabia o que esperavam, e, certamente, não era o livro.

Ele deu um tapa no rosto dela.

Ela foi jogada para trás e esforçou-se para recuperar tanto seu equilíbrio quanto sua compostura. Colocou a mão no rosto ferido.

O homem pegou alguma coisa embaixo do paletó.

Uma arma apareceu.

Malone adiantara-se a ele, já com sua Beretta na mão e dizendo:

— Ei.

O homem virou, viu Malone e a arma e, na mesma hora, agarrou a mulher, encostando o cano da arma em seu pescoço.

— Jogue a arma naquela lixeira — gritou o homem em inglês. Malone estava decidindo se deveria arriscar ou não, mas o olhar aterrorizado da mulher dizia para obedecer.

Ele jogou a arma na lixeira, o que produziu um som alto, mostrando que havia pouca coisa ali dentro.

— Fique quieto — disse o homem enquanto andava de costas com sua refém.

Malone não podia deixar a perseguição terminar ali. Esta era a única forma de chegar a Cassiopeia. O homem e sua refém continuavam seguindo para onde a viela encontrava-se com outra rua movimentada. Pessoas passavam constantemente pela interseção.

Ele ficou parado, a 15 metros de distância, e observou.

Então, o homem soltou a mulher e, juntos, os dois saíram correndo.

* * *

Ni avaliou Pau Wen, percebendo que tinha caído diretamente na armadilha que este esperto homem tinha armado.

— E o que é melhor para a China?

— O senhor conhece a história da raposa astuta que foi pega por um tigre faminto? — perguntou Pau.

Ele decidiu agradar Wen e balançou a cabeça.

— A raposa protestou dizendo: "Não ouse me comer porque sou superior a todos os outros animais, e se você me comer, vai enfurecer os deuses. Se não acredita em mim, siga-me e veja o que acontecerá." O tigre seguiu a raposa para a floresta, e todos os animais correram assim que os viram. O tigre, atônito, sem se dar conta de que era a causa da fuga, deixou a raposa ir embora. — Wen ficou em silêncio por um momento. — Quem é você, ministro, a raposa astuta ou o tigre inadvertido?

— Parece que um é um tolo, e o outro, um manipulador.

— Infelizmente, não há outros competindo pelo controle da China —

disse Paul. — Você e o ministro Tang têm feito um trabalho magistral eliminando todos que os desafiavam.

— Então, você diria que sou o tolo ou o manipulador?

— Não cabe a mim decidir.

— Posso garantir-lhe — disse Ni —, não sou nenhum tolo. Existe corrupção em toda a República Popular. O meu dever é livrar-nos dessa praga.

O que não era uma tarefa simples em uma nação em que 1 por cento da população detinha 40 por cento da riqueza, a maior parte ganha com corrupção. Prefeitos de cidades, oficiais provinciais, membros do alto escalão do Partido — já prendera todos eles. Suborno, peculato, apropriação indevida, decadência moral, abuso de privilégios, contrabando, desperdício e roubo aconteciam desenfreadamente.

Wen assentiu.

— O sistema que Mao criou estava contaminado de corrupção desde o início. Como poderia não estar? Quando um governo é responsável apenas de cima para baixo, a desonestidade torna-se insidiosa.

— Foi por isso que você deixou o país?

— Não, ministro, vim embora porque passei a detestar tudo que tinha sido feito. Tantas pessoas massacradas. Tanta opressão e sofrimento. Aquele China e a China de hoje são um fracasso. Não existe outra forma de ver as coisas. Dezesseis entre as vinte cidades mais poluídas do mundo ficam em nosso país, o líder mundial em emissão de dióxido sulfúrico. A chuva ácida está destruindo a nossa terra. Poluímos as águas sem pensar nas consequências. Destruímos nossa cultura, nossa história, nosso respeito próprio, sem a menor consideração. Oficiais locais são recompensados por mais saídas econômicas, não por iniciativas públicas. O sistema assegura sua própria destruição.

Ni avaliou e viu que essas observações podiam ser uma trapaça.

Então, decidiu mudar de assunto.

— Por que o senhor permitiu que aquela mulher levasse o lampião? Pau observou-o de forma a deixá-lo desconfortável, da mesma forma que o olhar de seu pai, que um dia respeitara.

— Esta é uma pergunta para a qual o senhor já devia saber a resposta.

* * *

Malone virou a lixeira, pegou sua arma e saiu correndo pela viela.

Ele deveria ter desconfiado.

A mensageira não era nenhuma vítima. Apenas uma cúmplice que estragara o plano. Foi até o final da viela e virou a esquina. Seus dois adversários estavam a uns 30 metros na sua frente, correndo na direção do Holmens Kanal, suas ruas cheias de carros seguindo para a praça mais movimentada de Copenhague. Viu os dois criminosos virarem à esquerda e desaparecerem em uma esquina.

Guardou a arma e misturou força com expressões educadas para abrir

caminho pela multidão.

Chegou a uma interseção com semáforo. O Danish Royal Theatre ficava do outro lado da rua. À sua direita, viu Nyhavn, cheia de pessoas se divertindo em cafés coloridos que se estendiam pelo novo porto. Seus dois alvos estavam seguindo por uma calçada lotada, paralela a uma ciclovia e à rua engarrafada, indo na direção do Hotel d'Angleterre.

Um Volvo parou pouco antes da entrada do hotel.

O homem e a mulher atravessaram a ciclovia e seguiram diretamente para a porta do carro aberta.

Dois tiros, como se fossem balões estourando, e o homem foi jogado para trás, caindo no chão.

Outro tiro e a mulher caiu ao lado dele.

Filetes carmim escorriam dos corpos.

O medo se espalhou, um murmúrio que deixou a multidão em pânico. Três pessoas de bicicleta bateram umas nas outras, tentando desviar dos corpos.

O carro saiu em disparada.

Vidros escurecidos protegiam os ocupantes enquanto o carro se afastava, e virava bruscamente à esquerda. Tentou ler a placa, mas o Volvo desapareceu na Kongens Nytorv.

Foi correndo até as vítimas, ajoelhou-se e checkou se tinham pulso.

Ambos estavam mortos.

Os ciclistas pareciam feridos.

Ele se levantou e gritou em dinamarquês:

— Chamem a polícia.

Passou a mão nos cabelos e suspirou.

A trilha que o levaria a Cassiopeia tinha desaparecido.

Afastou-se da aglomeração de pessoas que se juntara, aproximando-se das mesas nas calçadas e das janelas do Hotel d'Angleterre. Pessoas com expressões chocadas estavam de pé, olhando. Cadáveres nas calçadas não eram uma coisa comum na Dinamarca.

Sirenes distantes sinalizavam que a ajuda estava chegando.

O que significava que precisava ir embora.

— Sr. Malone — disse uma voz, perto de sua orelha esquerda.

Começou a se virar.

— Não, olhe para a frente.

Uma sensação distinta do cano de uma arma encostado na sua espinha disse-lhe para seguir o conselho do homem.

— Preciso que ande comigo.

— E se eu me recusar? — perguntou ele. — Não encontrará Cassiopeia Vitt.

PROVÍNCIA SHAANXI, CHINA

22H

Karl Tang olhou para o vasto espaço fechado. O voo de helicóptero para o norte, de Chongqing, passando pelas Montanhas Qin, durara quase duas horas. Deixara Pequim não apenas para supervisionar pessoalmente a execução de Jin Zhao, mas também para resolver dois outros assuntos de igual importância, o primeiro em Shaanxi, berço cultural da China. Um arqueólogo do Ministério da Ciência uma vez dissera-lhe que se você cavasse um buraco em qualquer lugar desta região, desenterraria alguma coisa dos 6 mil anos de história da China.

À sua frente, estava o exemplo perfeito.

Em 1974, ao cavar um poço, camponeses descobriram um vasto complexo de catapultas subterrâneas que, disseram-lhe, levaram a 8 mil soldados de terracota em tamanho natural, 130 charretes e 670 cavalos, todos arrumados em formação militar — um exército silencioso, virado para o leste, cada um deles esculpido e erguido há mais de 2.200 anos. Eles guardavam um complexo de palácios subterrâneos, no centro do qual estava a tumba imperial de Qin Shi, o homem que acabou com cinco séculos de desunião e lutas, tomando para si o exaltado título *Shi Huang*.

Primeiro Imperador.

Onde deveria ter sido cavado aquele poço, hoje está o Museu dos Guerreiros e Cavalos de Terracota da Dinastia Qin, seu destaque, o salão de exibição, se estende por mais de 2 mil metros à sua frente, coberto por um impressionante arco de vidro. Faixas de terra dividiam a cena escavada em 11 filas latitudinais, cada uma delas pavimentada com tijolos antigos. Telhados de madeira, que tinham sido suportados por robustas vigas de madeira e vigas transversais, tinham desaparecido havia muito tempo. Porém, para bloquear a umidade e preservar as imagens dos guerreiros, seus construtores sabiamente revestiram a área com esteiras e uma camada de barro.

O eterno exército de Qin Shi sobreviveu.

Tang fitou o mar de guerreiros.

Todos usavam uma túnica grosseira, cinto e sandálias de correias. Oito rostos básicos tinham sido identificados, mas não havia nenhum exatamente igual a outro. Alguns tinham os lábios bem fechados e olhos fixos em algo à frente, revelando uma característica de firmeza e força. Outros exibiam vigor e confiança. Alguns ainda evocavam uma seriedade, sugerindo a

sabedoria de um veterano. Incrivelmente, as poses imóveis, repetidas inúmeras vezes em um determinado número de posturas definidas, de fato criavam uma sensação de movimento. Tang já visitara antes e caminhara entre os arqueiros, os soldados e as charretes puxadas por cavalos, sentindo o forte cheiro da terra de Shaanxi, imaginando o ritmo dos pés marchando.

Sentia-se poderoso ali.

O próprio Qin Shi havia caminhado por este solo sagrado. Durante 250 anos, terminando em 221 a.C., seis governantes reais — Qi,

Chi, Yar, Zhao, Han, Wei e Qin — lutaram pelo seu domínio. Qin SI acabou com esse conflito, conquistando seus vizinhos e estabelecendo um império com toda a autoridade centrada nele mesmo. A terra acabou recebendo o seu nome. Uma alteração da forma como *Qin* viria a ser pronunciado pelos estrangeiros. *Chin*.

China.

Tang achava difícil não se impressionar pelas grandiosas conquistas, embora Qin Shi tenha vivido muito tempo atrás, seu impacto ainda ressoava. Ele foi o primeiro a dividir a terra em prefeituras, cada uma composta por unidades menores chamadas condados. Ele aboliu o sistema feudal e eliminou os generais aristocratas. Pesos, medidas e moedas foram padronizados. Um código de leis uniforme foi decretado. Ele construiu estradas, um muro para proteger a fronteira do norte e as cidades. Ainda mais crítico, os vários e confusos manuscritos locais foram substituídos por um alfabeto escrito.

Mas o primeiro imperador não era perfeito.

Ele decretou leis severas, impingiu impostos pesados e requisitou milhares de pessoas para os serviços militar e de construção. Milhões morreram em seu reinado. *Começar um empreendimento não é fácil, mas manter o sucesso é ainda mais difícil.* Os descendentes de Qin Shi não conseguiram aprender a lição do Primeiro Imperador, permitindo que revoltas de camponeses se transformassem em rebeliões desenfreadas. Três anos após a morte de seu fundador, o império ruíu.

Uma nova dinastia sucedeu.

A dinastia Han.

Cujos descendentes continuam dominando até hoje.

Tang era um Han, da província Hunan, outro lugar quente e úmido no sul, lar de pensadores revolucionários, sendo Mao Tsé-Tung o mais famoso deles. Frequentara o Instituto de Tecnologia de Hunan, depois foi transferido para a Escola de Geologia de Pequim. Depois de formar-se trabalhou como instrutor técnico e político na Equipe de Pesquisa Geomecânica; depois trabalhou como engenheiro-chefe e chefe do departamento político da Secretaria Geral de Geologia. Foi quando o Partido primeiramente o notou e ele foi designado para cargos na província Gansu e na Região Autônoma do Tibete, ganhando reputação como cientista e administrador. Voltou para Pequim e foi promovido de assistente a diretor do escritório geral do Comitê Central. Três anos depois, foi promovido para o próprio Comitê Central. Agora era o vice-primeiro-ministro do Partido

primeiro vice-presidente da República, a um passo do cume do triângulo político.

— Ministro Tang.

Ele se virou ao escutar seu nome.

O curador do museu se aproximou. Pôde perceber pelo andar do homem e pela expressão educada em seu rosto que alguma coisa estava errada.

Tang estava na passarela que cercava a Cova 1,15 metros acima das imagens em terracota. O salão de exposição de 16 mil metros estava fechado à noite, mas as luzes no espaço, que parecia um hangar, estavam acesas, seguindo suas instruções prévias.

— Fui avisado de que o senhor havia chegado — disse o curador. Os óculos pendendo de uma corrente em seu pescoço.

— Antes de ir para a Cova 3, gostaria de alguns momentos aqui — disse Tang. — Ver esses guerreiros nunca me decepciona.

Do lado de fora, seis outros salões estavam na escuridão, junto com o teatro, as livrarias e lojas e barracas que amanhã tentariam vender suvenires para os quase 2 milhões de turistas que vinham ali todo ano para ver a chamada oitava maravilha do mundo.

Ele cuspiu em tal designação.

Em sua opinião, aquela era a única maravilha do mundo.

— Precisamos conversar, ministro.

O curador era um intelectual conservador, parte de uma minoria Zhuang, o que significava que nunca conseguiria ascender profissionalmente. Toda a descoberta de Qin Shi ocorreria sob o Ministério da Ciência de Tang, então o curador claramente compreendia a quem devia lealdade.

— Estou tendo problemas em conter as informações — disse o curador.

Ele esperou mais explicações.

— A descoberta aconteceu há dois dias. Liguei para o senhor imediatamente. Pedi para que ninguém falasse a respeito, mas infelizmente essa ordem não foi levada a sério. Os arqueólogos já estão falando... Muitos já sabem que descobrimos outra câmara.

Não queria escutar isso.

— Percebo que você queria manter a descoberta em segredo. Mas isso provou-se difícil.

Este não era o lugar, então pousou a mão de forma tranquilizadora no ombro do homem e disse:

— Leve-me à Cova 3.

* * *

Eles deixaram o prédio e atravessaram o pátio escuro na direção de outra estrutura enorme iluminada por dentro.

A Cova 3 tinha sido descoberta a 20 metros ao norte da Cova 1 e a 120 metros a leste da Cova 2. A menor das três escavações, em forma de U, e

com menos de 500 metros. Apenas 68 imagens em terracota e uma charrete puxada por quatro cavalos tinham sido encontradas ali, nenhuma formação militar.

Então, eles perceberam.

O figurino, os gestos e a formação dos guerreiros sugeriam que a Cova 3 era o comando central do exército subterrâneo, reservada para generais e outros oficiais de alta patente. Os guerreiros tinham sido encontrados aqui dispostos com as costas na parede, brandindo varas de bronze sem escudos, única arma usada apenas pelos guardas de honra imperiais. Além disso, sua localização, no extremo noroeste, assegurava que fosse bem protegido pelos exércitos das outras duas covas. Em vida, Qin Shi tinha liderado 1 milhão de soldados armados, mil charretes e 10 mil cavalos para a conquista e "triunfo sobre o mundo". Morto, ele claramente teve a intenção de fazer algo similar. Tang desceu a rampa leste até o fundo da Cova 3.

Luzes brilhantes iluminavam a cena surreal. Um estábulo e uma charrete enchiam o primeiro recanto. Dois corredores curtos, um à direita e outro à esquerda do estábulo, ligavam duas câmeras mais fundas.

Esperou até que os dois estivessem abaixo do nível do solo antes de falar sobre o problema com seu administrador.

— Eu contava com você — disse ele —, para assegurar que a descoberta ficasse em segredo. Se não consegue lidar com isso, talvez precisemos de outra pessoa no comando.

— Posso garantir-lhe, ministro, já consegui conter as informações. Se queria que o senhor soubesse que sua existência vazou além dos três que a encontraram.

— Conte-me novamente o que foi descoberto.

— Percebemos uma fraqueza. — O diretor apontou para a direita. — Ali. Acharmos que era onde a cova terminava, mas estávamos errados.

O ministro viu um buraco na parede leste, a terra empilhada ao lado.

— Não tivemos tempo de limpar os escombros, ministro — disse o diretor. — Após uma inspeção inicial, parei as escavações e liguei para o senhor.

Uma coleção de cabos saía de caixas de metal e um transformador estava por perto. Ele olhou para a abertura, as luzes brilhando do outro lado.

— É uma nova câmara, ministro — disse o curador. — Desconhecida.

— E a anomalia?

— Está lá dentro, esperando pelo senhor.

Uma sombra dançava nas paredes internas.

— Ele está lá o dia todo — disse o diretor. — Conforme o senhor mandou. Trabalhando.

— Sem ser perturbado?

— Como o senhor pediu.

ANTUÉRPIA

Ni analisou Pau Wen, irritado consigo mesmo por ter subestimado o esperto homem.

— Olhe à sua volta — disse Pau. — Aqui está a prova da grandeza chinesa há mais de 6 mil anos. Enquanto a civilização ocidental mal tinha começado, a China já moldava ferro, travava guerras com armas e mapeava sua terra.

Sua paciência tinha se esgotado.

— Aonde o senhor quer chegar com esta conversa?

— O senhor já se deu conta de que a agricultura da China era mais desenvolvida no século IV a.C. do que a da Europa no século XVIII? Nos ancestrais sabiam plantar em fileiras, a importância de capinar as ervas, conheceram a sementeira e o uso eficiente de arados séculos antes de qualquer outra cultura no planeta. Estávamos tão à frente que não é possível fazer nenhum tipo de comparação. Diga-me, ministro. O que aconteceu? Por que não estamos mais nessa posição superior?

A resposta era óbvia — o que Pau obviamente já tinha percebido —, mas Ni nãoalaria palavras sediciosas, imaginando que o salão, ou seu anfitrião, podia estar grampeado.

— Um estudioso britânico estudou esse fenômeno décadas atrás — disse Pau —, e concluiu que mais da metade das invenções e descobertas básicas sobre as quais o mundo moderno é baseado veio da China. Mas quem sabia disso? Os próprios chineses ignoram seu passado. Existe uma história que conta que quando os jesuítas missionários mostraram pela primeira vez um relógio mecânico aos chineses no século XVII, eles ficaram espantados, não sabiam que seus próprios ancestrais tinham inventado isso mil anos atrás.

— Isso tudo é irrelevante — ele deixou claro, falando para qualquer pessoa que pudesse estar escutando.

Pau apontou para uma escrivaninha de sequoia encostada em uma parede do outro lado. Todos os itens necessários para caligrafia — tinta, pedra, pincéis e papel — estavam organizadamente dispostos em volta de um laptop.

Eles foram até lá.

Pau digitou algo no teclado e a tela ganhou vida.

O homem parou ereto. Ele parecia ter uns 30 e poucos anos, seus traços eram

mais mongóis do que chineses, cabelos pretos presos em um penteado frouxo. Ele usava um robe branco com mangas largas, com detalhes em verde-claro no colarinho. Outros três homens, usando calças pretas e longas vestes cinzentas por baixo de curtos paletós azuis, o cercavam.

O homem tirou o robe.

Estava nu, o corpo pálido musculoso. Dois dos assistentes começaram a enfaixar seu abdome e suas coxas com bandagens brancas. Depois que a tarefa foi concluída, o homem ficou imóvel enquanto o terceiro criado lavava seu pênis e seu saco escrotal, que estavam expostos.

A limpeza foi feita três vezes.

O homem sentou-se em uma cadeira em uma posição semi-reclinada, enquanto dois criados seguravam firmemente suas pernas abertas. O terceiro participante aproximou-se de uma mesa laqueada e tirou de uma bandeja uma faca encurvada com um cabo rachado de osso.

Ele se aproximou do homem na cadeira e perguntou com uma voz autoritária:

— Hou huei pu hou huei?

O homem permaneceu na mesma posição enquanto considerava a pergunta — vai se arrepender ou não? — e balançou a cabeça negativamente, sem a menor demonstração de medo ou incerteza.

O assistente assentiu. Então, com dois rápidos golpes com a faca, cortou o pênis e o saco escrotal do homem, o corte foi feito bem próximo ao corpo, sem deixar nada exposto.

Nenhum som foi emitido.

Os dois assistentes seguravam as pernas trêmulas do homem com firmeza.

Sangue jorrou, mas o terceiro assistente cuidou do ferimento, obviamente causando dor ao homem sentado. Ainda assim, nenhum som foi emitido. A agonia tomava conta de seu rosto, mas o paciente pareceu recobrar o controle e equilibrar-se.

Algo que parecia ser papel embebido em água foi colocado sobre o ferimento, várias camadas, até que o sangue não mais as atravessasse.

A judaram o homem a se levantar, visivelmente tremendo, em seu rosto uma expressão meio excitada, meio assustada.

— Ajudaram-no a andar pelo quarto nas duas horas seguintes, antes de ter permissão de se sentar — disse Pau.

— O que... o que era isso? — perguntou Ni, sem fazer o menor esforço para disfarçar o choque com o que acabara de assistir.

— Uma cerimônia que aconteceu centenas de milhares de vezes em nossa cultura. — Pau Wen hesitou. — A criação de um eunuco. Ni sabia do eunucos e do complexo papel que tiveram na China durante 2.500 anos. Os imperadores eram considerados meros receptores de um "mandato dos Céus" mítico, um conceito que oficialmente santificava o direito deles de governar. Para preservar a aura de santidade, a vida pessoal da família imperial era protegida para que ninguém pudesse ver suas falhas. Apenas eunucos efeminados, que dependiam do imperador para viver, eram considerados humildes o suficiente para suportar tal testemunho. O sistema

foi tão bem-sucedido que se enraizou, mas uma associação tão frequente e íntima dava aos "eunucos uma oportunidade fácil. Sem filhos, eles não deveriam desejar poder para passar para seus herdeiros, nem deveriam ter qualquer necessidade de riqueza. Mas esse não foi o caso.

Os imperadores acabaram se tornando joguetes nas mãos desses párias, que se tornaram mais poderosos do que qualquer ministro do governo. Muitos imperadores nunca se encontravam com os administradores governamentais. Em vez disso, as decisões entravam e saíam do palácio levadas por eunucos, sem que ninguém soubesse quem realmente recebia ou emitia os decretos. Apenas os governantes mais conscientes e cuidadosos evitavam a influência deles, mas esses foram poucos. Finalmente, no início do século XX, quando o último imperador foi expulso do palácio, o sistema foi abolido.

— Os eunucos não existem mais — declarou Ni.

— Por que você pensaria isso?

O pensamento da possibilidade de estar sendo gravado desapareceu.

— Quem é você?

— Sou uma pessoa que aprecia o nosso passado. Um homem que testemunhou a destruição em grande escala de tudo o que consideramos sagrado durante milhares de anos. Sou um homem chinês.

O ministro sabia que Pau tinha nascido na província de Liaoning, que fora educado na França em uma época que as crianças chinesas tinham permissão para frequentar uma universidade estrangeira. Culto, autor com seis tratados históricos publicados, ele conseguira sobreviver aos expurgos de Mao, o que Ni acreditava não ter sido uma tarefa fácil. Pau acabou conseguindo permissão para sair do país — algo raríssimo — levando consigo riqueza. Ainda assim...

— O senhor fala de traição — disse Ni, claramente.

— Eu falo a verdade, ministro. E acho que o senhor tem as mesmas suspeitas.

Ni deu de ombros.

— Então, o senhor está errado.

— Por que ainda está aqui? Por que ainda está escutando o que digo?

— Por que me mostrou este vídeo?

— Ao encarar a morte, aquele que está preparado para morrer sobreviverá, enquanto aquele que está determinado a viver morrerá. Essa ideia já foi exprimida de outra forma. *Shang wu chou ti*.

Ni já tinha escutado essa expressão.

Destrua a escada depois de subir.

— A interpretação mais comum instrui-nos a atrair o inimigo para uma armadilha, depois impossibilitar sua fuga — disse Pau. — Adversários diferentes são atraídos para armadilhas de formas diferentes. Os ambiciosos são seduzidos pela promessa de ganhos. Os arrogantes, por um sinal de fraqueza. Os inflexíveis, por uma artimanha. Qual deles é o senhor, ministro?

— Quem está me atraindo?

— Karl Tang.

— Na verdade, parece que quem está fazendo isso é o senhor. E ainda não respondeu à minha pergunta. Por que me mostrou este vídeo?

— Para provar que sabe pouco do que está acontecendo à sua volta. Sua hipócrita comissão perde tempo investigando oficiais corruptos e membros desonestos do Partido. Vocês caçam fantasmas, enquanto a verdadeira ameaça está à espreita. Mesmo dentro do seu mundo sacrossanto, que se orgulha de ser a consciência do Partido, o senhor está cercado. Os eunucos ainda existem, ministro.

— Como sabe disso?

— Porque sou um deles.

Cassiopeia Vitt foi jogada de volta ao quarto que era sua prisão havia dois dias. Sua camisa estava encharcada, seus pulmões doíam por causa do esforço para tentar respirar.

A porta foi fechada.

Só então tinha permissão para tirar a venda de seu rosto.

Sua cela devia ter 4 metros por 2, parecia ficar embaixo de uma escada, pois o teto era inclinado. Não havia janelas, a luz vinha de uma lâmpada de baixa voltagem que nunca era apagada. Nenhum móvel, apenas um colchão fino sobre o assoalho. Tentara descobrir o que podia nos poucos momentos em que saía dali. Parecia estar dentro de uma casa, a distância dali para a sala de tortura era de apenas alguns passos, e entre os dois cômodos havia um banheiro a que ela fora duas vezes.

Mas onde estava?

Dois dias atrás, estava na Antuérpia.

Inclinou-se para a frente, as mãos nos joelhos. Suas pernas não tinham forças, seu coração estava disparado, e ela estremeceu. Fora amarrada duas vezes à prancha, a toalha cobrindo seu rosto. Achava-se capaz de suportar qualquer coisa, mas a sensação de afogamento, com pés e mãos amarrados, a cabeça abaixada, era demais. Uma vez ela lera que violência mental não precisava de socos.

Acreditava nisso.

Duvidava se seria capaz de suportar outra sessão.

Perto do fim da primeira, ela envolvera Malone, o que lhe pareceu um passo inteligente. Nas poucas horas entre deixar a casa de Pau Wen e seu sequestro, ela poderia facilmente ter entregado o artefato a alguém.

E eles pareciam ter acreditado nela.

Malone era tudo o que tinha.

E não podia dar a essas pessoas o que elas queriam. Eles a matariam? Pouco provável, pelo menos até que entrassem em contato com Copenhague.

E depois disso?

Não queria pensar nas possibilidades.

Estava orgulhosa por não ter implorado, chorado nem se comprometido.

Mas comprometera Cotton.

Mas ele lhe dissera diversas vezes que se algum dia precisasse de alguma coisa, não devia hesitar. A situação parecia encaixar-se.

Nos últimos dois dias, ela jogara jogos mentais, lembrando-se de datas

históricas, afastando seus pensamentos. Multiplicara números por dezenas de milhares.

Mas os pensamentos em Malone não a deixavam fugir da realidade por muito tempo.

Ele era alto e bonito, com cabelos louros brilhantes e animados olhos verdes. Já o considerara frio, sem emoção, mas no último ano descobrira que isso não era verdade. Tinham passado por muita coisa juntos.

Confiava nele.

A respiração dela acalmou-se. O coração diminuiu o ritmo.

Seus nervos tranquilizaram-se.

Ficou de pé e esfregou os pulsos doloridos.

Com quase 40 anos e em outra enrascada. Mas geralmente isso ganhava de qualquer outra coisa que pudesse imaginar-se fazendo. Na verdade, seu projeto de reconstruir um castelo francês do século XIV, usando apenas ferramentas e materiais disponíveis 700 anos atrás, estava progredindo. O supervisor que cuidava da obra dissera-lhe algumas semanas antes que já tinham feito 10 por cento do trabalho. Sua intenção tinha sido envolver-se mais no empreendimento, mas uma ligação da China mudara as coisas.

— *Eles o levaram, Cassiopeia. Ele se foi.*

Lev Sokolov não era um homem propenso ao pânico. Na verdade, ele era um indivíduo inteligente, esperto, conciso, singular. Nascido e criado na antiga União Soviética, ele conseguira escapar, indo logo para a China.

— *Meu filho estava brincando no celeiro de vegetais da avó — disse Sokolov em russo, a voz falhando. — Um dos vizinhos de sua avó ofereceu para trazê-lo de volta para casa, ela aceitou. Isso foi oito semanas atrás.*

— *E o vizinho?*

— *Fomos direto bater na porta dele. Ele disse que depois de dar dinheiro para ele comprar bala, deixou-o no quarteirão do nosso apartamento. Ele é um desgraçado mentiroso. Ele o vendeu, Cassiopeia. Sei que o vendeu. Não tem outra explicação.*

— *O que a polícia fez?*

— *O governo não quer falar sobre roubo de crianças. Para eles, é um caso isolado e sob controle. Mas não é. Duzentas crianças desaparecem daqui todos os dias.*

— *Não pode ser.*

— *Mas é. E meu filho agora é uma dessas crianças.*

Não soubera o que dizer.

— *Temos poucas opções — disse Sokolov, a voz desesperada. — A mídia e próxima demais do governo para fazer qualquer coisa. A polícia não fala conosco. Até mesmo os grupos de apoio para pais como nós encontram-se em segredo. Colamos pôsteres por toda a província, mas a polícia ameaçou nos prender se continuássemos. Ninguém quer se lembrar de um problema que oficialmente não existe. — Ele fez uma pausa. — Minha esposa desmoronou. Ela não fala mais coisa com coisa. Não tenho mais para quem pedir.*

Preciso da sua ajuda.

Esse era um pedido que ela não podia recusar.

Cinco anos antes, Lev Sokolov salvara a vida dela, e ela devia isso a ele.

Então, conseguiu um visto de turista de trinta dias, comprou uma passagem para Pequim e partiu para a China.

Ela se deitou de bruços no colchão e fitou a parede de gesso inacabado. Conhecia cada rachadura e buraco. Uma aranha morava em um canto, e ontem ela vira quando esta pegou uma mosca.

Era solidária à mosca.

Não sabia quanto tempo levaria até ser chamada de novo. Isso dependia de Malone.

Estava cansada de ficar presa, mas um menino de 4 anos dependia dela.

E ela estragara tudo.

Passos do lado de fora sinalizaram que alguém aproximava-se. Estranho. Só recebera visitas cinco vezes. Duas vezes para ser torturada uma terceira para deixarem um pouco de arroz e repolho cozido, e duas vezes para levá-la vendada ao banheiro no corredor.

Será que eles tinham descoberto que Malone não os levaria a lugar nenhum?

Ela esticou os braços para cima, as mãos espalmadas no chão, que pulsava com cada passo.

Hora de fazer alguma coisa. Mesmo que seja errada.

Conhecia a rotina. A fechadura era destrancada, a porta abria, rangendo as dobradiças, uma venda para os olhos era jogada lá dentro. Só quando o elástico já estava bem ajustado em volta de sua cabeça, alguém entrava. Ela supôs que seu sequestrador estivesse armado e, claramente, não estava sozinho, já que sempre havia pelo menos duas pessoas com ela. Nas duas vezes foi interrogada por um homem, o mesmo que falou com Malone pelo computador com a voz disfarçada e sem sotaque.

Uma chave foi colocada na fechadura.

Ela fechou os olhos enquanto a porta se abria. Não jogaram uma venda. Abriu as pálpebras e viu um sapato aparecer. Depois outro. Será que estava na hora de alguma refeição? Da última vez em que trouxeram comida, apenas deixaram lá, pois ela estava dormindo de pura exaustão. Talvez seus sequestradores achassem que ela estava exaurida demais depois da tortura para representar uma ameaça.

Ela realmente estava cansada, seus músculos doíam, seus membros estavam doloridos.

Mas uma oportunidade era uma oportunidade.

O homem entrou no quarto.

Espalmando as mãos no chão, ela projetou o corpo para cima, atingindo-o por baixo com as pernas.

Uma bandeja com pão e queijo caiu. Ela ficou de pé e pisou com a sola de sua bota no rosto do homem. Algo quebrou, provavelmente o nariz dele. Ela bateu com o salto no rosto dele mais uma vez. A parte de trás da cabeça dele bateu no chão e ele ficou imóvel.

Mais um chute nas costelas fez com que ela se sentisse melhor. Mas o ataque tinha sido barulhento. E havia pelo menos mais uma ameaça por perto. Procurou nas roupas do homem e encontrou uma arma em um coldre de ombro. Pegou a arma e verificou o pente.

Completamente cheio.

Hora de ir embora.

COPENHAGUE

Malone fitou seu sequestrador. Eles abandonaram a rua assim que a polícia chegou, virando a esquina e voltando para a Streget.

— Você tem um nome? — perguntou Malone.

— Pode me chamar de Ivan.

O inglês com forte sotaque russo fazia o rótulo parecer adequado, assim como a aparência do homem — era baixo, tinha peitoral forte e os cabelos grisalhos. O rosto avermelhado e manchado como um camaleão era dominado por um nariz eslavo e sombreado por uma barba rala que estava molhada de suor. Ele vestia um terno que não se ajustava a ele. A arma já tinha sido guardada e, agora, eles estavam em uma pequena praça, sob a sombra da Rundetårn, uma torre do século XVII que oferecia vista privilegiada de sua cúpula a 30 metros de altura. O som do tráfego não dava para ser ouvido nesta altura da Stroget, apenas os saltos batendo nas pedras e as gargalhadas de crianças. Estavam parados embaixo de uma passarela coberta virada para a torre, um muro de tijolos atrás deles.

— Seu pessoal matou aqueles dois? — perguntou Malone.

— Eles acham que viemos livrar-nos deles.

— Importa-se em me dizer como sabe sobre Cassiopeia Vitt?

— Uma mulher e tanto. Ah, se eu fosse mais jovem e uns 40 quilos mais magro. — Ivan fez uma pausa. — Mas não é isso que você quer ouvir. Cassiopeia está envolvida em uma coisa que ela não compreende. Espere que você, como ex-agente americano, avalie melhor o problema.

— É a única razão para eu estar aqui.

Parece que a mensagem nas entrelinhas foi compreendida.

Vá direto ao ponto.

— Você poderia me dominar — disse Ivan, assentindo. — Sou um russo gordo e fora de forma. Burro também. Todos nós somos, certo?

Malone percebeu o sarcasmo.

— Eu poderia acabar com você. Mas se o homem parado perto da árvore, do outro lado, de jaqueta azul, e o outro perto da entrada da Rundetårn? Não sei se eu conseguiria fugir deles. Eles não são gordos nem estão fora de forma.

Ivan riu.

— Já tinham me dito que você era esperto. Dois anos afastado do serviço não mudaram isso.

— Acho que ando mais ocupado agora que estou aposentado do que

quando trabalhava para o governo.

— Isso é ruim?

— É melhor falar rápido ou posso querer me arriscar com seus amigos.

— Não precisa bancar o herói. Cassiopeia está ajudando um homem chamado Lev Sokolov. Ex-russo, mora na China. Cinco anos atrás, Sokolov se casou com uma chinesa contra a vontade do governo russo. Ele fugiu e, uma vez na China, pouco pode ser feito.

— Que novidade — disse Malone.

— Achamos que ele estava morto. Mas não estava.

— Então, o que mudou?

— Sokolov tem um filho de 4 anos que foi roubado. Ele ligou para Vitt, que foi procurar o menino.

— E isso preocupa você? E a polícia?

Ivan balançou a cabeça.

— Milhares de crianças desaparecem na China todo ano. É a história de ter filho. Na China, isso é uma necessidade. O filho leva o nome da família. E o filho que ajuda os pais na velhice. Esqueça as filhas. Filho é o que importa. Não faz sentido para mim.

Malone continuava escutando.

— A política do filho único na China é um pesadelo — disse Ivan. — Os pais têm de ter permissão. Se não tiverem, levam uma multa, que é mais do que os chineses ganham por ano. Como alguém pode ter certeza de que vai conseguir o filho em uma única tentativa? — O russo levantou o dedo. — Comprando vim.

Malone já lera sobre o problema. Fetos femininos eram abortados ou abandonados, e décadas da política do filho único tinham causado uma falta de mulheres.

— O problema de Sokolov — disse Ivan — é que ele está lutando contra uma rede criminoso. — Ele gesticulou com os braços curtos. — É pior do que na Rússia.

— Difícil de imaginar.

— É ilegal abandonar, roubar ou vender crianças na China, mas comprar é legal. Um menino pequeno custa 900 dólares americanos. Muito dinheiro quando um trabalhador ganha 1.700 dólares por ano. Sokolov não tem chance.

— Então Cassiopeia foi ajudar. E daí? Por que você está preocupado?

— Quatro dias atrás, ela viajou para a Antuérpia — disse Ivan.

— Para procurar o menino lá?

— Não. Para encontrar o menino, ela precisa encontrar outra coisa antes.

Agora, ele estava entendendo.

— Algo que você obviamente quer? Ivan deu de ombros.

Malone lembrou do vídeo da tortura.

— Quem está com Cassiopeia?

— Pessoas más.

Não gostou do que ouviu.

— Já lidou com eunucos?

Ni não sabia se devia ficar perplexo ou enojado pela revelação de Pau Wen.

— O senhor é um eunuco?

— Passei pela mesma cerimônia que o senhor acabou de testemunhar, quase quarenta anos atrás.

— Por que o senhor faria uma coisa dessas?

— Era o que eu queria fazer com a minha vida.

Ni tinha ido para a Bélgica achando que Pau Wen poderia ter a respostas que tanto procurava. Mas uma nova e perturbadora gama de perguntas tinha sido levantada.

Pau acenou para que saíssem do salão de exposição e voltassem para o pátio. O ar do meio-dia tinha esquentado, o sol brilhava em um céu sem nuvens. Mais abelhas pareciam ter se juntado ao ataque aos botões de primavera. Os dois homens pararam ao lado de um jarro de vidro, de aproximadamente 1 metro de largura, contendo peixinhos dourados.

— Ministro — disse Pau —, na minha época, a China estava passando por um momento de revolta. Antes e depois da morte de Mao, o governo não tinha visão, saía de um programa fracassado para outro. Ninguém ousava desafiar nada. Em vez disso, uns poucos preciosos tomaram decisões imprudentes que afetaram milhões. Quando Deng Xiaoping finalmente abriu o país para o mundo, foi um passo ousado. Achei que talvez tivéssemos uma chance de sucesso. Mas o país não estava preparado para a mudança. A imagem daquele estudante sozinho confrontando o tanque na praça da Paz Celestial ficou gravada na memória do mundo. Uma das imagens mais marcantes do século XX. O que o senhor bem sabe.

Sim, ele sabia.

Estava lá naquele dia — 4 de junho de 1989 — quando a tolerância do governo esgotou-se.

— E o que Deng fez depois? — perguntou Pau. — Agiu como se aquilo nunca tivesse acontecido, seguindo em frente com mais absurdos.

Ni teve de dizer:

— Conversa estranha para um homem que ajudou a formar alguns daqueles policiais.

— Não formei nada — disse Pau, a raiva insinuando-se pela primeira vez em sua voz. — Passei a minha vida nas províncias.

— Roubando.

— Preservando.

Ni ainda se sentia perturbado pelo vídeo.

— Por que aquele homem foi emasculado?

— Ele entrou para a irmandade. Aquela iniciação ocorreu três meses atrás. Agora, ele já está curado e trabalhando com seus irmãos. Ele não teve permissão para beber nada nos três dias depois da cirurgia. Você viu como o assistente tampou a uretra do homem antes de cobrir o ferimento com papel molhado. No quarto dia, depois que o curativo foi tirado, quando a urina fluiu, a cirurgia foi considerada um sucesso. Do contrário, o iniciado teria

tido uma morte agonizante.

Ni não podia acreditar que alguém poderia se submeter a tal atrocidade por livre e espontânea vontade. Mas ele sabia que Pau estava certo. Centenas de milhares em toda a história da China fizeram isso. Quando a dinastia Ming acabou, em meados do século XVII, mais de 100 mil eunucos foram expulsos da capital. A queda dos governos Han, Tang e Ming foi atribuída aos eunucos. O Partido Comunista Chinês há muito tempo usava-os como exemplos de ambição desenfreada.

— O interessante é que — disse Pau — das centenas de milhares de homens que foram castrados, apenas uma porcentagem mínima morreu. Outra de nossas inovações chinesas. Somos muito bons em criar eunucos.

— Que irmandade? — Ni queria saber, sua voz mostrando irritação.

— Eles são chamados de *Ba*.

Ni nunca ouvira falar de tal grupo. Deveria? Seu trabalho era proteger o governo e o povo de todas as formas de corrupção. Para atingir esse objetivo, ele gozava de uma liberdade que nenhum outro oficial público recebia, reportando-se diretamente ao Comitê Central e ao próprio primeiro-ministro. Nem mesmo Karl Tang, o vice-primeiro-ministro, podia interferir, embora tentasse. O próprio Ni criara a unidade de investigação de elite, obedecendo a ordens do Comitê Central, e passara a última década construindo uma reputação de honestidade.

Mas nunca houvera nenhum *Ba*.

— O que é isso? — perguntou.

— Com todos os recursos que têm sob seu comando, certamente pode ficar sabendo mais sobre eles. Agora que já sabe onde procurar.

Ele não gostou do tom condescendente.

— Onde?

— À sua volta.

Ele balançou a cabeça.

— Você não é apenas um ladrão, também é mentiroso.

— Sou simplesmente um velho que sabe mais do que o senhor... Sobre vários assuntos. O que me falta é tempo. O senhor, entretanto, tem isso de sobra. — O senhor não sabe nada de mim.

— Muito pelo contrário. Sei muita coisa. O senhor ascendeu de líder de esquadrão a capitão de pelotão e depois a comandante da área militar de Pequim, uma honra enorme, concedida apenas àqueles em quem o governo tem muita confiança. O senhor era membro da estimada Comissão Militar Central quando o próprio primeiro-ministro o escolheu para ser chefe da Comissão Central de Inspeção Disciplinar.

— Devo ficar impressionado porque o senhor conhece a minha história oficial? Está na internet para quem quiser ver.

Wen deu de ombros.

— Sei muito mais, ministro. O senhor é um assunto que me interessa já há um tempo. O primeiro-ministro fez uma escolha difícil, mas devo dizer que ele acertou ao escolhê-lo.

Ni sabia da oposição que existira na época de sua nomeação. Muitos

não queriam um militar em uma posição que poderia investigar quem quisesse à vontade. Achavam que isso poderia significar mais ganho de poder militar.

Mas ele provava que os eruditos estavam errados.

— Como o senhor poderia saber sobre essa decisão difícil?

— Porque eu e o primeiro-ministro conversamos muito sobre o senhor.

PROVÍNCIA DE SHAANXI, CHINA

Tang mandou o diretor permanecer no prédio da cova 3 e ficar de guarda no nível térreo, garantindo que ele não fosse perturbado. Não que ele esperasse ser. Ele era o segundo homem mais poderoso da China — embora, irritantemente, alguns tivessem começado a elevar Ni Yong a este mesmo patamar.

Fora contra a nomeação de Ni, mas o primeiro-ministro vetara todas as objeções, dizendo que Ni Yong era um homem de personalidade, um homem que sabia lidar com o poder de forma racional e, de acordo com todos os relatórios, era exatamente isso que ele tinha feito até agora.

Mas Ni era confuciano.

Disso não havia dúvidas.

Tang era legalista.

Esses dois rótulos definiam a política chinesa havia mais de 3 mil anos. Todo imperador recebeu um dos dois rótulos. Mas ao dissera que acabaria com a dicotomia, insistindo que a Revolução Popular não dizia respeito a rótulos, mas nada mudou de verdade. O Partido, assim como os imperadores anteriores, pregava o humanismo confuciano enquanto exercia o poder implacável do legalismo.

Rótulos.

Eles eram problemáticos.

Mas também podiam ser úteis.

Esperava que os próximos minutos o ajudassem a decidir qual extremidade desse espectro pesaria na sua batalha que travaria com Ni Young.

Atravessou o portão improvisado.

O cômodo úmido fora aberto na terra e lacrado séculos atrás com barro e pedra. Luzes artificiais foram trazidas ali para dentro a fim de iluminar o espaço de 5 metros quadrados. O silêncio, a decrepitude e as camadas de fuligem faziam com que se sentisse um intruso em um túmulo secular. — É incrível — disse o homem ali dentro.

Tang pedira que uma avaliação adequada fosse feita, e este acadêmico magro com maxilar pequeno certamente podia fazer isso.

Três mesas de pedra com camadas de poeira suportavam o que pareciam frágeis folhas marrons empilhadas uma sobre a outra.

Sabia o que eram.

Um tesouro de folhas de seda, cada uma contendo caracteres e

desenhos pouco visíveis.

Em outras pilhas, havia tiras de bambu, amarradas juntas, colunas de cartas enfileiradas em cada uma. O papel não existia na época em que esses pensamentos foram memorizados — e a China nunca usou papiro, apenas seda e madeira, o que acabou sendo bom, já que ambos duraram séculos.

— É a biblioteca perdida de Qin Shi?

O outro homem assentiu.

— Eu diria que sim. Existem centenas de manuscritos. Tratam de tudo: Filosofia, política, medicina, astronomia, engenharia, estratégia militar, matemática, cartografia, música, ensinam até equitação e como usar um arco. Esta pode muito bem ser a maior concentração de conhecimento em primeira mão já encontrado sobre a época do Primeiro Imperador.

Ele sabia o que isso significava. Em 1975, mais de mil tiras de bambu foram descobertas. Os historiadores proclamaram aquela como a maior descoberta, mas exames posteriores lançaram dúvida sobre sua autenticidade. Mais tarde, foi determinado que a maior parte deles era de uma época depois de Qin Shi, quando dinastias posteriores reformularam a realidade. Este lugar, porém, permanecera escondido durante séculos, a um quilômetro da tumba do Primeiro Imperador, parte de seu grandioso mausoléu, protegido por seu exército eterno.

— O mais incrível é que eu consigo ler o que está escrito neles — disse o especialista.

Tang sabia da importância dessa habilidade. A queda de uma dinastia era sempre vista como a retirada do poder dos céus. Para evitar qualquer maldição, cada nova dinastia criticava a anterior. O expurgo era tão completo que até o sistema de escrita podia ser alterado, tornando qualquer tentativa de decifrar o que vinha antes muito mais difícil. Apenas nas últimas décadas, os eruditos, como este que estava aqui com ele, aprenderam a ler esses manuscritos perdidos.

— Eles estão aqui? — perguntou Tang.

— Deixe-me mostrar-lhe o que encontrei.

O especialista pegou um dos frágeis pedaços de seda.

Poeira voou pelo ar como fantasmas enfurecidos.

O próprio Qin Shi garantiu que nenhum dos escritos de sua época sobreviveria ao seu reino quando mandou queimar todos os manuscritos, exceto os relacionados à medicina, agricultura e adivinhação. A ideia era "deixar as pessoas ignorantes" e evitar o "uso do passado para desacreditar o presente". Apenas o imperador era digno de ter uma biblioteca, e conhecimento era um monopólio imperial. Eruditos que desafiaram esse decreto foram executados. Particularmente, qualquer e todo manuscrito de Confúcio estava sujeito à destruição imediata, já que os ensinamentos dele iam diretamente contra a filosofia do Primeiro Imperador.

— Escute isto — disse o especialista. — Muito tempo atrás, Confúcio morreu e as palavras sutis ficaram perdidas. Seus setenta discípulos pereceram e a grande verdade foi distorcida. Portanto, os Analectos foram divididos em cinco versões, as Odes em quatro, e as Mutações foram transmitidas em várias tradições

Diplomatas e persuasores discutiram o que era verdadeiro e o que era falso, e as palavras do mestre tornaram-se um caos. Isso perturbou o imperador, então ele queimou os manuscritos para transformar as pessoas comuns em idiotas. Ele guardou, porém, os pensamentos originais do mestre no palácio e estes o acompanharam até a morte.

Isso significava que todos os seis grandes clássicos confucianos deviam estar aqui.

O *Livro das Mutações*, um manual divinatório. O *Clássico de História*, uma reunião de discursos e escrituras dos lendários reis eruditos da antiguidade. O *Clássico de Poesia*, contendo mais de trezentos versos adornados com significados escondidos. Os *Anais de Primavera e Outono*, a história completa do estado natal de Confúcio. O *Clássico dos Ritos*, que explicava o comportamento adequado de cada um, do camponês ao governante. E finalmente, o *Clássico da Música*, cujo conteúdo era desconhecido, já que não existia nenhuma cópia dele.

Tang sabia que os Han, que sucederam o Primeiro Imperador com uma dinastia que durou 425 anos, tentaram reparar o dano que Qin Shi tinha feito e reuniram muitos textos confucianos. Mas ninguém sabia se essas edições posteriores refletiam precisamente os originais. Encontrar um conjunto completo de obras, intocados, seria um feito monumental.

— Quantos manuscritos temos aqui? — perguntou Tang, calmamente.

Contei mais de duzentos textos separados. O especialista fez uma pausa. — Mas nenhum foi escrito por Confúcio.

Seus medos estavam aumentando.

Confúcio era o rótulo dado pelos jesuítas do século XVII ao erudit conhecido pelos discípulos no século V a.C. como Kong Fu-Zi. As ideias de sobreviveram na forma de dizeres, e sua crença central parecia ser a de que o homem deveria buscar viver de forma boa, sempre se comportando com humanidade e cortesia, trabalhando diligentemente, honrando a família e o governo. Ele enfatizava "o jeito dos outros reis", encorajando o presente a trazer força e sabedoria do passado. Ele defendia uma sociedade altamente organizada, mas na qual essa ordem não seria alcançada pelo uso da força, e sim pela compaixão e pelo respeito.

Qin Shi não era confuciano.

Pelo contrário, o Primeiro Imperador abraçou o legalismo.

Essa contra-filosofia acreditava que a força e o terror nus e crus eram as únicas bases legítimas de poder. Monarquia absoluta, burocracia centralizada, domínio do Estado sobre a sociedade, a lei como uma ferramenta penal, vigilância, informantes, perseguição de dissidentes e coerção política eram suas ferramentas fundamentais.

Ambas as filosofias desejavam um Estado unificado, uma soberania poderosa e uma população absolutamente submissa, mas enquanto os legalistas batiam em cabeças, os confucianos ensinavam respeito — a obediência voluntária do povo. Quando o Primeiro Império legalista caiu no século III a.C., o confucionismo tornou-se seu substituto e permaneceu assim, de uma forma ou de outra, até o século XX, quando os comunistas

resgataram o legalismo.

Entretanto, o pensamento de Confúcio voltou a ser popular. As pessoas identificavam-se com seus dogmas de paz, especialmente depois de sessenta anos de severa opressão. Ainda mais perturbadora era a ascensão da democracia, uma filosofia ainda mais preocupante do que o confucionismo.

Tenho uma boa notícia — disse o especialista. — Encontrei a confirmação para aquele outro assunto. Tang seguiu-o até outra mesa de pedra.

— Esses manuscritos de bambu eram como relatórios anuais do Primeiro Império.

Tang sabia que os antigos chineses mantinham relatórios detalhados sobre tudo, principalmente sobre fenômenos naturais. Em sua especialidade, geologia, eles classificavam as rochas em minério, não metais e argilas. Eles levavam em consideração dureza, cor e brilho, assim como forma. Eles até isolaram quais substâncias eram formadas bem nas profundezas da terra e determinaram como poderiam descobrir se eram confiáveis.

— Encontrei aqui registros de perfurações — disse o especialista.

— Bem específicas.

Tang já vira outras sedas. Mapas.

— Nosso sítio de exploração aparece nos mapas?

O homem assentiu.

— A área é mostrada de uma maneira geral. Mas sem pontos de referência geográficos é impossível ter certeza.

Embora os antigos tivessem desenvolvido o compasso e a cartografia, eles não usavam longitude e latitude, um dos poucos conceitos revolucionários que os chineses não foram os primeiros a desenvolver.

— Pegue os mapas e os preserve, e qualquer outra coisa que esteja diretamente ligada à nossa busca.

O especialista assentiu.

— O resto não tem importância. Agora, o outro problema. Mostre-me.

O homem colocou a mão no bolso do seu casaco e entregou a ele um objeto de prata, que brilhava na luz.

Um relógio.

Mostrador industrial com dígitos que brilhavam no escuro. Um pincel projetava-se em um dos lados e a palavra SHANGAI indicava onde tinha sido fabricado.

— Foi feito décadas atrás — disse ele.

— Foi encontrado quando conseguiram entrar. Os arqueólogos ficaram muito mais excitados com isso do que com os manuscritos. Agora ele compreendia a gravidade do problema do diretor de manter sigilo.

— Alguém esteve aqui antes?

O especialista assentiu.

— Certamente. Não havia relógios na época de Qin Shi. Vire o relógio.

Gravado na parte de trás havia uma série de caracteres chineses. Ele chegou mais perto da luz e leu a mensagem:

SERVI O POVO.

1968

Já havia visto um relógio com a mesma inscrição antes. Havia sido dados para certos membros do Partido, no aniversário de 75 anos de Mao Tsé-Tung. Nada pretensioso nem caro, apenas uma recordação de uma grande ocasião.

Vinte e seis de dezembro de 1968.

Poucos e valiosos líderes dessa primeira geração estavam vivos. Embora tivessem um status privilegiado no panteão comunista, muitos foram vítimas dos expurgos de Mao. Outros morreram de velhice. Um, porém continuava ativo no governo.

O primeiro-ministro, que de vez em quando exibia o presente que ganhara do ex-presidente.

Tang precisava ter certeza.

— Não tem nenhum texto confuciano aqui? Tem certeza?

O especialista balançou a cabeça.

— Todos eles foram tirados desta sala. Deveriam estar aqui, mas não estão.

Desafios aos seus planos pareciam vir de todos os lados. Jin Zhao. Lei Sokolov. Ni Yong.

Agora isso.

Fitou o que estava em sua mão.

E soube exatamente a quem o relógio pertencera.

Cassiopeia desviou-se do homem deitado no chão e aproximou-se da porta. Finalmente, estava na ofensiva, e atiraria em qualquer um que se colocasse entre ela e sua liberdade.

Com cautela, ela espiou o corredor estreito. Dois metros à frente, a porta do banheiro estava entreaberta. Outra porta, a poucos mais de 1 metro depois dessa, do outro lado, estava fechada. O corredor terminava no que parecia um hall de entrada bem iluminado.

Saiu.

As paredes eram pintadas de rosa e estavam encardidas, o gesso do teto precisava de uma pintura. Definitivamente uma casa. Alugada. Certamente, afastada, com um cômodo convenientemente sem janelas embaixo da escada.

Estava usando a mesma calça jeans e a mesma camisa de dois dias atrás. Seu casaco havia sido levado no primeiro dia. Por incrível que pareça, ainda estava com a sua carteira e seu passaporte. Tudo cheirava a suor, e seria ótimo um banho quente, mas só de pensar em mais água caindo em seu rosto, seu estômago revirava.

Andou com cuidado, cada passo dado com leveza, a arma ao lado de seu corpo, o dedo no gatilho.

No final do corredor, seguiu para a porta da frente, mas o som de uma voz murmurada fez com que não sáísse.

Parou e escutou.

Alguém estava falando. Depois houve silêncio. E a voz de novo. Parecia que alguém estava ao telefone. Continuou escutando e confirmou que escutava apenas uma voz. Decidiu que tinha de aprontar alguma com esse filho da mãe também. Já descarregara sua raiva no homem que ficou deitado na sua cela, então por que não terminar o que tinha começado?

Identificou o local em outro corredor curto que terminava em uma porta parcialmente fechada. Antes de seguir por esse caminho, foi até uma janela e olhou para fora. Viu apenas árvores e pastagem. Estavam em alguma zona rural. Chegara ali amarrada e vendada, dentro da mala de um carro. Estimara aproximadamente meia hora, que, dada a localização da Antuérpia, podia ser em qualquer lugar na Bélgica, Holanda ou França.

Um Toyota escuro estava, estacionado bem na frente. Imaginou se as chaves estariam dentro do carro ou com um dos sequestradores.

A voz abafada continuava ao telefone.

Também podia aproveitar a privacidade que tão convenientemente tinha conseguido. Precisava descobrir para quem essas pessoas trabalhavam.

Poderiam levá-la ao filho desaparecido de Lev Sokolov. Encontrá-lo era sua única preocupação. Graças a Deus, pensara à frente e fizera o que fizera, envolvendo Malone. Se não fosse isso, estaria morta, ou o menino, perdido para sempre.

Parou do lado de fora da porta, mantendo o olhar fixo na faixa de luz que saía do cômodo.

Alguma coisa naquela voz ativou sua memória.

Não fazia ideia de quantas pessoas estavam ali dentro, mas não dava a mínima. Seus nervos estavam à flor da pele. Sua paciência, esgotada.

Estava cansada, faminta, suja e furiosa.

Segurou a arma, colocou o pé esquerdo no chão e abriu a porta com o direito.

A porta abriu, batendo na parede.

Ela entrou e, na mesma hora, viu apenas um homem, falando ao telefone celular.

Ele não demonstrou a menor surpresa ao vê-la.

Em vez disso, fechou o telefone e disse:

— Já estava na hora.

Ela fitou seu rosto, como se tivesse visto um fantasma. E, em certos aspectos, tinha.

* * *

Malone nunca tinha escutado a palavra *eunuco* em uma conversa antes.

— Você quer dizer o homem castrado? — perguntou Malone.

— Existe algum outro tipo? — questionou Ivan. — Esses caras são asquerosos. — Abriu os braços curtos. — Eles deitam, abrem as pernas e cortam tudo. — Ele levantou um dedo. — E não emitem nenhum som. Nem um pio.

— E por que fazem isso? — perguntou Malone.

— Honra. Eles imploram para fazer isso. Sabe o que eles fazem com as partes cortadas? Eles chamam de *pao*, tesouro, colocam em jarros em uma prateleira alta. A *kao sheng*. Alta posição. É um simbolismo de que atingiram uma alta posição. A coisa toda é uma maluquice.

Ele concordou.

— Mas eles fazem isso toda hora. Agora os eunucos estão prontos para dominar a China.

— Como é?

— Você vem da América do Sul, não é? É de lá que vem seu nome Malone?

A gíria do Sul?

— Vá direto ao ponto.

Ivan parecia gostar de que seus interlocutores achessem que ele era burro, mas este russo robusto podia ser tudo, menos burro.

— *Ba*. Uma organização secreta chinesa. Tem mais de 2 mil anos. E a

versão moderna não é melhor que a original. A intenção deles é conseguir o poder. Não é bom para o meu país, nem para o seu.

Esses caras são maus.

— O que isso tem a ver com Cassiopeia?

— Não sei exatamente. Mas existe uma conexão.

Agora sabia que o homem estava mentindo.

— Você é um merda.

Ivan riu.

— Gosto de você, Malone. Mas você não gosta de mim. Quanta energia negativa.

— Aqueles dois caras lá na rua não passam muita energia positiva. — Não se preocupe com eles. Matá-los livra o mundo de dois problemas.

— Sorte a nossa que você estava aqui, não?

— Malone, nosso problema é sério.

Ele deu um passo à frente, agarrou Ivan pelas lapelas e encostou-o no muro de tijolos que estava atrás. Aproximou seu rosto do dele.

— Eu diria que isso é verdade. Onde está Cassiopeia?

Ele sabia que provavelmente os dois que estavam dando cobertura ao russo reagiriam. Estava preparado para dar meia-volta e cuidar deles. É claro que isso se eles não resolvessem atirar primeiro.

— Nós precisamos dessa fúria — disse Ivan baixinho, sem fôlego.

— Nós quem?

— Eu, Malone.

As palavras vieram da sua direita. Uma voz nova. De mulher. Familiar. Deveria saber.

Soltou o homem e virou-se.

A 3 metros deles estava Stephanie Nelle.

* * *

Cassiopeia engatilhou a arma e apontou diretamente para Viktor Tomas.

— Seu desgraçado, filho da...

— Não diga coisas das quais vai se arrepender depois.

O lugar parecia uma sala de reuniões, já que havia uma cadeira, na qual Viktor estava sentado, três outras vazias e algumas mesas e abajures. As janelas se abriam para a frente de casa através das quais ela viu o Toyota.

— Você me torturou.

Ele deu de ombros.

— Preferia que não tivesse sido eu? Fiz de tudo para a experiência ser, ao menos, suportável.

Ela atirou na base de uma cadeira estofada, apontando para algum ponto entre as pernas dele.

— Você chama aquilo de suportável?

Ele nem piscou, os olhos sérios e inexpressivos.

— Descarregou sua raiva?

Ela vira este homem pela última vez um ano antes. Ele trabalhava para uma ditadora da Ásia Central. Aparentemente, tinha encontrado um novo chefe.

— Para quem você está trabalhando?

Ele se levantou da cadeira.

— Para o vice-primeiro-ministro chinês, Karl Tang. Uma nova onda de raiva tomou conta dela.

— Viktor, me dê uma razão para eu não o matar agora.

— Que tal se eu disser que sei onde o filho de Lev Sokolov está preso?

Ni estava perplexo.

— O senhor e o primeiro-ministro conversaram sobre mim?

Pau assentiu.

— Muitas vezes. Também conversamos sobre a nação.

— E por que ele conversaria com o senhor sobre isso?

— Muito tempo atrás, eu e ele passamos por muita coisa juntos. Ele não é o imbecil impotente que muitos acham que ele seja. Ni sabia que a maioria dos membros do Comitê Central não se importava mais com a opinião do primeiro-ministro. Ele estava com quase 80 anos, doente, e mantinha-se no cargo simplesmente porque ninguém tinha, até agora, emergido com apoio suficiente para tomar o poder.

Pau estava certo.

Havia uma divisão dentro do Partido Comunista Chinês. Parecia cor a que existia quando Mao estava moribundo em 1976, e sua esposa e três outros formaram a infame Camarilha dos Quatro. O então primeiro-ministro e Deng Xiaoping associaram-se para fazer oposição à camarilha, finalmente conquistando o controle político em outra batalha ideológica — o conflito travado longe dos olhos públicos, dentro da hierarquia do Partido, exatamente como o conflito atual seria.

— No que o primeiro-ministro está trabalhando?

— Ele está tentando determinar o que é melhor para a China.

Isso não lhe dizia nada.

— Ministro, o senhor pode achar que tem amplo apoio político, talvez possua. Mas esse apoio pode evaporar em um instante se o B a tomar o poder. Eles sempre foram legalistas. Todos os atos deles instauraram um domínio bitolado de opressão. Eles não teriam a menor tolerância com o senhor.

— O que eu poderia temer de um grupo de eunucos?

Pau apontou para a porta aberta que ligava o pátio ao salão de exposição.

— Tenho excelentes manuscritos do nosso passado guardados aqui. Textos fascinantes, mas não existe uma Carta Magna. Nenhum tribunal de independência. Ministro, nós herdamos o despotismo. A história chinesa é dominada por generais, imperadores e comunistas. Legalistas, todos eles.

— Como se eu não soubesse disso. O senhor já trabalhou para eles. — Diga-me o que faz o senhor pensar que seu futuro será diferente? O que o senhor faria pela China? Se conseguisse se tornar primeiro-ministro, o que faria?

Secretamente, considerara muitas vezes essa questão. A nação oscilava à beira de um colapso. O atual sistema nacional era simplesmente incapaz de gerar riqueza e tecnologia suficientes para competir com o mundo e conter efetivamente 1,5 bilhão de pessoas. Segundo a crença de Mao, concentrar todos os recursos econômicos nas mãos do Estado não tinha dado certo. Mas a política subsequente de Deng de encorajar investimento estrangeiro irregular também tinha fracassado.

Isso tinha levado à exploração.

Governar a China era como empinar uma pipa em um dia sem vento. Você pode ajustar a rabiola, mudar o desenho, correr mais rápido, mas sem uma brisa para levá-la para cima, nada aconteceria. Durante décadas, os líderes chineses ignoraram que simplesmente não havia brisa. Em vez disso, eles faziam remendos e mais remendos, tentando forçar a pipa a subir, sempre fracassando.

— Quero mudar tudo — disse ele calmamente, surpreso por ter pronunciado as palavras.

Pau finalmente o levava a isso.

Como este velho sabia tanta coisa a seu respeito?

— Ministro, houve um tempo em que a superioridade da vida chinesa, com sua agricultura avançada, linguagem escrita e artes altamente desenvolvidas, era tão atraente que aqueles que conquistamos, ou aqueles que nos conquistaram, buscavam assimilar nossa cultura. Eles passaram a nos admirar e queriam fazer parte da *nossa* sociedade. Esse desejo era complementado por um ritual humano confuciano, que acentuava a harmonia, a hierarquia e a disciplina. Existem inúmeros textos antigos que fazem referência a povos que, séculos atrás, deixaram de existir como grupos étnicos separados, tão completa era a assimilação deles. O que aconteceu? O que nos transformou em algo a ser evitado?

— Nós nos destruímos — respondeu Ni.

A China realmente tinha passado por sucessivos ciclos de unificação e fragmentação — e, em todas as vezes, algo era perdido. Algo irrecuperável. Uma parte da consciência coletiva. Uma parte da China.

— Agora você compreende por que saí da China? — perguntou Pau tranquilamente.

Não, na verdade ele ainda não compreendia.

— Nossas dinastias entraram em decadência de uma forma sinistramente previsível — disse Pau. — Geralmente, os líderes mais antigos são mais poderosos, os mais recentes são frágeis, desmotivados ou meros fantoches. Inevitavelmente, a corrupção combina poder e dinheiro, sem o benefício da lei para evitar o abuso. Uma ausência de regras claras na sucessão política gera o caos. As rebeliões fermentam enquanto a força militar enfraquece. O governo, então, se isola e se enfraquece. Não há dúvida do fim. — Pau ficou em silêncio por um momento. — Esse foi o destino de toda dinastia chinesa nos últimos 6 mil anos. Agora é a vez do comunismo.

Ni não podia discutir com essa conclusão. Lembrou-se de uma viagem

para o sul alguns meses atrás durante outra investigação.

Um oficial local, um velho amigo, o levou até o aeroporto. Pelo caminho, passaram por outdoors anunciando novos apartamentos com piscinas, jardins e cozinhas modernas.

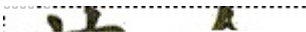
— O povo está cansado de Revoluções Culturais e guerras — disse: seu amigo. — O povo gosta de coisas materiais.

— E o senhor? — perguntou Ni.

— Também gosto. Quero uma vida confortável.

Mantinha-se fiel a essa afirmação. Ela falava muito do estado atual da China, onde o governo fazia meros remendos nos problemas. Mao pregava orgulho da pobreza. O problema é que ninguém mais acreditava nisso.

Pau abaixou-se e, na areia do jardim, fez dois caracteres.



Ni sabia o que significavam. "Revolução". Wen se levantou. — Mai precisamente "afastamento de mandato". Todas as dinastias chinesas justificavam sua ascensão com essa frase. Quando a dinastia Qirtg foi derrubada em 1912 e o último imperador foi expulso, era assim que nos referíamos ao acontecimento histórico. Em 1949, Mao roubou o mandato de Chiang Kaishek para construir uma república pós-Qing. Está na hora de outro afastamento de mandato. Mas a pergunta é: quem será o líder desse esforço.

Ni fitou o velho homem, a cabeça girando de tantas suspeitas. Não existia mais um investigador dentro dele. Agora pensava como o político — o líder — que desejava ser.

— O comunismo durou mais do que seu papel histórico — disse Pau. — Crescimento econômico desenfreado e nacionalismo bruto não conseguem mais suportá-lo. Simplesmente não existe o que conecte a forma de governo atual na China com seu povo. A extinção da União Soviética mostra claramente essa falha. Agora, está acontecendo de novo. O desemprego na China está fora de controle. Centenas de milhões de pessoas são afetadas. A condescendência de Pequim, como a de Moscou décadas atrás, é imperdoável. Ministro, o senhor deve se dar conta de que o mesmo nacionalismo que hoje conforta o Partido pode muito bem tornar-se o fascismo de amanhã.

Por que o senhor pensa que estou lutando pelo poder? Acha que eu quero poder? Acha que as pessoas que me apoiam querem isso?

— Mas o senhor encontrou um problema, não foi?

Como este erudito, que acabara de conhecer, sabia tudo que o perturbava?

— A queda de Moscou o assusta — disse Pau. — Como poderia não assustar? Mas nós somos diferentes. Nós nos adaptamos melhor às contradições. Nossos governantes proclamam-se confucianos há muito tempo, mas governam como legalistas, e mesmo assim ninguém nunca questionou essa dicotomia. E diferentemente dos russos, a maioria dos chineses não passa necessidade e tem alguns eletrodomésticos em casa. Nosso Partido não é ignorante. Mesmo com todos os defeitos, nós não cometeremos suicídio político. Então, nosso dilema é claro. Como persuadir 1,5 bilhão de pessoas a esquecer a norma e segui-lo rumo ao desconhecido?

Ni esperou uma resposta para a pergunta.

— Orgulho, ministro. Uma coisa tão simples. Mas apelar para isso pode muito bem ser a sua resposta.

COPENHAGUE

Malone sentou-se à mesa no Café Norden, acomodado bem perto da janela do segundo andar que estava aberta. Do lado de fora, Højbro Plads vibrava, lotada. Stephanie Nelle e Ivan também estavam sentados. Os dois inspetores de Ivan estavam no andar de baixo, em uma das mesas que ficavam na rua.

— A sopa de tomate daqui é ótima — disse Malone para os outros dois.

Ivan passou a mão na barriga.

— Tomate me deixa com gases.

— Então, em todo caso, é melhor evitar — disse Stephanie.

Malone conhecia Stephanie havia muito tempo. Foi uns dos 12 agentes originais dela na Magellan Billet. Ela criara a unidade do Departamento de Justiça, recrutando pessoalmente 12 homens e mulheres, cada um com um talento especial. Malone tinha uma carreira na Marinha, onde chegou a comandante. Era capaz de pilotar aviões e livrar-se de situações perigosas. Seu diploma em direito de Georgetown e sua habilidade em tribunal apenas enriqueciam ainda mais seu currículo. A presença de Stephanie ali, naquele lindo dia na Dinamarca, não significava nada além de encrenca. A associação dela com Ivan só agravava a situação. Ele sabia a opinião de Stephanie sobre trabalhar com russos.

Apenas quando necessário.

E ele concordava.

As mesas do café estavam cheias, pessoas subindo e descendo pela escada no canto, muitos carregando sacolas de compras. Perguntou-se por que estavam conversando em público, mas imaginou que Stephanie soubesse o que estava fazendo. — O que está acontecendo aqui? — perguntou ele à ex-chefe. — Há poucos dias, fiquei sabendo do envolvimento de Cassiopeia com Lev Sokolov. Fiquei sabendo do interesse russo também.

Ainda estava furioso por causa dos dois assassinatos.

— Você matou aqueles dois que eu estava perseguindo para que não tivéssemos outra alternativa a não ser negociar com você — disse ele para Ivan. — Não podia me deixar saber nada sobre eles, certo?

— Eles são pessoas más. Más, muito más. Merecem o destino que tiveram.

— Eu não sabia o que ia acontecer — disse Stephanie para ele. — Mas não devia me surpreender.

— Vocês dois se conhecem? — perguntou Malone.
— Nós já fizemos negócios antes.
— Não estou pedindo a ajuda de vocês — disse Ivan. — Isso não envolve os Estados Unidos.

Mas Malone percebeu que Stephanie intrometera-se nesse negócio praticando o velho ditado: "mantenha os amigos perto, e os inimigos ainda mais perto".

— Cotton — disse ela. — Cassiopeia envolveu-se em algo que é muito maior do que ela imagina. A China está no meio de uma luta interna pelo poder. Karl Tang, o vice-primeiro-ministro, e Ni Yong, o chefe do Departamento Anticorrupção do Partido Comunista, estão prestes a lutar pelo controle. Há um bom tempo, estamos assistindo a essa batalha, que está se tornando uma guerra. Como eu disse poucos dias atrás, fiquei sabendo da entrada de Cassiopeia no país por acaso, quando pesquisamos mais a fundo, vimos que Ivan também estava interessado...

— Então você pegou um avião e veio para a Dinamarca.

— Este é o meu trabalho, Cotton.

— Mas este não é o meu trabalho. Não mais.

Nenhum de nós — disse Ivan — quer que Tang vença. Ele é outro Mao, apenas pior. Malone apontou para Ivan.

— Você me contou sobre uma criança desaparecida e um tal de Lev Sokolov.

— O camarada Sokolov é geólogo — disse Ivan. — É russo, mas trabalha para os chineses. Digamos que ele sabe de coisas que seria melhor se não soubesse.

— E é por isso que era melhor quando ele estava morto — destacou ele. Ivan assentiu.

— O que ele sabe?

Ivan balançou a cabeça.

É melhor você não saber.

Ele encarou Stephanie.

— Espero que você saiba.

Ela não disse nada.

A raiva dele aumentou.

— No que foi que Cassiopeia se meteu que é tão importante a ponto de alguém torturá-la?

Mais uma vez, Stephanie não respondeu, embora fosse claro que sabia a resposta. Em vez disso, levantou o olhar para fitar Ivan.

Conte a ele.

O russo pareceu considerar o pedido, e de repente Malone percebeu que Ivan não era um agente de campo. Ele tomava as decisões. Com Stephanie.

— Vitt — disse Ivan — está atrás de um artefato. Um lampião que Karl Tang deseja. Como Sokolov não cooperou, Tang roubou o filho dele. Então Sokolov faz duas coisas que Tang não esperava. Chama Vitt e desaparece. Já faz duas semanas que não é visto. — Ele estalou os dedos. — Desapareceu.

— Então, Karl Tang pegou Cassiopeia? — perguntou Malone.

Ivan assentiu.

— Eu diria que sim.

— O que aconteceu hoje, Cotton? — perguntou Stephanie.

Ele contou a ela do bilhete, da tortura, da forma como improvisou. — Pareceu a melhor coisa a fazer. E claro que eu não sabia que tinha espectadores.

— Posso lhe garantir — disse ela — que nós íamos seguir aqueles dois para ver aonde nos levariam. Eu ia avisar-lhe depois. Matá-los não estava nos meus planos.

Vocês americanos ficam se metendo nos meus negócios — disse Ivan — E depois querem me dizer como fazer.

— Fala sério — disse Malone. — Você matou as duas pistas que tínhamos para ficarmos mais dependentes de você.

Ivan deu de ombros.

Coisas ruins acontecem. Você tem que aceitar.

Malone queria dar um soco na cara do filho da mãe, mas sabia que era melhor não o fazer. Então, perguntou:

— Por que o lampião é tão importante?

Ivan deu de ombros.

— Vem de uma velha tumba. Sokolov tem de consegui-lo pegar para satisfazer Karl Tang. — E onde está? — perguntou ele.

— Na Antuérpia. Foi por isso que Vitt foi para lá dois dias atrás. El desapareceu dois dias depois.

Ele se perguntou o que podia ter motivado os russos a ponto de armarem uma operação de inteligência desta escala, enviando um agente de médio a alto escalão, e atrapalhando os americanos, atirando em duas pessoas no meio de Copenhague. Alguém, em algum lugar, estava gritando *que isso era importante*. E por que Washington estava tão interessado a ponto de envolver a Magellan Billet? Stephanie só costumava ser chamada quando os canais de inteligência convencionais não eram mais viáveis. Cassiopeia certamente se metera em algo importante o suficiente a ponto de torturarem-na. Será que ela estava sendo torturada de novo neste momento? Aqueles dois cadáveres estendidos na frente do Hotel d'Angleterre não apareceram, então quem quer que tenha mandado o vídeo certamente já desconfiava de que alguma coisa dera errado.

— Preciso pegar meu computador — disse ele. — Eles podem tentar entrar em contato comigo de novo.

— Duvido que isso vá acontecer — disse Stephanie. — Quando Ivan resolveu improvisar, ele pode ter selado o destino de Cassiopeia. Malone não queria escutar aquilo, mas ela estava certa. O que o deixou ainda mais furioso. Encarou Ivan com raiva.

— Você não parece nem um pouco preocupado.

— Estou com fome.

O russo chamou a atenção da garçonete e apontou para um prato de defumados em uma vitrine de vidro, levantando os cinco dedos. A moça

assentiu, mostrando que entendera quantos deveria levar.

— Isso vai deixar você com gases — disse Malone.

Mas são deliciosos. Os peixes dinamarqueses são muito bons. — Esta operação está envolvendo a Billet toda agora? — perguntou ele para Stephanie.

Ela assentiu.

— Coisa grande.

— O que você quer que eu faça? — Ele apontou para Ivan. — O sargento Schultz aqui não sabe de nada, não vê nada, não escuta nada.

— Quem disse isso? Não fui eu. Sei de muita coisa. E eu amo

[1]
Hogan's Heroes.

— Você é apenas um russo burro.

O homem corpulento sorriu.

— Ah, entendo. Você quer me irritar. Exasperar, não? Este homem grande e burro vai perder a cabeça e dizer mais do que devia. — Ele levantou um dedo gordo. — Está assistindo muito a *CSI* ou *NCIS* na televisão. Adoro esta série. Mark Harmon é o cara durão.

Malone decidiu tentar outra estratégia.

— O que deveria acontecer quando Cassiopeia encontrasse o lampião?

— Entregaria a Tang e ele devolveria o garoto.

— Você não acredita nisso.

— Eu? Não. Karl Tang não é honesto. O menino já se foi. Eu sei disso. Você sabe disso...

— Cassiopeia sabe disso — terminou Stephanie.

— Exatamente — disse Malone. — Então, ela fez as apostas e escondeu o lampião. Eles a pegaram. Ela disse que estava comigo para ganhar tempo.

— Sei pouco sobre ela — disse Ivan. — Ela é esperta?

Talvez não esperta o suficiente, pensando bem.

— Ivan me disse que os eunucos vão tomar o poder na China. *Ba* é como se chamam.

Stephanie assentiu.

Eles são uma facção radical. Têm grandes planos, e nenhum deles é bom para nós, ou para qualquer pessoa. O Departamento de Estado considera improvável a ascensão deles, mas estão errados. Estou aqui por outra razão, Cotton.

Ele percebeu a incerteza dela. Russos ou chineses? Dor de cabeça ou dor de estômago? Mas ele percebeu mais alguma coisa. Mais do que ela queria discutir agora.

A garçonele trouxe os cinco peixes, cheirando como se tivessem acabado de ser pescados.

— Ah — disse Ivan. — Maravilha. Têm certeza de que não querem?

Ele e Stephanie balançaram a cabeça.

Ivan engoliu um dos peixes.

— Só vou dizer que isso envolve coisas importantes. Grandes. Coisa que não queremos que os chineses saibam.

— E os americanos? — perguntou Malone.

— Vocês também.

— E Sokolov contou aos chineses?

Ivan mastigou o peixe.

— Não sei. E por isso que precisamos saber sobre o lampião.

Malone olhou para fora. Sua livraria ficava do outro lado da praça ensolarada. Pessoas entravam e saíam pela porta da frente, invadindo a praça cheia como se fossem abelhas em sua colmeia. Devia estar vendendo livros. Gostava do que fazia. Empregava quatro nativos que faziam um bom trabalho em manter as prateleiras sempre cheias. Tinha orgulho do seu negócio. Alguns dinamarqueses compravam regularmente suas edições de colecionador com ele. Nos últimos três anos, ele conquistara a reputação de ser o homem que conseguia tudo o que quisesse.

Como nos 12 anos em que foi um dos agentes de Stephanie Nelle.

Neste momento, era Cassiopeia quem precisava dele.

— Vou para a Antuérpia — disse ele.

Ivan estava devorando outro peixe.

— E o que vai fazer quando chegar lá? Sabe onde procurar?

— Você sabe?

Ivan parou de comer e sorriu.

Havia pedaços de carne de peixe presos entre seus dentes.

— Sei onde Vitt está.

Cassiopeia avaliou o que Viktor acabara de dizer sobre o filho desaparecido de Lev Sokolov. Perguntou de novo:

— Para quem você trabalha?

— Quando saí da Federação da Ásia Central, fui para o leste e acabei na China. Encontrei muitas oportunidades de emprego lá. — Principalmente para um filho da puta mentiroso e duas caras como você.

Ele balançou a cabeça.

— Não posso acreditar que pense isso de mim. O que eu fiz na Ásia Central era o meu trabalho. E eu fiz bem. Os objetivos da missão foram todos alcançados. — E eu quase morri. Duas vezes.

— Essa é a palavra principal. *Quase*. Novamente, cumpri meu dever.

Ela sabia que ele estava evitando a pergunta.

— Para quem você trabalha?

— Estou dizendo a verdade. Karl Tang.

— Que decadência. Da presidente suprema da Federação da Ásia Central para o segundo na linha de poder da China.

— Ele paga bem. Tenho plano de saúde e dentário e três semanas de férias remuneradas. No ano que vem, terei um plano de aposentadoria.

O senso de humor dele não lhe interessava.

— Foi você quem mandou aqueles homens atrás de mim dois dias atrás?

Viktor assentiu.

— Não podíamos permitir que saísse da Bélgica com aquele lampião.

— Por que Tang o queria?

— Ele não tem a menor intenção de devolver o filho de Sokolov. Então, decidiu apoderar-se do lampião aqui.

— Por que simplesmente não procura Pau Wen diretamente? Ou manda você? Por que eu?

— Honestamente, não sei.

Ela mantinha a arma levantada.

— *Honestamente*. Essa palavra não existe no seu vocabulário. — Ela o tinha na mira. — Você me torturou.

— Certifiquei-me de que não fosse torturada.

— Não foi o que me pareceu.

A expressão dele suavizou.

— Você preferia ter sido torturada por alguém que realmente quisesse afogá-la?

Ele mudara de um ano para cá. Embora ainda fosse baixo e troncudo,

seus cabelos emaranhados tinham sido substituídos por um corte rente acima das orelhas. O nariz largo e os olhos fundos, de alguma herança eslava, permaneciam, mas a pele estava mais morena do que quando morava na Ásia Central. Ele tinha 40 e poucos anos, no máximo, e havia deixado de usar roupas largas, que escondiam ombros e braços obviamente acostumados ao exercício, e passara a usar camisas e calças elegantes e ajustadas ao corpo.

— Onde está o menino? — perguntou ela.

— Sokolov brincou com os russos. Agora está brincando com os chineses. Eles matam sem nenhuma repercussão, já que eles são a lei.

Não estamos na China.

— Mas Sokolov está. Tang está atrás dele. Suponho que você o escondeu, mas é só uma questão de tempo até que seja encontrado. Tang tem dezenas de milhares de espões, e todos eles querem agradar o próximo primeiro-ministro da China. Você ou eu não temos a menor importância no esquema geral.

Ela duvidava disso.

— O que você está fazendo para ele?

— Tang me contratou no outono do ano passado. Ele precisava de um agente que não fosse chinês, e eu estava desempregado. Ele não ia me designar para este trabalho em particular até que escutei seu nome. Quando expliquei a ele minha conexão, com alguns ajustes nos fatos, Tang me mandou para cá.

Ela abaixou a arma, chegando ao seu limite.

— Você faz ideia do que me fez passar?

— Não tive escolha. Tang dá as ordens. Ontem, eu lhe dei uma chance de fugir quando lhe levaram comida, mas você estava dormindo. Mandeí meu compatriota agora há pouco para ver se desta vez você agia. — Ele apontou para a arma. — O que parece que você fez. Estava aqui esperando por você. — Ele apontou para o telefone em cima da mesa. — O telefonema era falso.

— E o que o fez pensar que eu não fugiria simplesmente?

— Você está com raiva.

Este homem a conhecia bem.

— Mais algum ajudante por aqui?

Apenas o que foi levar comida. Você o machucou?

— Vai ficar com uma cicatriz.

— Cassiopeia, Tang quer o lampião. Você não pode simplesmente entregá-lo a ele e acabar com isso?

— E perder aquele menino? Como você disse, o lampião é o único poder de barganha que tenho. Você disse que sabia onde o menino estava preso. Então, me diga.

— Não é fácil assim. Você nunca conseguiria chegar perto dele.

Deixe-me ajudar.

— Trabalho sozinha.

— Foi por isso que envolveu Malone? Eu sabia que você estava

mentindo, mas Tang me obrigou a entrar em contato.

— O que aconteceu em Copenhague?

— Não tive notícias dos dois que foram contratados para o serviço. Mas com Malone, certamente aconteceu alguma coisa bem ruim a eles.

Ela precisava ligar para a Dinamarca e explicar-se. Mas não dali.

— Onde estão as chaves do carro que está lá fora?

— Na ignição. — Ele se levantou da cadeira. — Deixe-me ir com você. Não posso ficar. Independente do que eu disser, Tang vai me responsabilizar pela sua fuga. Não vou poder mais trabalhar para ele. Tenho informações sobre as operações dele que podem ser valiosas.

Ela considerou a proposta. Fazia sentido. Independente de como se sentisse em relação a Viktor Tomas, ele certamente seria muito útil. No ano passado, ele inteligentemente conseguira chegar bem perto da presidente da Federação da Ásia Central. Agora estava bem próximo a Karl Tang, que era o único que podia reunir Lev Sokolov ao filho. Não havia dúvidas de que ela tinha se atrapalhado. Agora, precisava resgatar o lampião e conseguir um acordo. Então, por que não aceitar a oferta de ajuda de um homem que podia entrar em contato direto com Tang?

E que sabia onde estava o filho de Sokolov.

— Tudo bem — disse ela. — Vamos.

Ela deu um passo para o lado e deixou Viktor sair na frente. Ele pegou o telefone celular e o guardou no bolso. Quando ele estava passando por ela, na direção da porta, ela levantou a arma acima de sua cabeça e bateu com o cabo no pescoço dele. Ele soltou um gemido enquanto levantava uma das mãos.

Ela bateu com o cano de metal da arma na têmpora esquerda dele.

Ele girou os olhos e caiu no chão.

— Como se eu fosse acreditar em alguma palavra que você diz.

PROVÍNCIA SHAANXI, CHINA

11H40

Tang caminhou entre os guerreiros de barro, em eterna guarda. Deixara a Cova 3 e voltara à Cova 1. O especialista tinha ido embora. O fato de não haver nenhum texto de Confúcio na Cova 3 — embora todos os seis devessem estar ali — era intrigante. Assim como o relógio de prata que ainda segurava.

Tinha suspeitas de que muita coisa tinha acontecido trinta anos atrás. Agora sabia.

Naquela época, esta região do Condado de Lintong era uma fazenda. Todo mundo sabia que o Primeiro Imperador estava enterrado ali havia mais de 2.200 anos. Mas ninguém sabia do exército subterrâneo, e sua descoberta levou a muitas escavações. Durante anos, trabalhadores labutavam dia e noite removendo camadas de terra, areia e cascalho, fotografando e registrando as centenas de milhares de casos. Mais trabalhadores, então, juntaram uma peça de cada vez, refazendo as imagens quebradas, os frutos do trabalho exaustivo deles à sua volta.

O exército de terracota passara a ser considerado com uma expressão monumental dos talentos comunais chineses, simbolizando um Estado unificado, uma cultura criativa e submissa, um governo que trabalhava para e com seu povo.

Um simbolismo quase perfeito.

Uma das poucas vezes em que concordara em usar o passado para justificar o presente.

Mas, aparentemente, durante todas essas escavações, um esconderijo de documentos — a biblioteca perdida de Qin Shi — também tinha sido encontrado.

Ainda assim, ninguém ficou sabendo.

E uma lembrança dessa omissão ficara para trás.

Um relógio.

Deixado de propósito?

Quem sabe?

Mas dada a pessoa que mais provavelmente fizera a descoberta, Tang não podia descartar nada.

Pau Wen.

Consultor especial do Comitê Central, conselheiro tanto de Mao Tsé Tung quanto de Deng Xiaoping, um homem culto cujo valor vinha de sua

habilidade em entregar o resultado desejado — e nada melhor para assegurar privilégios do que sucessos repetidos. Mao e Deng não foram administradores muito eficientes. Ambos governaram com pinceladas grossas, deixando os detalhes para homens como Wen. Tang sabia que ele fora o responsável por muitas escavações arqueológicas no país e que, em determinada época, supervisionara as escavações dos guerreiros de terracota.

Será que o relógio que segurava era de Wen?

Tinha de ser.

Encarou um dos guerreiros que estava na vanguarda do exército. Ele e os outros seriam os primeiros a enfrentar um inimigo, seguidos de ondas e mais ondas de homens aterrorizantes.

Aparentemente sem fim. Indestrutíveis.

Como a própria China.

Mas a nação chegara a uma encruzilhada. Trinta anos de modernização sem precedentes produziram uma geração impaciente, uma geração indiferente ao regime comunista, que se concentrava mais na vida familiar, cultural e econômica, em detrimento da nacionalidade. A médica no hospital parecia um excelente exemplo. A China estava mudando.

Mas nenhum regime em toda a história da China tinha aberto mão do poder sem derramar sangue, e o Partido Comunista não seria o primeiro.

Seu plano para conseguir o poder exigiria ousadia, mas ele esperava que o que ele estava buscando provar conseguisse criar uma certa certeza, um ar de legitimidade, talvez até uma fonte de orgulho nacional.

Um movimento acima chamou sua atenção.

Estava esperando.

No parapeito 5 metros acima, uma figura vestida de preto apareceu, seguida de outra. Ambos eram magros e musculosos, os cabelos bem curtos, os rostos inexpressivos.

— Aqui embaixo — disse ele, tranquilamente.

Os dois homens desapareceram.

Quando convocara seu especialista do Ocidente, também ordenara que mais dois homens o acompanhassem. Eles tinham aguardado nas imediações, esperando uma ligação sua, que fizera enquanto saía da Cova 3.

Os homens apareceram no outro extremo da fila de guerreiros e aproximaram-se sem emitir nenhum som, parando a poucos metros de distância.

— Queimem tudo — mandou ele. — Tem cabos elétricos e um transformador, então podemos colocar a culpa na eletricidade. Os dois homens assentiram e saíram.

* * *

M alone e Stephanie atravessaram a Højbro Plads. O sol de fim de tarde tinha descido atrás dos telhados recortados de Copenhague.

I van tinha ido embora, dizendo que precisava resolver alguns assuntos

e voltaria em uma hora.

Malone parou perto de uma fonte e sentou-se na borda molhada.

— Uma bolsa sua foi roubada aqui uns dois anos atrás.

— Eu me lembro. Acabou tornando-se uma aventura e tanto.

— Quero saber o que exatamente está acontecendo.

Ela permaneceu em silêncio.

— Você precisa me contar o que está em jogo — disse ele. — Tudo. E não é uma criança desaparecida ou o próximo primeiro-ministro da China.

— Ivan acha que não sabemos, mas nós sabemos.

— Esclareça tudo.

— É extraordinário, na verdade. E começa em uma coisa que Stalin aprendeu com os nazistas. Agora estavam indo a algum lugar.

— Durante a Segunda Guerra Mundial, a maior parte do petróleo da Alemanha vinha das refinarias da Romênia e da Hungria. Por volta de 1944 essas refinarias já tinham sido exploradas ao máximo, e não coincidentemente, a guerra terminou logo depois. Stalin assistiu enquanto os alemães ficavam literalmente sem combustível. E resolveu que a Rússia sempre seria autossuficiente. Ele via a dependência do petróleo como uma fraqueza catastrófica que devia ser evitada a todo custo.

Isso não era um choque.

— Todos não pensam assim?

— Diferentemente do resto do mundo, incluindo os Estados Unidos Stalin encontrou uma forma de fazer isso. Um professor universitário chamado Nikolai Kudryavtsev lhe deu a resposta.

Malone esperou.

— Kudryavtsev postulou que petróleo não tinha nada a ver com fósseis.

Ele conhecia o pensamento convencional. Durante milhões de anos um antigo pântano nativo de plantas e animais, incluindo dinossauros, foi engolfado por depósitos sedimentários. Mais milhões de anos de calor e pressão comprimiram a mistura que se transformou em petróleo, *combustível fóssil*.

— Em vez de ser biótico, ou seja, derivado de material que já foi vivo, Kudryavtsev afirmou que o petróleo é abiótico, simplesmente um material primitivo que a terra forma e exclui continuamente.

Na mesma hora, Malone percebeu as implicações.

— É infinito?

Essa é a questão que me trouxe até aqui, Cotton. E que nós temos de responder.

Ela explicou sobre a exploração de petróleo soviética na década de 1950 que descobriu grandes reservas a milhares de metros de profundidade, em níveis muito abaixo do que seria esperado de acordo com a teoria do combustível fóssil.

— E isso pode ter acontecido conosco — disse ela — no Golfo do México. Um campo foi encontrado em 1972 a mais de 1,5 quilômetro de profundidade. Suas reservas estavam se reduzindo em um ritmo

surpreendentemente lento. A mesma coisa aconteceu em campos no norte do Alasca. Isso deixou os geólogos desconcertados.

— Você está dizendo que os poços se reabastecem?

Ela balançou a cabeça.

— O que me disseram é que depende das rochas ao redor. No Golfo do México, o solo do oceano é recortado por fissuras profundas. Isso teoricamente permitiria que o petróleo pressurizado saísse do fundo do mar, aproximando-se da superfície. Tem mais uma coisa também.

Ele sabia que, como de costume, ela viera preparada.

A idade geológica do petróleo que sai desses poços que mencionei, aqueles que aparentemente estão se reabastecendo, é diferente do que era vinte anos atrás.

— E o que isso quer dizer?

— Que o petróleo está vindo de uma fonte diferente.

Ele também entendeu o que isso significava.

Não estava vindo de plantas ou dinossauros mortos.

— Cotton, o petróleo biótico é o mais superficial. Poucas centenas de metros. O petróleo abiótico vem de muito mais fundo. Não existe nenhuma forma científica de o material orgânico chegar numa profundidade tão grande, então tem de haver outra fonte para esse petróleo. Stalin percebeu que a União Soviética poderia conseguir uma forte vantagem estratégica se essa nova teoria sobre a disponibilidade do petróleo pudesse ser provada. Ele previu, lá na década de 1950, que o petróleo ia se tornar politicamente importante.

Agora ele compreendia as implicações, mas queria saber:

— Por que nunca ouvi falar disso?

— Stalin não tinha nenhum motivo para informar seus inimigos do que tinha descoberto, principalmente nós. Todo material publicado a esse respeito foi em russo, e naquela época, pouquíssimas pessoas fora da União Soviética liam essa língua. O Ocidente ficou preso na teoria do combustível fóssil, e qualquer alternativa era rapidamente considerada imaginação.

* * *

Tang saiu do museu da Cova 1, entrando na noite quente. A praça que contornava o complexo histórico estava quieta. A meia-noite aproximava-se.

Seu telefone celular vibrou.

Pegou-o no bolso e olhou para o mostrador. Pequim. Atendeu. — Ministro — disse alguém —, temos boas notícias. Lev Sokolov foi encontrado.

— Onde?

— Lanzhou.

A apenas algumas centenas de quilômetros a oeste.

— Ele está sendo vigiado de perto, mas não sabe que estamos lá.

Agora, podia seguir adiante. Escutou os detalhes, depois mandou:

— Continue a vigília. Estarei lá pela manhã. Bem cedo.

— Tem mais uma coisa — disse o assistente. — O supervisor do poço ligou. Ele mandou dizer que o senhor deve se apressar.

Gansu ficava a 200 quilômetros ao norte. A parada final da sua viagem O helicóptero estava esperando, abastecido, pronto para ir.

— Diga a ele que estarei lá em duas horas.

— E um último assunto.

Seus subordinados andavam bem ocupados.

— O Ministro Ni está na residência de Pau Wen há três horas.

— Você sabe se a viagem de Ni foi oficialmente aprovada?

— Não que nós possamos determinar. Ele mesmo reservou o voo há dois dias e saiu de repente.

O que só confirmava que Ni Yong tinha espiões dentro do gabinete de Tang. De que outra forma ele saberia que precisava ir à Bélgica? Nenhuma surpresa, mas a profundidade da rede de inteligência de Ni o preocupava. Poucos e preciosos membros de sua equipe sabiam do significado de Pau Wen.

— Ni ainda está dentro da casa? — perguntou ele.

— Estava há dez minutos.

— Elimine os dois, Ni e Pau.

Ni concentrou-se na palavra interessante que Pau Wen usara.

Orgulho.

Já fomos a nação mais importante do mundo — disse o homem mais velho. — Possuidores de uma superioridade comprovada. Durante a dinastia Tang, se um residente estrangeiro se casasse com uma mulher chinesa, ele não tinha permissão para sair da China. Era considerado impensado levar uma mulher para fora dos limites da civilização, para um reino menor.

— E daí? Nada disso importa mais. — Ele estava frustrado e demonstrava isso. — O senhor fica aqui, seguro na Bélgica, enquanto nós lutamos na China. Fala do passado como se fosse fácil repeti-lo. Minha tarefa é muito mais difícil do que pode imaginar.

— Ministro, sua tarefa não é diferente das tarefas de muitos que vieram antes do senhor. Na minha época, não havia como fugir de Mao. Todos os prédios públicos tinham uma estátua ou um busto dele. Fotos dele eram exibidas em todos os lugares: caixas de fósforo, calendários, táxis, ônibus, aviões. Carros dos bombeiros e locomotivas exibiam fotos gigantes dele, junto com bandeiras vermelhas. Ainda assim, agora vemos que era tudo uma mentira. O rosto irrepreensível e corado de saúde de Mao? Aquela imagem não tinha nada a ver com o homem. Ele estava velho e doente, os dentes pretos. Ele era feio, com aparência de uma pessoa fraca. — Pau apontou para um aquário com um peixe dentro. — Naquela época, e agora, a China é como um peixe no meio das árvores. Totalmente perdida. Fora do lugar. Sem esperança de sobrevivência.

Os pensamentos de Ni estavam um caos. Seus passos depois que voltasse para casa não pareciam mais viáveis. Planejava iniciar o caminho rumo ao seu objetivo: tornar-se primeiro-ministro. Muitos estavam prontos para apoiá-lo. Começariam o processo, recrutando mais para a sua causa. Mas uma nova ameaça surgira, uma ameaça que podia ser um presságio de fracasso.

Olhou em volta no pátio e lembrou-se do que seu avô tinha lhe ensinado sobre feng shui.

O lugar que se escolhia para morar era de grande importância. A orientação de uma casa podia ser ainda mais importante. *Coloque-a virada para o sul. Escolha certo e as colinas serão abundantes, as águas, claras, e o sol, brilhante.*

Seu avô fora um homem sábio.

Em meio à confusão, existe a paz. Em meio à paz, os olhos de alguém estão

abertos.

Ele tentara prestar atenção a essa lição e colocar seus pensamentos no lugar, dizendo para si mesmo que deveria manter o controle.

— Karl Tang reconhece a confusão da China — disse Pau. — E ele também compreende o valor do orgulho nacional. Isso é o mais importante, ministro. Mesmo quando as mudanças acontecem, ninguém pode perder o prestígio, o Partido menos ainda.

— E esse lampião faz parte desse plano?

Wen assentiu.

— Tang está muitos passos à sua frente.

— Por que está me dizendo isso?

— Essa explicação levaria tempo demais, apenas acredite que o que estou dizendo é sincero. — Wen estendeu o braço e tocou o ombro de Ni com sua mão calejada. — Ministro, o senhor precisa adaptar suas ideias. Foi bom que soubesse do interesse de Tang e viesse até aqui, mas a ameaça à China é maior do que o senhor imagina.

— O que o senhor diria para eu fazer?

Ni odiava-se por estar pedindo orientação a esse ladrão.

— O senhor é um homem para ser respeitado. Um homem confiável. Use isso.

Não estava impressionado pelos elogios de Pau.

A verdade seria melhor.

— Poucas horas depois que ela saiu aqui de casa, Cassiopeia Vitt foi feita prisioneira por Tang. Ela conseguiu esconder o lampião antes de ser capturada, e eu sei onde. Eu planejava pegá-lo de volta, mas a tarefa agora deve ser sua.

O tamanho da farsa de Wen ficou claro. Estava brincando com Ni desde o começo. E Ni não gostava disso. Mas como não tinha escolha perguntou:

— Por que esse lampião é tão importante?

— O fato de o senhor não saber essa resposta só prova o quão atrás de Karl Tang está.

Não podia discutir com isso.

— Como posso ganhar terreno?

— Recupere o lampião, volte para a China e, depois, localize um homem chamado Lev Sokolov. Ele trabalha para o Ministério do Desenvolvimento Geológico, em Lanzhou, mas no momento está escondido. Tang sequestrou o filho dele e está usando o menino como forma de conseguir a cooperação de Sokolov. Fiquei sabendo que Sokolov é a pessoa que pode explicar a importância do lampião.

Cooperação para quê?

— Cabe ao senhor descobrir isso.

Embora ele tivesse a sensação de que Pau Wen sabia bem.

— Minha rede de informações é extensa, principalmente no que diz respeito a Tang. Quando fiquei sabendo do interesse dele pelo lampião, resolvi vir aqui pessoalmente. Mas nenhuma alusão a nada que o senhor

disse aqui jamais chegou ao meu conhecimento.

— O que deve fazer com que questione a sua equipe. Será que há um espião entre eles? O lampião logo estará com você. Volte para a China e encontre Sokolov.

— E os eunucos que me cercam? Aqueles que o senhor disse que devo temer.

— Eles mostrarão a cara.

— Eles também representam uma ameaça para Tang?

— Obviamente não.

— Como vou saber quem *eles* são?

Wen sorriu.

— No passado, nós, eunucos, sofríamos uma mudança de voz, um desagradável falsete. Jovens, nos tornávamos flácidos e gordos, com pouca força. Conforme envelhecíamos, perdíamos esse peso e rugas profundas apareciam em nosso rosto. A falta de testosterona também se manifestava em emoções, ficávamos com raiva ou tristes rapidamente. Nada disso acontece mais. Suplementos modernos mascaram todos os efeitos colaterais, especialmente se o homem não for castrado antes da idade adulta, o que geralmente ocorre. Saiba que será praticamente impossível, sem uma inspeção visual, saber.

— Tang está atrás de Sokolov?

Wen assentiu.

— Com todos os esforços que pôde reunir.

Ni teria de verificar tudo que ficara sabendo antes de se converter.

— Onde o lampião está escondido?

Dentro do Museu Dries Van Egmond, na Antuérpia. Guarda uma coleção particular de arte e móveis dos séculos XVII e XVIII. Cassiopeia V escondeu o lampião em um budoar no terceiro andar, decorado em estilo chinês, com algumas peças comuns de porcelana Ming. Eu mesmo já fui lá visitar. Talvez ela tenha achado que fosse passar despercebido, pelo menos por alguns dias. Ou, se fosse notado, os funcionários do museu fossem guardá-lo. Não foi uma decisão ruim, levando em consideração as poucas opções que ela tinha.

O fato de Pau estar lhe contando a localização parecia uma confirmação de que ele estava finalmente sendo sincero.

— Devo ir.

— Antes que vá — disse Pau —, tenho mais uma coisa para lhe mostrar.

Ni acompanhou o anfitrião para dentro da casa, seguindo um longo corredor até uma porta laqueada preta. Do outro lado, uma escada de madeira subia por dentro de uma torre retangular. Uma porta aparecia no topo da escadaria. Depois dela, o sol do final da tarde brilhava, seu calor entrando através de janelas nas quatro paredes.

— Fique aqui — disse Pau. — Bem na porta. Assim não será visto por quem está lá fora. Ni questionou o subterfúgio.

— Se você olhar por esse canto — disse Pau —, terá uma excelente

visão da entrada da frente. Depois dele, na estrada, verá um veículo estacionado no bosque, a 1 quilômetro, mais ou menos, da entrada principal.

Ni seguiu as instruções, apertando os olhos por causa do brilho do sol e enxergando o carro, pouco visível entre as árvores.

— Pessoas descuidadas — disse Wen, atrás dele. — Trabalham para Tang. Eles vigiam a casa. Não é sempre. Eles vêm e vão. Mas têm estado aqui bastante nos últimos dois dias.

— Foi por isso que desconfiou que Tang viria atrás do lampião?

— Parecia lógico.

Nas sombras distantes, ele viu outro carro estacionar ao lado do primeiro. Dois homens saíram de cada carro, armados com rifles.

O medo subiu pela sua espinha.

Os homens foram andando na direção dos muros cinzentos, dirigindo-se para o portão da frente.

— Isso é um tanto inesperado — disse Pau calmamente. Homens com armas aproximavam-se e tudo que esse homem dizia era inesperado.

Ni estava preocupado. Muito.

Malone avaliou as informações surpreendentes que Stephanie estava lhe dando.

O Ocidente — disse ela — acredita que o petróleo é um combustível fóssil. Você se lembra, quando na década de 1960, todos os postos de gasolina Sinclair exibiam sua logomarca, que era um dinossauro? Havia comerciais de TV com dinossauros morrendo, decompondo-se e virando petróleo. Pergunte a dez pessoas de onde o petróleo vem e todas elas vão responder que vem de dinossauros mortos.

Ele se lembrava daqueles comerciais e tinha de admitir que ele também tinha sido doutrinado. O petróleo era um combustível fóssil, um recurso finito.

— Imagine, Cotton, se o petróleo for infinito. Se a terra o produz continuamente, como um recurso *renovável*. Os russos acreditam nisso há muito tempo.

— Stephanie, o que isso tem a ver com Cassiopeia?

O ar do final de tarde esfriara. Ivan logo voltaria, e todos eles viajariam para a Antuérpia. Precisava entender o problema antes disso.

— Já ouviu falar da base Dniepr-Donetsk no leste da Ucrânia?

Ele balançou a cabeça.

— Na década de 1950, a área deixou de ser um lugar com possibilidade de perfuração. *Sem potencial para produção de petróleo* foi a conclusão da equipe de pesquisadores. Sabemos disso porque um americano que trabalha perfurando poços, J. F. Kenney, fazia parte da equipe que examinou o local com os russos. Nenhuma rocha reservatório foi encontrada lá. — Ela fez uma pausa. — Hoje a base contém mais de 400 milhões de barris em reservas comprovadas, descobertas bem no fundo. O homem que determinou isso foi Lev Sokolov. Ele era um especialista russo na teoria do petróleo abiótico.

— Como podemos ter certeza de que a equipe da década de 1950 não estava errada e havia petróleo lá o tempo todo?

— Aconteceu de novo. Na Península Kola, no norte da Rússia. Outro lugar que não tinha a menor perspectiva de produção, segundo a teoria de combustível fóssil. Ainda assim, os russos perfuraram 11 quilômetros para baixo e encontraram gás metano. Ninguém acreditava que pudesse ser encontrado metano naquela profundidade em rocha de granito. A teoria do combustível fóssil não sustentava essa descoberta, mas o gás estava exatamente onde Sokolov previra.

— E agora Washington finalmente está interessado em tudo isso? — Violentemente. Isso poderia mudar o equilíbrio mundial de poder, o que

explica por que Karl Tang está tão interessado. Ivan está certo. Tang é uma ameaça a todos nós. Se ele assumir o controle da China, a desestabilização em toda a região, e até no mundo, será enorme. Principalmente se ele tiver petróleo ilimitado à sua disposição.

— O Presidente Daniels quer que Tang seja detido?

— Na verdade, Cotton, nós o queremos morto.

Ele compreendia a enormidade da afirmação. Os Estados Unidos não assassinavam pessoas *oficialmente*.

Mas acontecia.

— E vocês esperam que os russos façam o serviço?

Ela deu de ombros.

— O suficiente para eu ter me intrometido nos negócios deles. Ivan não ficou nem um pouco feliz em me ver. O suficiente para Sokolov estar vivo, ele não queria que nós nos envolvêssemos.

— Como ele ficou sabendo de mim?

— Por aqueles dois mensageiros, acho. Quando a mulher levou o bilhete até a sua livraria, os homens dele estavam vigiando.

Ela não contara uma parte da história.

— E onde você estava?

— Vigiando também. Ele só me informou sobre o seu encontro no Tivoli quando você já estava a caminho.

— Então, você já sabia algumas coisas que Ivan contou lá no café?

Ela assentiu.

— Sabia. Achei que fôssemos conversar.

— O que você sabia sobre Cassiopeia?

— Não fazia a menor ideia de que ela estava sendo torturada.

Ele acreditou nela.

— Fizemos as contas, Cotton. Se Tang tornar-se primeiro-ministro, ele vai desfazer cinquenta anos de diplomacia. Ele acha que a China foi maltratada por todos e quer uma retribuição. Ele vai assegurar o domínio da China de todas as formas que puder. Neste momento, mantemos a China na linha graças à sua dependência de energia estrangeira. Mantemos uma reserva de petróleo de sessenta dias, e o Japão de cem. A China não tem nem dez. Um bloqueio naval poderia facilmente levar o país à submissão. Oitenta por cento do petróleo que a China importa passa pelo Estreito de Ormuz e de Malaca. Eles ficam bem longe da China e nós controlamos ambos.

— Então eles se comportam, pois sabem o que poderíamos fazer? — Mais ou menos isso, embora a ameaça nunca seja colocada em palavras. Ruim, quando estamos lidando com a China. Eles não gostam de lembrete de suas fraquezas.

Malone estava feliz por não ser diplomata.

— Se Tang tiver petróleo ilimitado à sua disposição — disse ela — perderemos a pouca influência que temos. A China praticamente controla o mercado de moedas atualmente e é nosso credor número um. Embora nós não gostemos de admitir, precisamos da China. Se os poços de petróleo

chineses forem infinitos, eles serão capazes de expandir a economia deles à vontade, forçar quaisquer políticas que queiram, sem a menor preocupação com o que os outros se importam ou pensam.

— O que está deixando a Rússia nervosa.

— O suficiente para afastarem Tang.

Ok, ele estava convencido. Isso era sério.

— Sei que pode achar que sou uma tola. Mas acredite em mim, já fiz minhas apostas. Não estou contando cem por cento com Ivan.

Ainda assim...

— Precisa de mais ajuda.

— Mais ou menos isso.

— Suponho que isso signifique que temos de encontrar Sokolov antes de Ivan. E Cassiopeia parece o caminho mais rápido.

Ela assentiu.

— Vamos entrar no jogo dos russos e encontrar Cassiopeia. Se Ivar conseguir deter Tang enquanto isso, será bom para nós. Se não, precisarei da sua ajuda para esconder Sokolov deles.

Ele conhecia as regras. Mesmo se Tang vencesse e conseguisse o controle da China, se Sokolov estivesse no Ocidente, uma moeda de barganha seria substituída pela outra.

— Só espero que Cassiopeia aguente firme até chegarmos lá.

* * *

Tang olhou pela janela enquanto o helicóptero subia pelo céu noturno. Viu luzes bruxuleando, vindo da Cova 3, e soube que o que restava dos manuscritos escondidos de Qin Shi estava queimando. Só seriam necessário alguns momentos para acabar com todas as sedas e transformar bambu em cinzas. Quando algum alarme soasse, não teria sobrado mais nada. A causa? Curto-circuito. Fios defeituosos. Transformador ruim. Qualquer coisa. Nada levaria a crer que o incêndio foi intencional. Outro problema resolvido. Mais do passado erradicado.

O que estava acontecendo na Bélgica agora o preocupava. O copiloto chamou sua atenção e apontou para um fone de ouvidos. Tang colocou-o.

— Uma ligação para o senhor, ministro.

Ele esperou, então escutou uma voz familiar.

— Tudo correu bem.

Viktor Tomas ligando da Bélgica. Já estava na hora.

— Vitt está a caminho? — perguntou Tang.

— Ela fugiu, exatamente como previ. Mas ela conseguiu me apagar antes de sair. Minha cabeça está doendo.

— Mas você consegue rastreá-la?

— Contanto que ela fique com aquela arma. Até agora o sinal está funcionando.

— Muito bem pensado. Ela ficou feliz em vê-los?

— Não muito.

— Você precisa saber que Pau Wen está recebendo uma visita enquanto nos falamos. Ordenei um ataque.

— Achei que eu estivesse no controle aqui.

— O que lhe deu essa impressão?

— Não posso garantir sucesso se o senhor me neutraliza. Eu estou aqui, o senhor não.

— Ordenei um ataque. Discussão encerrada.

Um momento de silêncio se passou, então Viktor disse:

— Estou indo atrás de Vitt. Entrarei em contato quando tiver novidade.

— Quando estiver com o lampião...

— Não se preocupe — disse Viktor. — Eu sei. Vitt não sairá viva. Farei isso do meu jeito. Pode ser?

— Como disse, você está aí, eu estou aqui. Faça do *seu* jeito.

Cassiopeia passou a primeira marcha, soltou a embreagem e desceu a estrada com o Toyota. Mais dois movimentos e passou a terceira. Não sabia bem para onde estava indo, apenas que era para longe de Viktor Tomas.

Será que ele realmente achou que ela o levaria junto?

Olhou pelo espelho retrovisor. Nenhum carro à vista. Uma paisagem sem árvores estendia-se pelos dois lados da estrada, e os únicos elementos que quebravam a monotonia verde eram o gado pastando e torres de igrejas bem distantes. Já determinara que estava em algum lugar na região centro-norte da Bélgica, já que seus vales cheios de árvores e planaltos ficavam confinados na parte sul do país. Perto da fronteira com a Alemanha, ela sabia que havia pântanos, e nada disso era visível dali. Nem o oceano, que era a fronteira do extremo norte.

Passou a quarta marcha, ainda observando à sua volta, e olhou para o relógio digital: 17h20. O marcador de combustível mostrava que havia três quartos de gasolina no tanque.

Muito conveniente.

Viktor mandou o guarda à sua cela sabendo que ela o dominaria, depois esperou, fingindo dar um telefonema, ela confrontá-lo. Ela se lembrou da Ásia Central, da última vez que Viktor estava, supostamente, ao seu lado.

— De jeito nenhum — disse ela.

Colocou o pé no freio.

O Toyota foi diminuindo a velocidade até parar. Viktor desempenhar um papel, mudando de lados a cada hora — com os asiáticos, depois com os americanos e, então, com os asiáticos de novo. E verdade, ele acabara do seu lado e ajudara, ainda assim — e agora?

Viktor queria que ela pegasse o carro.

Ok, ela o pegou, mas não estava indo para onde ele acreditava que ela ia. O Museu Dries Van Egmond na Antuérpia certamente estaria fechado para o dia. Teria de esperar escurecer para recuperar o lampião.

E ela não podia levar Viktor até lá.

Passou a primeira e voltou para a estrada. Dois quilômetros depois, viu uma bifurcação, na qual uma placa dizia que a Antuérpia ficava 20 quilômetros a oeste. Acelerou nessa direção.

* * *

Ni desceu a escada e seguiu um surpreendentemente ágil Pau Wer até o pátio, onde o anfitrião bateu palmas três vezes. Uma porta abriu-se e

quatro jovens chineses apareceram, todos usando macacão cinza de paraquedista e tênis pretos.

Reconheceu um dos homens imediatamente.

Do vídeo.

— Sim, ministro — disse Pau —, ele trabalha para mim.

Os compatriotas andaram com passos firmes de atletas, parando na frente de Pau em uma fila, os olhares fixos e insensíveis, rostos imóveis.

— Quatro homens armados estão se aproximando pelo portão da frente. Vocês sabem o que fazer.

Eles concordaram em uníssono e deixaram o pátio.

— Achei que morasse sozinho — disse Ni.

— Eu não disse isso.

Ele segurou o braço de Wen.

— Estou cansado das suas mentiras. Não sou alguém com quem o senhor deva brincar.

Pau claramente não gostou do gesto.

— Tenho certeza de que não. Mas enquanto o senhor está aqui demonstrando a sua força, quatro homens armados estão se aproximando da casa. Já considerou a hipótese de que o senhor pode ser o alvo deles?

Ni soltou o braço do velho.

Não, não tinha pensado nisso.

Pau acenou e eles voltaram para dentro da casa, encontrando uma pequena antessala, decorada apenas com um tapete oval vermelho e duas estantes laqueadas pretas. Dentro delas, penduradas em hastes de prata, havia diversas pistolas.

— Escolha uma, ministro — disse Pau.

Ele pegou uma Glock.

— O pente está cheio — informou Pau. — Tem mais munição na gaveta.

Ni verificou sua arma para certificar-se, depois pegou mais três pentes.

Era bom ter uma arma na mão.

Pau apertou seu ombro.

— Vamos mostrar para Karl Tang que a luta que está por vir não será fácil.

* * *

Cassiopeia estava nos arredores da Antuérpia. Conhecia a cidade, já tendo visitado várias vezes. O rio Escalda corria por um lado, e os outros três lados eram protegidos por uma série de bulevares cujos nomes lembravam as forças Aliadas que lutaram pela liberdade de Flandres na Primeira Guerra Mundial. Seu centro histórico abria-se como um leque em volta da catedral, da prefeitura renascentista e de um castelo. Não era um parque temático medieval abarrotado de turistas, mas uma cidade próspera cheia de lembranças de quando era um dos lugares mais influentes do continente europeu.

Encontrou a estação de trem central, uma mistura de mármore, vidro e ferro batido, e estacionou a uma quadra dali, em um local com uma placa de proibido. Se Viktor a estivesse rastreando pelo carro, a trilha acabaria ali. Esperava que a polícia da cidade o rebocasse logo dali.

Enfiou a arma na cintura, deixando a camisa escondê-la. Seu corpo e sua mente estavam no limite. Precisava dormir. Mas também precisava livrar-se de Karl Tang, pelo menos até estar pronta para negociar.

Atravessou a rua e passou embaixo de várias árvores floridas, na direção do zoológico da Antuérpia. Entre a estação de trem da cidade e o museu de história natural, estendia-se um parque cheio de folhagem. Um local calmo, principalmente agora que o zoológico já estava fechado para o dia. Encontrou um banco de onde conseguia ver o carro estacionado a uns 200 metros, e com o tronco de uma árvore atrás.

Deitou no banco, a arma em cima do seu umbigo, embaixo da blusa.

Ainda faltavam, pelo menos, umas três horas para escurecer.

Descansaria enquanto isso.

E faria vigília.

PROVÍNCIA GANSU, CHINA
QUARTA-FEIRA, 16 DE MAIO
2H10

Tang saiu do carro e avaliou o bem iluminado sítio. O equipamento portátil suportava um guindaste vermelho e branco que se levantava 40 metros. Quando ele requisitara o equipamento ao ministro do petróleo, ele sabia que seria exigida pelo menos uma fábrica com potência mecânica de 600 CV, equipada com circulação interna e sistema de resfriamento de água, classificada para perfurações de pelo menos 3 mil metros. Discretamente, ele despachara o equipamento apropriado por terra para Gansu, onde já trabalhara no governo da província. Segundo a lenda, essa região era a terra natal de Fu Xi, o patriarca mítico de todos os chineses, e algumas escavações recentes confirmaram que pessoas realmente tinham vivido ali mais de 10 mil anos atrás.

Ele dormira durante o voo de noventa minutos, preparando-se para o que estava por vir. As 48 horas seguintes seriam críticas. Cada passo tinha de ser dado sem erros, cada oportunidade, maximizada.

Escutou o ruído das turbinas de diesel, geradores elétricos e bombas de circulação. Gansu era um baú do tesouro de recursos naturais, cheio de carvão, ferro, cobre e fósforo. Seus ancestrais também sabiam disso. Os registros, alguns dos quais sobreviveram e ele acabara de ver na câmara recém-aberta da Cova 3, mostravam longos inventários de minerais e metais preciosos. Tang ordenara esta exploração em particular em busca de um desses recursos: petróleo.

O solo no qual estava pisando já suportava uma das maiores fontes da China. Infelizmente, os poços de Gansu secaram havia mais de duzentos anos.

O superintendente do sítio aproximou-se, um homem com rosto fino, testa alta e cabelos pretos puxados para trás. Ele trabalhava diretamente para o Ministério da Ciência, e fora enviado para ali por Tang, junto com uma equipe de confiança. O governador de Gansu questionou a atividade não autorizada, mas simplesmente recebeu a informação de que o ministro estava explorando e, se tudo corresse bem, os resultados trariam benefícios econômicos.

O que era verdade.

Só que mais para ele do que para o governador.

— Que bom que o senhor estava por perto — gritou o superintendente

por causa do barulho. — Acho que eu não teria conseguido conter isso por mais tempo. — Um sorriso apareceu nos lábios do homem. — Nós conseguimos.

Tang sabia o que essa afirmação significava.

Este sítio fora especificamente selecionado 11 meses atrás, não por geólogos, mas por historiadores. Uma área tinha sido aberta e nivelada, depois uma estrada de acesso fora aberta na floresta. Um mapa de 2.200 anos, descoberto no noroeste de Gansu, fora a fonte. O mapa, feito em quatro placas de pinheiro idênticas, representava a divisão administrativa, geográfica e econômica da região na época de Qin Shi. Oitenta e dois foram indicados com nome, além de rios, florestas e montanhas. Um desses rios ainda corria a 500 metros dali. Até as distâncias das estradas imperiais estavam claramente especificadas. Na falta das coordenadas de latitude e longitude, transpor esses locais para a realidade provou-se uma tarefa difícil, mas bem-sucedida.

Foi Jin Zhao quem conseguiu.

Antes de ele ser preso, antes da hemorragia, antes do julgamento, da condenação e da execução, Zhao encontrou este sítio.

— Atingimos a profundidade três dias atrás — relatou o superintendente. — Esperei para comunicar-lhe até ter certeza. — Tang viu o sorriso no rosto do homem. — O senhor estava certo.

— Mostre-me.

Ele foi levado a uma plataforma de perfuração, onde trabalhadores estavam ocupados. Tang mantivera a equipe pequena de propósito.

— Atingimos a camada de areia betuminosa há cinco dias — disse o superintendente, apesar do intenso barulho.

Ele sabia o que isso significava. Quando o lodo retirado revela areia betuminosa significa que o petróleo não está longe.

— Baixamos sensores pelos buracos. Verificamos as pressões e extraímos amostras. Tudo parecia bem. Então, começamos a selar.

Tang sabia o que havia sido feito depois. Pequenos detonadores foram baixados até alguns buracos com cargas de explosivos. Depois tubos foram colocados através dos buracos e qualquer vazamento foi selado. No topo dos tubos, inúmeras válvulas foram cimentadas no lugar. Petróleo jorrando de um poço era a última coisa que eles queriam. "Dominar o petróleo cru" com um fluxo calculado era muito melhor.

— Estávamos bombeando ácido desde ontem — disse o superintendente. — Paramos algumas horas atrás para esperar a sua chegada.

O ácido era usado para dissolver os últimos centímetros restantes de calcário entre o poço selado e o petróleo. Uma vez que não houvesse mais calcário, o petróleo pressurizado subiria e seria controlado pelas válvulas.

— Infelizmente, parei o ácido um pouco tarde demais. Uma hora atrás, aconteceu isto.

Ele observou o superintendente abrir uma válvula e petróleo cru cair em um barril.

Na mesma hora, Tang percebeu a pressão.

— É forte.

O homem assentiu.

— Tem muito petróleo lá embaixo. Ainda mais para um campo que ficou seco por duzentos anos.

Tang afastou-se do buraco, permanecendo embaixo do guindaste vermelho e branco. Começou a pensar mais como um cientista, menos como um político, considerando as implicações.

Inacreditável.

Jin Zhao estava certo.

BÉLGICA

Ni segurou a glock e avançou para a frente da casa. Entrou no hall, as paredes de tijolo cinzento, que parecia bambu artificial, cobria uma seção. Estava a poucos passos da entrada principal, onde havia uma fonte de pedra. Uma visão clara das portas de carvalho era bloqueada por uma tela de seda verde. Não via os quatro empregados de Pau desde que eles desapareceram do pátio. Pau lhe dissera para cobrir a entrada principal e também sumira.

Escutou quatro *ra-tá-tás* do lado de fora.

Tiros.

Não estava nada interessado em juntar-se à confusão, mas as palavras de Pau ecoavam em sua mente. *Já considerou a hipótese de que o senhor pode ser o alvo deles?*

Mais tiros. Mais perto agora.

Fixou o olhar na porta.

Balas bateram na grossa madeira pelo lado de fora, depois atravessaram-na, atingindo as paredes e o chão. Mergulhou para se proteger atrás de uma viga polida que mantinha o telhado em pé.

As portas da frente se abriram.

Dois homens entraram com rifles automáticos.

Agachou-se em uma postura defensiva, mirou e mandou uma série de tiros na direção deles.

Os homens se dispersaram.

Estava a uns 2 metros acima deles, mas eles carregavam rifles pesados, e Ni tinha apenas uma pistola.

Onde estava Pau Wen? E seus homens?

Tiros de automática começaram a jorrar, atingindo a viga que o protegia. Decidiu que devia se retirar, então foi para o interior da casa.

Passou por um armário de madeira alto, que lhe ofereceu proteção momentânea.

Uma bala passou bem perto de sua orelha.

Luz do sol vindo de uma claraboia iluminava o hall, mas não havia como chegar à abertura, que tinha pelo menos 10 metros de altura. À sua direita, ao passar por portas de treliça vaivém, muitas abertas, ele espiou o movimento em um pátio. Outro homem carregando um rifle, e não estava usando macacão cinza de paraquedista.

Suas opções estavam diminuindo rapidamente. Parecia que esses

quatro estavam atrás dele, e não de Pau. Olhou para o pátio e viu o brilho do metal enquanto um atirador mirava através das portas de treliça. Deitou-se no chão, rastejando pela madeira encerada, enquanto balas atravessavam ripas de madeira e abriam caminho a menos de 1 metro acima dele.

Sua mente latejava.

Embora tivesse uma carreira militar, nunca tinha estado sob fogo. Muito treinamento, mas a total confusão desta situação massacrava qualquer reação ensaiada que pudesse ter.

Isto era uma loucura.

Rolou duas vezes até uma pesada poltrona de madeira e virou-a para que sua parte mais grossa lhe oferecesse cobertura.

Viu uma sombra. O homem do pátio estava avançando.

Ajoelhou-se e atirou pela treliça.

Seu corpo parecia de pedra.

Na mesma hora, mais balas vieram em resposta.

Os dois que estavam na porta da frente entraram.

Atirou duas vezes na direção deles e jogou-se pelas portas de treliça, atravessando-as, os braços afastando a madeira enquanto os olhos procuravam mais perigos.

O pátio estava vazio.

O homem com o rifle automático estava deitado no chão, atingido não por duas balas, mas por uma flecha que saía de sua espinha.

Ni escutou movimento atrás de si e sabia o que estava se aproximando, então procurou cobertura atrás de uma jardineira de pedra. Mais balas atravessaram o pátio, algumas encontrando o enorme aquário de vidro — que se estraçalhou formando uma cascata de água e peixe.

Conhecia pouco o resto da casa, exceto a sala de exposição, cuja porta estava a 10 metros de distância. Se conseguisse chegar lá, talvez conseguisse fugir por uma das janelas.

Mas qualquer esperança de salvação desfez-se quando um homem apareceu, apontando uma arma diretamente para ele. Com dois na casa e um morto a poucos metros, sabia agora onde estavam todos os invasores.

— Levante-se — mandou o homem, em chinês. — Deixe a arma no chão.

Os outros dois saíram de dentro da casa.

Soltou a arma e levantou-se.

Os peixes dourados debatiam-se em desespero pelo piso molhado. Ni compreendia o terror deles. Sua respiração também estava ofegante.

Avaliou os três, todos chineses, magros e fortes. Matadores de aluguel. Ele mesmo empregava milhares como esses por toda a China.

— Já mataram Pau Wen? — perguntou Ni.

— Você primeiro — disse o homem, balançando a cabeça.

Dois silvos antecederam o ruído de flechas atravessando carne. Dois dos homens começaram a perceber que lanças com penas penduradas na extremidade tinham atingido seus peitorais. Antes que pudessem inspirar de novo, seus corpos desmoronaram no chão, as armas caindo.

Três homens usando macacões cinza de paraquedista materializaram-se das laterais do pátio, cada um segurando um arco com a corda esticada, uma flecha no fio, pronta para ser disparada, mirando o último intruso.

— Você pode até conseguir atirar em um, dois, ou talvez três de nós — disse a voz de Pau, que não aparecia. — Mas não vai conseguir deter todos nós.

O homem pareceu considerar suas opções, resolveu que não queria morrer e abaixou o rifle.

Wen e o quarto homem saíram da sala de exposição. Dois dos homens de Wen controlaram o último intruso, levando-o embora sob a mira da flecha.

— Você estava planejando deixar que me matassem? — gritou Ni para Pau.

— Toda armadilha precisa de uma isca, ministro.

Ni estava furioso e levantou a arma, mas Pau simplesmente ignorou-o e saiu. Os outros dois homens abaixaram seus arcos e rapidamente juntaram os peixes que estavam espalhados pelo chão, desaparecendo dentro da casa.

— Eu criava esses peixes desde que nasceram — disse Pau. — Espero que não morram por causa do choque.

Ni não podia importar-se menos.

— O senhor já se deu conta do que acabou de acontecer? Aqueles homens vieram aqui para me matar.

— Essa foi exatamente a hipótese que eu levantei antes de eles chegarem. Aparentemente, Tang mandou-os para eliminar nós dois.

O ministro sentia o gosto acre de adrenalina na boca. Seu coração estava disparado. — Preciso voltar para casa.

— E o lampião? — perguntou Pau. — Achei que o senhor o quisesse.

— Não é tão importante quanto o que espera lá.

— Não tenha tanta certeza. Acho que as respostas que o senhor procura estão aqui, e eu sei exatamente como obtê-las.

PROVÍNCIA GANSU, CHINA

3H20

Tang estava sentado sozinho. Seu helicóptero fora levado para ser abastecido em um aeroporto a 50 quilômetros ao sul. Precisaria do tanque cheio, pronto para voar em quatro horas. Quando iria cuidar de Lev Sokolov.

As construções portáteis usadas pela equipe de perfuração como acomodação para dormir ficavam a 1 quilômetro do guindaste, e o superintendente oferecera seu trailer. O cômodo era arrumado, a chapa elétrica e a geladeira estavam limpas, alguns pratos de plástico estavam empilhados ao lado do forno de micro-ondas. Suas acomodações não costumavam ser assim, mas era perfeito para as próximas horas. Não estava com sono, já que o cochilo no voo vindo do museu fora restaurador. Agradeceu a solidão e refletiu sobre o fato de que tudo à sua volta um dia fizera parte do próspero Primeiro Império de Qin Shi.

Incrível o que tinham alcançado tanto tempo atrás.

Seus ancestrais tinham inventado o guarda-chuva, o sismógrafo, a roda de fiar, a porcelana, o motor a vapor, pipas, cartas de baralho, molinetes, até uísque.

Mas sal.

Esse foi o mais incrível salto de todos.

Cinco mil anos atrás, os moradores da costa ferviam a água do mar para produzir sal. Mas conforme eles foram entrando cada vez mais pelo continente, o sal, importante como complemento alimentar e preservativo, essencial para a sobrevivência deles, tornou-se mais difícil de ser encontrado. E transportá-lo por centenas de milhares de quilômetros provou-se uma tarefa assustadora. Teriam de encontrar outra fonte, e a descoberta de aquíferos — lugares de água subterrânea salgada — resolveu o problema.

A primeira descoberta registrada aconteceu na época do Primeiro Imperador, não muito longe de onde Tang estava agora. No início, os poços eram rasos, cavados à mão, mas exploração mais profunda levou à invenção da perfuração.

As primeiras brocas foram forjadas em ferro pesado, os canos eram feitos com bambu. Um ou mais homens ficavam de pé em uma prancha de madeira, projetada na forma de uma gangorra, que levantava a broca a mais ou menos 1 metro do solo. Quando caía, a broca pulverizava o solo rochoso.

Centímetro a centímetro, repetia-se esse processo. Mais tarde, historiadores levantaram a teoria de que a ideia surgiu da prática de socar o arroz para transformá-lo em farinha.

A técnica acabou tornando-se altamente sofisticada, diversos problemas ainda comuns na perfuração — desmoronamentos, ferramentas perdidas, poços desviados, retirada de escombros — foram aperfeiçoados. Poços de 100 metros tornaram-se comuns na época de Qin Shi. Tecnologia comparável só foi vista em outro lugar mais de 2 mil anos depois. Por volta de 1000 d.C., poços de 400 metros eram rotina, e enquanto as furadeiras americanas mal atingiam 500 metros no século XIX, as chinesas exploravam abaixo de 1.000 metros.

Esses primeiros inovadores, que buscaram poços de água salgada, também fizeram outra descoberta.

Uma emissão altamente combustível, sem cheiro.

Gás natural.

Eles descobriram que ele podia ser queimado, produzindo uma fonte de energia quente e limpa que dissolvia a água salgada e revelava o sal.

E eles também encontraram petróleo.

Uma matéria lamacenta — *gordurosa e pegajosa, como caldo de carne*, descreveu um observador — que borbulha de poços mais profundos. No começo, essa lama preto-esverdeada era um mistério, mas eles logo descobriram que ela também podia ser queimada, produzindo uma chama brilhante de longa duração. E também conseguia fazer os eixos de seus vagões virarem-se mais rapidamente. O petróleo tornou-se a substância dos imperadores, acendendo os lampiões de seus palácios e iluminando suas tumbas — fornecendo até uma arma poderosa para devastar um inimigo.

Tang maravilhava-se com as conquistas.

Enquanto inventavam os mecanismos de perfuração, ele sabia que eles também tinham descoberto os melhores lugares de se perfurar, criando a ciência da geologia. Eles tornaram-se especialistas em localizar crostas de sal em superfícies rochosas e detectar o cheiro pungente de água salgada escondida. Eles descobriram que arenito amarelo levava à água salgada rica em cloreto férrico, enquanto arenito preto levava a poços carregados de sulfato de hidrogênio. Claro, eles não conheciam as composições químicas, mas determinaram como reconhecer de forma eficiente e usar esses compostos.

Seu ministério tinha estudado detalhadamente a história da perfuração chinesa em busca de água salgada. Havia até um museu em Zigong que contava a história. Inacreditavelmente, nos dois últimos milênios, quase 130 mil poços foram perfurados, algumas centenas na época do Primeiro Imperador.

Um deles em particular afundava-se a 250 metros.

— *Como você sabe disso?* — Ele exigiu saber de Jin Zhao. O irritante geoquímico se recusara a cooperar, então ele finalmente mandara que Zhao fosse preso.

— *Ministro, eu não sei de nada. É tudo teoria.*

Já escutara essa explicação antes.

— É mais do que teoria. Diga-me.

Mas o prisioneiro recusava-se.

Fez um gesto e o soldado que estava a alguns metros de distância avançou sobre Zhao, arrancando-o da cadeira e dando dois socos em seu estômago. Escutei quando o velho não conseguiu respirar. Zhao caiu de joelhos, os braços envolvendo o abdome.

Um leve aceno mostrou que dois socos eram suficientes.

Zhao esforçava-se para respirar.

— Só vai piorar — disse ele. — Diga-me.

Zhao acalmou-se.

— Não me bata mais. Por favor.

— Diga o que quero saber.

Investigara toda a vida de Jin Zhao e sabia que ele não era membro do Partido, não estava associado a nenhuma atividade do Partido, e às vezes falava de forma depreciadora do governo. Seu nome aparecia com frequência na lista local de suspeitos, e ele já havia sido avisado diversas vezes para acabar com qualquer atividade dissidente. Tang agira como seu protetor mais de uma vez, evitando sua prisão, mas a condição para isso era a cooperação.

Zhao conseguiu levantar-se.

— Não vou lhe dizer nada.

O soldado acertou um soco no maxilar de Zhao. Outro no peito. E um terceiro esmagou o crânio do homem.

Zhao caiu.

Sangue escorria de sua boca semiaberta.

Dois dentes caíram.

Um chute no estômago e Zhao retraiu-se na posição fetal, braços e pernas grudados ao corpo.

Poucos minutos depois, Jin Zhao entrou em um estado de inconsciência do qual nunca despertou. Uma hemorragia cerebral protegeu tudo que ele sabia, mas uma busca em sua casa e em seu escritório revelou documentos suficientes para Tang saber que bem ali, 2.200 anos atrás, homens haviam perfurado o local em busca de água salgada e encontraram petróleo. E enquanto Jin Zhao estava deitado no chão, implorando ajuda gritando que sua cabeça estava explodindo de dor...

— Responda só uma pergunta — disse Tang. — Uma coisa simples e chamo o médico. Você vai receber cuidados. Não vai apanhar mais.

Viu a esperança da verdade nos olhos do homem.

— Lev Sokolov encontrou o local?

Zhao assentiu que sim.

Primeiro devagar, depois mais rápido.

ANTUÉRPIA

21H05

Cassiopeia desceu a rua correndo, a procura de um lugar para se esconder. Três homens estavam atrás dela desde que saíra do hotel. O lampião de dragão estava em sua mão esquerda. Carregava-o com cuidado, dentro de um saco plástico, envolvido por plástico bolha.

Prédios de tijolo vermelho e casas brancas cercavam-na, protegendo uma confusão de ruas de pedra vazias. Passou por uma praça tranquila, os três homens 50 metros atrás. Não havia mais ninguém em seu campo de visão. Não podia permitir que eles pegassem o lampião. Perdê-lo significava perder o filho de Sokolov.

— Aqui — ela escutou uma voz dizer.

Do outro lado da rua, estava Cotton Malone.

— Recebi seu recado — disse Malone. — Estou aqui.

Ele estava acenando para ela se aproximar.

Ela correu, mas quando chegou à esquina, ele não estava mais lá. Os três homens mantiveram o passo.

— Aqui.

Ela olhou para uma travessa estreita. Malone estava a 50 metros de distância, ainda acenando para ela se aproximar.

— Cassiopeia, você está cometendo um erro.

Ela se virou.

Henrik Thorvaldsen apareceu.

— Você não pode ajudá-lo.

— Estou com o lampião.

— Não confie nele — disse o dinamarquês, e então desapareceu. Seus olhos procuraram pelas ruas e edifícios. Os três homens não tinham, chegado mais perto e Malone ainda acenava para ela se aproximar.

Ela correu.

Cassiopeia acordou.

Estava deitada no banco da praça. A luz do dia havia se apagado, e céu agora parecia desbotado. Estava dormindo havia um tempo. Olhou para trás, além do tronco da árvore. O Toyota continuava estacionado, e não havia nenhum policial ou vagabundo por perto. Afastou o sono de sua mente. Estava mais cansada do que imaginara. A arma continuava embaixo de sua blusa. O sonho alongava-se em sua cabeça.

Não confie nele dissera Henrik Thorvaldsen.

Em Malone?

Ele era a única outra pessoa lá.

Ela estava a meia hora de distância do Museu Dries Van Egmond. O passeio a ajudaria a ter certeza de que não estava sendo seguida. Tentou não dar atenção às suas emoções, fazer sua mente parar de questionar, mas não conseguia. A aparição de Viktor Tomas a deixara nervosa.

Era a ele que Henrik Thorvaldsen referira-se?

Viu uma fonte de água, caminhou até lá e tomou alguns goles.

Enxugou a boca e se endireitou. Hora de acabar com isso.

* * *

Malone saiu do helicóptero Nato em um pequeno aeroporto ao norte da Antuérpia. Ivan seguiu Stephanie pela pista de aterrissagem. Stephanie providenciara o voo rápido de Copenhague. Quando eles estavam longe das hélices, o helicóptero voltou para o céu da noite.

Dois carros com motorista esperavam.

— Serviço Secreto — informou ela. — De Bruxelas.

Ivan falara pouco durante a viagem, apenas jogou conversa fora sobre televisão e filmes. O russo parecia obcecado por entretenimento americano.

— Tudo bem — disse Malone. — Estamos aqui. Onde está Cassiopeia?

Um terceiro carro aproximou-se vindo do outro lado do terminal, passando por filas de jatinhos luxuosos.

— Meu pessoal — disse Ivan. — Preciso falar com eles.

O russo gorducho caminhou até o carro, que parou. Dois homens saíram.

Malone chegou mais perto de Stephanie.

— Ele tem pessoal aqui?

— Parece que sim.

— Nós temos *alguma* inteligência independente nisto? — perguntou ele baixinho. Ela balançou a cabeça.

— Não temos tempo suficiente. Será amanhã bem cedo, antes que eu consiga qualquer coisa.

— Então, estamos expostos, como cego em tiroteio.

— Essa não é a primeira vez.

Era verdade.

Ivan voltou para perto deles, falando enquanto andava:

— Temos um problema.

— Por que isso não me surpreende? — perguntou Malone.

— Vitt está na jogada.

— Por que isso é um problema? — perguntou Stephanie.

— Ela fugiu dos sequestradores.

Malone desconfiou.

— Como você sabe disso?

Ivan apontou para os dois homens ao lado do carro.

— Eles estavam vigiando e viram quando tudo aconteceu.

— Por que não a ajudaram? — Mas ele sabia a resposta. — Você que

que ela nos leve ao lampião.

— Isto é operação de inteligência — disse Ivan. — Tenho um trabalho a fazer.

— Onde ela está?

— Por perto. Indo para um museu. Dries Van Egmond.

A raiva dele aumentou.

— Como você sabe disso?

— Vamos.

— Não, nós não vamos — disse Malone.

A expressão de Ivan ficou tensa.

— Eu vou. Sozinho. — Malone deixou claro.

O rosto pálido de Ivan abriu um sorriso.

— Já tinham me alertado sobre você. Dizem que você é um Cavaleiro Solitário.

— Então, você sabe que é melhor ficar fora do meu caminho. Vou encontrar Cassiopeia.

Ivan encarou Stephanie.

— Você assume agora? Acha que vou permitir isso?

— Olhe — disse Malone, respondendo a ela. — Se eu for sozinho tenho mais chances de descobrir o que você quer. Vocês aparecem com todos esses capangas e não vão conseguir nada.

Cassiopeia é profissional. Ela sabe o que fazer. Pelo menos era o que ela esperava.

Ivan apontou um dedo para o peito de Malone.

— Por que eu confiaria em você?

— Venho me fazendo a mesma pergunta sobre você.

O russo tirou um maço de cigarros do bolso e enfiou um entre os lábios. Encontrou uma caixa de fósforo e o acendeu.

— Não estou gostando disso.

— Como se eu me importasse com o que você gosta. Quer que o serviço seja feito. Eu faço.

— OK — disse Ivan enquanto soltava a fumaça. — Encontre-a. Pegue o que queremos. — Ele apontou para o carro. — Eles podem mostrar o caminho.

— Cotton — disse Stephanie. — Vou providenciar um pouco de privacidade. A polícia da Antuérpia sabe o que está acontecendo. Só não sabem onde. Preciso garantir a eles que nenhuma propriedade será destruída, que não haverá uma porta ou janela quebrada. Apenas vá lá, pegue-a e saia.

— Não deve ser um problema.

— Sei que não devia ser um problema, mas você tem uma reputação.

— Isso não é Patrimônio Mundial, é? Só destruo esses.

— Apenas entre e saia, OK?

Ele se virou para Ivan.

— Assim que eu puder entrar em contato, ligarei para Stephanie.

Mas terei de sondar Cassiopeia. Ela pode não querer sócios.

Ivan levantou e apontou um dedo.

— Ela pode não querer, mas terá sócios, sim. Isso é bem maior do que um garoto de 4 anos.

— É exatamente por isso que você vai ficar aqui. Se falar essas palavras perto dela, ela some.

Ele não planejava cometer o mesmo erro que cometera em Paris com Henrik Thorvaldsen. Cassiopeia precisava de sua ajuda e ele iria ajudá-la Incondicional e desprendidamente. E Ivan podia ir para o inferno.

Ni, ainda abalado pelo ataque, assistiu enojado. O quarto homem, capturado por Pau Wen, foi levado para fora da casa, além dos muros cinzentos, até um celeiro que ficava uns 50 metros atrás do terreno, entre árvores grandes. Os quatro assistentes de Pau tiraram as roupas do homem, amarraram seu corpo com uma corda grossa, depois o levantaram no ar, suspenso por um guindaste de madeira em forma de L.

— Tenho cavalos e bodes — disse Pau. — Usamos o guindaste para armazenar feno na parte de cima do celeiro.

O guindaste levantou 10 metros, até uma porta dupla na altura do telhado. Um dos homens de Pau, o do vídeo, estava parado nesta porta. Os outros três homens — todos usando túnica verde e sem mangas — ataçavam as chamas de uma fogueira no térreo, usando troncos secos e feno como combustível. Mesmo a 10 metros de distância o calor era intenso.

— Precisa ficar quente — disse Pau. — Senão, o esforço seria em vão.

A noite tinha chegado, preta e fria. O homem amarrado pendia perto do cume do guindaste, a boca selada com uma fita adesiva, mas sob a luz bruxuleante, Ni viu horror no rosto do homem.

— Qual o propósito disso? — perguntou Ni.

— Precisamos de informações. Perguntamos educadamente, mas ele se recusou a falar.

— O seu plano é assá-lo?

— De forma alguma. Isso seria uma barbaridade.

Ni estava tentando permanecer calmo, dizendo a si mesmo que Kar Tang tinha ordenado a sua morte. Conspirações, expurgos, prisões, tortura, julgamentos, encarceramentos e até execuções eram comuns na China.

Mas assassinato político aberto?

Talvez Tang achasse que, como o assassinato ocorreria na Bélgica, não precisaria dar explicações. A morte repentina de Lin Biao, o escolhido para suceder Mao, em 1971, nunca fora totalmente documentada. Biao supostamente morreu em um acidente de avião na Mongólia enquanto tentava fugir da China, depois de ser acusado de estar envolvido em uma conspiração para derrubar Mao. Mas apenas a versão do governo sobre o que aconteceu foi divulgada. Ninguém sabia onde, como ou quando Lin Biao morreria, apenas que ele tinha falecido.

E ficava repetindo para si mesmo que o homem pendurado pelo guindaste viera ali para matá-lo.

Um dos homens acenou indicando que o fogo estava pronto.

Pau esticou o pescoço e assentiu.

O homem no celeiro rodou o guindaste de forma que não ficasse mais paralelo, e sim perpendicular ao celeiro. Isso fez com que os pés descalços do homem passassem a uns 3 metros das chamas.

— Não deixem que o fogo toque a carne — instruiu Pau. — Intensifiquem. Rápido demais. Contraproducente.

Ni lembrou-se da lição sobre tortura. Este homem velho parecia ser um conhecedor. Mas de tudo que Ni sabia sobre Mao, todos do regime eram mestres da arte. Pau estava imóvel, vestido em uma túnica de gaze branca, assistindo enquanto o homem amarrado lutava contra as cordas.

— Você vai responder às minhas perguntas? — perguntou Pau. O homem não esboçou nenhuma reação. Apenas continuou lutando.

— Está vendo, ministro — disse Pau —, o calor é excruciante, mas existe uma coisa bem pior.

Um leve movimento no pulso de Pau e um dos homens jogou o conteúdo de um balde nas chamas. Um assobio, seguido de uma onda de calor, arremessou o pó para cima conforme ele vaporizava, envolvendo o prisioneiro em uma nuvem abrasadora. A agitação do homem aumentou muito, seu sofrimento era óbvio.

Ni captou um odor no ar da noite.

— Pó de pimenta — disse Pau. — A fumaça sozinha causa uma agonia incrível, mas o vapor químico contínuo aumenta a intensidade do calor na pele. Se ele não fechasse os olhos, ficaria cego por muitas horas. O vapor irrita as pupilas.

Pau acenou de novo e outro balde com pó de pimenta foi jogado.

Ni pensou que o prisioneiro não iria suportar aquilo.

— Não fique com pena dele — disse Pau. — Este homem trabalha para Karl Tang. Seu inimigo. Eu simplesmente quero que ele nos diga tudo o que sabe. Na verdade, Ni também.

O fogo continuava enfurecido, as chamas certamente começando a chamuscar os pés do homem.

A cabeça do prisioneiro começou a assentir, sinalizando sua rendição.

— Desta vez, não demorou muito. — Pau fez um sinal e o homem no celeiro rodou o guindaste, tirando o corpo do homem de cima das chamas. A fita foi arrancada de sua boca. Um grito agonizante encheu o ar.

— Ninguém vai escutar — avisou Pau. — Os vizinhos mais próximos ficam a quilômetros de distância. Diga-me o que queremos saber ou volte para lá.

O homem respirou fundo algumas vezes e pareceu acalmar-se.

— Tang... quer o senhor morto. O ministro Ni também.

— Conte mais — ordenou Pau.

— Ele está... indo atrás... do lampião. Enquanto... estamos aqui.

— E Cassiopeia Vitt?

— Ela também... está indo atrás do lampião. Deixaram... que ela fugisse. Está sendo... seguida.

— Viu, ministro — sussurrou Pau baixinho. — É por isso que a tortura resiste há tanto tempo. Funciona. Descobrimos muitas coisas vitais.

A sensação de enjoo que Ni sentia só aumentou. Não havia regras nem limites para a moralidade dele? O que tinha acontecido com a consciência dele?

Pau fez outro gesto, e abaixaram o prisioneiro até o chão. Na mesma hora, um dos homens de Pau pegou uma arma e atirou na cabeça do homem amarrado.

Ni permaneceu em silêncio, depois finalmente perguntou:

— Isso era necessário?

— O que o senhor queria que eu fizesse? Que o soltasse?

Ni não respondeu.

— Ministro, como o senhor vai governar a China se não tiver estômago para se defender? Ni não gostou da crítica.

— Acredito em tribunais, na lei e na justiça.

— O senhor está prestes a entrar em uma batalha da qual apenas um de vocês sobreviverá. Nem os tribunais, nem as leis ou justiça decidirão esse conflito.

— Eu não sabia que esta seria uma luta até a morte.

— Karl Tang não deixou isso claro?

Ni acreditava que sim.

— Tang é cruel. Ele mandou esses homens para acabar com a batalha antes mesmo de ela começar. Qual será a sua resposta, ministro?

As últimas horas, nesse lugar prosaico, tinham-no deixado com uma sensação de vulnerabilidade, desafiando tudo que ele achava que sabia sobre si mesmo. Nunca ordenara diretamente a morte de ninguém — embora tenha prendido muitos que acabaram sendo executados. Pela primeira vez, a enormidade do que ele estava prestes a fazer pesou em seus ombros. Talvez Pau estivesse certo. Governar a China exigia força. E ele se perguntou: conseguiria matar com o mesmo sangue-frio que Pau Wen demonstrou?

Provavelmente não.

— E melhor nós irmos — disse Pau. — Não é muito longe daqui.

Ni sabia para onde iam.

Para o Museu Dries Van Egmond.

Antes que fosse tarde demais.

PROVÍNCIA GANSU, CHINA

Tang abriu a porta do trailer e saiu para a noite sem lua, as estrelas escondidas atrás das nuvens. O ar ali, a centenas de quilômetros da cidade mais próxima, era refrescante e limpo. Flexionou as pernas. Antigas emoções ferviam dentro de si. Estava perto — bem perto — e sabia disso.

Pensou em seu pai e em sua mãe, almas ingênuas que não sabiam nada do mundo além da simples aldeia onde moravam. Viveram cercados por árvores e plantações, presos nas encostas de uma montanha. Seu único irmão morrera no Tibete, encurralando os rebeldes. Ninguém nunca explicou o que aconteceu lá. Seus pais nunca perguntariam, e não havia qualquer registro.

Mas isso não importava.

Lute no grupo. Era isso que Mao pregava. Acredite no Partido, confie no Estado. O individual não significava nada.

Sua família venerava Mao. Mas seu pai também gostava bastante do Confúcio, assim como o pai dele havia gostado.

Só depois que Tang deixou a aldeia, especialmente escolhido para receber educação secundária e superior, percebeu a drástica contradição. Seu professor de filosofia na faculdade abriu seus olhos.

— *Deixe-me contar-lhe sobre um homem que morava no estado de Song e cultivava sua terra todos os dias. Seu trabalho provia bastante comida para sua família e sua aldeia. No meio do campo, havia um toco de árvore. Um dia, uma lebre, correndo a toda velocidade, bateu no toco, quebrou o pescoço e morreu. Isso foi um tanto fortuito, já que todos gostavam muito de carne. Depois disso, o homem deixou sua plantação e passou a ficar vigiando o toco, na esperança de conseguir outra lebre da mesma maneira. Mas ele nunca mais conseguiu, e sua família e aldeia sofreram com essa negligência. Esse é o defeito do confucionismo. Aqueles que tentam governar o presente com a conduta do passado cometem a mesma tolice.*

Ele escutou os ruídos distantes dos geradores do guindaste. Não faltava muito para o amanhecer. Pensou de novo no professor da universidade, aquele que um dia lhe perguntou:

— *O que fará depois que se formar?*

— *Pretendo estudar em Pequim e fazer mestrado em geologia.*

— *A terra lhe interessa?*

— *Sempre me interessou.*

— *Você tem espírito e é promissor. Percebi isso nos últimos três anos. Talvez considerasse outra coisa além de seus estudos, algo que tenha a ver com responder às*

perguntas que me faz constantemente?

Nos dias que se seguiram, ele escutara o professor explicar sobre a distante dinastia Shang, a mais antiga da qual havia provas documentadas, que existiu quase 4 mil anos atrás. Um estado altamente desenvolvido com sistema de recolhimento de impostos, código penal e exército, que era governado por um autocrata que se intitulava *Eu, o homem sozinho e único*.

— *Isso foi significativo* — dissera o professor. — *A primeira vez que temos notícia de um único homem assumindo total controle sobre muitos.*

A dinastia Zhou sucedeu a Shang e levou o ideal autocrático adiante expandindo a autoridade do governante.

— *Dizia-se que toda a terra embaixo do Céu pertencia ao rei e que todas as pessoas nessas terras deviam-lhe obediência.*

Mas governar um reino tão grandioso de apenas um lugar provou-se uma tarefa difícil, então os reis Zhou criaram o feudalismo — parentes que recebiam soberania limitada sobre porções do domínio, além de títulos como *duque, marquês, conde e barão*.

— *Um sistema que o Ocidente só conseguiu criar mil anos depois.* A lealdade ao rei era garantida através do sangue, e não de juramento, mas, com o passar dos anos, os lordes locais começaram a dividir os próprios feudos. Esses vassallos acabaram revoltando-se e eliminando o rei Zhou, rebaixando o a seu igual.

— *Isso levou ao Período das Primaveras e Outonos, uma guerra caótica d todos contra todos. Em 250 anos, quinhentas guerras foram disputadas entre os estados feudais. Finalmente, todos acreditaram que o Estado de Qu, que ocupava a região central banhada pelo rio Azul, sairia vitorioso. Esse medo fez com que os Estados menores buscassem a proteção de Qi. Com maior força militar, economia sólida e governante hábil, Qi podia ajudar os outros. Uma liga de defesa mútua foi estabelecida e o duque de Qi foi nomeado Hegemônico, ou Ba da liga, com a função de preservar a paz. E foi o que ele fez.*

Achava adequado, já que *Ba* significava "pai, protetor".

Mas o que mais interessava-lhe era a forma como conseguiram a proteção.

Toda a população foi organizada em filas militares. As lojas eram reguladas, um monopólio estabelecido sobre a produção de moedas, sal e ferro, controlado pelo Estado. Os resultados foram um exército forte e uma economia sólida, que não apenas oferecia proteção contra os inimigos como também fortalecia o poder do Hegemônico.

— *Esses foram os primeiros legalistas* — dissera o professor. — *Uma escola política dedicada a exaltar o governante e maximizar a autoridade. A filosofia deles era simples. O soberano é criador da lei, os oficiais são os seguidores da lei, o povo está sujeito à lei. O soberano sábio detém seis poderes. A habilidade de conceder vida, de matar, de enriquecer, de empobrecer, de promover e de rebaixar.*

E o conceito espalhou-se por outros Estados.

No final do Período das Primaveras e Outonos, após trezentos anos de constante agitação, por volta de 481 a.C., 22 dois Estados sobreviveram. O resto foi absorvido pelos vizinhos.

— A luta piorou no período dos Reinos Combatentes que veio em seguida — contara o professor. — Após mais de duzentos anos de conflito, sete Estados surgiram, cada um governado por um Hegemônico. Os conselheiros deles eram todos irmãos do Ba, legalistas que ensinavam que os outros deviam pagar impostos a ele, que era a força maior, enquanto os que tinham menos força pagariam impostos aos outros. O Ba consolidou sua influência sobre os reis, defendendo o fim do sistema feudal. Postos herdados foram substituídos por burocratas nomeados, que podiam ser dispensados ou até executados segundo a vontade do governante. Feudos herdados foram retomados em unidades administrativas e chamados de condados. Deforma inteligente, nomeando oficiais que eram meras extensões de si mesmo, o Hegemônico reuniu todo o poder nele mesmo.

No final do período dos Reinos Combatentes, o Ba assumiu controle virtual sobre as monarquias. Embora outros feitos tecnológicos fossem mais conhecidos — a descoberta da pólvora, o cultivo do bicho-da-seda —, Tang acreditava que a invenção chinesa que mais impactou o mundo era o totalitarismo.

— Foi uma revolução de cima — explicara seu professor. — O povo não resistiu, estava prostrado depois de cinco séculos de guerras incessantes. E ninguém podia questionar a ordem que os legalistas ofereciam. E embora tudo isso tenha ocorrido aproximadamente 2.500 anos atrás, até hoje todos os chineses temem de forma irracional o caos e a desordem.

Uma década depois, o reino de Qin conquistou os sete Estados sobreviventes, transformando um ducado retrógrado e seis vizinhos em guerra no Primeiro Império.

— Qin Shi implantou o legalismo na nossa cultura, e isso permanece até hoje, embora o conceito tenha mudado no decorrer dos séculos. Por causa dessas mudanças, eu e você temos de conversar mais.

E eles conversaram, muitas vezes mais.

— Estude Mao — aconselhara seu professor. — Ele é um legalista moderno. Ele compreendia o temor que as mentes chinesas têm do caos. E isso, mais do que qualquer outra coisa, explica tanto o sucesso como o fracasso dele.

Tang estudara.

Nacionalmente, Mao quis unir, fortalecer e proteger a China, exatamente como Qin Shi fizera. Socialmente, ele quis transformar a China em uma sociedade igualitária na tradição Marxista. Pessoalmente, ele quis transcender a própria mortalidade e assegurar que sua Revolução se tornasse irreversível.

Ele foi bem-sucedido no primeiro objetivo. O segundo foi um fracasso total.

E o terceiro?

Essa é uma pergunta não respondida.

Era impressionante como ele ficara parecido com Qin Shi. Ambos estabeleceram regimes novos, trazendo unidade após longos períodos de agitações sangrentas, massacrando todos os feudos locais. Eles eram padronizadores, engenheiros sociais, insistindo em um único idioma e uma única moeda, na ortodoxia e na lealdade. Ambos abominavam os

comerciantes e calaram os intelectuais. Incentivavam a adoração a eles mesmos e inventaram novos títulos para satisfazer seus egos. Qin escolhera *Primeiro Imperador*, enquanto Mao preferiu *Presidente*. Na morte, ambos foram sepultados com opulência e severamente criticados, mas a estrutura de seus regimes perdurou.

— Isso não foi um acidente — dissera seu professor durante uma de suas últimas conversas. — Mao compreendia o Primeiro Imperador. Você também dev compreender-lo.

E ele compreendia.

Nenhum líder chinês do século XX conquistou a devoção do povo como Mao. Ele tornou-se um imperador, e nem um único pacto que Pequim fez depois com o povo podia se comparar ao "destino do Paraíso" que imperadores como Mao gozaram.

Mas os dias de Mao tinham chegado ao fim.

Seja fiel a soluções políticas propostas séculos atrás por eruditos mortos há muito tempo. Foi o conselho de Confúcio como forma de compreensão. Isso parecia impossível. Uma segunda lebre não morreria no mesmo toco.

Tang concordava sinceramente com a Revolução Cultural de Mao. Em deferência a isso, ele deixara de usar a forma tradicional do seu nome — Tang Karl, com o nome da família primeiro. Escolheu a forma moderna Kar Tang. Lembrava-se de quando os Guardas Vermelhos percorreram o país fechando escolas, prendendo intelectuais, restringindo publicações, acabando com mosteiros e templos. Qualquer coisa que lembrasse o passado feudal e capitalista da China fora destruído — velhos costumes, velhos hábitos, velha cultura e forma antiga de pensar foram todos eliminados.

Milhões morreram, e outros milhões foram afetados.

Ainda assim, Mao era mais amado do que nunca, e o Estado, mais forte do que nunca.

Olhou no relógio, depois respirou o ar puro mais algumas vezes.

Um sorriso se formou em seus lábios.

Estava na hora de começar.

ANTUÉRPIA

Cassiopeia aproximou-se do museu, dirigindo-se para os fundos para a mesma entrada que vigiara dois dias antes. Encontrara o museu Dries Van Egmond em um guia de hotel enquanto tentava decidir o melhor lugar para esconder o lampião. O museu abrigava uma coleção de objetos de arte dinamarqueses, franceses e flamengos. Mas a cômoda chinesa foi o que realmente chamou sua atenção.

Esperava que o lampião tivesse passado despercebido.

Passara por casais voltando para casa e pedestres perdidos nos próprios pensamentos, mas ninguém escondido em alguma entrada ou seguindo furtivamente seus passos. Propagandas coladas nas vitrines chamavam atenção para as lojas fechadas. Mas ela ignorou todas as distrações. Precisava recuperar o lampião e entrar em contato com Sokolov. Essa conexão seria intermediada por um casal que compartilhava o sofrimento dele de perder um filho e que havia concordado em encaminhar qualquer e-mail codificado da Bélgica.

Imaginou o que teria acontecido com Malone. Viktor dissera-lhe que não tinha recebido nenhuma notícia de Copenhague, mas isso não significava nada vindo dele. Talvez fosse para a Dinamarca quando cumprisse sua tarefa ali. Malone podia ajudá-la a decidir o que fazer em seguida.

Seria melhor ir de trem. Sem inspeções de segurança. E ela poderia dormir.

* * *

Malone localizou o museu, espremido em uma fila de prédios que alternavam novos e antigos. A fachada revelava detalhes que sugeriam motivos italianos. Havia pouco movimento nas ruas da Antuérpia, apenas luzes iluminando calçadas vazias. A cidade cochilando antes do cair da noite. Examinou a estrutura das janelas esculpidas do prédio, uma em cima da outra, em vários quadrados, círculos e retângulos. Nenhuma brilhando com vida.

Estacionara a duas quadras dali e aproximou-se com passos lentos. Não sabia o que estava prestes a acontecer. Como Cassiopeia planejava entrar? Será que pretendia invadir? Certamente não por ali. A entrada principal era protegida por um portão de ferro que ficava trancado, e as janelas tinham

grades. Stephanie ligara e dissera que providenciara para que o sistema de alarme fosse desligado, já que a Europol e a polícia local estavam trabalhando com ela. Cooperação local costumava significar que gente com salário muito maior do que o dela estava dando as ordens. O que era prova ainda maior do que isso envolvia muito mais do que um menino de 4 anos desaparecido.

Malone grudou na lateral do prédio para manter-se nas sombras, evitando a luz da rua. Olhou para a esquina, esperando ver Cassiopeia.

Mas só viu três homens saindo de um carro estacionado.

Nenhuma luz acendeu-se no interior do carro quando as portas foram abertas, o que chamou a atenção de Malone.

Eles estavam depois da entrada do museu, a uns 50 metros de onde ele estava, escondido pela escuridão.

O pequeno grupo de figuras escuras foi para a calçada, caminhou sem emitir nenhum ruído até a entrada do museu e testou o portão de ferro.

— Vamos pelos fundos — ele escutou um deles dizer em inglês. — Ela certamente está aqui. Peguem as coisas, para o caso de precisarmos.

Dois dos homens voltaram para o carro, de onde tiraram um enorme contêiner. Juntos, os três dirigiram-se para a esquina mais próxima e viraram à direita. Malone desconfiou de que devia haver outra entrada no prédio — pelos fundos, pela outra rua. Então atravessou a via e decidiu aproximar-se pela direção oposta.

* * *

Ni estava parado na escuridão, fora do jardim do museu Dries Van Egmond. Pau Wen estava ao seu lado. Eles viajaram do campo até Antuérpia, estacionaram o carro a várias quadras dali e entraram no prédio pela porta dos fundos. Pau trouxera um de seus homens, que acabara de fazer um reconhecimento do terreno escuro.

O homem reapareceu e sussurrou:

Tem uma mulher perto do prédio, prestes a invadir. Três homens estão se aproximando pela rua de trás.

Pau pensou naquelas informações, depois sussurrou:

— Vigie os homens.

O homem afastou-se.

E estavam próximos a uma rua que passava atrás do museu, entre os prédios na próxima quadra. Um pequeno estacionamento ocupava a extensão da cerca viva que separava o jardim da rua. Um portão aberto, com estrutura de marfim, levava a um pátio, cercado pelo museu em três laterais. Ni tentou concentrar-se, mas outras imagens passavam pela sua mente. Nenhuma boa. Os homens atingidos por flechas. O homem amarrado levando um tiro na cabeça. Repetiu para si mesmo que, pelo menos por enquanto, ele estava na ofensiva de novo. Wen parecia ser útil, mas Ni ainda estava desconfiado.

Três homens apareceram, dois deles carregando contêineres. Eles

desapareceram pelo portal do pátio dos fundos.

— Vitt voltou para pegar o lampião — sussurrou Pau. — Mas Tang também veio.

— Como você sabe?

— Não tem outra explicação. Aqueles homens trabalham para ele. Outro homem aproximou-se pela direção oposta. Sozinho. Alto, ombros largos, mãos vazias. Entrou no jardim também. Ni gostaria que tivesse mais luz, mas a lua já tinha desaparecido, e a rua à sua frente era um mar de escuridão.

— E quem é aquele? — perguntou Ni para Pau. — Ótima pergunta.

* * *

Malone confirmara suas suspeitas. Agora tinha certeza. Os três homens estavam seguindo Cassiopeia. Dois deles usavam máscaras de esqui sobre a cabeça e roupas pretas e justas, que marcavam seus corpos enxutos, e luvas e sapatos escuros. O terceiro homem vestia roupas escuras também, mas usava calça e paletó. Era mais baixo, um pouco mais corpulento e parecia estar no comando. Segurava um pequeno dispositivo na mão, que mantinha apoiado na cintura, seguindo suas diretrizes.

Cassiopeia estava sendo eletronicamente rastreada.

Perguntou-se se ela sabia.

O líder acenou e eles continuaram andando no escuro e atravessaram portas de vidro que abriam para uma varanda. A fachada de trás do prédio era coberta por hera. Malone imaginou que quando era uma casa, essa varanda devia ser um local onde as pessoas reuniam-se para admirar o jardim. O interessante era que, diferente das portas da frente, as dos fundos não estavam trancadas. Talvez isso tivesse alguma coisa a ver com Stephanie.

Incrível o que a presença de alguns russos fazia.

O líder passou o braço por um vidro quebrado e abriu a porta por dentro, aparentemente da mesma forma que Cassiopeia.

Os três desapareceram lá dentro.

Malone caminhou entre as suaves fragrâncias das flores pálidas, em direção à porta. Pegou sua Beretta.

PROVÍNCIA GANSU, CHINA

Tang digitou uma senha que concluiu a conexão de vídeo. Preferia comunicação cibernética a reuniões frente a frente. Se a codificação correta fosse usada, era praticamente seguro. Salvo se uma das partes da conversa permitisse a violação.

Mas isso não era uma preocupação neste caso.

Todos os participantes tinham feito juramentos, eram unidos pela fraternidade, todos membros leais e dedicados do *Ba*.

Ele tocou a tela do laptop, que se dividiu em dez partes. Um rosto masculino apareceu em cada uma, mostrando traços de chineses Han, todos eles com 50 e poucos anos, assim como ele. Eles prestavam serviços nas mais diversas áreas. Um era juiz da Suprema Corte Popular. Vários eram respeitados chefes de departamento. Dois eram generais militares. Três eram membros do todo-poderoso Comitê Central. Eles tinham alcançado postos superiores, assim como Tang — com disciplina e despercebidos — e serviam como líderes de divisão *Ba*. Homens que supervisionavam outros irmãos, espalhados por todos os governos locais, nacional e militares. O número total deles era limitado, pouco mais de 2 mil, mas o suficiente para atingir seu objetivo.

— Bom dia — disse ele no microfone do laptop.

A China, apesar dos 5 mil quilômetros de leste a oeste, passando por cinco fusos horários internacionais, baseava-se no fuso horário de Pequim. Ele nunca entendera a lógica, já que isso levava a irritantes diferenças no horário de trabalho, mas explicava as variadas roupas dos homens na tela.

Eu queria informar que a saúde do primeiro-ministro está se deteriorando rapidamente — disse ele. — Fiquei sabendo que ele tem menos de um ano de vida. É claro que isso será mantido em segredo. Mas é imperativo que fiquemos em estado de prontidão constante.

Ele viu os homens assentirem.

— O Comitê Central está preparado — disse ele. — Temos a maioria sólida para alcançarmos o posto de primeiro-ministro.

Cento e noventa e oito pessoas serviam no todo-poderoso

Comitê Central. Ele cultivara bem mais de cem membros, não do *Ba*, que acreditavam, assim como ele, que a China devia seguir em uma direção que lembrasse mais Mao do que Deng Xiaoping. — E Ni Yong? — perguntou um dos homens. — O apoio a ele está crescendo.

— Estamos cuidando desse assunto. Um funeral com honras de estado

em sua homenagem vai rapidamente trazer pessoas para a nossa causa.

— Isso é mesmo necessário?

— A forma mais simples de eliminar o problema é eliminar o candidato. Isso já foi discutido e aprovado.

— De forma condicional — logo acrescentou um dos outros. — Como um último artifício. A morte de Ni poderá trazer implicações, dependendo da forma como acontecer. Não queremos um mártir.

— Isso não irá acontecer. A morte dele será atribuída a uma de suas muitas investigações que saiu muito errado. Acontecerá fora do país.

Ele viu que muitos concordaram, mas alguns poucos não. — Ni tem um forte apoio militar — disse um dos generais. — A morte dele não será ignorada.

— E nem deve ser. Mas do ponto de vista mais amplo, ele logo será esquecido conforme as coisas forem acontecendo. A morte do primeiro-ministro será inesperada. Isso inevitavelmente levará à incerteza, e o povo não vai permitir que isso continue por muito tempo. Vão implorar por segurança. E nós lhes daremos isso.

— O quão rápido agiremos?

— O quão rápido a constituição permitir. Já providenciei para as províncias convocarem eleições imediatas. Claro, até que isso aconteça, eu estarei no comando temporariamente, como primeiro vice-presidente. É provável que tenhamos o controle em uma questão de semanas.

Então, o trabalho de verdade começaria, e o primeiro passo seria afastar-se apressadamente da democratização, o que causaria a extinção do Partido. E não haveria mais necessidade de um Comitê Central de Inspeção Disciplinar. Em vez disso, a corrupção seria resolvida de forma particular. Todas as desavenças seriam punidas de forma apropriada. A maioria dos observadores externos havia previsto que a China iria seguir o caminho do Ocidente ou que o Partido Comunista acabaria, e manter o curso atual quase certamente levaria às duas coisas. Seu objetivo era mudar esse curso em 180 graus.

Qin Shi, os imperadores que o sucederam e Mao tinham feito isso.

Agora ele faria.

Os chineses têm um medo irracional do caos e da desordem.

— Ofereceremos à nação exatamente o que ela suplica — disse ele. — Estabilidade. Ordem. Uma vez que isso estiver estabelecido, o povo nos dará muitas regalias.

— Mas somos poucos — disse outro dos homens. — Manter essa ordem pode se provar uma tarefa difícil.

E é por isso que temos de conquistar o posto de primeiro-ministro. Isso nos garantirá poder irrestrito. De lá, podemos facilmente remodelar a nação.

Sempre que falava com os irmãos, tomava o cuidado de usar a primeira pessoa do plural, *nós*. Aquele era, em teoria, um esforço coletivo, e ele sabia que não conseguiria alcançar seu objetivo sem a ajuda de todos eles.

— Temos de estar prontos para agir com rapidez — disse ele. — Eu mesmo estou trabalhando em uma tática que poderá melhorar muito a nossa

posição, talvez até nos proporcionar um papel dominante na política mundial. O Ocidente não vai ditar como deve ser a vida na China, dizer o que é certo e errado, decidir nosso futuro. — O senhor parece confiante.

— Os missionários e educadores tentaram modernizar e cristianizar o nosso país. Os japoneses tentaram nos conquistar. Os americanos tentaram nos democratizar. Os soviéticos tentaram nos controlar. Todos fracassaram. Ainda pior, nós também tentamos e fracassamos. Somos uma grande civilização. — Ele fez uma pausa. — E seremos mais uma vez o que fomos um dia.

Viu que os homens do outro lado da conexão concordavam com ele.

E nosso mestre? — perguntou um dos homens finalmente. — Não temos nenhuma notícia dele.

— Fiquem tranquilos — esclareceu ele. — Ele está conosco.

ANTUÉRPIA

Cassiopeia passou por uma das muitas salas de visita do Museu, tentando recordar-se da disposição do lugar que visitara poucos dias antes. As salas do térreo ficavam ao redor de um hall central no qual uma escadaria de mármore levava aos andares superiores. Ela passou pelo mesmo relógio inglês e duas vitrines no estilo chinês que exibiam antiguidades caras. Uma galeria de porcelana abria-se à sua direita, as mesas do século XVI cobertas por objetos esmaltados e de marfim, e alguns artigos de colecionador Adelgade Glasvaerker do século XIX. Atravessando uma sal principal, dividida por quatro colunas iônicas, ela encontrou uma escadaria nos fundos, provavelmente usada por empregados no passado.

Começou a subir.

Tinha conseguido entrar com facilidade. Sabia que muitos desses lugares antigos não tinham alarmes. Em vez disso, optavam por sensores de movimento, mas não notara nenhum em sua primeira visita. Talvez fosse porque acreditavam não ter nada ali que valesse a pena ser roubado, ou talvez fosse apenas uma questão de custo.

Continuou andando com leveza, todos os sentidos em alerta, a arma na mão. Parou no primeiro andar e olhou para o térreo, os ouvidos aguçados para escutar qualquer ruído. Mas não ouviu nada.

Afastou a apreensão.

Apenas pegue o lampião e saia.

* * *

Malone não fazia a menor ideia do lugar para onde estava indo, mas os três homens à sua frente não sofriam do mesmo problema. Eles atravessavam as salas deliberadamente, seguindo o rastreador que um deles carregava. Manteve-se afastado, escondendo-se atrás de móveis, andando com cuidado com suas solas de borracha no piso de mármore. Estava dentro da galeria, que provavelmente era clara e arejada durante o dia, graças a janelas salientes que se abriam para o jardim dos fundos.

Espiou para dentro da caverna sombria e viu tetos de madeira entalhada e esmaltada. À sua esquerda, abria-se uma sala com paredes revestidas de couro. Podia sentir o cheiro das rosas, lilases e pilriteiros do lado de fora da varanda. Estava agachado atrás de uma poltrona com encosto alto, esperando os três homens prosseguirem.

Um movimento à sua esquerda chamou sua atenção.

Outros três homens entraram pela porta da varanda.

Continuou abaixado e aproveitou-se da escuridão.

Dois dos homens que entraram eram eretos. O terceiro movia-se com a lentidão da idade, e sob as poucas luzes que vinham de fora, conseguiu ver o rosto. Definitivamente, um homem velho. Um dos homens segurava um arco e carregava uma bolsa cheia de flechas nos ombros. *Não se vê isso todos os dias.*

Os três entraram em silêncio, então pararam, o mais velho apontou para o que segurava o arco, que entrou na mansão. Os outros dois hesitaram, então avançaram.

Malone saiu da sala por outra porta, afastada daquela pela qual os outros tinham passado, e dirigiu-se à frente, encontrando a porta principal.

Atrás de uma pequena escrivaninha, que parecia ser a mesa de algum atendente, havia uma loja de suvenires. Entrou, manteve-se atento ao que acontecia atrás dele, mas não escutou nada.

Avistou um livreto que descrevia a mansão em diversos idiomas, incluindo inglês. Pegou um e foi até a janela. Havia um mapa dos quatro andares. Localizou três escadas e muitas salas. No terceiro andar, havia um espaço chamado SALA CHINESA.

Nenhum outro lugar tinha um nome parecido.

Será que foi lá que Cassiopeia escondeu o lampião?

Malone pegou suas coisas e decidiu usar uma escada secundária.

* * *

Cassiopeia chegou ao topo da escadaria e rapidamente se dirigiu à sala chinesa. Espelhos com molduras douradas alinhavam-se nas paredes, e o piso era de um rico parquet. Porcelana oriental enfeitava cômodas esculpidas. Fora uma dessas cômodas, um armário laqueado de vermelho com acabamento refinado, que solucionara seu problema. Ela pensara que os armários certamente não eram inspecionados regularmente. Pelo que sabia, este era um museu pequeno, de pouca importância, algo que apenas preservava a formalidade e o gosto de um antigo dono rico, que pelo menos por uns alguns dias proporcionou-lhe um esconderijo conveniente.

Rapidamente, ela entrou na sala, aproximou-se do armário e abriu as portas. O lampião estava exatamente onde ela o havia deixado. Não tinha levado nenhuma bolsa para carregá-lo. Resolveria isso depois. Pegar um trem diretamente para Copenhague estava começando a parecer uma boa ideia.

Quando chegasse lá, decidiria o próximo passo.

Pegou o lampião.

Uma cabeça de dragão em um corpo de tigre, com asas. Na casa de Pau Wen notara que havia um líquido dentro do lampião, sua boca estava selada com cera.

Escutou um som vindo de trás.

Ela girou.

Tudo parecia congelado no escuro.

A três metros dela, duas formas apareceram no arco que levava ao hall.
Uma terceira forma materializou-se, bloqueando a outra saída à sua direita.

Silhuetas de armas surgiram, apontadas em sua direção.

— Solte o lampião — disse um dos homens em inglês.

Ela pensou em atirar para abrir caminho, mas decidiu que seria tolice.

Não conseguiria livrar-se dos três.

— Solte a arma também — disse a voz.

Malone escutou uma voz assim que chegou ao topo da escadaria — um homem falando sobre um lampião e uma arma. Aparentemente, um dos seis homens que estavam dentro da casa encontrara Cassiopeia. Ele se lembrou do mapa, que dizia que a sala chinesa ficava à sua esquerda, logo depois de uma galeria de retratos com uma coleção de miniaturas, uma porta depois no corredor.

Atravessou a galeria, contornando formas escuras, tomando cuidado para não se chocar com nada. Olhou por uma porta e confirmou que dois homens estavam parados no corredor, olhando para dentro de uma sala.

Ambos seguravam armas.

Pinturas elaboradas dentro de molduras grossas estavam espalhadas pelo amplo corredor. Notou que o piso era de parquet, o que significava que, diferente do mármore, anunciaria sua presença. Como precisava fazer alguma coisa e não havia tempo para sutilezas, decidiu que uma abordagem direta seria melhor.

— Com licença — disse ele.

Os dois homens viraram. Um deles levantou a arma e atirou.

* * *

Ni estava no térreo com Pau Wen. Não gostava nem um pouco dessa situação. Era um alto oficial do governo chinês — um homem além de qualquer repreensão, cuja reputação significava tudo — mas agora estava dentro de um museu belga que acabara de ser arrombado.

Escutou uma voz vindo de cima da escada principal.

Depois outra.

E um tiro.

Pau disse alguma coisa para o terceiro homem — que acabara de voltar —, então, com um leve movimento de pulso dispensou-o.

O assistente subiu as escadas.

— Esta situação ainda pode piorar — disse Pau. — Confesso que ache que não haveria ninguém aqui. Aparentemente, eu estava errado. Precisamos ir embora.

Mais tiros.

— Uma batalha está acontecendo lá cima — disse Ni.

Pau agarrou seu braço e puxou-o para a porta da varanda.

— Mais um motivo para irmos embora. Podemos voltar à nossa posição inicial, longe do jardim, e observar. Meu assistente fará o possível para

conseguir o lampião. Ele é...

— Dispensável?

— Eu estava pensando em *capaz*. Mas certamente é as duas coisas.

* * *

Cassiopeia escutou uma voz dizer "com licença", viu os dois homens reagirem e decidiu aproveitar o momento de distração deles para cuidar do homem à sua direita. Colocara o lampião no chão, mas em vez de soltar a arma, como mandaram, ela girou e disparou no terceiro homem.

Mas não havia mais ninguém ali.

Ela pegou o lampião quando os dois homens parados no arco abriram fogo. Podia jurar que a voz era de Malone. Mas isso seria bom demais mesmo em sonho.

Mais tiros foram disparados, mas ela não era o alvo.

Cassiopeia decidiu que, como os dois estavam ocupados, o terceiro homem era a maior ameaça. Então foi para a porta, espiou para a sala ao lado e não viu nenhum sinal de movimento. Havia muitas silhuetas escuras na sala — móveis e objetos pendurados na parede. Havia outra saída a 10 metros, com muitos lugares para se esconder no caminho.

Todos representavam problemas. Mas ela não tinha escolha.

* * *

Malone não tinha para onde fugir. Segurava uma beretta carregada, mas só tinha um pente sobressalente, então resistiu ao impulso de retaliar.

Por sorte, ele previra o ataque deles e entrara na sala ao lado, exatamente quando eles desviaram a atenção de Cassiopeia. Pelo menos agora ele era o alvo.

Vidro estilhaçou enquanto balas atingiam alvos duros e lascavam madeira. A sua esquerda, um vaso aumentou a ruína de porcelana no chão com seus fragmentos.

Stephanie ia matá-lo, mas não era sua culpa. Ninguém lhe avisara que isso seria uma reprise de um filme de banguê-bangue.

Decidiu que bastava e mandou três tiros em resposta. Pelo menos agora sabiam que ele estava armado. A movimentação confirmou que eles estavam mudando de posição. Atirou mais duas vezes e saiu de seu esconderijo, descendo o corredor até onde os dois homens estavam antes.

Mas todos eles tinham desaparecido, provavelmente ido para a escada principal.

Hora de encontrar um aliado.

— Cassiopeia — chamou. — É Cotton.

* * *

Cassiopeia escutou Malone chamar seu nome, mas não podia

responder. O terceiro homem estava perto. Podia sentir a presença dele, a poucos metros, escondido entre os móveis que se espalhavam à sua frente. Ela aproveitara o barulho do tiroteio para se dirigir para o arco que levava para a saída.

Mas seu nêmesis provavelmente estava fazendo a mesma coisa.

Agachou-se atrás de uma poltrona para se esconder e seguiu para a porta, com o lampião em uma das mãos e a arma na outra. Fazendo a volta, ela poderia prender os dois homens em um fogo cruzado. Ela de um lado do corredor, Malone do outro.

* * *

Malone ia de uma sala para outra, atravessando o corredor. Os dois homens estavam à sua frente, ou pelo menos ele achava que sim. Os tiros haviam parado. O que era um problema. Estava escutando alguma coisa, que parecia metal. Um cheiro invadia suas narinas.

Lembrou-se dos dois contêineres que os primeiros homens carregaram para dentro. Imaginou o que seria. O que o líder dissera?

Para o caso de precisarmos.

Viu um líquido brilhando com o reflexo da luz fraca que vinha do lado de fora e espalhava-se pelo corredor.

Sentiu um cheiro doce.

Gasolina.

Percebeu o que estava para acontecer e conseguiu afastar-se no momento em que uma onda de ar vinha em sua direção, seguida pela luz cegante e o calor intenso de uma chama em erupção.

Ni e Pau Wen saíram pelo jardim do museu, atravessaram a rua de trás e o estacionamento de cascalho, e buscaram abrigo nas sombras de um prédio no quarteirão seguinte. Os tiros tinham parado e Ni esperava logo escutar sirenes aproximando-se.

Certamente alguém tinha chamado a polícia.

— Não é melhor irmos embora? — perguntou ele a Pau.

— Precisamos ver o que vai acontecer.

Ni olhou para o museu e viu uma luz forte vindo da janela do terceiro andar.

— Está pegando fogo — disse ele.

Raios de luz espalhavam-se pela escuridão conforme o terceiro andar era destruído pelas chamas.

— Isso pode ser um problema, em diversas escalas — disse Pau, os olhos fixos na destruição.

Ni não queria escutar.

— Importa-se de explicar?

— Vamos esperar que meu irmão seja bem-sucedido. E rápido.

* * *

Os ossos e músculos de Cassiopeia se retesaram quando foi atingida pela inesperada onda de calor. Seus olhos ardiam por causa da luz que as chamas emitiam. Pontos negros atrapalhavam sua visão e ela se esforçava para ver o que estava à sua frente e atrás.

O corredor estava pegando fogo.

Malone estava em algum lugar na outra extremidade, depois da sala chinesa. Não tinha sentido ser sutil agora.

— Cotton — chamou ela.

Nenhuma resposta, e o silêncio dele era tão insuportável quanto o calor.

À sua esquerda, a escada principal descia. A madeira do piso do corredor, carvalho de séculos atrás, queimava vigorosamente, e o gesso da parede estava prestes a ir pelo mesmo caminho.

Precisava ir embora.

Mas não sem Malone.

Sabia que existia outra forma de descer, a escada que usara, mas as chamas bloqueavam todos os caminhos naquela direção. Ainda segurava o lampião e a arma, e decidiu ver se Malone talvez tinha seguido em frente,

através das salas interligadas do outro lado do corredor. Nenhum sinal dos três homens.

Ela se virou e viu a fonte do problema. Duas caixas de metal viradas no chão, ambas em chamas.

Cassiopeia chegou ao final do corredor, onde uma balaustrada de mármore abria-se para a escada principal que levava para o segundo andar. Não havia mais corredor onde as escadas começavam, e ela deu de cara com uma parede de pedra. Com cuidado, ela olhou para fora e não viu nenhum movimento. Alguma coisa estalou embaixo dela, então rachou, e ela viu o teto do hall desabar, a velha casa rapidamente rendendo-se. Será que os três homens tinham escapado? Não tinham motivo para continuar ali, exceto para recuperar o lampião. Mas podiam estar esperando para confrontá-la do lado de fora.

A escada estava a 5 metros de distância.

Ela se jogou para a frente.

Quando alcançou a ponta da balaustrada e começou a virar-se para as escadas, alguma coisa atingiu a parte de trás de seus joelhos. Braços agarraram suas pernas. Ela caiu para a frente, batendo na parede de mármore.

Um homem estava atracado com ela.

Ela se debateu, virando o corpo, batendo com a arma na cabeça do agressor. Ele era magro e forte, mas ela conseguiu afastá-lo e fugir.

O lampião e a arma voaram de suas mãos.

Um chute mandou a arma para a balaustrada, onde desapareceu entre as hastes grossas.

Ficou de pé.

O agressor estava todo vestido de preto, o rosto escondido por uma máscara de lã. Devia ser uns 15 quilos mais pesado. Ela se jogou em cima dele, batendo com os ombros em seu peito, imprensando-o contra a parede.

* * *

Malone escutou Cassiopeia chamar seu nome mas preferiu não responder. Vira três formas correndo no escuro, na direção da escada principal. Conseguira chegar mais perto, através de salas interligadas, tomando cuidado com sua aproximação entre as formas escuras. Já havia muita fumaça, e isso dificultava a visão e a respiração.

Escutou uma briga e viu alguma coisa deslizar pelo piso em chamas. Correu até a porta e localizou um objeto. Pequeno. Trinta centímetros de comprimento, e mais ou menos 15 de altura.

Uma cabeça de dragão em corpo de tigre com asas.

O lampião?

Esticou o braço para pegá-lo, mas seus dedos o repeliram. O exterior de bronze estava quente. Usou o sapato e o afastou das tábuas em chamas, puxando para a sala onde estava, na qual três paredes já estavam queimando.

Precisava ir embora.

Olhou para o corredor, na direção do topo das escadas, e viu Cassiopeia e um homem de preto. Lutando.

* * *

Ni assistiu ao museu Dries Van Egmond queimar. Os dois andares superiores estavam pegando fogo, chamas atravessando o telhado, lambendo a noite. Janelas quebravam-se por causa do calor e da pressão, espalhando vidro pelo jardim.

— Os chineses produziam vidros bem melhores — disse Pau. — Com qualidade muito melhor do que de qualquer coisa que a Europa tenha produzido.

Ni questionou-se sobre a aula de história, considerando o que estavam testemunhando.

— O senhor sabia que, na cova dos guerreiros de terracota, descobrimos que as armas que eles carregavam, suas espadas e facas, que emergiram do solo afiadas, brilhantes e imaculadas, haviam sido feitas de materiais que evitavam a ferrugem. Acabamos descobrindo que era uma liga de cobre e estanho combinada com mais outros 11 metais, tais como cobalto, níquel, cromo e magnésio. Pode imaginar? Mais de 2 mil anos atrás nossos ancestrais já sabiam como proteger o metal.

— E nós nos deixamos abater — disse Ni. — Mesmo com toda essa tecnologia.

Pau continuou fitando o fogo.

— O senhor não gosta de violência, não é mesmo?

— Ela nunca atinge objetivos de longo prazo.

— Um Estado eficiente utiliza sete punições para três prêmios. Um Estado fraco utiliza cinco punições para cinco prêmios. Isso é um fato comprovado.

— Se a vida de uma pessoa não tem valor, então a sociedade que moldou essa vida também não tem valor. Como alguém pode pensar diferente?

— Os impérios, por natureza, são repressores.

— O senhor não se preocupa que pessoas podem estar morrendo naquele incêndio? Um de seus homens, por exemplo.

— Ele deve se proteger, é o dever dele.

— E o senhor não tem nenhuma responsabilidade nisso?

— É claro. Sou responsável pelo fracasso dele.

Ele nunca poderia, e não iria, se permitir ter tão pouco respeito à vida das outras pessoas. Mandar homens para a morte nunca deveria ser uma tarefa fácil. Embora não conhecesse o homem que estava lá dentro, preocupava-se com sua segurança.

Todos os líderes deveriam se sentir assim.

Não deveriam?

— O senhor é um homem singular — disse ele para Pau Wen.

— Sou mesmo. Mas não foi por acaso que o senhor me conheceu.

Cassiopeia conseguiu afastar-se do agressor e ficar de joelhos. O calor do fogo, que queimava a poucos metros deles, ficara mais intenso, as chamas aproximavam-se cada vez mais rápido. Por sorte, as paredes e o piso do museu eram de mármore. A fumaça estava aumentando, tornando cada respiração um desafio. Ela precisava encontrar o lampião, mas, antes, tinha que resolver o problema do homem de preto que habilmente ficara de pé, pronto para mais. O coração dela estava acelerado, batia com tanta força que fazia suas costelas estremecerem. Seus músculos estavam fracos de fadiga. Dois dias de tortura e nenhuma comida estavam cobrando seu preço.

O homem investiu para cima dela.

Ela esquivou-se, agarrou os braços dele e empurrou-o para trás, virando seu corpo, tentando forçá-lo a abaixar. A agitação dele tornava difícil segurá-lo e ele conseguiu soltar-se e empurrá-la até a balaustrada. Pelo parapeito, ela viu uma queda de 10 metros.

Ele a girou de forma que olhasse para baixo.

O homem deu-lhe um tapa com a parte de trás da mão. Então, tentou empurrá-la. Ela sentiu um gosto acre de sangue. A adrenalina tomou conta de Cassiopeia quando ela levantou a perna direita e enfiou o salto da bota na virilha dele. Ele se dobrou de dor, as mãos indo para o local do golpe.

Ela deu uma joelhada no roto do homem, fazendo com que ele caísse para trás.

Avançando, ela fechou o punho.

* * *

Malone usou a camisa para segurar o lampião, que ainda estava quente. Parecia sólido, uma única abertura na cabeça do dragão. Através da luz bruxuleante, viu gotas de cera derretida que selavam a boca de bronze. Sentiu um cheiro familiar e aproximou o lampião do nariz.

Petróleo.

Balançou o lampião. Parecia estar meio cheio.

Viu caracteres chineses gravados na parte de fora e supôs que talvez o que o fizesse tão importante fosse o que estava escrito. Já vira isso antes: mensagens do passado que ainda eram relevantes nos dias atuais. Mas, independente do que fosse, precisava tirá-lo desse inferno em chamas enquanto ainda servia para alguma coisa.

Virou-se.

Um dos homens estava a alguns metros de distância, bloqueando a única saída. Segurava uma arma na altura da cintura, apontada para a frente.

— Deve estar quente por trás desta máscara de lâ — disse Malone.

— Quero o lampião.

Ele mostrou o artefato.

— Isto? Acabei de achar no fogo. Nada especial.

— Entregue-me o lampião.

Malone detectou um sotaque asiático no inglês. O fogo ardia em volta deles, não com força, mas espalhando-se, usando os móveis como combustível. Labaredas de fogo tomaram conta do piso de madeira que o separava do outro homem.

Aproximou-se.

O homem levantou a arma.

— O lampião. Jogue-o para mim.

— Acho que isso não vai ser...

— Jogue-o.

Malone fitou o dragão e as gotas de cera que escorriam de sua boca. Ainda sentia o cheiro de petróleo e decidiu que se o homem queria o lampião, então ia ter o lampião.

Levantou o lampião no ar mas, enquanto o soltava, girou de leve o pulso. Tomou cuidado para colocar apenas velocidade suficiente de forma que caísse perto e o agressor precisasse dar um passo à frente para pegar o prêmio.

Observou a cabeça do dragão virada para baixo e viu o líquido começar a escorrer de sua boca. As gotas encontraram o calor abaixo produzindo som e luz, enquanto o fogo desfrutava do que certamente era uma ótima refeição.

Petróleo saía enquanto o homem armado dava um passo à frente e segurava o lampião pelas asas, de cabeça para baixo, a cabeça virada para o chão.

Novas chamas surgiram no chão conforme o petróleo evaporava.

O fogo subiu em busca de mais combustível.

Quando encontrou o lampião, uma bola de calor e luz formou-se na mão do homem.

Um grito cortou o ar fervente enquanto as roupas do homem pegavam fogo. Ele soltou o lampião e a arma, agitando os braços no ar enquanto suas roupas desintegravam-se.

Malone encontrou sua Beretta no chão e deu dois tiros no peito do homem.

O corpo em chamas desabou.

Malone aproximou-se e deu mais um tiro na cabeça do homem. — Mais do que você teria feito por mim — sussurrou ele.

Cassiopeia deu um soco no rosto de seu agressor. Ele estava fraco por causa do golpe na virilha, paralisado de dor, sem ar. Começou a tossir, tentando respirar um pouco de ar puro no meio de toda aquela fumaça.

Mais um soco e ele desmaiou, estava imóvel.

O fogo agora consumia o corredor à sua esquerda — piso, paredes e teto —, a fumaça aumentava a cada segundo. Ela também tossiu, com o pulmão cheio de gás carbônico.

Dois tiros ecoaram, vindo do outro lado do corredor.

— Cotton — gritou ela.

Mais um tiro.

— Cotton. Pelo amor de Deus, me responda.

— Estou aqui — gritou ele através das chamas.

— Consegue chegar até as escadas?

— Não. Vou sair por uma das janelas.

Ela deveria ir ajudá-lo. Ele faria isso.

— Você consegue sair? — perguntou ele através das chamas.

— Está limpo aqui.

Ela continuou com o olhar fixo no corredor do terceiro andar, agora completamente tomado pelo fogo. Suas articulações latejavam, seus pulmões ardiam. Percebeu que não tinha alternativa. Precisava sair. Mas...

— Preciso do lampião — gritou ela.

— Está comigo.

— Vou sair — disse ela.

— Vejo você lá fora.

Ela se virou e foi para as escadas, mas algo abaixo chamou sua atenção. Um homem com rosto lúgubre, os olhos negros fixos nela. Ele segurava um arco, uma flecha já colocada na corda, bem esticada.

Ela estava sem arma. Não havia para onde correr.

O homem continuou mirando nela, suas intenções claras.

Ele viera matá-la.

Ni escutou outra janela do terceiro andar estilhaçar, depois o som de algo voando. Viu uma cadeira cair no jardim e quebrar, depois percebeu um movimento na janela aberta. Outra coisa foi jogada. Menor, porém pesada, que caiu rapidamente, aterrissando em um caminho de cascalho.

— Aquilo pode ser o que viemos procurar — disse Pau.

Um homem saiu pela janela, segurando uma trepadeira que cobria a fachada de trás do museu. Não tinha nem o tamanho nem a estrutura do assistente de Wen.

— E o homem que entrou depois daqueles três — disse Pau.

Ni concordou.

Sirenes se aproximavam. Logo a área estaria cercada pelos bombeiros.

— Precisamos ver se foi o lampião antes que ele consiga descer — disse Pau.

Ni concordou.

— Eu vou.

— Rápido.

Ni saiu de seu esconderijo e caminhou pela escuridão até o jardim. Ficou de olho no homem. Percebeu que ele usava as trepadeiras com habilidade para descer. Ni optou por uma aproximação oblíqua, avançando não pelos caminhos de cascalho, contornados com precisão por flores perfumadas, mas pelo canto, usando o solo fofo e ciprestes altos para mascarar sua aproximação.

Viu a cadeira em pedaços, depois olhou para onde vira o objeto pequeno cair e localizou uma forma escura no meio de um dos caminhos.

Olhou para cima e viu o homem esforçando-se para descer com a ajuda das trepadeiras. Lentamente estava conseguindo. A cabeça e os olhos dele pareciam ter a única intenção de procurar lugares para se segurar, então Ni aproveitou o momento e pegou o objeto.

Levantou-o e percebeu que estava quente.

Uma cabeça de dragão em corpo de tigre com asas de fênix. O lampião.

Malone segurou-se nas plantas e começou a descer. Conseguiu recuperar o lampião do fogo, depois jogou-o no jardim. Quando chegara, percebera que o cascalho lá embaixo era fino, como rolimãs, então provavelmente protegeria o lampião quando ele tocasse o chão.

Não estava com pena do homem morto lá dentro. Não tinha dúvidas de que assim que entregasse o lampião, ele atiraria.

Estava prestando atenção às trepadeiras, grato por elas aparentemente estarem ali havia muito tempo, seus talos firmemente presos à parede. O

segundo andar ainda não estava pegando fogo, e a fumaça dos dois andares superiores subia para bem longe dele. Definitivamente era mais fresco e mais fácil de respirar ali.

Olhou para baixo para ver o quanto ainda faltava e viu uma sombra passar pela cadeira quebrada. Viu quando alguém rapidamente pegou o lampião.

— Isto não é seu — gritou ele.

A sombra hesitou por um instante, olhou para cima, então correu para a saída do jardim.

A atenção que estava dispensando ao ladrão fez com que ignorasse as trepadeiras. Cegamente, ao tentar segurar a planta seguinte, ela cedeu com um estalo.

Ele caiu para trás.

E continuou caindo.

* * *

Ni saiu correndo do jardim mas olhou para trás ao escutar um estalo. Viu o homem cair 10 metros. Não tinha como saber se a queda o machucaria ou se o homem levantaria e iria atrás dele.

Mas não ia esperar para descobrir.

Passou apressadamente pelo portão, atravessou a rua e encontrou Pau Wen.

— É melhor irmos embora — disse Pau.

Ni não podia argumentar com ele. Já tinha corrido riscos suficientes. Não podia ser descoberto ali.

— Sei que está preocupado com as pessoas dentro do museu — disse Pau. — Mas voltaremos para casa e esperaremos meu irmão. Então saberemos a situação.

* * *

Cassiopeia percebeu que não tinha como fugir. O arqueiro teria uma visão limpa da balaustrada até que ela chegasse ao corredor em chamas, então não tinha escapatória. Também não conseguiria chegar nem perto do arqueiro, pois a flecha a alcançaria mais rápido do que podia se mover.

O jogo tinha acabado.

Esperava que Malone tivesse conseguido fugir. Sentiria saudades dele embora apenas agora, ao encarar a morte, percebera o quanto. Por que nunca se expressara? Nunca disse uma palavra. Por que ambos apreciavam essa dança em que nenhum dos dois se comprometia, mas, mesmo assim, sempre procurava o outro quando precisava?

Uma pena não ter conseguido ajudar Lev Sokolov. O que será que aconteceria com o filho dele? Provavelmente nunca mais seria visto. Ele tentara. Fizera tudo que podia.

Mas não fora o suficiente.

Eram estranhos os pensamentos de uma pessoa na hora da morte. Talvez houvesse um instinto que trouxesse à tona todos os arrependimentos. Foi isso que Henrik Thorvaldsen sentiu em Paris? Se foi talvez Malone estivesse certo e o amigo morreu achando que fora traído. Que horrível. Principalmente, não sendo verdade. Agora compreendia a angústia de Malone, seu arrependimento por não ter feito as coisas certas, e desejou que ela mesma tivesse mais uma chance.

— *Tou qie zhu ren de zei bi si wu yi* — disse o arqueiro.

Ela não sabia falar chinês, então as palavras dele não significavam nada.

— A cabe logo com isso — gritou ela, esperando que ele soltasse a corda e que a flecha atravessasse sua carne.

Doeria?

Não por muito tempo.

Dois tiros a assustaram.

O arqueiro cambaleou e ela percebeu que haviam atirado nele. Mergulhou para a direita no momento que ele soltou a corda. Mas como ele estava caindo quando a flecha foi lançada, sua ponta de metal atingiu apenas o mármore. Ficou de pé e olhou através das grossas pilastras.

Um homem estava subindo, parou onde o corpo do arqueiro contorcia-se em espasmos.

Mais um tiro e o corpo ficou imóvel.

Viktor Tomas veio em sua direção.

Não gostou do que viu nos olhos dele. Ele certamente estava furioso por ela tê-lo atacado na casa. Por isso ele estava ali, segurando a arma dela, aquela que deixara cair, apontando diretamente para ela, com as mãos.

Ela enfrentou com ele o mesmo dilema que enfrentara com o arqueiro.

Não tinha para onde correr.

Ele atirou.

Malone rolou para sair da moita. Deus abençoe o jardineiro que cuida dessa cerca viva, mantendo-a presa a um muro perfeito de 1,80m de altura. Os muitos galhos da cerca suavizaram sua queda, embora um deles tenha machucado seu quadril.

Levantou-se.

Aos 48 anos, estava um pouco velho para isso, mas pensou em Cassiopeia. Precisava encontrá-la. Lembrou-se de que percebeu, enquanto descia, que os dois primeiros andares ainda não estavam pegando fogo, mas esse talvez não fosse mais o caso. Sirenes aproximavam-se, então supôs que a privacidade que Stephanie conseguira tinha acabado. E o lampião e o ladrão haviam sumido.

De modo geral, a noite tinha sido um fracasso total.

Virou-se para a varanda e dirigiu-se para a porta pela qual todos haviam entrado.

Três bombeiros saíram.

Pareceram assustados ao vê-lo, e um deles gritou alguma coisa. Não sabia falar flamengo. Mas não precisava de tradução. Dois policiais apareceram e sacaram suas armas.

Sabia o que queriam.

Então, levantou as mãos.

* * *

Cassiopeia esperou a bala, mas só sentiu um ventinho quando ela passou bem perto de sua orelha direita. Então, escutou o metal atravessar carne.

O homem que ela derrubara tinha levantado e estava avançando para cima dela com uma faca. O tiro de Viktor atingiu-o no peito. O corpo caiu no mármore, tremeu como se acometido por uma febre, então ficou imóvel.

— Eu disse que eu não era o inimigo — disse Viktor.

Ela respirou e desceu as escadas correndo.

— Se você trabalha para Tang, para quem esses homens trabalham?

Viktor apontou para o topo da escada.

— Ele era meu. Mas este aqui — ele deu de ombros —, não faço a menor ideia.

— Atirou no seu próprio homem?

— Na verdade, é de Tang. E você preferia ter sido esfaqueada?

Ela apontou.

— Ele disse alguma coisa antes de você atirar nele. Em chinês. Não fale chinês.

— Eu falo.

Aguçou os ouvidos.

— Ele disse "morte ao ladrão que rouba do mestre".

* * *

Malone decidiu tentar o que podia.

— Tem uma mulher lá dentro. Está no terceiro andar. Ela precisa de ajuda.

Não tinha certeza se estava sendo compreendido, já que os dois policiais só estavam interessados em prendê-lo. Não pareciam preocupar-se com mais nada.

Colocaram seus braços para trás e seus pulsos foram presos com uma correia de nylon.

Muito apertado, mas não podia dizer nada.

* * *

Cassiopeia desceu logo atrás de Viktor pela escada principal, para longe do fogo e do teto preto de fumaça acima deles. Suor misturado com fuligem escorria pelo rosto dela, caindo em seus olhos. Estava mais fácil de respirar, já que a fumaça parecia concentrada nos dois andares superiores. Escutou sirenes e viu luzes de emergência piscando pelas janelas. Precisavam sair. Muitas perguntas seriam feitas, e ela não tinha respostas satisfatórias para nenhuma delas.

— Espero que tenha um plano de saída — disse ela.

— Tem uma saída pelo porão. Eu verifiquei.

— Como você me encontrou?

Ouviram madeira lascando e alguma coisa quebrou. Vozes exaltavam-se por causa da urgência. Provavelmente bombeiros arrombando a entrada principal.

Ela e Viktor pararam no primeiro andar, ao pé da escada.

— Deixe-os passar — sussurrou ele.

Ela concordou.

Afastaram-se da escadaria e entraram em uma das salas do primeiro andar. Não havia fogo ali ainda. Esperava que os bombeiros se concentrassem nos andares superiores.

Uma grande mesa de bilhar ofereceu-lhes um bom esconderijo, o tecido verde decorado com vários acessórios de marfim.

— Você não respondeu à minha pergunta — sussurrou ela. — Como me encontrou?

Ele mostrou a arma que ainda segurava.

— Se você não tivesse me dado um golpe na cabeça, eu teria lhe dito que tinha um rastreador dentro. Ideia de Tang. Questões de inteligência

chinesa. Teríamos deixado a arma. Mas da forma como as coisas aconteceram, rastreamos você até aqui.

E ela já sabia quem tinha mandado o arqueiro. Pau Wen. *Morte ao ladrão que rouba do mestre*. Tinha percebido que havia mais coisas envolvendo aquele velho homem, mas estava ocupada demais para se preocupar.

Escutaram passos. Bombeiros corriam escada acima, carregando machados e tubos.

— É muito arriscado — sussurrou Viktor. — Vamos encontrar outro jeito de descer.

— Tem outra escada por ali. — Ela apontou para a esquerda. — Foi por onde eu subi.

— Vá na frente. Quando encontrarem aqueles corpos, a polícia vai invadir este lugar.

Atravessaram uma série de salas escuras até as escadas e desceram para o porão, tomando o cuidado de não fazerem barulho. Um corredor preto levava até o centro da mansão, passando por várias portas fechadas com cadeado. Provavelmente depósitos. Um ruído vindo dos canos que passavam acima de suas cabeças sugeria pressão e temperatura elevadas. Entraram em uma sala cheia de ferramentas de jardinagem — mas tinha uma porta de saída.

— Deve nos levar ao térreo — disse Viktor.

— Provavelmente pela lateral do prédio — acrescentou ela. — Poderíamos ficar bem se saíssemos por lá.

A porta destrancava por dentro. Viktor abriu a porta de metal e colocou a cabeça para fora. As luzes de emergência iluminavam a noite em um ritmo frenético. Mas ela não escutou nenhum som vindo dos degraus de pedra que levavam ao térreo.

— Você primeiro — disse Viktor.

Ela saiu e saboreou o ar fresco. Eles abaixaram-se e subiram usando o vão da escada como cobertura.

Em cima, viraram à direita, na direção da rua que ficava na frente do museu. Ela percebeu que precisariam aparecer, sem serem notados, pela via estreita que separava o museu do prédio ao lado.

A 2 metros do final, o caminho foi de repente bloqueado.

Uma mulher estava ali. Stephanie Nelle.

Malone chegou à frente do museu em um carro de polícia que estava esperando logo depois do jardim. Um machucado em seu quadril estava doendo e fazia com que mancasse.

Puxaram-no do carro e ele viu três caminhões ocupando a rua que estava deserta mais cedo quando ele chegou. Mangueiras esguichavam água no ar por escadas que subiam de dois caminhões. Tudo ficava muito próximo pelos dois lados, tornando desafiadora a tarefa de manter o fogo confinado em um prédio. Por sorte, o tempo estava bom.

Um dos oficiais uniformizados guiou-o entre os caminhões até onde os carros estavam estacionados, talvez a uns 30 metros do inferno.

Ele viu Stephanie.

Ela não parecia feliz.

— Eles encontraram três corpos lá dentro — disse ela quando trouxeram-no para mais perto. — Todos baleados.

— E Cassiopeia?

Stephanie apontou para a direita. Cassiopeia apareceu atrás de uma das vans da polícia, o rosto coberto de fumaça preta, molhado de suor. Olhos muito vermelhos, mas, apesar disso, ela parecia bem.

— Encontrei-a fugindo do prédio.

Atrás dela, vinha um homem. Primeiro, Malone ficou tão feliz ao vê-la que não percebeu. Mas agora que seus medos tinham se dissipado e a calma voltara a reinar prestou atenção em seu rosto. Viktor Tomas.

— Que diabos ele está fazendo aqui? — perguntou Malone. — Quanto tempo, Malone — disse Viktor. — Adoro algemas. Combinam com você. — Viktor apontou um dedo. — Não me esqueci que ainda lhe devo uma.

Malone sabia do que ele estava falando. Da última vez que eles tinham se visto. Na Ásia.

— E aqui estamos nós — disse Viktor. — Juntos de novo. Malone encarou Stephanie. — Tire essas algemas.

— Você vai se comportar? Cassiopeia aproximou-se e disse para ele:

— Obrigada por vir.

Ele viu que ela parecia ilesa.

— Eu não tive escolha.

— Disso eu duvido. Mas obrigada.

Ele balançou a cabeça na direção de Viktor.

— Você e ele trabalhando juntos?

— Ele salvou a minha vida lá dentro. Duas vezes. Malone olhou para Viktor e perguntou:

— Qual é o seu envolvimento desta vez?

— Posso responder essa, Malone — disse Ivan, saindo de trás de um dos veículos estacionados.

O russo apontou para Viktor.

— Ele trabalha para mim.

Ele estava deitado em um banco estofado, endireitou-se. Suas pernas estavam abertas, seus genitais expostos. Séculos atrás, havia um lugar, um ch'ang tzu, localizado fora dos portões do palácio, onde especialistas desempenhavam essa função por quantias irrisórias. Eles também ensinavam a técnica a aprendizes, transformando, assim, a profissão em uma tradição. O profissional que encarava agora era tão hábil quanto aqueles artesãos, mas só trabalhava para os irmãos.

Terminaram a limpeza final.

A água quente misturada com pimenta ardia.

Permanecera rígido enquanto os dois ajudantes envolviam seu abdome e suas coxas com bandagens brancas. Mal conseguia respirar, mas compreendia o propósito.

Vai doer?

Afastou o pensamento de sua cabeça.

A dor não importava. O laço. Os irmãos. Eles significavam tudo para ele. Se professor o apresentara ao Ba e agora, após vários anos de estudo, ele se tornaria parte deles. O que seus pais diriam? Ficariam mortificados. Mas eles não eram ninguém, pessoas sem visão. Instrumentos para serem usados como uma pá ou um ancinho, deixados de lado quando quebrados ou fora de uso. Não queria ser um deles.

Queria comandar.

O especialista assentiu e ele endireitou sua postura na cadeira, abrindo ainda mais as pernas. Dois irmãos prenderam as duas pernas. Falar, temer a dor que estava por vir, seria uma prova de fraqueza, e nenhum irmão podia ser fraco.

Apenas os fortes podiam fazer parte.

Viu a faca, pequena e curva.

— Hou huei pu hou huei? — perguntaram a ele.

Devagar, balançou a cabeça. Nunca se arrependeria.

Aconteceu rápido. Dois golpes, e seu saco escrotal e seu pênis mutilados foram exibidos.

Esperou a dor. Sentiu sangue escorrer do ferimento, a pele arder, as pernas tremerem. Mas nenhuma dor.

Observou quando seus órgãos foram colocados em uma bandeja de prata, sangue envolvendo a carne como um prato em um restaurante.

Então, veio a dor. Lancinante. Aflitiva. Excruciante.

Seu cérebro explodiu em sofrimento. Seu corpo tremia.

Os dois homens continuaram segurando-o com firmeza. Ele manteve a boca fechada. Lágrimas enchiam seus olhos, mas ele mordeu a língua para manter o controle.

Silêncio era a única resposta aceitável.

Um dia, ele comandaria os irmãos, e ele queria que soubessem que aceitou sua iniciação com coragem.

Tang lembrou-se daquele dia, 36 seis anos atrás. Permanecera imóvel enquanto o ferimento era envolvido em papel molhado, camada em cima de camada, até que a hemorragia parasse. Ele lutara contra o choque que tomou conta de seus nervos, mantendo um leve domínio da realidade. Os três dias que se seguiram foram um teste ainda maior por causa da agonia da sede e da inabilidade de urinar. Lembrava-se de esperar que o líquido fluísse no quarto dia.

E fluíu.

Estava no trailer silencioso, recordando-se, preparando-se para deixar o sítio arqueológico. Raramente pensava naquele dia agora, mas esta noite era especial. O telefone celular por satélite tocou.

Encontrou o aparelho e viu o número que apareceu. Era de fora do país. Código da Bélgica. Conhecia bem o número.

Residência de Pau Wen.

— Fiz exatamente como instruiu — disse ele ao atender. — Ordene um ataque a Ni Yong enquanto ele estava em sua residência. — E eu impedi o ataque, exatamente como planejado. O ministro Ni ficou muito grato e agora acredita que sou seu aliado.

Onde está Ni?

— Logo estará a caminho da China. Com o lampião.

— O lampião devia ser meu.

— Não importa mais — disse Pau. — Não tem mais petróleo. Queimou.

— Você me garantiu que o lampião ficaria seguro. — O tom de voz dele aumentara. — Você me disse que seria devolvido a mim, intacto, assim que Ni saísse da Bélgica.

— E você não deveria perturbar Cassiopeia Vitt — disse Pau. — Ela levaria o lampião até você.

— Não se pode confiar nela.

— Então, você roubou dela e esperou ganhar o prêmio a força?

— Fiz o que achei melhor.

— Sua tarefa era apenas atacar Ni Yong — disse Pau calmamente.

— E não me matar.

Controlou-se.

— Matamos três dos homens que você mandou — disse Pau. — E capturamos o quarto. Eu o interroguei. Não cooperou muito, mas finalmente me disse que ele e os outros tinham recebido ordens para matar o ministro Ni e a mim. Ninguém deveria ficar vivo na casa. Ele disse que as suas ordens foram claras. Claro, ele não era um irmão. Apenas foi pago para fazer um serviço, que por acaso não fez.

O momento passara.

— Você não é mais necessário — disse ele a Pau.

— Por esse comentário, suponho que assumiu o controle da irmandade? O Ba agora responde a você?

— Como o faz há uma década. Sou o único mestre que conhecem.

— Mas eu sou Hegemon. O líder propriamente eleito deles. — Que não abandonou e a este país anos atrás. Não precisamos mais que se envolva.

— Por isso ordenou a minha morte?

— Por que não? Parecia a coisa certa a fazer.

— Eu concebi todo este plano. Desde o começo. Você era apenas um jovem iniciado, recém-chegado ao *Ba*.

— Foi quando você encontrou os textos de Confúcio no sítio arqueológico dos guerreiros de terracota?

— O que você sabe sobre isso?

— A biblioteca foi redescoberta alguns dias atrás. Seu relógio foi encontrado lá dentro.

— Então foi lá que eu o perdi — disse Pau. — Já desconfiava. Mas é claro que eu planejava voltar para examinar mais o lugar.

Infelizmente, nunca tive a oportunidade.

— Por que você pegou apenas os textos de Confúcio?

— Para preservá-los. Se os pesquisadores e arqueólogos de Mao o descobrissem, nunca teriam sobrevivido. Mao desprezava Confúcio.

— A biblioteca não existe mais. Pegou fogo.

— Você não é nem um pouco melhor do que eles.

Tang ressentiu o tom de voz insolente.

— Não sou mais um jovem iniciado. Sou o vice-primeiro-ministro da República Popular da China. Provavelmente o próximo primeiro-ministro e presidente.

— Tudo por minha causa.

— Eu não diria isso — Tang riu. — Você está longe há muito tempo. Implementamos seu plano sem a sua ajuda. Então, fique em seu refúgio, sã e salvo na Bélgica. A China não é mais para você.

— Seu adversário, porém — disse Pau —, está voltando para casa muito mais sábio. Ministro Ni agora sabe sobre o *Ba*. Ele pode muito bem impedir que você seja bem-sucedido.

— Ni não é páreo para mim.

— Mas eu sou.

— Não existe nenhuma forma legal de você entrar na China. Nenhum visto será emitido. Tenho absoluto controle sobre isso. Os poucos irmãos que estão com você aí também serão impedidos de voltar.

— Nem todo mundo o apoia — Pau Wen deixou claro.

Tang sabia que isso podia se provar verdade, mas estava contando com o sucesso para conquistar os que ainda duvidavam dele.

— Basta. Que tenha vida curta, Pau.

Encerrou a ligação.

Não havia mais nada para ser dito.

Lembrou-se de uma lição que aprendera muito tempo atrás, durante seu treinamento para se tornar um irmão.

Nunca transpareça suas intenções.

Sorriu.

Não necessariamente.

Ni andou pela sala de exibição de Pau Wen, esperando seu anfitrião voltar. Quando eles retornaram à residência, Pau pediu licença para ausentar-se. Na viagem de volta da Antuérpia, Ni ligara para Pequim e falara com seu assistente-chefe, dizendo que queria um relatório imediato das atividades de Karl Tang. Ao contrário do que Pau Wen pensava, Ni já vinha vigiando Tang havia algum tempo, plantando espiões no gabinete do vice-primeiro-ministro. Mesmo assim, nunca ninguém tinha falado qualquer coisa sobre os eunucos ou sobre o Ba.

Já sabia que Tang tinha deixado a capital na véspera, aparentemente para encontrar com oficiais locais em Chongqing, mas o verdadeiro propósito de sua viagem tinha sido supervisionar a morte de um homem chamado Jin Zhao, cuja sentença de morte tinha sido recentemente apoiada pela Suprema Corte Popular. Instruira seu assistente-chefe a descobrir mais sobre o caso de Zhao e sobre o interesse de Tang na morte do homem.

Seu telefone começou a vibrar, assustando-o. Sua equipe tinha sido rápida, como de costume. Atendeu, esperando que Wen demorasse pelo menos como alguns minutos, já que essa conversa devia ser em particular.

— Jin Zhao era um geólogo experimental que trabalhava para o Ministério de Desenvolvimento Geológico — relatou seu assistente. — Ele supostamente passou informações confidenciais sobre a exploração de petróleo para os russos.

— Que tipo de informação?

— O relatório não diz. Segredo de Estado.

— E o agente russo?

— Nenhuma menção.

— Ele realmente passou a informação?

— Não. Uma tentativa frustrada, ou algo assim, segundo os autos. Entretanto, o outro nome que o senhor falou, Lev Sokolov, também foi mencionado.

Ele seguiu o conselho de Wen e pediu a seu assistente um dossiê sobre Lev Sokolov e seu parceiro.

— Ele é um expatriado russo que trabalhava com Jin Zhao em um laboratório de pesquisas químicas em Lanzhou, diretamente comandado pelo Ministério de Desenvolvimento Geológico.

O que significava que Karl Tang controlava o lugar.

— Zhao e Sokolov eram colegas?

— Eles estavam trabalhando em um projeto experimental sobre

exploração avançada de petróleo. É isso que o orçamento do projeto descreve. Além disso, não sabemos de mais detalhes. — Descubra — disse ele. Sabia que havia como descobrir, principalmente no departamento dele.

Escutou com atenção o relato da noite ocupada de Tang viajando de Chongqing para o sítio arqueológico dos guerreiros de terracota. Curiosamente, uma das covas tinha sido destruída por um incêndio, preliminarmente atribuído a um curto-circuito. Tang já tinha ido embora quando a destruição ocorreu, seguindo para um campo de exploração de petróleo no norte de Gansu. Nada de extraordinário nisso, já que Tang supervisionava o programa de exploração de todo o país.

— Agora, ele está em Gansu — reportou o assistente. — Não temo olhos nem ouvidos nesse local, mas não é necessário. Sabemos o próximo destino dele. Lev Sokolov está desaparecido há duas semanas. Os emissários de Tang o encontraram ontem em Lanzhou. O ministro está voando para lá.

— Temos homens em Lanzhou?

— Cinco. A postos.

Lembrou-se do que Pau Wen tinha dito. Encontre Sokolov. É ele quem pode explicar o significado do lampião.

— Quero que resgatem Sokolov antes que Tang chegue até ele.

— Sim, senhor.

— Estou a caminho de volta. — Ni já tinha uma reserva em um voo que saía de Bruxelas, que ele confirmara quando voltara da cidade. — Em umas 15 horas, mais ou menos, estarei aí. Mande o que quer que encontre sobre Sokolov ou Zhao por e-mail. Poderei acessar quando estiver voando. Quero saber a conexão entre eles e por que Tang está tão interessado neles.

Ni viu que Pau Wen estava vindo em sua direção.

— Preciso desligar.

Encerrou a ligação e escondeu o telefone.

O velho entrou e perguntou:

— Estava apreciando de novo as minhas maravilhas?

— Estou mais interessado no lampião.

Pau entregara o artefato a um de seus homens quando chegaram.

— Infelizmente, ele foi danificado e o líquido que continha foi derramado.

— Quero levá-lo para a China.

— Claro, ministro. Pode levar. Só peço que o mantenha longe de Kai Tang. Também tenho notícias perturbadoras.

Ni esperou.

— Tang teve uma reunião virtual com os membros do Ba algumas horas atrás. Uma reunião e tanto, pelo que me falaram. Eles estão se preparando para o golpe final.

Decidiu que não podia mais acreditar cegamente no que esse homem dizia.

— Onde está Tang?

Pau avaliou-o com um olhar curioso.

— Um teste, ministro? Para ver se falo com autoridade? — O velho fe-

uma pausa. — Certo. Entendo seu ceticismo, embora depois do que aconteceu no museu, eu esperasse que tivéssemos progredido. Mas é bom ser cauteloso. Vai mantê-lo vivo por mais tempo.

— O senhor não respondeu à minha pergunta.

— Ele está em um campo de exploração de petróleo no norte de Gansu.

Exatamente o que seu assistente dissera.

— Passei?

— Que golpe começou?

Pau sorriu, satisfeito ao perceber que estivera certo o tempo todo.

— O *Ba* está vivo de novo, depois de anos de sono auto-imposto.

— Estou voltando para casa.

Pau assentiu.

— O lampião já está empacotado e pronto.

— E o senhor ainda não faz ideia de seu significado?

Pau balançou a cabeça.

— Apenas que o ministro Tang e Cassiopeia Vitt querem colocar as mãos nele. Tem alguma coisa escrita do lado de fora. Talvez tenha algum significado. O senhor certamente tem especialistas que poderão interpretar.

Ele tinha, mas esse velho estava mentindo e ele sabia disso. Não importava. Uma guerra o esperava na China, e ele estava perdendo tempo. Então perguntou:

— O que aconteceu no museu?

Três corpos foram retirados. Suponho que um deles foi o do meu irmão Cassiopeia Vitt e outros dois homens foram retirados do local pelas autoridades. — O que vai acontecer agora?

— Para o senhor, ministro? Nada. Para mim, quer dizer que Cassiopeia Vitt vai voltar aqui.

— Como sabe disso?

— Anos de experiência.

Ni estava cansado da ostentação deste homem. Agora sabia que o rosto sem expressão e as palavras inteligentes eram uma máscara para uma mente calculadora e insensível. Pau era um expatriado que, obviamente, mais uma vez estava se intrometendo na política chinesa. Mas Pau estava na Bélgica muito longe da luta. Não era um jogador. Ni estava curioso, porém, sobre uma coisa:

— O que o senhor fará quando Cassiopeia Vitt voltar?

— Talvez seja melhor que o senhor não saiba, ministro.

Concordava.

Talvez fosse.

Malone esfregou os pulsos e esperou a circulação voltar. A polícia o tinha apertado muito. Será que eles estavam furiosos por causa do museu, pensando que ele era o culpado? Mas eles estavam errados. O culpado estava a poucos metros dele, ao lado de seu novo benfeitor.

— Você me disse que trabalhava para Karl Tang e para os chineses — falou Cassiopeia para Viktor.

— E trabalho. Mas estou lá por causa dos russos.

Malone balançou a cabeça.

— A mesma coisa da Ásia Central. Trabalhando para nós, para eles para nós de novo, depois para eles. Inferno, não consigo entender como você consegue.

— Sou um homem talentoso — disse Viktor, sorrindo. — Já trabalhei até para ela. — E apontou para Stephanie.

Stephanie deu de ombros.

— Eu o usei em uns dois trabalhos freelances. Diga o que quiser, mas ele trabalha bem.

— Da última vez, ele quase matou todos nós — lembrou Malone.

— Entrei lá cego, achando que ele estava do nosso lado.

— E eu estava — acrescentou Viktor.

— Ele é um bom agente — disse Ivan. — E próximo a Karl Tang, exatamente onde queremos que esteja.

Isso explicava como Ivan sabia tanto sobre o que estava acontecendo com Cassiopeia. Mas Malone sentiu necessidade de perguntar:

— Por que precisam de nós?

— Tang envolveu vocês — respondeu Viktor. — Eu disse para deixá-los em paz.

Ivan balançou a cabeça.

— Não pedi para Stephanie se meter nos meus negócios. Ideia dela não minha. Contratei Viktor para um serviço. Ele trabalha bem.

— O filho de Sokolov é o que importa — disse Cassiopeia. — É por causa dele que estou aqui. E preciso ir embora.

Stephanie segurou o braço de Cassiopeia.

— Não vai mesmo. Olhe à sua volta. Um museu está em chamas, três homens estão mortos. A propósito, qual de vocês os matou?

Malone levantou a mão.

— Matei um. Mas estava sendo bonzinho.

— Quer dizer que atirou nele depois que o jogou no fogo? — perguntou Stephanie.

Ele deu de ombros.

— Pode me chamar de louco, mas eu sou assim.

— Viktor matou os outros dois — disse Cassiopeia.

Malone percebeu a gratidão na voz dela, o que o deixou irritado. — E o lampião? — perguntou Ivan a Cassiopeia. — Você o encontrou?

— Estava comigo, mas não está mais — disse Malone.

Ele explicou o que aconteceu no jardim. Ivan pareceu agitado. As coisas aparentemente não estavam acontecendo de acordo com seus planos.

— Preciso do lampião — declarou o russo. — Temos de descobrir quem era o homem no jardim.

— Não é difícil — disse Cassiopeia. — O arqueiro e esse ladrão no jardim são homens de Pau Wen. Ele está com o lampião. De novo.

— Como você sabe disso? — perguntou Stephanie.

Cassiopeia repetiu o que o arqueiro dissera.

Ivan encarou Malone.

— Quando caiu, o lampião ficou inteiro?

— A coisa era feita de bronze. Ficou bem. Mas usei o óleo que tinha dentro para cuidar do homem que eu matei.

Ivan franziu a testa.

— Não tem mais óleo?

Ele assentiu.

— Pegou fogo.

— Então, estamos todos encrencados. Karl Tang não quer o lampião. Ele quer o que tinha dentro.

* * *

Tang assistiu ao amanhecer no leste, os primeiros raios de sol colorindo o céu de violeta, depois de salmão, e mais tarde de azul. Seu helicóptero estava subindo pelo ar da manhã, seu destino, Lanzhou, 400 quilômetros a oeste, mas ainda na província de Gansu. Sentia-se revigorado.

A conversa com Pau Wen tinha sido boa. Outro elemento resolvido. Agora estava na hora de cuidar de Lev Sokolov.

O que esse homem sabia podia muito bem determinar o futuro de todos eles.

* * *

— A culpa é sua — disse Malone para Ivan. — se tivesse nos contado a verdade, isso não teria acontecido.

— Por que esse óleo em particular é tão importante? — perguntou Stephanie, e Malone percebeu o interesse em sua voz.

Ivan balançou a cabeça.

— É importante. Para Tang. Para Sokolov. Para nós.

— Por quê?

Um sorriso espalhou-se pelo rosto do russo.

— Aquilo é petróleo de muito tempo atrás. Uma amostra direta da terra. Ficou na tumba por 2 mil anos. Depois ficou na lâmpada até esta noite.

— Como você sabe disso? — perguntou Malone.

— Nós só sabemos — disse Viktor — o que Karl Tang disse. Ele me contou que o lampião foi tirado de uma escavação por Pau Wen na década de 1970, e ficou com ele desde então. A boca do dragão estava selada com cera de abelha.

Malone assentiu.

— Até o fogo começar. Que os seus homens começaram.

— Contra a minha vontade — disse Viktor.

— Não foi o que você disse a eles quando chegaram. Disse para pegar a gasolina para *caso precisassem*.

— Já ouviu falar em jogar o jogo? — perguntou Viktor. — Tang nos mandou recuperar o lampião e mascarar qualquer evidência de que estivemos lá. Se tivéssemos entrado e saído sem maiores problemas, não haveria necessidade. É óbvio que eu não fazia a menor ideia de que teríamos essa maravilhosa reunião.

Malone viu a derrota no rosto de Cassiopeia.

— O filho de Sokolov está desaparecido — disse ela para ele. — Sem petróleo. Sem lampião.

— Mas nada disso faz sentido — disse ele.

— Precisamos fazer uma visita a Pau Wen.

Ele assentiu.

— Mas também precisamos descansar. Você parece estar prestes a desmoronar. Eu também estou cansado.

Aquele garotinho depende de mim.

Ele viu a resolução formar-se nos olhos de Cassiopeia.

— Entrarei em contato com Pau — disse Ivan.

Malone balançou a cabeça.

— Não é uma boa ideia. O que você acha que vai descobrir? Cassiopeia já esteve lá. Ela deve a ele. Temos uma razão para aparecer lá.

— Não gosto desse plano. Olhe o que aconteceu da última vez que de ouvimos a você.

— Ele provavelmente está se achando muito esperto agora — disse Cassiopeia. — Certamente, Pau tem alguém no meio daquela multidão assistindo a esse espetáculo. Então, ele sabe que estou viva.

Malone entendeu o que ela queria dizer.

E um dos homens dele não está.

— Quero saber tudo sobre Pau Wen — disse Malone para Stephanie. — Antes de irmos. Acha que consegue alguma coisa sobre o passado dele rapidamente?

Ela assentiu.

Malone encarou Ivan.

— Descobriremos o que precisamos saber.

O russo atarracado assentiu.

— OK. Tente.

— Preciso ir embora — disse Viktor.

Malone moveu os braços.

— Cuidado para a porta não bater no seu traseiro quando estiver saindo.

Cassiopeia entrou na frente de Viktor.

— Não antes de você me dizer onde está o filho de Sokolov. Você me disse que sabia.

— Menti para que me levasse com você.

— Onde está o garoto? — perguntou ela, o apelo claro em sua voz.

Mas Viktor pareceu insensível.

— Eu realmente não sei. — Ele encarou Ivan. — Tang vai querer saber de mim. Claro, os homens dele estão mortos e eu não estou com o lampião. Ele não vai ficar nada feliz.

— Vá atrás dele — disse Ivan. — E faça o que faz melhor.

— Mentir. — Malone não conseguiu resistir.

— Sei lidar com Tang — disse Viktor. — Mas tem uma coisa que você devem saber. Malone estava escutando.

— Tang ordenou um ataque à casa de Pau Wen. Talvez ele nem esteja vivo.

— E só agora você resolveu mencionar isso? — perguntou Malone. — Sabe, Malone, só estou aqui há poucos minutos, mas para mim, basta.

— Você é bem-vindo para dar seu melhor palpite.

— Resolvam isso depois — disse Stephanie. — Neste momento, estou preocupada com esse Pau Wen. Cotton, você e Cassiopeia vão à casa dele Vou providenciar o que precisam, e Ivan e eu vamos esperar notícias suas Viktor, vá fazer o que tem de fazer.

— Quem morreu e deixou você no poder? — perguntou Ivan.

— Não temos tempo para discutir.

Malone viu que Ivan concordava.

Ele também viu quando Viktor saiu por entre os carros estacionados.

— Você podia ter sido um pouco menos duro com ele — disse Cassiopeia.

Malone não podia se importar menos.

— Ele não salvou a *minha* vida. Duas vezes.

LANZHOU, CHINA

7H20

Tang não gostava de Lanzhou tanto quanto não gostava de Chongqing. A cidade cercava o rio Amarelo, espremida em um vale estreito e confinada entre montanhas íngremes. Centenas de olarias e fornalhas soltando fumaça eram vistas em seus arredores, tudo tinha a mesma coloração de barro, como a paisagem. No passado, servira de portão para a China, o último lugar para trocar de cavalos e comprar provisões antes de seguir para o oeste e entrar no deserto. Agora era a capital da província de Gansu — arranha-céus, shoppings e uma convergência de linhas ferroviárias estimulando o consumo. Nada de árvores, mas muitas chaminés, minaretes e fios de alta-tensão. Uma impressão geral de desolação.

Saiu do carro que o pegara no aeroporto. Tinha sido informado de que Lev Sokolov estava sob custódia, depois que seus homens invadiram a casa onde ele estava escondido.

Aproximou-se do prédio de apartamentos, passando por uma fonte que não continha nada além de sujeira e ratos mortos. Uma névoa matinal sumia conforme o sol ficava mais alto, revelando um céu cinzento. O cheiro de cimento fresco misturava-se com a fumaça exalada pelos carros e ônibus. Um labirinto de vielas e becos radiava em todas as direções, dividindo quarteirões de casas caindo aos pedaços. Estava cercado por um emaranhado louco de carroças, ambulantes, bicicletas e fazendeiros vendendo seus produtos. Os rostos eram principalmente árabes e tibetanos. Todo mundo usava roupas em tons de cinza, as únicas cores brilhantes vinham dos letreiros das lojas. Ele mudara de roupa, trocando seu terno sob medida por calças, camisa para fora, tênis e chapéu.

Parou na frente do prédio de granito, um lance de escadas de madeira levava aos andares superiores. Tinham lhe dito que era um prédio de gerentes de nível médio de uma refinaria de petróleo das redondezas. Subiu as escadas, os degraus mofados e úmidos, o topo cheio de caixas empilhadas, cestas e mais bicicletas. No segundo andar, encontrou a porta de madeira marcada, um homem esperando do lado de fora.

— Havia homens nos vigiando — reportou o homem.

Tang parou na porta e esperou. — Trabalham para o ministro Ni.

— Quantos?

— Cinco. Cuidamos deles.

— Disfarçadamente?

O homem assentiu.

Sorriu para mostrar sua satisfação. O vazamento em seu gabinete era pior do que imaginava. Ni Yong mandara homens diretamente para ali. Isso teria de ser corrigido.

Mas primeiro...

Entrou.

A única sala acomodava umas poucas cadeiras e uma mesa baixa, a pequena cozinha que ocupava uma parede estava cheia de utensílios imundos, caixas de alimentos, pratos e comida podre. Em um sofá estava sentado Lev Sokolov, as mãos e os pés amarrados, um pedaço de fita preta sobre a boca, a camisa encharcada de suor. Os olhos do russo arregalaram-se ao ver Tang.

Ele assentiu e apontou.

— É bom ficar com medo mesmo. Você me causou muitos problemas.

Falou em chinês, pois sabia que Sokolov entendia cada palavra.

Tang tirou o chapéu. Havia um homem seu de cada lado do sofá. Fez um gesto para que esperassem do lado de fora, e eles obedeceram.

Olhou em volta. Paredes pintadas de bege, lâmpadas de baixa voltagem pouco úteis para quebrar a escuridão. Fungos verdes surgiam no teto.

— Não é um bom esconderijo. Infelizmente para você, desconfiamos de que não tivesse saído de Lanzhou e concentramos nossas buscas aqui.

Sokolov observava com os olhos brilhando de pavor.

Uma cacofonia de moedores, perfuradoras e aviões, além das conversas das pessoas, passava pela janela, que era mínima.

Sokolov era alto, com ombros largos, cintura e quadris finos. Um nariz pequeno e reto projetava-se por baixo da fita que cobria sua boca, enquanto cabelos pretos, longos e sem corte escorriam por cima de suas orelhas. A barba começava a aparecer em seu rosto e pescoço. Tang sabia que esse estrangeiro era brilhante. Talvez um dos maiores teóricos do mundo em geologia petrolífera. Juntos, ele e Jin Zhao podem ter comprovado uma teoria que poderia mudar o mundo para sempre.

— Estou com você — disse Tang. — E estou com seu filho. Eu lhe ofereci um jeito de ter seu filho de volta, mas você escolheu outro caminho. Saiba que Cassiopeia Vitt fracassou. É bem provável que ela esteja morta agora. Ela não conseguiu o lampião. Na verdade, não existe mais petróleo dentro dele.

Os olhos de Sokolov encheram-se de terror.

— Isso mesmo — disse ele. — Qual é a sua utilidade agora? E do seu filho? O que vai acontecer com ele? Não seria adequado que ele se reunisse com a mãe? Pelo menos, ele terá um dos pais. Sokolov balançou a cabeça em uma tentativa furiosa de bloquear a realidade.

— Isso mesmo, camarada Sokolov. Você vai morrer. Assim como Zha morreu.

Ele parou de balançar a cabeça, os olhos brilhando com uma

interrogação.

— O recurso dele foi negado. Nós o executamos ontem.

Sokolov o encarava horrorizado, o corpo tremendo.

Tang recordou-se de que precisava de Sokolov vivo, mas também queria que este homem conhecesse o pavor. Meses atrás, ele tinha mandado que fizessem um perfil completo dele. Com isso, ficou sabendo da devoção dele ao filho. Esse nem sempre era o caso. Tang conhecia vários homens que não se importavam muito com os filhos. Dinheiro, ambição, às vezes até amantes, eram mais importantes. Mas não com Sokolov. O que era, em um aspecto, admirável. Não que pudesse solidarizar-se.

Outra coisa desse perfil lhe veio à mente.

Um pequeno item que apenas na noite anterior tornara-se importante.

Foi até a porta, abriu-a e fez um gesto para um dos homens se aproximar.

— No carro lá embaixo, tem alguns itens — disse ele, em um tom de voz baixo. — Pegue-os. Depois — ele fez uma pausa —, encontre alguns ratos.

* * *

Malone dirigiu enquanto Cassiopeia ficou sentada em silêncio no banco do carona. O quadril dele ainda doía, mas seu orgulho estava mais profundamente ferido. Devia ter mantido a calma com Viktor. Mas não tinha paciência nem tempo para lidar com distrações, e aquele homem exigia atenção constante. Talvez, porém, estivesse mais irritado pelo fato de Cassiopeia tê-lo defendido.

— Eu estava falando sério — disse ela. — Sou grata por você ter vindo.

— Que outra escolha eu tinha?

— Vender livros.

Ele sorriu.

— Eu não faço isso tanto quanto gostaria. Links de vídeos de amigos sendo torturados entram no caminho.

— Eu tinha de fazer isso, Cotton.

Ele queria compreender.

Cinco anos atrás, me envolvi em uns negócios na Bulgária que não acabaram bem. Foi quando conheci Sokolov. Ele trabalhava para os russos. Acabei encrencada, mas Sokolov me tirou de lá. Correu um risco e tanto.

— Por quê?

— Ele odiava Moscou e amava a nova esposa. Uma chinesa. Que estava grávida na época.

Agora ele compreendia. A mesma criança que agora estava em perigo.

— O que você estava fazendo nos Bálcãs? Não é um bom lugar para se passear.

— Eu estava atrás do ouro da Trácia. Um favor para Henrik. Mas as coisas ficaram feias.

Era comum isso acontecer com as coisas que envolviam Henrik

Thorvaldsen.

— Conseguiu encontrar?

— Claro que sim. Mas mal consegui sair do país. E sem o ouro. Cotton Sokolov não precisava fazer o que fez, mas eu nunca teria conseguido sair de lá se não fosse por ele. Depois, ele me encontrou pela internet. De vez em quando, nos falávamos. Ele é um homem interessante.

— Então você está em débito com ele.

Ela assentiu.

— E eu estraguei tudo.

— Acho que eu tive um pouco a ver com isso também.

Ela apontou para o cruzamento que se aproximava e disse para ele virar para leste.

— Você não fazia a menor ideia sobre o petróleo no lampião — disse ela. — Você estava agindo no escuro. — Ela fez uma pausa. — A esposa do Sokolov está arrasada. Aquele menino era a vida dela. Eu a encontrei na semana passada. Acho que ela não vai conseguir sobreviver sabendo que ele não vai mais voltar.

— Ainda não terminamos — disse ele.

Ela se virou para olhar para ele. Apesar da escuridão, ele conseguiu ver o rosto dela. Estava cansada, frustrada, furiosa.

E linda.

— Como está o seu quadril? — perguntou ela.

Não era exatamente o que ele queria que ela perguntasse, mas ele sabia que ela era tão arisca quanto ele quando se tratava de emoções.

— Vou sobreviver.

Ela estendeu a mão e tocou no braço dele. Ele se lembrou de outra vez que se tocaram, logo depois do enterro de Henrik, quando se afastaram do túmulo, passando pelas árvores desfolhadas de inverno, por um terreno coberto de neve, de mãos dadas, em silêncio. Não precisavam falar. O toque dizia tudo.

Como agora.

Um telefone tocou. O dele. Estava no console entre eles.

Ela afastou a mão e atendeu.

— É Stephanie. Ela tem informações sobre Pau Wen. — Coloque na viva voz.

* * *

Cassiopeia digeriu as informações que Stephanie passou sobre Pau Wen. Sua mente voltou para algumas horas atrás quando achou que fosse morrer. Arrependera-se de algumas coisas, lamentou a forma como sentiria saudades de Malone. Percebera a irritação dele quando ela defendeu Viktor, embora não fosse exatamente uma defesa, já que ela ainda acreditava que Viktor sabia muito mais sobre o filho de Sokolov do que ele estava disposto a admitir. Era óbvio que Viktor estava jogando outro jogo perigoso.

Russos contra chineses, americanos contra os dois.

Não era uma coisa fácil.

Stephanie continuou relatando o que havia descoberto.

Malone estava escutando, sua memória fotográfica certamente registrava cada detalhe. Isso podia ser uma bênção, mas também uma maldição. Havia tantas coisas que ela preferia não se lembrar.

Mas havia algo que ela lembrava claramente.

De cara com a morte, encarando o arqueiro, a flecha apontada para ela, e depois quando Viktor apontou a arma em sua direção, desejou desesperadamente ter mais uma oportunidade com Malone.

E teve.

BÉLGICA

Malone fitou o homem. Apesar de já passar da meia-noite, da escuridão do lado de fora e das evidências de um tiroteio, o velho homem que abriu as portas — de pernas curtas, peito magro e olhos vermelhos, mas alertas — parecia inabalável. Um sorriso débil apareceu em seus lábios. Malone reconheceu o rosto.

Do museu. Com mais dois, um deles carregando o arco e as flechas.

Cassiopeia estava certa. Pau Wen realmente estava com o lampião.

Cassiopeia não deu tempo para Wen reagir. Pegou sua arma, a mesma que Viktor usou para rastreá-la, e encostou o cano no pescoço dele. Puxou Wen para fora e o empurrou contra uma parede de pedra, imprensando alguns galhos de bambu artificial entre o robe de seda dele e a parede.

— Você mandou o arqueiro para me matar — disse ela.

Dois chineses mais jovens apareceram no topo de uma escadaria que levava para a casa. Malone puxou sua Beretta e apontou na direção deles, balançando a cabeça, dizendo que não deviam interferir. Os dois prosseguiram, como se soubessem que Cassiopeia não puxaria o gatilho.

Que bom que eles achavam isso. Já Malone não tinha tanta certeza.

Você veio até a minha casa — disse Pau. — Roubou meu lampião apontou uma arma para mim. Eu não tinha o direito de recuperar a minha propriedade?

Ela engatilhou a arma. Os outros dois chineses reagiram à ameaça crescente, mas Malone manteve-os afastados com sua arma.

— Você não mandou aquele homem para me matar por causa do lampião — disse ela. — Você *queria* que eu pegasse aquela maldita coisa.

— Foi o ministro Tang e não eu, quem mudou essa situação. — Talvez devêssemos deixá-lo explicar — disse Malone. — E talvez ele se sinta mais à vontade para falar se você tirar a arma do pescoço dele.

— E alguns homens também foram atrás de mim hoje. Para me matar — disse Pau. — Mandados por Tang. Pode ver as evidências disso na portas. Infelizmente para eles, eles morreram tentando.

— E nada de polícia? — perguntou Malone.

Wen sorriu.

Cassiopeia abaixou a arma.

Wen alisou sua túnica de seda e dispensou os dois homens com um aceno de mão.

— Você sabia que nós viríamos — disse Malone.

Vira a certeza nos olhos do homem.

— Você não. Mas ela sim. Eu sabia que ela estaria aqui antes de o seu nascer.

Ni ESTAVA ESPERANDO PARA EMBARCAR NO voo DE BRUXELAS PARA Pequim. Usara seu passaporte diplomático para que o lampião fosse no avião e estivesse esperando por ele no terminal quando desembarcasse na China. Já havia telefonado para seu gabinete, e um carro estaria no aeroporto para levá-lo diretamente para lá. Esperava que até chegar em Pequim já soubesse mais sobre o Ba e a conexão de Karl Tang com essa irmandade.

Aparentemente, nada tinha dado certo nas últimas horas, mas estava muito mais informado, e isso era bom. Pau Wen fora útil, talvez útil demais, mas Ni agora estava mais preocupado com Tang.

Escutou o anúncio de que os passageiros da primeira classe podiam embarcar.

Reservara um lugar na classe luxuosa por duas razões: porque precisava descansar e porque a companhia aérea oferecia conexão de internet durante o voo para os passageiros da primeira classe. Precisava se manter conectado.

Levantou-se.

O telefone vibrou em seu bolso, e ele o atendeu.

— Não temos Sokolov — informou seu assistente. — Nossos homens desapareceram. Não fazem contato há duas horas.

— E Tang está em Lanzhou?

— Ele está com Sokolov agora.

Pensou rápido. Tinham perdido o elemento surpresa.

— Quer que mandemos mais homens? — foi perguntado.

O curso parecia claro. Retirar, reavaliar, depois decidir.

— Não. Esperem.

— E Sokolov? Isso pode ser fatal para ele. — Teremos de esperar que não.

* * *

Cassiopeia seguiu Malone e Pau Wen para uma das salas de reunião. Reparou novamente na marcenaria, nas treliças, assim como nas antigas cortinas de seda e lanternas. Observou enquanto Malone absorvia tudo à sua volta também, certamente concluindo, assim como ela havia concluído na primeira vez que estivera ali, que esse lugar exalava riqueza e bom gosto. O bruxulear de velas lançava uma luz suave, e isso a acalmou.

Um mapa chamou a atenção de Malone. Cassiopeia também o notara. Talvez com 2 metros de comprimento por 1 de altura, pintado em seda — fina, engomada e texturizada. Uma série de símbolos chineses contornava as quatro laterais, formando uma moldura. Ela admirou as cores — carmim, safira, azul, amarelo e verde — cada matiz parecendo desbotada por um esmalte amarelo-acastanhado.

— É impressionante — comentou Malone.

— É uma reprodução de algo que vi uma vez. Uma representação antiga da China. — Pau apontou: — Os planaltos dos desertos de Gansu, Qinghai a oeste. Ao sul, Guangdong e Guangxi. O mar a leste, e ao norte, Longa Muralha de Dez Mil Milhas.

Malone riu ao escutar a expressão.

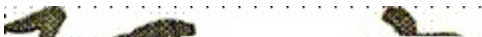
— Os chineses não a chamam de A Grande Muralha — disse Pau. O mapa era bem detalhado, mostrava lagos e rios e o que pareciam estradas conectando as cidades, todos delineados por pictografias.

Wen apontou para alguns lugares.

— Aqui embaixo fica Ling-ling, a cidade mais ao sul. Chiu-yuan, ao lado da longa muralha, protegia o norte. Ch'i-fu e Wu guardavam o mar Amarelo. Os rios retratados são o Wei, o rio Amarelo e o rio Azul.

— É preciso? — perguntou Malone.

— Os chineses eram excelentes cartógrafos. Na verdade, foram eles que desenvolveram a técnica. Então, sim, o mapa é preciso. Malone apontou para o extremo sudoeste e o que parecia ser a representação de montanhas. Três símbolos indicavam o lugar:



— É uma inscrição solitária.

Pau assentiu.

— O Pavilhão da Preservação da Harmonia. Um lugar antigo que ainda existe. Um dos milhares de templos da China.

O anfitrião apontou para duas poltronas de ratã, e eles se sentaram. Wen se acomodou em frente a eles em uma cadeira cantonesa. Malone, aparentemente recordando as informações que Stephanie passara ao telefone, tentou minimizar os fatos e não mencionou os russos. Mas ele disse:

— Sabemos que o lampião não é importante. É o petróleo dentro dele que Karl Tang quer. O senhor saberia por quê?

Os olhos de Wen mantiveram-se vazios e duros.

Na primeira visita, Cassiopeia não percebera as manipulações do velho, achando que estava no controle. Agora estava mais esperta.

— Apenas que Tang quer uma amostra de petróleo antigo por algum motivo.

— Está mentindo — declarou ela.

Wen franziu a testa.

E se eu estiver? O que vocês têm a oferecer em troca da informação que vieram buscar?

— O que o senhor quer? — perguntou Malone. Depois fez um gesto indicando tudo o que estava à sua volta. — Obviamente, não precisa de dinheiro.

— Verdade, sou um homem rico. Mas tenho uma necessidade. Deixe-me fazer uma pergunta para a Srta. Vitt. Pretende voltar para a China?

— O senhor sabe sobre Sokolov, sobre o menino e sobre Tang.

Sabe de tudo, não sabe?

— E a resposta para a minha pergunta?

— Eu não ia. Mas agora vou.

— Suponho que sua entrada será sem o consentimento do governo chinês, não é?

— Isso provavelmente seria o melhor — disse Malone.

— Quero ir com a senhorita.

— Por que consideraríamos tal coisa? — perguntou ela.

— Eu sei onde existe mais uma amostra de petróleo de 2 mil anos atrás.

* * *

Tang segurou um balde de metal que estava no carro. Pegara no campo de perfuração junto com alguns outros itens, antes de sair. Seu homem tinha voltado com dois ratos, um deles de ótimo tamanho, encontrado no beco atrás do edifício. Sabia que não seria difícil. Prédios como esse estavam infestados deles.

Escutou as pestes correndo dentro da caixa de papelão que fora usada como gaiola. Sabia que não levaria muito tempo para descobrirem que podiam atravessá-la. Sua investigação sobre o passado de Sokolov revelara que ele tinha uma fobia terrível de ratos, o que tornava as chances de refúgio do russo ainda mais estranhas. Mas tarde, ele provavelmente não teria muitas opções. Esconder-se entre 1,5 milhão de habitantes de Lanzhou possivelmente parecera uma aposta mais segura.

Tang voltou para onde Sokolov estava preso a uma cadeira com uma fita na boca, as mãos e os pés ainda amarrados. Mandara que tirassem a camisa dele, deixando seu peito exposto. Dois pedaços de corda com uns 2 metros cada estavam atrás da cadeira.

Sokolov ainda não tinha visto os ratos, mas certamente já escutara o barulho.

Tang acenou e a cadeira foi empurrada para trás. Sokolov agora estava encarando o teto, suas costas no chão, os pés no ar. A caixa de papelão foi aberta e Tang colocou os ratos no balde. O metal escorregadio impedindo que conseguissem tração, embora eles tentassem em vão escalá-lo.

Aproximou-se de Sokolov.

— Está na hora de você compreender o quão sério estou falando.

BÉLGICA

Malone escutara o bastante no carro para saber que Pau Wen tinha manipulado Cassiopeia alguns dias antes e que estava tentando fazer o mesmo agora.

— Por que o senhor quer ir para a China? — perguntou ele para Pau — Fiquei sabendo que fugiu do país décadas atrás.

— E qual é o seu envolvimento aqui?

— Sou seu agente de viagem. A pessoa que pode reservar sua passagem, dependendo do que eu achar disso tudo.

Pau sorriu.

— Está perto de acontecer uma revolução. Talvez até sangrenta. Na China, trocas de poder sempre envolveram morte e destruição. Karl Tang pretende assumir o controle do governo, de uma forma ou de outra.

— Por que ele precisa de uma amostra de petróleo de séculos atrás? — perguntou Cassiopeia.

— Vocês conhecem a história do Primeiro Imperador, Qin Shi? — perguntou Pau.

Malone conhecia um pouco. Sabia que tinha vivido duzentos anos antes de Cristo, cem depois de Alexandre, o Grande, e uniu sete Estados em guerra em um único império, formando o que mais tarde se chamaria China, em sua homenagem. O primeiro a fazer isso, começando uma sucessão de dinastias que governaram até o século XX. Autocrático, cruel, mas também visionário.

— Posso ler uma coisa para vocês? — perguntou Pau.

Nem Malone nem Cassiopeia opuseram-se. Na verdade, Malone queria escutar o que o homem tinha a dizer, e ficou feliz ao ver que Cassiopeia parecia concordar.

Pau bateu palmas duas vezes e um dos jovens, que os observara de cima quando chegaram, apareceu com uma bandeja, sobre a qual havia uma pilha de frágeis folhas de seda. Ele colocou a bandeja no colo de Pau e saiu.

Esta é uma cópia de *Registros do Historiador Shi Ji*, como passou a ser chamado. Foi escrito com o objetivo de abranger toda a história da humanidade, de uma perspectiva chinesa, até a época da morte do escritor, por volta de 90 a.C. É o primeiro trabalho de registro histórico da China.

— E, por acaso, o senhor tem o original? — perguntou Malone. — Pronto para nos mostrar.

— Como eu disse, sabia que ela viria.

Malone sorriu. Este homem era bom.

— O criador do *Shiji* foi o grande historiador da dinastia Han, Sima Qian. Ele supostamente consultou registros imperiais e viajou muito, baseando-se em documentos privados, bibliotecas e lembranças pessoais. Infelizmente, Qian acabou perdendo os privilégios que o rei lhe concedia. Foi castrado e preso, mas quando foi solto, tornou-se novamente secretário do palácio e completou seu trabalho.

— Ele era eunuco? — perguntou Malone.

Pau assentiu.

— Um eunuco muito influente também. Este manuscrito ainda goza de imenso prestígio e é admirado em todo o mundo. Continua sendo a melhor fonte que existe sobre o Primeiro Imperador. Dois de seus 130 capítulos falam especificamente de Qin Shi.

— Escrito quase cem anos depois que ele morreu — comentou Malone.

— Você conhece a história.

Malone deu um tapa na própria cabeça.

— Tenho uma boa memória para detalhes.

— Você está certo. Foi escrito muito tempo depois que o Primeiro Imperador morreu. Mas é tudo o que temos. — Pau Wen pegou a folha de seda que estava no topo, marrom e manchada como se alguém tivesse derramado chá ali. Caracteres apagados, escritos em colunas, estavam visíveis.

— Posso ler? — perguntou Pau.

E o Primeiro Imperador foi enterrado no monte Li.

Desde sua ascensão ao trono, Qin Shi começara a escavação e construção no monte Li, e quando todos os poderes estavam reunidos em suas mãos, mais de 700 mil trabalhadores foram enviados para o local para labutar.

Através de três rachaduras subterrâneas, eles cavavam e despejavam bronze derretido para fazer o caixão externo e os moldes dos palácios, pavilhões e gabinetes do governo com os quais a tumba foi preenchida.

E havia ferramentas maravilhosas e joias preciosas e raros objetos trazidos de longe. Os artesãos recebiam ordens de construir bestas ^[2] como armadilhas para que qualquer pessoa que tentasse saquear a tumba encontrasse morte repentina. Usando mercúrio, eles fizeram os cem rios da terra, o rio Amarelo e o Azul, e o mar da China, e máquinas mantinham as águas em movimento. As constelações do céu foram reproduzidas em cima, e as regiões da terra embaixo.

Tochas foram feitas de óleo para queimar por um longo tempo. Concubinas sem filhos receberam ordens de seguir o imperador na morte, e entre os artesãos e trabalhadores, nenhum teve permissão de sair dali vivo.

Vegetação foi plantada de forma a parecer uma montanha.

— Nenhum governante antes, ou desde então — disse Pau — criou um memorial dessa magnitude. Havia jardins, recintos, portões, torres e palácios imensos. Até um exército de terracota, milhares de figuras em formação militar, pronto para defender o Primeiro Imperador. A circunferência total do complexo da tumba é de mais de 12 quilômetros.

— Aonde o senhor quer chegar? — perguntou Cassiopeia, impaciente — Captei a referência de tochas feitas de óleo que queimavam por muito tempo.

— O monte ainda existe, a apenas 1 quilômetro do museu dos guerreiros de terracota. Hoje, tem apenas 50 metros de altura, metade foi levada pela erosão, mas dentro ainda está a tumba de Qin Shi.

— Que o governo chinês não permitirá que seja escavada — disse Malone. — Li notícias recentes sobre isso. O sítio está cheio de mercúrio. Ele usaram para simular rios e oceanos no chão da tumba. Testes feitos no solo confirmaram altas taxas de mercúrio no solo.

— Você está certo, tem mercúrio lá. E fui eu que, décadas atrás, escrevi o relatório que levou à ordem de não escavação.

Pau levantou-se e andou pela sala, aproximando-se de outra imagem feita de seda, que estava pendurada, esta de um homem imponente usando um robe comprido.

Esta é a única representação que restou de Qin Shi. Infelizmente, feita séculos depois de sua morte, por isso sua precisão é duvidosa. O que sobreviveu foi a descrição que um de seus conselheiros fez dele. *Ele tem a tromba de um vespão e olhos grandes que veem tudo. Seu peito é como o de uma ave de rapina, e sua voz é como a de um chacal. Ele é cruel e tem um coração de tigre ou lobo.*

— Como isso pode nos ajudar? — perguntou Malone.

Um sorriso satisfeito iluminou o rosto envelhecido de Pau Wen.

— Eu estive dentro da tumba de Qin Shi.

LANZHOU, CHINA

Tang mostrou a Lev Sokolov o que estava dentro do balde. Os olhos do russo ficaram apavorados.

— Ratos ativos — disse Tang.

Sokolov ainda estava deitado no chão, amarrado à cadeira, as pernas dobradas, olhos para o teto, como um astronauta em uma cápsula. Sua cabeça começou a balançar para a frente e para trás, implorando para parar com tudo. Suor brotando em sua testa.

— Você mentiu para mim pela última vez — disse Tang. — E eu protegi você. Os oficiais aqui de Gansu queriam prendê-lo. Eu impedi. Queriam bani-lo da província. Eu disse não. Chamaram-no de dissidente. E eu o defendi. Você não era nada além de problema. Pior, você me causou constrangimento pessoal. E isso eu não posso deixar sem resposta.

Seus três homens estavam ao lado da cadeira, dois nas pernas e um perto da cabeça dele. Tang acenou e eles seguraram Sokolov de forma que seu corpo ficasse na mesma posição. Tang rapidamente se aproximou e virou o balde, pressionando-o com força, mantendo-o no lugar, os ratos presos embaixo, agora andando e cheirando o peito nu de Sokolov. A cabeça do russo balançava da direita para a esquerda, as mãos de um dos homens de Tang segurando-a, os olhos fechados em agonia.

Tang pressionou o peito sobre o balde para garantir que ele não saísse do lugar e amarrou as cordas que estavam no chão para prender o balde ao corpo de Sokolov.

Tang deixou as coisas acalmarem-se por um momento, mas Sokolov continuava debatendo-se.

— Sugiro que fique quieto — disse Tang. — Assim você os deixaria menos agitados.

O russo pareceu recobrar um pouco do controle e parou de se debater, mesmo assim, os três homens continuaram segurando-o firme.

Tang foi até a mesa e pegou um dos dois últimos itens que trouxera da plataforma de petróleo. Um pequeno maçarico de mão com ignição instantânea movido a acetileno. O tipo de instrumento usado para pequenos consertos nos equipamentos. Abriu a válvula de latão. Saiu gás pela ponta, produzindo um assobio. Colocou o maçarico de pé sobre a mesa e pegou o último item, uma vela de ignição, e acendeu.

Ajustou a chama para azul quente.

Abaixou-se e deixou o calor lamber o fundo do balde, depois passou a

chama nas laterais do recipiente.

— Conforme esquentava, os ratos instintivamente afastam-se do metal. Logo sentirão uma necessidade desesperada de sair da prisão. Mas não tem como sair. Tudo é resistente às garras deles, menos a sua pele.

Tang escutou os ratos batendo na parte interna do balde, guinchando de aflição.

Sokolov gritava por trás da fita, mas só era possível escutar um murmúrio. O corpo preso do russo estava todo tenso e molhado de suor. Tang continuava aquecendo o balde, com cuidado para não esquentar demais, apenas o suficiente para incitar os ratos a atacarem a carne.

O rosto de Sokolov estava deformado de aflição. Lágrimas escorriam dos olhos do russo e pingavam pelas laterais.

— Os ratos vão chegar até o seu estômago — disse Tang. — Vão cavar pela sua pele, tentando fugir do calor. — Ele continuava esquentando o balde com a chama. — Não podemos culpá-los. Qualquer criatura faria a mesma coisa.

Sokolov gritou de novo — um murmúrio longo e intenso que foi abafado pela fita. Tang imaginou o que estava acontecendo. Os ratos arranhando furiosamente, usando os dentes também, amaciando a carne que poderia ajudá-los a fugir mais rápido.

Tang aprendera que o truque era saber quando parar. Se demorasse muito, a vítima ficaria com ferimentos sérios, talvez até fatais, causados pelas infecções espalhadas pelos ratos. Se fosse rápido demais, o objetivo não seria atingido, e repetir o processo era problemático, a não ser que a vida da vítima não importasse.

Bastava.

Afastou o maçarico.

— É claro — disse ele, mantendo o olhar tão gentil quanto a voz — que existe uma alternativa, se você estiver disposto a escutar.

BÉLGICA

Malone captou o significado do que Pau tinha dito. — Como isso é possível?

— Quando o exército de terracota foi descoberto em 1974, o presidente Mao me mandou até lá para investigar e determinar a extensão da descoberta. Imediatamente percebi que o que tinha sido descoberto era de uma importância imensa. Ninguém fazia ideia de que o exército subterrâneo existia. — Pau apontou para as sedas à sua frente. — *Shijin* não fala nada sobre isso. Nenhum registro escrito menciona sua existência. Era como se tivesse sido concebido, produzido, enterrado e, depois, esquecido.

Malone lembrava-se de ter lido sobre a descoberta. Pau estava certo — teve um significado enorme para a China. Milhões de pessoas iam ao sítio todo ano. Nenhum chefe de Estado que visitava o país deixava de ir lá. Até o papa foi visitá-lo durante uma visita sem precedentes à China no ano passado.

— Enquanto eu estava no sítio arqueológico — continuou Pau —, em um dia de sorte, encontrei algo ainda mais notável.

As escavações não paravam, dia e noite, havia três meses. Já tinham sido desenterrados centenas de guerreiros de terracota, a maioria em pedaços, empilhados um em cima do outro, como árvores caídas em uma floresta. Por sorte, as peças estavam todas umas perto das outras, então Pau mandou que uma oficina de restauração fosse construída, e as imagens, montadas. Os arqueólogos e engenheiros asseguraram-lhe que era possível fazer isso. De fato, eles estavam confiantes de que o exército inteiro poderia ser ressuscitado e colocado de pé, um guerreiro de cada vez. Podia haver milhares deles, disseram-lhe. Além de charretes e cavalos.

Que sítio seria aquele!

E ele concordava.

Mas o monte que ficava ali perto o interessava mais. Ficava a 1 quilômetro de distância, ao sul do rio Wei, ao lado das encostas da montanha Black Horse. Uma extensa pirâmide de terra com laterais rasas e base ampla, ocultada por árvores que se elevavam pela planície herbosa, aparentemente parte da paisagem.

Mas essa tinha sido a ideia.

Os homens da época de Qin Shi acreditavam que os mortos continuavam vivendo, mas em um mundo diferente, e que deviam ser tratados como os vivos. Então, o Primeiro Imperador criou para ele mesmo uma imponente necrópol imperial, um império subterrâneo para continuar seu reinado no mundo dos mortos. Uma vez criado, tudo foi escondido com terra, criando um monte que chegou a ter

mais de 100 metros.

Alguém já entrou no monte?

Referências literárias de centenas de anos depois da morte de Qin relatam que entraram na tumba duas vezes. Primeiro, rebeldes em busca de armas três anos após a morte do imperador, depois 700 anos mais tarde para ser saqueado. Cinzas espalhadas, terra queimada e os próprios guerreiros quebrados sugerem que a primeira violação pode ter ocorrido. Poucas das armas que os guerreiros carregavam foram encontradas até agora. Mas o monte em si não fez parte da primeira violação, e ninguém sabe ao certo se a segunda invasão realmente aconteceu. Ele lera o Shiji e sabia que era possível haver rios e oceanos de mercúrio ali dentro, parte de uma elaborada representação do império de Qin, e isso pode ter sido um problema. Embora na antiguidade fosse visto como um remédio, o mercúrio estava longe de ser isso, e provavelmente contribuiu para a morte do imperador. O tolo ingeria todos os dias um elixir de mercúrio, achando que lhe garantiria a imortalidade. Mas, então, olhando o monte que estava ali havia mais de 2 mil anos, Pau pensou que talvez Qin estivesse certo.

Ali estava a imortalidade dele.

O próprio Mao interessava-se bastante pelo que estava acontecendo ali. Já tinham se passado sete anos desde a Revolução Cultural. Multidões acenando com seus livrinhos vermelhos com os ensinamentos de Mao já não existiam havia muito tempo, graças a Deus. Colégios e universidades tinham reaberto. O exército era estável. O comércio voltara. A China fazia parte do mundo de novo. Os guerreiros da época do Primeiro Imperador - um exército subterrâneo, imponente, silencioso e até agora desconhecido - podiam ser úteis para implantar o projeto de Mao para a construção da nação. Então, o governo assumira o controle do sítio, lacrado pelos militares, e os empregados eram revistados na entrada e na saída. Alguns saques aconteceram, a maioria arcos de bronze vendidos como sucata. Muitos foram presos, tornando-se exemplos, para que nada atrapalhasse o potencial da área. O presidente tinha lhe dito para fazer o que fosse necessário afim de preservar o achado.

Mao confiava nele, não podia decepcioná-lo.

Então, ordenara mais escavações exploratórias.

Shiji deixava claro que havia inúmeros aspectos no complexo da tumba. As escavações já tinham dado frutos. Áreas de interesse tinham sido identificadas. Em uma delas, cavalos e charretes foram descobertos. Não representações, e sim ossos de cavalos e uma charrete de verdade. O que mais estava escondido na terra à sua volta? Só lhe restava imaginar. Levaria anos para descobrir tudo.

— Ministro?

Ele virou-se para encarar um dos muitos supervisores a quem confiara os trabalhadores locais, homens com quem podia contar para manter a ordem. — Encontramos uma coisa.

Ele seguiu o grupo pelo sítio principal — que tinham começado a chamar de Cova 1 — até uma área 25 metros a noroeste. Uma escada aparecia após uma curva escura, enfiada na terra vermelha.

— Eu encontrei a biblioteca imperial embaixo daquele solo — disse Pau — Centenas de manuscritos. Um mais valioso que o outro.

— Nunca ouvi falar dessa descoberta — disse Malone.

— Porque eu fechei o lugar. Mao não estava interessado em manuscritos. Para ele, o passado não tinha importância, a não ser que pudesse ser usado na sua revolução. Mao era legalista, não confuciano... Se é que entendem a diferença.

— Benevolência versus opressão — disse Cassiopeia.

Pau assentiu.

— É um debate que prossegue na China há muito tempo.

— E você é o quê? — perguntou Malone.

— Servi a muitos legalistas.

— Isso não responde à minha pergunta.

Sou o que for melhor para a China. Essa sempre foi a minha preocupação.

Ainda não era uma resposta, então ele insistiu:

— Por que o senhor fechou a biblioteca?

— Para evitar que Mao destruísse o que estava dentro.

— E o que estava dentro?

— Ensinaamentos que contradiziam os de Mao.

— O senhor é bom em não responder a perguntas.

Pau sorriu.

— Minha intenção era voltar e explorar mais o local, porém as circunstâncias mudaram e não tive a oportunidade de retornar. Mas o que importa é o que encontrei lá dentro.

Malone esperou.

— O caminho para a tumba de Qin Shi.

* * *

Tang observava enquanto Lev Sokolov pensava no que ele tinha acabado de falar. O russo continuava preso à cadeira, mas o balde tinha sido tirado. Os roedores tinham dilacerado sua pele e sangue jorrava de ferimentos feios.

— Você vai fazer o que eu falei? — perguntou ele para Sokolov. A boca do cientista ainda estava colada por uma fita, então só pôde assentir.

Tang apontou para a estante.

— Você vai precisar de antibióticos, e depressa. Imagina a quantas doenças você foi exposto. Sugiro que não me decepcione.

Sokolov assentiu furiosamente, mostrando que isso não ia acontecer.

O telefone celular via satélite de Tang vibrou em seu bolso. Uma interrupção como essa devia ser vital, então olhou para ver quem era.

Viktor Tomas.

Foi para o corredor do lado de fora e atendeu a ligação.

— Tenho algumas coisas para lhe contar — disse Viktor.

Escutou o que estava acontecendo na Bélgica, depois disse:

— Você estava certo sobre Cotton Malone. Eu devia ter escutado.

— Ele é incontrolável.

- Não gosto muito dele, e você?
- Ele é encrenca.
- E Malone e Vitt estão na casa de Wen agora?
- Estão.

Isso não fazia parte do plano.

- Preciso saber os frutos dessa reunião.

Estou esperando essa informação agora mesmo.

* * *

Malone percebeu que a paciência de Cassiopeia tinha acabado. Sabia que a preocupação dela era o filho de Sokolov e que, no momento, não tinham nada para oferecer para Karl Tang, então tentou perguntar para Pau:

- O que o senhor viu dentro da tumba do imperador?

— Posso lhe dizer que as histórias de saques estavam erradas. Era um lugar virgem. Intocado.

— E ninguém ficou sabendo? — perguntou Malone. — Nem seu bon camarada Mao?

— Tempos difíceis, Sr. Malone. Essas coisas não eram importante naquela época. A Revolução Cultural de Mao fez com que inúmeras histórias chinesas se perdessem para sempre. As gangues quebraram mãos de pianistas, queimaram livros e pinturas, forçaram cirurgiões a limpar banheiros, professores a usar orelhas de burro. Mao queria muita desordem para que conseguisse alcançar muita ordem, por meio dele. Foi uma época em que destruímos de boa vontade nossa herança. A descoberta do exército de terracota acabou ajudando a mudar esse pensamento tolo, mas isso foi alguns anos depois. Na época da minha descoberta, preferi ficar com a boca fechada.

- Mas mudou de ideia agora — disse Cassiopeia.

- Preciso voltar para a China...

- Sem ser notado — disse Malone.

Pau assentiu.

— Vocês têm como. Eu estou precisando. Vocês também precisam. Dentro da tumba de Qin existem centenas de lampiões, cheios de petróleo. Eu mesmo acendi um.

O anfitrião acompanhou-os de volta para perto do mapa em seda, que estava do outro lado da sala, e apontou para o meio dele.

— Aqui fica Xianyang, capital de Qin. A tumba do Primeiro Imperador foi construída aqui por perto. Se conseguirem me levar até Xi'an, posso conseguir a amostra de petróleo de que vocês precisam.

Malone analisou o mapa mais de perto. Gostaria de saber ler o que estava escrito em toda a sua volta.

- São designações antigas?

Pau assentiu.

- Se o levamos até lá, o senhor consegue entrar na tumba de Qin? —

perguntou Cassiopeia.

A biblioteca que eu descobri foi redescoberta há poucos dias, adjacente à Cova 3 no museu de terracota.

— Então, eles encontraram a passagem para a tumba — disse Malone.

— As informações que recebi dizem que os que encontraram a câmara estão concentrando seus esforços nos manuscritos. Não encontraram a entrada, e não encontrarão. Eu escondi bem a passagem.

— Como o senhor sabe disso tudo? — perguntou Malone.

— Karl Tang me disse, há pouco tempo. Nós nos falamos ao telefone. Ele mencionou os manuscritos, mas nada sobre a passagem.

Essa informação aguçou o interesse de Malone.

— E por que o senhor estava conversando com Karl Tang?

— Já fomos aliados, mas não somos mais. Preciso voltar para a China imediatamente. Em troca, eu lhes mostrarei a entrada para a tumba e darei um lampião cheio de petróleo da época de Qin Shi.

— Onde está o lampião de dragão? — perguntou Cassiopeia.

— O ministro Ni Yong o levou de volta para a China. Ele veio aqui depois de você, procurando a mesma coisa. Como não era importante, deixei que ele o levasse.

— Ele não sabe sobre o petróleo?

Wen balançou a cabeça.

— Eu não contei a ele.

— E o senhor ainda não vai nos contar por que aquele petróleo é tão importante para Karl Tang — questionou Cassiopeia.

— Contarei. Mas quando estiver na China.

— Então, me diga uma coisa — disse Malone. — E o seu lugar no avião depende de uma resposta muito boa. — Ele fez uma pausa. — Como você e Tang já foram aliados?

— Nós dois fazíamos parte do *Ba*. Eunucos. Embora eu desconfie de que você já soubesse disso.

Verdade, ele já sabia.

Malone pegou o celular e disse:

— Preciso fazer uma ligação.

Pau apontou para as janelas e para o pátio que ficava atrás.

Malone saiu e discou o número de Stephanie. Ela escutou o relato dele e o pedido. Falou um momento com Ivan, que estava com ela, depois disse:

— Podemos fazer isso. Pode trazê-lo.

— Estamos depositando muita confiança nisso.

Eu sei — disse ela. — Mais uma coisa, Cotton. O Robin Hood do museu, aquele que tentou atingir Cassiopeia... Quando examinaram o corpo, descobriram uma coisa que agora me parece ainda mais relevante.

Malone já sabia.

— Ele também era eunuco.

Tang estava parado no corredor e tranquilamente digerira os novos acontecimentos.

Os americanos estavam envolvidos?

Inesperado, para dizer o mínimo. Mas não totalmente insuperável. Estava prestes a voltar para o quarto e encerrar seus negócios com Lev Sokolov quando o telefone tocou de novo.

Ele o atendeu.

— Meu informante russo acabou de me avisar — disse Viktor. — Malone, Cassiopeia e Wen estão vindo para a China.

— Você sabe como?

— Os russos vão ajudar. Estão trabalhando com os americanos. Um problema, por um lado, mas um alívio por outro. Escutou enquanto Viktor explicava os planos da viagem, depois disse:

— Isso nos dá a oportunidade de eliminá-los todos de uma só vez.

— Exatamente o que pensei.

— Quando eles virão?

— Em poucas horas. Já reservei um voo.

— Precisarei que você assuma o comando pessoalmente, assim que chegar aqui. — Lembrou dos espões em seu gabinete. — Comunique-se apenas comigo. São poucos em quem posso confiar essas informações.

— Resolverei tudo enquanto estiver a caminho — disse Viktor.

— Acredito que você realmente vá gostar da morte de Malone, mas já percebi que as coisas são um pouco diferentes em relação a Cassiopeia. Antes, você deixou claro que ela não passaria daquela noite. E evidentemente que isso não aconteceu.

— Por causa da interferência de Wen.

— O que você quer dizer que foi *minha* interferência.

— Eu não disse isso.

— Não precisou. Ordenei o ataque a Ni, que falhou. Pau obviamente retaliou, o que causou problemas inesperados.

— O senhor está no comando — disse Viktor

— Ainda assim, tenho a impressão de que você ficou feliz por eu interferir, pelo menos no que diz respeito a ela.

— Eu obedeco às suas ordens.

Quero saber. — Ele fez uma pausa. — Você tem alguma relutância em ver Cassiopeia morrer junto com os outros?

A linha ficou em silêncio por um momento. Tang esperou.

— Nenhuma — disse Viktor. — Cuidarei disso.

BAÍA DE HA LONG, VIETNÃ
QUINTA-FEIRA, 17 DE MAIO
7H

Malone olhava perplexo aquela cena magnífica.

Ele conhecia a fábula. Certa vez, um dragão correu para a costa e, ao balançar o rabo, cavou vales e fendas pelo caminho. Quando a criatura se jogou no mar, a água preencheu as depressões, deixando monólitos, aquelas pequenas ilhas de pedra, imponentes como uma galeria de esculturas inacabadas, uma atrás da outra, quase alcançando o céu. Parado no cais, admirando a Baía de Ha Long, cujo nome significa "onde o dragão desceu ao oceano", ele quase acreditava na lenda. As águas tranquilas estendiam-se por mais de 1.500 quilômetros quadrados, e acabavam alcançando o Golfo de Tonkin. Três mil ilhas pontilhavam a vastidão azul-turquesa, a maioria blocos de calcário inabitado. Arbustos e árvores verdejantes cobriam grande parte delas, o fascinante contraste de sua cor primaveril com o brilho opaco só realçava aquela cena surreal.

Malone, Pau Wen, Cassiopeia, Stephanie e Ivan voaram da Bélgica. Hanói em um EC-37 da força aérea americana. Fizeram a viagem em pouco mais de dez horas, graças a um passe livre para o espaço aéreo russo conseguido por Ivan. Pegaram um helicóptero e fizeram um rápido voo para o leste, indo na direção da província de Quang Ninh. A Rússia parecia ter um bom relacionamento com os vietnamitas, pois eles foram recebidos no país sem maiores questionamentos. Quando Malone estranhou tanta camaradagem, Ivan simplesmente sorriu. — Já estive aqui antes? — perguntou Cassiopeia.

Eles pararam perto de um conjunto de casas que formava uma vila flutuante. Enormes barcos turísticos repousavam ancorados, assim como muitos juncos, suas velas em forma de leque não encontravam vento. Um pequeno barco apareceu, dentro havia um pescador usando dois remos cruzados formando um X. Malone observou enquanto o homem equilibrava-se e jogava a rede na água, seus pesos abrindo a malha como uma flor. — Uma vez, anos atrás — respondeu Malone. — Em uma missão, passei por aqui a caminho da China.

— Da mesma forma que fará hoje — disse Ivan. O russo observava o céu, procurando algo. — A fronteira está a menos de 200 quilômetros ao norte. Mas não iremos nessa direção.

— Parece que você já fez isso antes — comentou Stephanie.

— Algumas vezes.

Pau Wen passara o longo voo calado; dormiu a maior parte do tempo, como fizeram todos, tentando ajustar-se às seis horas de diferença. Pau contemplava o mar, deixando a impressão de que também estivera ali antes. Uma fina névoa emanava da superfície da água, atenuando o sol nascente. Nuvens acinzentadas pontilhavam um céu azul.

— Tran Hung Dao, alto comandante do Vietnã, enfrentou o exército de Kublai Khan aqui —, disse Pau —, em 1288. Ele colocou estacas de bambu nos rios para que, quando os barcos chineses chegassem em maré baixa, como sabia que aconteceria, os cascos fossem perfurados. Quando isso acontecia, suas tropas apareciam e matavam os invasores.

Malone conhecia o resto da história.

— Mas os chineses voltaram, conquistaram e dominaram a região por quase mil anos.

— O que explica por que o Vietnã e a China não são amigos — acrescentou Ivan. — Boa memória.

Durante o voo, Malone lera as informações que Stephanie rapidamente juntara sobre Pau Wen. A experiência de Wen era acadêmica com ênfase em história, antropologia e arqueologia, mas era evidente sua habilidade como político. De que outra forma alguém se tornaria confidente de Mao Tsé-Tung e Deng Xiaoping, duas personalidades extremamente diferentes, e seria bem-sucedido com ambos?

— Meu tio era pescador — disse Pau. — Ele navegava em um juncos. Quando era criança, eu saía para velejar com ele.

Uns cinquenta juncos flutuavam na baía.

— A vela de algodão é imersa em um líquido que vem de uma planta similar à batata-doce — continuou Pau. — E isso que dá a coloração avermelhada. Também previne o apodrecimento e o mofo. Minha tarefa, quando criança, era cuidar das velas. — Pau não fez esforço para esconder seu tom nostálgico. — Eu adorava a água. Ainda me lembro de costurar os grossos panos de algodão uns nos outros, um ponto de cada vez.

— O que o senhor quer? — perguntou Malone.

— Você é sempre tão direto?

— O senhor alguma vez responde alguma pergunta?

Wen sorriu.

— Só quando quero.

Cassiopeia pegou três sacolas na doca. Mais cedo ela havia se oferecido para comprar comida e bebida, e Ivan lhe dera dinheiro local para as compras.

— Pão e refrigerante — anunciou. — Foi o melhor que consegui a essa hora da manhã. Há um café ali na frente que deve abrir daqui a pouco.

Uma pequena vila acomodava-se perto do litoral — um conjunto de prédios baixos em tons pastéis, com telhados simples e silenciosos, uma leve fumaça saindo de várias chaminés.

Malone aceitou a Pepsi e perguntou a Ivan:

— Vamos ver se *você* consegue responder a uma pergunta. O que,

exatamente, vamos fazer?

— De vez em quando, entramos escondidos na China. Eles têm radares, mas as rochas e montanhas dão cobertura.

— Vamos de junco até lá?

Ivan balançou a cabeça.

— Hoje não.

Malone havia pedido a Stephanie outros três relatórios. Um sobre Kai Tang, primeiro vice-presidente da China e vice-primeiro-ministro do Partido Comunista. Tang era de origem simples, formado em geologia, ascendera de forma constante dentro do Partido até que, agora, estava a um passo do topo. No complexo sistema político chinês, o Partido Comunista estava intimamente interligado ao governo. Toda posição-chave no governo era ocupada por um representante do Partido. O que explicava por que o presidente também era o primeiro-ministro do Partido. Ninguém conseguia eleger-se a qualquer cargo sem o consentimento do Partido, o que significava que Karl Tang era um homem muito poderoso. Ainda assim, será que ele desejava tanto um lampião de uma velha tumba a ponto de sequestrar um garoto de 4 anos?

Ni Yong parecia ser exatamente o oposto de Tang. A começar pelo nome, pois usava a forma tradicional em que o sobrenome vem à frente do nome. Criado na província de Sichuan em uma vila onde quase todos chamavam-se Ni. Serviu nas Forças Armadas por duas décadas, chegando a um alto posto. Ele também estava na Praça da Paz Celestial em junho de 1989 quando os tanques chegaram. O Ocidente considerava-o moderado, talvez até liberal, porém burocratas chineses que diziam uma coisa, mas faziam outra, já tinham enganado os ocidentais outras vezes. Sua gerência da Comissão Central de Inspeção Disciplinar era vista como admirável por muitos, uma mudança animadora dos padrões de Pequim. A esperança era que Ni Yong se tornasse um novo tipo de líder do Oriente.

O último relatório tratava de Viktor Tomas.

Além de seu último encontro, Malone não sabia nada sobre aquele homem. O primeiro encontro deles acontecera no ano anterior, na Ásia Central, e fora breve. Viktor trabalhara para as forças de segurança da Croácia e, para não ser julgado por crimes de guerra, mudou de lado, ajudando a inteligência americana como informante. No ano anterior, quando souberam que Viktor havia se aproximado do chefe da Federação da Ásia Central, pressionaram-no a cooperar. Mais cedo, no avião, enquanto os outros dormiam, Malone perguntara a Stephanie:

— Ele é da Bósnia?

Ela balançou a cabeça.

— O pai dele era americano. Ele foi criado na Bósnia e na Califórnia.

O que explicava a falta de qualquer sotaque europeu e sua proficiência em usar gírias.

— Ele é útil, Cotton.

— Ele é um informante. Nada além de um prostituto. Onde ele está?

agora?

— Com Tang. Na China.

— Então, qual é a dele? Está com os russos? Com os chineses?

Qual é a missão dele?

Ela ficou muda.

— Estamos apostando todas as nossas fichas nele — disse Malone. — E não gosto nada disso.

Stephanie não falou nada, o que dizia muito.

Malone não falara da boca para fora, aquela era sua opinião sobre os informantes. Desleais e normalmente muito descuidados. Sabia disso não apenas por causa de Viktor, mas por tantos outros que encontrara em sua vida como agente da Magellan Billet. A missão pode, ou não, ser crucial para eles. Os resultados não importam. Sobreviver e ser pago é o que importa.

Malone observou Ivan, que ainda analisava a Baía de Ha Long. O sol, temperatura e a bruma matinal haviam aumentado rapidamente.

— É um patrimônio da humanidade da UNESCO — informo Stephanie.

Ele viu o brilho nos olhos dela.

— Como posso causar estrago nessa baía?

— Tenho certeza de que encontraria um jeito.

— Lá — disse Ivan. — Finalmente.

Ele viu o que chamou a atenção do russo. Um avião, descendo, atravessando o mar, em direção a eles.

PEQUIM, CHINA

8H40

Ni entrou no mausoléu de Mao Tsé-Tung.

O edifício de granito ficava ao sul da Praça da Paz Celestial, um prédio baixo, com pilares, construído pouco mais de um ano após a morte do presidente. Supostamente, 700 mil trabalhadores participaram da construção do edifício, um símbolo do amor que o povo chinês nutria por seu Grande Timoneiro. No entanto, fora tudo propaganda. Os tai "trabalhadores" eram levados à capital todos os dias, de ônibus. Eram pessoas comuns, cada uma delas forçada a carregar um tijolo até o local. No dia seguinte, os mesmos tijolos eram recolocados por outras pessoas comuns trazidas pelos mesmos ônibus.

Loucura, mas nada fora do comum para a China.

O mausoléu estava fechado para reformas nesse último ano. Na pressa de se construir um memorial, pouca atenção fora dada à disposição das coisas. Feng shui fora ignorado. Como resultado, muitos problemas estruturais surgiram ao longo dos anos, problemas que seu avô poderia ter facilmente evitado.

No voo vindo da Bélgica, Ni enviara um pedido para uma audiência urgente com o primeiro-ministro. Um funcionário respondeu rapidamente, confirmando que Ni seria recebido assim que chegasse ao país. Reportar-se diretamente ao primeiro-ministro sobre uma investigação em andamento não era incomum, já que a Comissão de Inspeção Disciplinar respondia somente a ele. No entanto, o encontro acontecer no mausoléu de Mao era diferente. O motivo era o primeiro-ministro estar lá fazendo a inspeção final antes da reabertura, que aconteceria em alguns dias. No saguão do mausoléu, uma enorme poltrona de mármore branco com uma estátua de Mao. Atrás dela, um mural destacava a extensão geopolítica do domínio póstumo do presidente. Seguranças cercavam o saguão de piso lustrado. E ele já conhecia o procedimento. Dois oficiais de terno se aproximaram e ele levantou os braços, preparado para a revista.

— Não é preciso — ouviu uma voz, oscilante pela idade, dizer.

O primeiro-ministro entrou no saguão. Um homem baixo, atarracado, com sobranceiras grossas que pareciam crescer em direção às têmporas. Vestia terno e gravata pretos, como de costume, e andava apoiando-se em uma bengala vermelha envernizada.

— O ministro Ni tem a minha confiança. — O primeiro-ministro

indicou com sua bengala. — Deixem-no passar.

Os seguranças se retiraram sem confiscar a pistola em seu coldre. Havia recebido uma arma no momento em que saiu do avião. Achara prudente, dadas as circunstâncias incertas.

— Vamos caminhar — disse o primeiro-ministro.

Eles se afastaram em direção ao interior do mausoléu.

Os sinais da reforma estavam por todos os lados: tinta fresca e mármore brilhando.

— O que é tão urgente? — perguntou o primeiro-ministro.

— Por favor, me fale sobre Pau Wen.

O velho parou.

Apesar da respiração fraca, da voz frágil e vacilante, das mãos e dos dedos magros, Ni percebeu que a mente daquele homem não era nada lenta.

— Ele é perigoso.

— Como assim? — perguntou Ni.

— Ele é um eunuco.

— E o que isso significa?

O primeiro-ministro sorriu.

— Agora você não está sendo honesto comigo. Sabe bem o que isso significa.

Poucas luzes iluminavam o interior do prédio e o ar-condicionado deixava o ambiente gelado.

Ele havia dado o primeiro passo. Agora esperava uma resposta. — Não se pode confiar em um eunuco — continuou o primeiro-ministro. — A desonestidade é inerente a eles. Destruíram várias dinastias com suas traições.

— Não preciso de uma aula de história.

— Talvez precise. Quando o Primeiro Imperador morreu, seu eunuco chefe conspirou para que o filho mais velho, herdeiro do trono, cometesse suicídio. Então, ele auxiliou o outro filho a se tornar o Segundo Imperador pensando que dessa forma poderia controlar o trono. O reinado durou apenas quatro anos. Tudo o que Qin Shi lutou para conseguir, o que milhões morreram para alcançar, desapareceu dentro de três anos após sua morte. Tudo por causa de um eunuco. Aquele pária ainda é lembrado na história como "o homem que chamou um veado de cavalo".

Ni não se importava nada com isso.

— Preciso saber de Pau Wen e de seus contatos com ele.

Os olhos do primeiro-ministro estreitaram-se, mas ele não o repreendeu.

— Pau Wen também chamaria um veado de cavalo.

Ele não podia discordar de tal comentário.

Eles continuaram caminhando, o bater constante da bengala no chão de mármore acompanhado do arrastar de solas de couro. — Décadas atrás — disse o velho —, eu e Pau Wen éramos amigos. Realizamos muita coisa juntos. Nós nos desencantamos com Mao.

O primeiro-ministro parou, seu rosto se contorceu, como se tentasse reunir todos os pensamentos, desconexos até este momento, alguns provavelmente desagradáveis.

— A Revolução Cultural foi uma época terrível. Os jovens eram encorajados a atacar os mais velhos, os estrangeiros e os burgueses. Pensávamos que era certo, que era necessário. Mas era loucura e aconteceu por nada. No fim, o poderoso dragão não era páreo para a cobra local.

Ele assentiu ao escutar o antigo provérbio.

— A China mudou — disse o primeiro-ministro. — As pessoas mudaram. Infelizmente, o governo não.

Ni teve de perguntar:

— Por que está me contando essas coisas?

— Por que sinto que você não vencerá a batalha que está por vir contra Karl Tang, ministro.

BAÍA DE HA LONG

Malone balançou a cabeça ao ver o avião anfíbio bimotor, um Twin Bee, feito como um tanque com rebites, estruturas pesadas e grossas paredes de metal pintadas de vermelho e branco. Seu casco flutuava na água como um barco. — Sua passagem para a China — disse Ivan.

— Você não pode estar falando sério — retrucou Cassiopeia. — Eles vão nos derrubar com facilidade.

O russo discordou.

— Nunca aconteceu antes.

Ivan desdobrou um mapa que apoiou sobre grade de madeira do cais e colocou o dedo gorducho com a unha suja sobre a Baía Ha Long. Depois traçou uma linha em direção ao nordeste, atravessando o norte do Vietnã, passando pela fronteira com a China e chegando à cidade de Kunming, na província de Yunnan, a 800 quilômetros de distância.

— Vocês têm o caminho livre daqui até a fronteira — disse Ivan.

— Parece que você e os vietnamitas são camaradas.

Ivan deu de ombros.

— Eles não têm escolha.

Malone sorriu.

— Lagos por todos os lados. Ao sul de Kunming, Dian Chi é a melhor opção. Tem 40 quilômetros de extensão. Vários lugares para pousar sem ser percebido.

— E quando chegarmos? — perguntou Malone.

— Podemos pegar o trem que vai para o norte até Xi'an — interferiu Pau Wen. — São apenas algumas horas. De lá, podemos ir de ônibus até o sítio arqueológico do exército de terracota.

Malone não estava convencido.

— Isso aqui não é um passeio pela Europa. Você está falando de voar 800 quilômetros até um país fechado, com uma enorme força aérea, sem avisar. Eles podem facilmente tirar conclusões erradas.

— Já consegui um piloto — disse Ivan —, que sabe manipular os controles.

— Eu posso pilotar — esbravejou Malone. — Só quero estar vivo para conseguir pousar.

Ivan descartou as preocupações dele com um gesto da mão.

— A província de Yunnan não é hostil.

Pau assentiu.

— Sempre foi renegada. Localização remota, terreno inóspito, população diversificada. Um terço das minorias chinesas mora lá. — Temos amigos — continuou Ivan —, que nos ajudarão. O caminho estará livre. Leve este mapa que marquei. Suponho que saiba ler o mapa.

Cassiopeia puxou o mapa.

— Eu fico com essa tarefa.

— Tanque cheio? — perguntou Malone.

— O suficiente para chegarem até lá. Mas devem entender que é uma viagem com passagem só de ida.

* * *

Ni não podia deixar que o comentário negativo o atingisse. Era mais esperto do que isso. Então, voltou à sua pergunta.

— Conte-me sobre Pau Wen.

— Eu não respondo a interrogatórios. Não sou uma de suas investigações.

— Talvez devesse ser.

— Por causa de Pau Wen? Você dá muito crédito a ele.

— Na Bélgica, Karl Tang enviou homens para me matar. Pau Wen o impediu. Ele também me contou coisas sobre você e Tang. Falou de conversas entre vocês dois. Disse que falaram sobre mim. Quero saber de tudo.

Eles pararam na entrada da cripta. O corpo de Mao ao centro protegido por um sarcófago de cristal.

— Eu mandei subirem o corpo — disse o primeiro-ministro. — Queriam vê-lo em toda sua glória.

Ni sabia que, como muitos outros em Pequim, Mao viajava a trabalho todos os dias. O corpo era levado à superfície e depois de volta a uma câmara subterrânea à prova de terremotos, lacrado em um casulo transparente, cercado por nitrogênio puro. Lâmpadas de halogênio projetavam um brilho dourado sobre o corpo.

— Você acha que Pau, Tang e eu somos co-conspiradores? — perguntou o primeiro-ministro.

— Não sei o que pensar. Estou apenas fazendo uma pergunta.

Conte-me sobre suas conversas com Pau Wen.

— Eu me lembro de quando Mao morreu — disse o primeiro-ministro, indicando o corpo. — Nove de setembro de 1976, pouco depois da meia-noite. A nação ficou de luto por dez dias. Alto-falantes e estações de rádio transmitiam música fúnebre. Os jornais o declararam o maior marxista da era contemporânea e disseram que ele sempre iluminaria o caminho do avanço dos chineses. Naquele dia, por três minutos, o país inteiro caiu em silêncio. — O velho parou, seus olhos fixos naquele espetáculo.

— Mas para quê? Diga-me, para quê?

Ni percebeu que estava sendo ignorado.

— Eu não estava lá. Você estava. O que esperava ganhar com a

canonização dele?

O primeiro-ministro virou-se para encará-lo.

— Sabe o que aconteceu depois que ele morreu?

Ni balançou a cabeça.

— Publicamente, Mao havia escrito que queria ser cremado. Ele dizia que após a morte as pessoas não deveriam ocupar mais espaço. Deveriam ser cremadas. Ele anunciou publicamente que seria o primeiro e voltaria às cinzas, usado como fertilizante. Mas todos nós sabíamos que isso era só publicidade. Ele queria ser idolatrado. O problema era que ninguém sabia como embalsamar. Não faz parte dos nossos costumes. Os médicos encontraram um texto russo na biblioteca nacional e seguiram o procedimento, mas injetaram tanto formol que seu rosto inchou como uma bola e as orelhas ficaram horizontais. Pode imaginar o que foi ver aquilo? A pele de Mao ficou viscosa, pois os produtos químicos começaram a vaziar pelos poros. Eu estava lá. Eu vi.

Ni nunca havia escutado essa história.

— Eles não podiam drenar o excesso, então usaram toalhas e algodão, na esperança de massagear o fluido para que se acomodasse no corpo. Um deles fez pressão demais e um pedaço da bochecha direita quebrou. Chegou a um ponto em que tiveram de cortar o paletó e as calças para conseguir enfiar o corpo dentro deles.

Ni se perguntou por que estava ouvindo isso.

— Mas eles não eram completamente imbecis, ministro. Antes de injetar formol nele, fizeram um boneco de cera de corpo inteiro. — Ele apontou para o sarcófago. — E é isso que você vê agora.

— Não é Mao?

Ele balançou a cabeça.

— Mao se foi, e já faz muito tempo. Isso é só uma ilusão.

* * *

Malone seguiu Cassiopeia e Pau Wen até o final do píer, com Stephanie ao seu lado.

— Você sabe que isso é loucura — sussurrou ele.

— I van falou que eles fazem isso o tempo todo. Normalmente do litoral para o norte. A única diferença é que metade do voo será sobre o Vietnã.

— E isso deve fazer com que me sinta melhor?

Ela sorriu.

— Você dá conta.

Malone apontou para Wen.

— Levá-lo junto também é loucura.

— Ele é seu guia.

— Não somos parte de seja lá o que for que ele está procurando.

Duvido que ajude muito.

— Já que sabe disso, se prepare.

Ele balançou a cabeça.

— Eu deveria estar vendendo livros.
— Como está seu quadril?
— Dolorido.
— Preciso fazer contato antes de sairmos — gritou Cassiopeia, parando ao fim do píer. Ela informara que um vizinho de Lev Sokolov concordara em servir como intermediário. Tudo o que precisava era de um laptop, que Stephanie providenciou, e conexão por satélite, que Ivan conseguiu.

Cassiopeia equilibrou o laptop na grade do cais e Malone ajudou-a a segurá-lo. Ele observou enquanto ela digitou um endereço de e-mail e uma mensagem.

* * *

Li sobre os pensamentos de Mao, mas não consigo achar suas palavras sobre unidade. Poderia me ajudar?

— Que esperto.

Ele sabia que os chineses censuravam a internet, restringindo o acesso a ferramentas de busca, blogs, fóruns ou qualquer site que permitisse livre conversação. Também aplicavam filtros que buscavam, em todo conteúdo digital que entrava ou saía do país, por qualquer coisa suspeita. Estavam prestes a criar sua própria intranet, exclusiva para a China, o que seria bem mais fácil de controlar. Ele tinha lido sobre o empreendimento, seus custos absurdos e desafios tecnológicos.

— Achei uma cópia do *Livro Vermelho* e desenvolvi um código — disse ela. — As palavras de Mao nunca levantariam suspeitas. Os vizinhos disseram que checariam constantemente por alguma mensagem.

Citações do presidente Mao Tsé-Tung — ou como o Ocidente o chamava, *O Livro Vermelho* — era o livro mais impresso na história. Quase 7 bilhões de exemplares. Certa época, todo chinês era obrigado a ter um, agora essas edições eram valiosos itens de colecionador. Malone comprara um havia alguns meses, no leilão mensal de Roskilde, para um de seus clientes. O laptop apitou com uma nova mensagem.

* * *

É dever dos militares e do partido servir o povo. Sem os interesses do povo em mente, seu trabalho é inútil.

Ela olhou para ele

— Essa é a resposta errada. O que significa encrenca.

— Eles podem dizer o que está acontecendo? — perguntou Stephanie.

— Não sem se comprometerem.

Ela está certa assegurou Pau Wen. Também uso um código parecido quando me comunico com amigos na China. O governo monitora o ciberespaço atentamente.

Malone devolveu o laptop.

Precisamos ir, só tenho de fazer uma coisa antes.

Ivan estava falando ao telefone havia alguns minutos, afastado do grupo. Malone desceu o cais e, assim que o russo terminou a ligação, perguntou:

- Alguma coisa que queira dividir com a gente?
- Você não gosta muito de mim, não é?
- Não sei. Quem sabe se você melhorar sua postura, usar roupas diferentes, fizer uma dieta e mudar de atitude, nosso relacionamento melhore.

- Eu tenho uma missão a cumprir.
- Eu também, mas você está dificultando as coisas.
- Coloquei um avião nas suas mãos e lhe ofereci uma forma de entrar no país.

- Cadê o Viktor? Estou com saudades dele.
- Também está em uma missão.
- Preciso saber de uma coisa e, pelo menos uma vez, me fale a verdade.

Ivan o encarou.

- Viktor está lá para matar Karl Tang?
- Se tiver oportunidade, seria uma boa.
- E Sokolov? Ele vai matá-lo também?
- De jeito nenhum. Nós o queremos de volta.
- Ele sabe muito? Talvez coisas que você não saiba?

Ivan simplesmente o encarou.

- Eu acho que sim. Sokolov deve ter ficado bem ocupado durante o tempo em que ficou na China. Diga, se Viktor não conseguir resgatar Sokolov ou, Deus o livre, nós o encontrarmos primeiro, quais são as ordens dele?

Ivan ficou calado.

- Exatamente o que pensei. Vou fazer um favor a nós todos e não contar isso para ninguém. — Ele indicou o fim do píer. — Ela não vai deixar isso acontecer a Sokolov.

- Talvez ela não tenha escolha. Era muito melhor quando pensávamos que Sokolov estava morto. Agora, Viktor é quem vai decidir.

- Faremos com que ele faça a escolha certa.

Malone aproximou-se do grupo enquanto Cassiopeia entrava no avião, seguida por Wen.

- Sanguessuga maldito — sussurrou para Stephanie.

- Fique de olho nele, Cotton.

Ele apontou para Ivan.

- E você, fique de olho nele.

Malone entrou no avião. Dois assentos de couro lado a lado, Cassiopeia estava em um e Pau sentou-se um banco atrás. O painel não se estendia ao lado do passageiro, o que facilitava a visão de Cassiopeia pelos vidros da frente. Ele apertou o cinto e analisou os controles, reparando que a velocidade máxima era de 200 quilômetros por hora. Um tanque de gasolina com 320 litros. Outro tanque reserva com 60 litros. Ele fez as contas. Cerca

de 1.500 quilômetros de distância. O bastante para uma viagem só de ida, como Ivan havia dito, o que ele esperava não ter um duplo sentido.

— Presumo que você saiba o que está fazendo — indagou Cassiopeia.

— Chegou a hora de descobrir.

Ela lançou-lhe um olhar desconfiado.

— O que foi? — perguntou ele.

— Você *sabe* pilotar essa coisa, não sabe? — A dúvida estampava seu rosto.

Ele ajustou o acelerador, as hélices e o combustível. Olhou os plugues da quilha e percebeu que estavam intactos. Quanto virou a chave, o duplo motor rugiu. Malone testou a mistura de combustível até que as hélices girassem. Girou a manivela do elevador e a da guarnição do leme.

— Sem problemas — disse ele.

Cassiopeia parecia não acreditar muito nele.

O avião começou a se movimentar e ele pegou o manche e fez a manobra pela baía. Virou na direção sul para que a leve brisa que percebera antes de embarcar ficasse atrás deles.

Acelerou os motores à potência de 180 cavalos.

O avião deslizou sobre o mar, os controles enrijeceram e ele segurou firme o manche.

Sua primeira decolagem na água. Algo que sempre quis fazer.

Em menos de 150 metros, o avião decolou, devagar e constante, como um elevador. Viram o mar aberto além da baía. Ele inclinou o avião para a esquerda e reajustou o curso para nordeste, de volta ao litoral. Os controles estavam lentos, mas respondendo aos comandos. Não era um P-3 Orion, ele sabia, nem mesmo um Cessna ou um Beechcraft. Esse tanque não fora feito para muita coisa além de pequenos saltos sobre a água.

— Dê uma olhada naquele mapa — disse a Cassiopeia.

Ela examinou o mapa.

— Nós vamos nos basear no terreno para chegar lá — esclareceu Malone.

Presumindo que este mapa esteja certo.

— Não se preocupem — disse Pau em sua orelha direita. — Conheço bem essa parte do Vietnã e da China. Posso nos guiar até lá.

* * *

Ni examinava o rosto do primeiro-ministro, tentando determinar se esse homem era amigo ou inimigo. Realmente não fazia ideia.

O que está vendo é a réplica de cera feita antes de o presidente ser embalsamado. O corpo se decompôs há muito tempo e foi cremado de acordo com o desejo de Mao.

— Então por que manter este lugar aberto?

— Ótima pergunta. Já me perguntei a mesma coisa várias vezes.

A resposta mais simples é que o povo espera por isso.

Ni teve de falar:

— Não acredito que este ainda seja o caso.

— Você pode até estar certo. Essa é a tristeza da nossa herança. Não temos nenhum legado. Somente uma sucessão de dinastias, cada uma delas chegando com própria ambição, opondo-se à anterior, sendo bem recebida pelo povo para depois decair pela mesma corrupção da anterior. Por que nosso futuro seria diferente?

— Está falando como Wen.

— Já disse que fomos próximos no passado. Mas chegou um ponto em que nos afastamos. Ele escolheu um caminho, e eu, outro.

Ele se sentia desconfortável. Estava acostumado a ter o controle da situação, a saber as perguntas e as respostas. Mas não agora. Os outros estavam vários passos à sua frente. Então perguntou o que realmente queria saber.

— Por que vou perder para Karl Tang?

— Porque não sabe das ameaças à sua volta.

— Pau Wen disse o mesmo.

— Quero saber de uma coisa. Se eu perceber que está mentindo ou me dizendo o que quero escutar, esta será a última vez que nos falaremos.

Ele não gostava de ser tratado como criança, mas reconheceu que aquele homem não chegara ao topo do triângulo político sendo um tolo. Então decidiu que responderia a pergunta honestamente.

— O que fará com a China se for eleito primeiro-ministro?

Desde que Pau Wen lhe fizera a mesma pergunta, no dia anterior, vinha pensando na resposta.

— Primeiro irei separar o Partido Comunista do governo. Essa união é a fonte de toda a corrupção. Em seguida, a escolha dos representantes será reformada, baseada em mérito, e não em patrocínio. O papel da Assembleia Popular Nacional e de outros congressos menores nas províncias deve crescer. O povo deve ser ouvido. E, por fim, o Estado de Direito deve se estabelecer, o que significa que o judiciário tem de se tornar independente e funcional. Nós aprovamos cinco constituições desde 1949 e ignoramos todas elas.

— Você está certo — disse o primeiro-ministro. — A autoridade do Partido tem sido debilitada por políticas irracionais, corrupção e nenhuma visão. No momento, e este é o meu maior medo, somente os militares têm a habilidade de administrar o país se falharmos. Eu compreendo que você faz parte das Forças Armadas, mas a nação não duraria muito como uma marionete. — Disso não tenho dúvidas. Três milhões de tropas ativas controladas por sete comandantes regionais, dos quais fui um, não poderiam governar. Devemos localizar e promover competência técnica, habilidades gerenciais e comerciais em nosso povo. O ritmo extremamente lento do nosso processo decisório causa estragos incalculáveis.

— Você quer democracia?

A pergunta foi sussurrada.

— É inevitável. De alguma forma. Não como no Ocidente, mas alguns elementos não podem ser evitados. Uma nova classe média emergiu. Eles

são inteligentes. Eles não escutam apenas o governo, mas também uns aos outros. Eles estão complacentes agora, mas isso está mudando. *Guanxi* deve ser abolido. É a raiz de todos os problemas relacionados à corrupção.

O princípio de "não é o que você sabe, mas quem você conhece" incita desonestidade. *Guanxi* dependia de conexões, forçando empreendedores a relacionarem-se com servidores do governo ou do Partido que poderiam aprovar seus pedidos e fazer-lhes favores. O sistema, tão entranhado que já fazia parte da estrutura governamental, permitia que dinheiro e poder se mesclassem harmoniosamente, sem resistência moral.

O primeiro-ministro assentiu.

— Esse sistema deve ser desfeito. Eu não tenho como fazer isso, mas a juventude vem ganhando poder. A individualidade está surgindo. A filosofia de Mao se foi. — Uma pausa. — Ainda bem.

N a era da mensagem de texto, acesso à internet e a telefones celulares, um pequeno caso de corrupção pode incitar uma revolta — disse Ni. — Eu vi isso quase acontecer diversas vezes. A cada dia que passa, o povo está tolerando menos a corrupção.

— Os dias de lealdade cega terminaram. Lembro-me de quando era jovem. Todos desejavam demonstrar seu amor por Mao, então fomos ao rio Azul, que diziam que Mao atravessara a nado, então queríamos fazer o mesmo. Milhares pularam no rio. Eram tantos que não havia espaço para nadar. O rio era como uma sopa, nossas cabeças pareciam alμόndegas. — O primeiro-ministro parou. — Centenas de pessoas morreram naquele dia. Minha esposa foi uma delas.

Ele não sabia o que dizer. Há tempos percebera que muitos da geração passada se recusavam a falar sobre as três décadas que separavam a Revolução de 1949 e a morte de Mao. Como se estivessem sobrecarregado demais com a dor e o ressentimento do que aconteceu para falar sobre o assunto. Assim, apenas mencionavam casualmente, como se falassem do clima, ou em sussurros, como se ninguém estivesse escutando. Ele também carregava sua parcela de memórias amargas. Pau Wen se lembrou da Praça da Paz Celestial — Quatro de Junho de 1949 — sabendo que N estivera lá.

Ni sempre pensava sobre aquele dia, o dia em que *sua vida mudou*.

— Onde está meu filho? — perguntou a mulher.

Ni não sabia responder. Ele estava protegendo um seguimento da enorme praça, sua divisão estava responsável por manter o perímetro da praça seguro.

A limpeza começara no dia anterior, a maioria dos manifestantes já havia ido embora, mas o ar ainda fedia a lixo e morte. Todos os dias, desde o mês de abril, pessoas apareciam. Até que mais de 1 milhão chegaram a ocupar o pavimento. Os estudantes haviam começado a rebelião, mas a maior parte da multidão era formada por trabalhadores desempregados, condenando a inflação que alcançava o patamar de dois dígitos e corrupção pública. Passara a última semana aqui, a mando de seu comandante, para vigiar os manifestantes, mas o que mais fazia mesmo era escutar.

— A senhora deve ir embora — disse a ela.

— Meu filho estava aqui. Preciso encontrá-lo.

Ela já era uma senhora, uns vinte anos mais velha do que ele. Os olhos expressavam uma tristeza que só uma mãe poderia conhecer. Sua própria mãe teria arriscado tudo por ele. Seus pais desafiaram a política de um só filho e deram à luz quatro crianças, o que trouxe um enorme fardo à família. Ele foi o terceiro, quase uma decepção, odiava a escola, não tirava boas notas e estava sempre metido em confusões. Quando não passou no exame nacional de admissão nas universidades, seu futuro estava decidido.

As Forças Armadas.

Lá encontrou um lar e um propósito: defender Mao, servir ao país.

Pensou, então, que sua vida havia finalmente se definido.

Até dois dias atrás.

Ele assistiu à 27a e 28a divisões dispersarem pacificamente a maior parte da multidão. Essas divisões tinham sido trazidas das províncias da periferia, pois Pequim pensou que as divisões locais poderiam ser complacentes. Os soldados, quase todos desarmados, avançaram a pé e dispersaram as pessoas usando gás lacrimogêneo, e a maioria dos manifestantes fugiu em paz.

Um grupo com cerca de 5 mil pessoas permaneceu.

Eles atacaram os soldados com pedras e tijolos, usando ônibus incendiados como barricadas. Tanques foram utilizados e os manifestantes também os atacaram, um deles pegou fogo e matou seus ocupantes.

Foi aí que tudo mudou.

Na noite anterior, o exército voltara com rifles, baionetas e mais tanques. O tiroteio durou várias horas. Soldados e manifestantes morreram. Ele es tivera lá, nas margens, responsável por proteger a divisa externa enquanto as 27a e 28a divisões vingavam-se.

Todas as ordens anteriores de não atirar foram revogadas.

Riquixás e ciclistas atravessavam a disputa, resgatando os feridos, tentando levá-los a hospitais. Pessoas levavam surras, facadas e tiros. Os tanques esmagavam tanto corpos quanto veículos.

Viu tantos morrerem que perdeu a conta.

Pais e mães começaram a chegar havia algumas horas, forçando passagem para se aproximar da praça agora vazia. Todos foram alertados, mandados embora, e a maioria obedeceu. Porém alguns, como aquela mãe que ele confrontava no momento, recusaram-se.

— A senhora deve sair desta área — ele avisou novamente, a voz suave.

Ela examinou o uniforme dele.

— Capitão, meu filho tem mais ou menos a sua idade. Estava aqui desde o início. Quando eu soube o que estava acontecendo, tive de vir. Tenho certeza de que compreende. Deixe-me procurar por ele.

— A praça está vazia — disse Ni. — Ele não está aqui.

— Há corpos — disse ela, com uma voz que falhava devido à emoção.

E havia. Empilhados como madeira, longe da vista, a apenas 100 metros de distância. Um dos motivos pelos quais seus homens haviam sido alocados para cá era manter todos afastados dos corpos. Seriam descartados ao anoitecer, removidos e queimados em uma única fogueira para que ninguém pudesse contar o número de

mortos.

— A senhora tem de ir — insistiu ele mais uma vez.

Ela o empurrou para o lado, seguindo em frente, além do ponto que seus homens receberam ordens de defender. Ela fazia com que se lembrasse tanto de sua mãe, que lhe ensinara a nadar, a andar de patins, a dirigir um caminhão. Uma alma amorosa que só se importava com o bem-estar dos filhos.

Antes que pudesse impedir a mulher, outro soldado, um capitão como ele, ergueu seu rifle e atirou.

A bala atingiu a espinha da mãe.

O corpo dela inclinou, depois caiu de frente no chão.

Uma onda de raiva o atingiu. Ni apontou seu rifle para o soldado. — Você a avisou para não avançar. Eu escutei. Ela ignorou. Eu estava seguindo ordens.

O capitão encarava a arma, sem medo em seus olhos.

— Nós não matamos mulheres desarmadas — declarou Ni lentamente.

— Fazemos o que devemos.

O capitão estava certo.

O Exército de Libertação Popular fazia o que tinha de fazer, o que incluía matar homens e mulheres desarmados. Até hoje ninguém sabe quantos morreram na Praça da Paz Celestial, ou nos dias e nas semanas seguintes. Centenas? Milhares? Dezenas de milhares?

Tudo que ele sabia era que uma mulher havia perdido a vida.

Uma mãe.

— Nós fomos tolos — disse o primeiro-ministro. — Tantas coisas estúpidas fizemos por Mao.

LANZHOU, CHINA

Tang estava satisfeito com o fato de o prédio ter sido protegido. Ordenara a seus homens tomarem o controle do laboratório petroquímico, mandando embora todos que fossem dispensáveis e restringindo o acesso. Por sorte, apenas 12 pessoas trabalhavam no prédio, a maioria funcionários do escritório e assistentes, e somente um dos dois cientistas daquele laboratório ainda estava vivo.

Lev Sokolov.

Na véspera, tinham trazido o expatriado russo da cidade, depois que um médico cuidara de seus ferimentos. Os ratos deixaram suas marcas, física e mental. Matar Sokolov não estava fora de questão, mas antes Tang precisava de informações. JIN Zhao não revelou nada além de que Le Sokolov havia encontrado a prova.

Mas o que era?

Sokolov abraçava o abdome com um dos braços, protegendo os curativos que Tang sabia que estavam ali. Ele apontou para a mesa em aço inoxidável e para um recipiente de cima dela.

— Isso é uma amostra de petróleo extraída ontem de um poço no lado ocidental de Gansu. Mandeí perfurar no mesmo lugar onde os antigos perfuraram na época do Primeiro Imperador. — Ele percebeu que Sokolov sabia do que estava falando. — Exatamente como Jin Zhao instruiu. Ache que você sabia. Agora me diga o que você achou. Zhao disse que você localizou um indício.

Sokolov assentiu.

— Uma forma de ter certeza.

Excelente.

— O mundo inteiro vem extraindo petróleo constantemente da terra por mais de 200 anos — disse Sokolov, com a voz inexpressiva. — Petróleo biótico, combustível fóssil, não está muito longe da superfície. É de fácil acesso e nós o esgotamos.

— Como sabe disso?

— Porque eu testei amostras de todos os poços no planeta. Existe um depósito na Europa onde todas estão armazenadas.

Nenhuma delas contém combustível fóssil.

— Você ainda não me disse como sabe disso.

— Petróleo abiótico tem a mesma aparência, o mesmo cheiro e reage da mesma forma que o petróleo biótico. A única diferença é que precisamos

perfurar mais fundo para alcançá-lo. Nem sei se isso importa mais. Onde está o meu filho? Quero ele de volta.

— Você o terá de volta. Quando eu tiver o que quero.

— Está mentindo.

Ele deu de ombros.

— Sou o único caminho até o seu filho. Agora, ele é só mais um entre os milhares de meninos que desaparecem a cada ano. Oficialmente, o problema não existe. Entendeu? Seu filho não existe.

Ele viu a desesperança no rosto do russo.

— O petróleo biótico acabou — continuou Sokolov. — Já foi abundante. Era formado de matéria orgânica decomposta, ficava perto da superfície e de fácil acesso. Mas enquanto retirávamos combustível fóssil do solo, a terra reabastecia algumas dessas reservas com petróleo criado em camadas mais profundas. Nem todos os poços se reabasteceram. Alguns são bióticos sem espaço para o petróleo abiótico alcançar a superfície. Então, eles secam. Outros estão sobre fissuras onde o petróleo abiótico pode escoar das camadas profundas.

Perguntas se formavam em sua cabeça. Há 2.200 anos, foi encontrado petróleo em Gansu. Há 200 anos este mesmo poço secou. Ele havia estudado a geografia subterrânea e sabia que as fissuras naquela área eram muito fundas — canais de terra por onde petróleo pressurizado poderia subir com facilidade. A teoria de Jin Zhao era que petróleo abiótico poderia ter escoado das camadas mais profundas, restaurando o poço de Gansu. — Como sabe que o poço em Gansu simplesmente não continha mais petróleo do que pensávamos?

Sokolov parecia sentir dor. Respirava com dificuldade e olhava mais para o chão do que para Tang.

— Sua única chance de ver seu filho novamente é cooperando. — Tang deixou claro.

O russo balançou a cabeça.

— Não falarei mais nada.

Tang pegou o telefone e discou um número. Quando atenderam, ele perguntou:

— O garoto está aí?

— Posso buscá-lo.

— Então vá.

Ele encarou Sokolov.

— Ele está aqui — falou a voz ao seu ouvido.

— Ponha-o ao telefone.

Tang entregou o aparelho para Sokolov, que não o aceitou.

— Seu filho quer falar com você — disse Tang.

A expressão desafiante desapareceu do rosto do russo. Ele levantou a mão lentamente para pegar o telefone.

Tang balançou a cabeça e ligou o alto-falante.

Uma voz agitada — jovem, estridente — falou, perguntando se seu pai estava lá. Ficou óbvio que Sokolov reconhecera a voz, pois começou a falar,

mas Tang silenciou o telefone e disse:

— Não.

Ele levou o aparelho ao rosto.

— Fique na linha. — Foi a ordem que deu ao homem que estava ao telefone. — Se o camarada Sokolov não me disser exatamente o que quero saber no próximo minuto, quero que mate o garoto.

— Não pode! — gritou Sokolov. — Por quê?

— Eu tentei a persuasão, depois a tortura e pensei que havíamos progredido, mas você continua a me desafiar. Só me resta matar seu filho e descobrir o que preciso em outro lugar.

— Não existe outro lugar. Eu sou o único que conhece o procedimento.

— Você deve ter registrado em algum lugar.

Sokolov balançou a cabeça.

— Apenas na memória.

— Não tenho mais tempo a perder com sua relutância em cooperar. Outros assuntos necessitam da minha atenção. Decida.

Um ventilador de teto girava lentamente, quase não movimentando o ar quente do laboratório. Com a derrota estampada em seu rosto, o geoquímico assentiu.

— Deixe o garoto onde está — disse Tang. — Devo ligar de novo daqui a pouco.

Ele desligou o telefone e esperou Sokolov falar.

— Se a amostra na mesa tiver o indício — disse o cientista —, prova que o petróleo é de fonte abiótica.

— Que indício?

— Diamantoides.

Ele nunca ouvira o termo antes.

Menor do que o comprimento de onda da luz visível. Partículas minúsculas de diamantes que se formam dentro do petróleo criado na profundidade da crosta terrestre, onde temperatura e pressão são altas. Um milhão deles mal cabe na cabeça de um alfinete, mas eu os encontrei, e os nomeei. Adamantes. Grego para "diamante".

Ele percebeu o orgulho na declaração, mas o ignorou e perguntou:

— Como você os encontrou?

— Aquecer petróleo a 450°C causa a evaporação dos compostos químicos. Somente os diamantes ficam, o que é revelado por raios X.

Ele se maravilhou com o conceito.

— Eles têm as mais variadas formas: bastões, discos, até mesmo parafusos, e não estão presentes no petróleo biótico. Diamantes só podem ser formados nas profundezas do manto. E isso é a prova concreta do petróleo abiótico.

— E como sabe que a terra realmente produz o petróleo?

— Bem aqui, neste laboratório. Eu aqueci mármore, óxido de ferro e água a 1.500°C em 50 mil vezes a pressão atmosférica, simulando as condições de 150 quilômetros abaixo da terra. Todas as vezes eu produzi metano e octano.

Tang compreendeu a importância do resultado. Metano é o principal componente do gás natural, e octano é a molécula do hidrocarboneto na gasolina. Se eles podiam ser produzidos em laboratório, podiam ser produzidos naturalmente, junto com o próprio petróleo.

— Os russos sabem disso, não é? — perguntou.

— Eu mesmo encontrei mais de 80 campos no Mar Cáspio utilizando essa teoria. Alguns ainda duvidam, mas sim, os russos acreditam que o petróleo é abiótico.

— Mas eles não têm provas.

Sokolov concordou.

— Eu fui embora antes de descobrir os diamantoides. Zhao e eu fizemos isso aqui.

Então os russos trabalham em cima de uma teoria não comprovada?

— Por isso não falam disso publicamente.

E por que estavam muito interessados, pensou Tang. Sem dúvida, querem Sokolov de volta. Quem sabe até silenciado, para sempre. Ainda bem que Viktor Tomas o mantinha informado sobre o que os russos estavam fazendo. Entretanto Tang não falou nada sobre o assunto. Em vez disso, disse: — E é por isso que eles mantêm o mito da escassez?

— Eles assistem, entretidos, enquanto o restante do mundo paga caro pelo petróleo, sabendo que é infinito.

— Porém, são igualmente cautelosos, já que não têm prova de que sua teoria é verdadeira.

— O que é compreensível. Para eles falta o que você tem. Uma amostra verificada de um lugar onde os antigos perfuraram petróleo. Apenas os chineses poderiam ter tal amostra. — A repulsa invadiu a voz de Sokolov. — Esse é o único lugar na terra onde o homem perfurou petróleo dois milênios atrás.

Tang inchou-se de orgulho.

Sokolov apontou para a mesa.

— Se existirem diamantoides nessa amostra, o petróleo é abiótico. Tudo que precisa é de uma amostra retirada naquela época, do mesmo campo, para comparação. Para comprovar a teoria, tal amostra deve ser comprovadamente biótica e não apresentar diamantoides.

Ele apreciava a simplicidade da equação. Primeiro, petróleo biótico esgotado com a perfuração substituído por petróleo abiótico. E Gansu talvez seja o único lugar na terra onde essa comparação pode ser feita. Todos os registros históricos sobreviventes deixam claro que os primeiros exploradores, mais de 2.000 anos atrás, perfuraram exclusivamente nas proximidades do poço em Gansu. Qualquer petróleo existente naquela época teria vindo daquela área.

Tudo que precisava era de uma amostra comprovada daquele petróleo.

— Você disse que o lampião não existe mais — falou Sokolov. — Nem o petróleo. Então, de onde virá a amostra de comparação? — Não se preocupe, camarada. Eu protegi aquela amostra e você a terá em breve.

PEQUIM

Ni percebeu que o primeiro-ministro expressava-se de forma sutil, como se pretendesse manter seu ouvido tenso. Das outras vezes, havia uma mesa entre eles, os seus relatórios investigativos eram recebidos com pouco interesse e poucos comentários. Mas essa conversa era diferente.

— Eu me lembro — disse o velho — quando as janelas dos ônibus eram cobertas com slogans e fotos de Mao. Assim como as vitrines das lojas. Estações de rádio só transmitiam música revolucionária, pensamentos de Mao ou notícias oficiais. Cinemas exibiam apenas Mao cumprimentando a Guarda Vermelha. Até mesmo óperas e balés só representavam obras revolucionárias. Todos nós carregávamos nosso livro de citações, já que nunca se sabia quando lhe mandariam citar uma seção.

A voz do primeiro-ministro era baixa e rouca, como se as memórias fossem amargamente dolorosas.

— Servir o povo. Essa era a mensagem de Mao. Na verdade, nós servimos. E esse prédio é a prova de que ainda o servimos.

Ni começou a entender por que estavam ali.

— Hegemonia é a nossa fraqueza — continuou o primeiro-ministro. — Essa relutância que temos de cooperar com qualquer potência estrangeira, mesmo quando não há ameaça. A hegemonia é uma expressão natural do nosso totalitarismo, assim como as relações pacíficas são da democracia. Nós sempre acreditamos ser o centro geográfico e geopolítico do mundo. Durante séculos, e especialmente desde 1949, o único objetivo da nossa política externa tem sido dominar nossos vizinhos e, em seguida, o restante do mundo.

— Isso está totalmente fora do nosso alcance.

— Eu e o senhor sabemos disso, mas e o restante do mundo? Lembro-me de quando Kissinger veio em 1971, em uma missão secreta, para estabelecer as bases de um novo relacionamento entre os Estados Unidos e a China. O uso do termo hegemonia confundiu os tradutores americanos. Eles não conseguiam transmitir adequadamente o significado. O conceito era literalmente desconhecido para eles. — O primeiro-ministro apontou para a cripta. — Mao então disse: *a China se ergueu*. Ele estava dizendo ao mundo que nenhum estrangeiro jamais nos controlaria novamente. Receio, porém, que ninguém estava escutando.

— Nós sempre fomos ignorados — disse ele. — Vistos como retrógrados, ataquados. E pior ainda, repressivos e ditatoriais.

— O que é culpa nossa. Nunca nos esforçamos para contradizer essa percepção. Na verdade, parecemos gostar de estar sob uma luz negativa.

Ni ficou intrigado.

— Porque o senhor é tão cínico?

— Estou apenas falando a verdade. E desconfio de que o senhor saiba bem disso. A democracia é rival da hegemonia. Dispersão de poder entre as autoridades eleitas, em vez de concentrá-lo nas mãos do governante; fortalecer, em vez de subjugar o povo.

Esses conceitos estão além da nossa compreensão.

— Mas não podem mais permanecer assim.

— Eu me recordo dos anos 1950, quando Mao estava no auge do poder. Mapas eram desenhados mostrando nossas fronteiras se estendendo ao norte, sul e a oeste para terras que não controlávamos. Esses mapas eram distribuídos aos oficiais para motivá-los a pensar com grandeza. E funcionava. Acabamos intervindo na Coreia, invadindo o Tibete bombardeando Kinmen, atacando a Índia e ajudando o Vietnã, tudo com a intenção de dominar essas terras. — O primeiro-ministro fez uma pausa. — Somente o Tibete continua sob nosso controle, e nosso domínio lá é frágil, depende de força.

Ni lembrou-se do que Pau disse.

— Está dizendo, então, que não deveríamos ter orgulho nacional? — Parece que só o que temos é orgulho. Somos a cultura mais antiga do planeta, e olhe bem para nós. Temos pouco para mostrar por nossos esforços, além de uma infinidade de problemas insuperáveis. Receio que sediar os Jogos Olímpicos teve um efeito semelhante ao dos mapas. Uma motivação para os ambiciosos dentro do governo fazerem coisas tolas. — Pela primeira vez a voz soou com raiva, e os olhos brilharam furiosos. — Continuamos conscientes de todas as vezes que fomos desrespeitados décadas atrás, ou mesmo séculos atrás. Por qualquer motivo, queremos nos vingar, não importa quão trivial. É ridículo, absurdo e será a nossa ruína.

— Nem todos pensam assim — disse Ni.

O primeiro-ministro assentiu.

— Eu sei. Somente os homens de mais idade. Mas ainda há muitos de nós, e há homens jovens prontos para explorar nossos medos.

Ele sabia exatamente a quem esse comentário era dirigido. — Mao está lá — disse o primeiro-ministro — para que o adoremos. A imitação de cera de um líder fracassado. Uma ilusão. No entanto, 1,5 bilhão de chineses ainda o adoram.

— Eu não. — Ele sentiu-se fortificado ao fazer a declaração.

— Não adore. Nunca.

Ni ficou calado.

— Homens como Karl Tang são perigosos para todos nós — disse o primeiro-ministro. — Eles vão defender a recuperação forçada de Taiwan, e depois de toda a região do Mar da China Meridional.

Eles vão querer o Vietnã, Laos, Tailândia, Camboja, Mianmar e até mesmo a Coreia. Nossa velha grandiosidade recuperada. Pela primeira vez

Ni compreendeu a gravidade da batalha iminente. Ele disse:

— E, no processo, eles nos destruirão. O mundo não vai ficar parado enquanto tudo isso acontece.

— Eu consegui manter as coisas em ordem — disse o primeiro-ministro.

— Sabia que não podia mudar nada, apenas manter tudo como estava até meu sucessor chegar. Esse homem estaria em uma posição melhor para fazer mudanças. Você está pronto, ministro, para ser essa pessoa?

Se lhe fizessem a mesma pergunta três dias atrás, ele teria respondido que estava. Agora não tinha tanta certeza, e algo em seus olhos deve ter revelado seu momento de dúvida.

O velho assentiu e disse:

— Tudo bem ter medo. O medo nos mantém humildes, e a humildade nos torna sábios. Isso é o que falta em Karl Tang. É a sua fraqueza.

Alguns momentos de silêncio se passaram. Uma voz interior aconselhou-o a ter cuidado com suas palavras, enquanto outro pensamento de Mao veio à mente.

A campanha do Desabrochar de Cem Flores.

Uma época da década de 1950, quando a crítica ao governo foi encorajada, novas soluções e ideias foram incentivadas, e milhões de cartas chegavam ao governo. Em pouco tempo, apareceram cartazes nos campi das faculdades, passeatas eram realizadas, artigos publicados, todos defendendo uma mudança rumo à democracia.

Mas foi apenas uma armadilha política, uma maneira inteligente de desentocar os dissidentes. Mais de meio milhão foram presos, torturados ou mortos.

— Sabe dos eunucos? — A pergunta do primeiro-ministro o pegou de surpresa. Ele assentiu.

— Pau Wen e eu treinamos para o *Ba*. Dedicamos os dois anos exigidos para meditação e instrução, nos preparamos para a iniciação. Ambos estávamos despidos e nossos abdomens envoltos com as ataduras, os nossos corpos banhados com água de pimenta. Eu segurei Pau enquanto ele era castrado, senti o tremor de suas pernas, presenciei a angústia em seu rosto, vi como ele aceitou a mutilação com honra. — Sua voz tornou-se um mero sussurro. — No entanto, quando chegou a hora e o Tao perguntou se eu lamentaria o que estava prestes a acontecer, eu disse que sim. Ni o fitou incrédulo.

— Eu fiquei com medo. Quando confrontado com a perspectiva do que ia acontecer, algo me disse que a faca não era o meu destino.

— E essa voz estava certa.

Um olhar cansado tomou conta do rosto envelhecido.

— Talvez. Mas saiba que aqueles que enfrentam a faca e não emitem um som sequer possuem uma força que o senhor e eu não compreendemos.

Ni não se esqueceria disso.

— O discurso oficial do Partido, naquela época e agora, é que Mao estava 70 por cento certo e 30 por cento errado. Mas nunca identificamos qual parte do seu pensamento está certa ou errada. — Uma risada escapou

dos lábios finos do primeiro-ministro. — Que tolos nós somos. O velho apontou para o corpo de Mao.

— Ele supostamente repousa sobre uma pedra negra de Tai Shan, como um lembrete do que Sima Qian escreveu em Shiji. *A vida pode ser mais pesada que o monte Tai ou mais leve que uma pena de ganso. Você deve decidir, ministro. Como será a sua?*

* * *

Malone manteve a altitude do avião por volta de 5 mil pés. Nunca tinha pensado que um dia voaria pelo espaço aéreo vietnamita. Abaixo, estendia-se uma paisagem de montanhas e colinas que cresciam exuberantes a partir de vales verdes, envoltas em névoa, muitas riscadas por fazendas de arroz.

— Estamos nos aproximando da fronteira — informou Cassiopeia. Ela estudava o mapa fornecido por Ivan.

— As autoridades locais na província de Yunnan — disse Pau — têm boas relações com seus vizinhos. Eles têm fronteira não apenas com o Vietnã, mas também com Laos e Myanmar. Pequim fica muito longe, então a lealdade deles sempre foi mais local.

— Espero que isso ainda seja verdade — disse Malone. — Não estamos com armas suficientes.

— Durante o expurgo conduzido por Mao, muitos fugiram para Yunnan. O fato de ser remoto ofereceu refúgio. O terreno ao norte daqui, na China, é similar ao que está abaixo de nós agora. Ivan os orientou a seguir a ferrovia Kunming-Hekou, uma linha construída pelos franceses no início do século XX, do Vietnã até a China, passando pelas cidades bastante populosas de Gejiu e Kaiyuan.

— Você costuma trabalhar sempre com os russos? — Pau perguntou a Malone.

— Normalmente não.

— Qual é o interesse deles aqui?

— Como se fôssemos contar a você — disse Cassiopeia, virando-se e encarando Wen. — Que tal você nos dizer por que está voltando para casa e nós diremos por que os russos estão aqui.

— Estou voltando para impedir uma revolução.

— É mais provável que comece uma — disse ela.

— Você é sempre tão agressiva?

— O senhor é sempre tão falso?

— Aparentemente, você não sabe o que é o *guanxi*.

— Explique-me, por favor.

— Em toda a nossa história, para superar momentos difíceis, os chineses se apoiam na família e nos amigos. Naqueles que podem ajudar. É chamado de *zōu hòu mén*. "Pela porta de trás." Claro, se um favor é oferecido e aceito, aquele que recebeu o favor tem a obrigação de retribuir. Isso mantém o *guanxi* em equilíbrio.

— E o que o impede de nos levar direto para um desastre? — perguntou Cassiopeia.

— Não sou o inimigo. Karl Tang detém essa excelência.

— Estou vendo a fronteira — disse Malone.

Cassiopeia voltou a prestar atenção ao terreno.

A ferrovia seguia como uma cobra em direção ao norte, atravessando uma rodovia que Ivan disse que agora conectava a China ao Vietnã. A estrada virava a oeste, a linha ferroviária seguia ao norte. Uma ponte atravessava o rio Vermelho, entupida com carros parados em um posto de controle.

Malone desceu para mil pés.

— Aqui vamos nós.

Ni invadiu o gabinete da comissão central de inspeção disciplinar, localizado propositalmente longe do Zhongnanhai, um complexo de palácios, pavilhões e lagos de Pequim que servia de sede tanto para o Partido quanto para o governo. Sua visita ao primeiro-ministro fora preocupante. Nada fazia sentido. Tudo parecia invertido. Ele estava dividido pela dúvida, envolto por uma nuvem turbulenta de emoções desconhecidas e assombrado pelos questionamentos do primeiro-ministro.

Como sua vida seria avaliada?

Por sua força ou fraqueza?

Ao chegar ao carro, telefonara mandando que toda a sua equipe se reunisse na sala de conferências. Ele precisava de aliados, não de traidores, e estava na hora de descobrir que posição cada um ocupava.

Quatorze pessoas esperando. Nove homens, cinco mulheres. Ele acalmou a onda de entusiasmo com um gesto e imediatamente dispensou as mulheres. Então, disse aos homens:

— Tirem suas calças.

Todos olharam para ele, incrédulos.

Ele tirou a arma e apontou-a diretamente para eles. — Eu não vou repetir.

* * *

Cassiopeia olhava pela janela a paisagem montanhosa. A luz do sol aquecia o ar rarefeito. Estavam voando pelo espaço aéreo chinês havia mais de uma hora, sem problemas. Olhando para trás, ela ficou feliz por estar voando com Malone. Mesmo que Viktor Tomas tenha salvado sua vida duas vezes, ela confiava em Cotton Malone.

Implicitamente.

Ele fora à Bélgica quando precisou dele, e isso queria dizer alguma coisa.

Ela deixara poucos homens se aproximarem. Manter as emoções escondidas sempre fora o melhor caminho. Ela lera uma vez que mulheres com pais fortes gravitavam em torno de homens fortes, e Malone, definitivamente, fazia com que ela se lembrasse de seu pai. Ele fora um gigante dos negócios, um bilionário que fizera fortuna sozinho e controlou a Europa e a África. Muito parecido com Henrik Thorvaldsen, a quem admirara muito, mas só percebera o quanto bem mais tarde. A morte parecia levar todo mundo que ela amava. A ideia de sua própria morte, que

parecera tão próxima e vivida no museu, estava fresca em sua memória. Que confusão de sentimentos. Este era um momento definitivo. Logo estaria com 40 anos. Não tinha marido nem filhos, ninguém com quem compartilhar a vida. Morava sozinha em uma antiga propriedade francesa, uma vida dedicada a ajudar os outros.

E ignorando as próprias necessidades?

Talvez fosse hora de mudar tudo isso.

Ela sempre ficava ansiosa para ver Malone e lamentava quando se separavam. Estaria procurando um substituto para seu pai, o único homem em sua vida que nunca desafiou? Não. Essa explicação era simples demais. Sua mãe diria que os homens são como campos — exigem cultivo cuidadoso e atenção diária, tudo na esperança de que um dia possam se provar produtivos. Uma abordagem um tanto cínica. Que não funcionava para ela.

Ali estava ela, voando sobre o sul da China, a caminho do desconhecido. Valia a pena? Se encontrasse o filho de Lev Sokolov, sim.

E se não?

Não queria pensar em fracasso.

Então, controlou sua ansiedade pensando em Malone e percebeu que talvez tivesse realmente encontrado algo para si.

Algo que queria. Finalmente.

* * *

Ni ficou satisfeito ao ver que nenhum de seus funcionários mais próximos era um traidor. Lembrou-se do que Pau Wen falara da medicina moderna e como os efeitos da castração poderiam ser mascarados, então seguiu a única forma de investigação que garantia resultados. Também mandou que seu assessor-chefe realizasse imediatamente uma inspeção física em todos os homens no prédio. Enquanto isso acontecia, ele revisou as informações que sua equipe tinha acumulado desde o dia anterior.

Não havia referência alguma a uma organização chamada *Ba* nos arquivos de segurança. Esses registros teriam incluído interrogatórios de presos, declarações de testemunhas, relatórios de incidentes, noticiário, qualquer coisa que não exigisse um selo SEGREDO DE ESTADO. OS arqs continham milhões de documentos, muitos haviam sido digitalizados, tornando possível uma pesquisa razoavelmente rápida. Historicamente, sua equipe descobriu o que Pau Wen já havia dito, sobre como o *Ba* surgiu de um antigo movimento legalista e supostamente desapareceu por volta do século XVII.

Nada indicava que a organização ainda existia.

Também havia pedido que fizessem uma pesquisa sobre Pau Wen, mas nenhum registro oficial revelou qualquer ligação entre Pau, o primeiro-ministro e Karl Tang.

No entanto, tal ligação certamente existia, eles mesmos haviam admitido.

Um toque na porta de seu escritório atrapalhou seus pensamentos.

Seu assessor-chefe entrou.

— Todos foram examinados. Nenhum eunuco, ministro.

— Você acha que eu sou louco, não é?

— Eu nunca me atreveria a julgá-lo.

Ele gostava daquele homem, honrado e acima de qualquer censura, foi por isso que o escolheu como assistente-chefe. — Não pude lhe dizer antes — disse o assessor —, enquanto os outros estavam aqui. Mas encontramos algo na noite passada.

Sua atenção aguçou.

— Uma chamada do exterior foi feita para o celular do ministro Tang. Eu pedi que suas linhas fossem monitoradas semanas atrás. Ele usa vários telefones, com números que mudam a cada semana. Tem sido um desafio ficar à frente dele. Não grampeamos todas as conversas, mas conseguimos o suficiente.

— Seu assessor entregou-lhe um pen drive. — Uma gravação. N inseriu o pen drive em seu computador e escutou. Imediatamente reconheceu as vozes de Tang e Pau. Detectou a tensão e o conflito. Reconheceu o desafio que esses homens representavam um para o outro. A traição de Tang e seu aviso a Pau: *"Não existe nenhuma forma legal de você entrar na China. Nenhum visto será emitido. Tenho absoluto controle sobre isso. Os poucos irmãos que estão com você aí também serão impedidos de voltar."*

— É a prova que procurávamos? — perguntou o assistente. Ele balançou a cabeça — Não é o suficiente.

Mas ao menos ele sabia que aquilo tudo não era ficção.

Malone contemplava a imensidão verde de um lago, sua superfície brilhante, com ondulações e pontilhada de juncos.

Lago Dian.

Montanhas contornavam o litoral oeste, as encostas exuberantes cobertas de árvores, a maior parte do lado leste era formada por planícies de terra ocre ocupadas por fazendas. Fumaça saía das chaminés de uma aldeia de pesca a alguns quilômetros de distância.

Diminui a altitude do avião para 500 pés.

Cassiopeia soltou seu cinto e inclinou-se, olhando pela janela da frente. Ele reparou no mapa que as montanhas a oeste eram chamadas Xi Shan Viu, esculpidos no penhasco, caminhos e escadas que conectavam uma sucessão de templos, seus pagodes imponentes, com telhados curvos e beirais pintados, fazendo com que se lembrasse do Tivoli e de casa.

— Os contornos ondulados das colinas — disse Pau Wen — se assemelham a uma mulher deitada, com mechas de cabelos que voam para a água. Por isso, são chamadas de A Bela Adormecida.

Malone achou que o título parecia adequado.

— Os templos são das dinastias Yuan, Ming e Qing. Ali, onde teleférico chega ao cume, no século XVIII, um monge taoista esculpiu um longo corredor até a face da montanha. A lenda diz que seu cinzel quebrou quase no fim. Em desespero, ele se jogou no lago. Cinquenta anos depois, seus seguidores completaram o trabalho, que é conhecido como o Portão do Dragão.

— Parece história para turistas — disse Cassiopeia.

— Na verdade, o conto é bem próximo da realidade.

Ivan dissera que o lago estendia-se por 40 quilômetros de norte a sul, e Malone acreditava nisso por não ver nada além de água no horizonte.

— Vamos ver o que tem lá embaixo antes de pousar.

Ele empurrou o manche para a frente e reduziu a velocidade.

O voo para o norte atravessando a província de Yunnan fora sossegado, o céu estava vazio. Ele tinha se acostumado à viagem tranquila, mas, de repente, as asas do Twin Bee sacudiram.

Os motores estalaram, religando em seguida.

Projéteis perfuraram o casco e ricochetearam pela cabine.

O ar escapava pelos buracos.

A asa direita despedaçava-se a cada impacto e os ailerons soltaram-se. O avião começou a cair para a esquerda por falha nos comandos do lado direito.

— O que foi isso? — perguntou Cassiopeia.

A resposta veio quando um jato passou por cima deles, deixando um rastro de fogo no céu da manhã.

— Tiro de canhão — disse ele.

A asa triangular do bombardeiro desapareceu na distância, mas o rastro de fumaça indicava seu retorno para um novo ataque. — Esse jato é do Exército de Libertação Popular — disse ele —, e não está aqui por acaso. O chineses sabiam que viríamos. Ele mexeu no manche e usou a velocidade para recuperar o mínimo de controle. Durante todo o voo, irritara-se com a falta de sincronia dos dois motores. Para um piloto, a arfada era o sinal mais claro, mas os motores do Twin Bee gritavam um com o outro como um soprano e um barítono discutindo.

— O que posso fazer? — perguntou Cassiopeia.

— Diga onde o jato está.

— Ele está vindo na nossa direção, por trás — avisou Pau serenamente.

Eles estavam forçando caminho pelo ar denso, apenas alguns metros acima do lago. Malone conseguiu altitude subindo a mil pés. O Twin Bee não era páreo para os aviões modernos, canhões e mísseis guiados.

Eles possuíam, porém, uma arma.

— Qual é a distância?

— Difícil dizer — respondeu ela. — Vários quilômetros.

Ele conhecia inúmeros pilotos de caça e sabia como pensavam, independente da nacionalidade. Ele mesmo quisera ser um. Essa era uma presa fácil, um gavião desafiando um pombo. O piloto ia se aproximar antes de atirar.

Checou o velocímetro.

Um pouco abaixo de 110 quilômetros.

Lembrou-se do que seu instrutor havia lhe ensinado.

Ninguém nunca colidiu com o céu. A altitude é sua amiga.

— Chegará em poucos segundos — disse Cassiopeia.

Ele esperava que o Twin Bee aguentasse o que estava prestes a fazer. As superfícies de controle a estibordo estavam danificadas, mas os controles a bombordo e o leme da cauda pareciam intactos. O mais importante, os motores estavam funcionando. Esperou mais dois segundos, então acelerou ao máximo e puxou o manche. O anfíbio seguiu em uma subida íngreme, erguendo-se com o casco gemendo. A altura do Twin Bee aumentava enquanto *tracer rounds* eram disparadas, deixando suas marcas no céu limpo.

2.000 pés

2.500

3.000

O bombardeiro passou por baixo deles, seus motores deixaram um rastro de fumaça preta. Caça-bombardeiros não são feitos para baixas altitudes. Eles funcionam melhor na estratosfera, e não perto da terra, onde combustível e computadores poderiam ser aproveitados ao máximo.

Atingiu 3.300 pés.

— Meu estômago está na garganta — disse Cassiopeia.

— Eu tinha de fazer algo inesperado.

— Isso definitivamente foi inesperado.

Ele sabia que aviões pequenos não eram o meio de transporte favorito dela, lembrou-se de uma viagem de helicóptero bastante turbulenta pela Ásia Central com Viktor como piloto.

Concentrou-se no que estava à sua frente. O Aniquilador surgiu na distância. Malone percebeu que o caça podia facilmente abatê-los com mísseis ar-ar. Outra lição da Marinha passou por sua mente.

Aprenda com o erro dos outros.

— Vamos descer — alertou.

Reduziu a velocidade e girou a manivela dos elevadores. O ar lá fora era volúvel e inconsistente, o que só agravava a situação. Baixou a asa esquerda e caiu lentamente. Após uma curva fechada, ele angulou o nariz e estabilizou a uns 800 pés acima do lago.

— Consegue ver o jato? — perguntou.

Cassiopeia girou a cabeça em todas as direções.

— Não. Mas isso não significa nada. Ele ainda pode nos ter na mira.

Um fato que ele já sabia. Lutava para manter a asa equilibrada, já que as superfícies de controle a bombordo ignoravam seus comandos.

— Pelo visto isso era uma armadilha — acrescentou Pau Wen.

— Brilhante observação.

Ele lançou um olhar para Cassiopeia, que parecia ter compreendido Viktor. De que outra forma ficariam sabendo? A China era um lugar enorme, e, ainda assim, aqui estavam, esperando, no Lago Dian, exatamente para onde Ivan os enviara.

As copas das árvores aproximavam-se enquanto ele planava sobre o lago. Felizmente, o junco mais próximo flutuava a mais de 1,5 quilômetro de distância.

Um sopro de vento empurrou-os para a direita.

Ele manteve o nariz elevado.

Malone nunca havia feito um pouso na água antes e já notava que a percepção de profundidade seria diferente. Tinha de avaliar a distância correta e garantir que a velocidade estaria perfeita quando a parte inferior do avião tocasse a superfície. A última coisa de que precisavam era quicar pelo lago. Também estava preocupado com a estagnação. Por sorte, nenhum vento soprava, ou pelo menos nenhum que ele conseguisse ver nas árvores. Decidiu facilitar e desligar os motores enquanto passavam pela última árvore, nada além de água aproximando-se à frente.

Como lhe ensinaram: *a gravidade nunca perde.*

— Estou aliviada que há bastante espaço — disse ela.

Ele também estava. Bastante espaço para deslizar até parar. Malone aliviou o manche e empinou o nariz para que a cauda tocasse a água primeiro. Um pensamento veio à sua mente. Os flutuadores embaixo de cada asa precisavam ficar acima da água, já que poderiam acabar tornando-se âncoras.

O Twin Bee quicou duas vezes, depois deslizou pela água. Malone

sentiu, pelo manche, que estava perdendo tração, e o avião parou a cerca de 200 metros da costa.

Ele abriu a porta.

Cassiopeia fez o mesmo do outro lado.

O Twin Bee balançava sobre a água agitada, sua fuselagem crivada de buracos de bala. Malone estudou o céu. O bombardeiro estava longe para ser visto. Para o sul, um flash apareceu. Um instante depois, um rastro de vapor serpenteou um caminho através do céu da manhã.

Soube imediatamente o que estava acontecendo.

Míssil ar-terra, guiado por radar, vinha direto na direção deles.

— No lago. Agora. Mergulhem fundo — gritou.

Esperou um instante para ter certeza de que Cassiopeia e Pau entraram na água verde-musgo, depois mergulhou. Ignorou o frio e lançou-se para o fundo, nadando com as mãos em concha.

Outro pensamento perturbador passou por sua cabeça. Poluição. Provavelmente aquela água não era pura.

Poucos segundos depois, uma explosão abalou a superfície e o Twin Bee foi destruído pelo míssil. Ele arqueou o corpo e forçou-se para a superfície. Sua cabeça encontrou ar e ele abriu os olhos, não encontrando nada do anfíbio além de destroços em chamas.

Um segundo depois, Cassiopeia e Pau surgiram na superfície.

— Estão bem? — gritou.

Ambos acenaram com a cabeça.

— Precisamos alcançar a margem.

Ele nadou em torno dos escombros que ainda queimavam, na direção deles. Inclinou a cabeça para o sul. Um ponto negro começou a crescer em tamanho.

O Aniquilador estava voltando.

— Boiem de bruços na água. Finjam-se de mortos — disse ele —, e não se mexam até ele ir embora.

Malone logo assumiu a mesma posição, na esperança de que o truque funcionasse. Perguntou-se por que o caça não tinha simplesmente os abatido. Teria sido fácil, principalmente no início, quando não sabiam de sua presença. Mas certamente a ideia era permitir que o lago engolissem as provas.

Estendeu os braços e permitiu que seu corpo flutuasse, na esperança de que o piloto não se certificasse da morte deles bombardeando-os com tiros de canhão.

LANZHOU

Tang deixou o laboratório, satisfeito com a solução do problema que Lev Sokolov representava. Instruiu os homens que deixara para vigiar o prédio de que qualquer tentativa de fuga deveria ser combatida com violência. Agora, entendia o suficiente para saber por onde começar — com ou sem Sokolov. O russo só oferecia uma forma mais conveniente de confirmar a descoberta, mas não a única.

E suas implicações eram enormes.

A China precisava de mais de 300 milhões de toneladas de petróleo bruto por ano. A produção industrial do país — o que significava toda a sua economia — baseia-se no petróleo. Atualmente, 60 por cento são importados da África, América Latina e Rússia, como forma de não se tornarem vulneráveis à volatilidade política do Oriente Médio e não ficarem sob influência dos Estados Unidos. Por que outra razão a América ocupou o Iraque se não para monopolizar a oferta de petróleo do Oriente Médio? Ele não conseguia pensar em outro motivo, seus especialistas também não. Esses mesmos especialistas alertavam repetidamente que os Estados Unidos facilmente transformariam o petróleo do Oriente Médio em uma arma.

Bastaria uma pequena interrupção no fornecimento e a China entraria em uma queda livre que o governo não conseguiria impedir. Tang já estava cansado de lidar com nações desonestas ricas em petróleo. Há poucas semanas, milhões de iuanes foram emprestados para mais um país africano que nunca pagaria — tudo para garantir que a China seria o primeiro país na lista de exportação de petróleo. A política externa do regime atual — uma mistura vertiginosa de apaziguamento, contradição, rejeição e defesa — há muito tempo troca mísseis balísticos, recursos nucleares e tecnologias preciosas apenas para garantir que o petróleo continue fluindo para o país. Isso humilha a China, e expõe uma fraqueza.

Mas tudo isso poderia mudar se os milhares de poços espalhados pela China pudessem prover energia perpétua. Ele não poderia revelar "como", mas poderia explorar "o quê", mantendo o petróleo fluindo e eliminando os tanques que lotavam os portos chineses todos os dias carregando petróleo bruto. Resultados levam ao sucesso, e sucesso leva ao orgulho. Devidamente embalados e distribuídos, seus efeitos poderiam certamente fortalecer qualquer regime político.

De acordo com a teoria do combustível fóssil, sabia que a China possuía somente 2,1 por cento das reservas mundiais de petróleo. Os Estados

Unidos, 2,7 por cento. A Rússia, 7 por cento. O Oriente Médio, 65 por cento. Nada pode ser feito sobre a dominância árabe, um de seus vice-ministros advertiu recentemente. Discordava. Tudo depende do que você sabe.

Seu telefone tocou.

Parou de andar em direção ao carro que o esperava e atendeu.

— O alvo está no lago — disse Viktor Tomas.

A ideia era atacar o avião de Pau Wen atraindo o mínimo de atenção. Tráfego de rádio, monitorado por inúmeras agências governamentais, incluindo os funcionários na província de Yurvnan, verificariam que uma aeronave não identificada havia sido interceptada por um caça militar. O protocolo exige que intrusos sejam abatidos.

— Sobreviventes? — perguntou Tang.

— Três. Na água. O bombardeiro está fazendo sua passagem final. Va usar canhões para se certificar de que ninguém vai nadar para a praia.

— Você sabe o que fazer.

* * *

Malone boiava, a água batia em suas orelhas, o que tornava difícil ouvir. Esperava que três corpos flutuantes satisfizessem a curiosidade do piloto. Ele arriscou virar apenas um pequeno ângulo de sua cabeça e viu que o caça ainda estava ao sul, sua combustão se intensificando.

Em seguida, um novo som. Vindo do leste.

A batida constante de lâminas giratórias cortando o ar.

Ele se virou e tirou a água do rosto.

Um helicóptero pairava sobre as árvores. Maior do que um helicóptero de ataque, parecia ser um transporte armado. Parou sobre o lago, virado para o sul. Ambos, Cassiopeia e Pau, aparentemente perceberam a mudança e pararam de boiar também, observando.

— Malone — disse uma voz pelo alto-falante. — Estou em contato com o jato, pedindo ao piloto que recue.

Viktor.

Malone avaliou a situação enquanto assistia ao Aniquilador continuar sua abordagem.

— Parece que ele não quer ouvir — disse Viktor.

Outros segundos passaram-se, e dois mísseis ar-ar foram lançados do helicóptero, seguindo diretamente para o bombardeiro. Em menos de dez segundos o caça foi desintegrado, pedaços em chamas surgindo de uma densa nuvem de fumaça e cobrindo a margem com destroços.

— Temos que sair da água — gritou Malone.

Eles começaram a nadar em direção à margem.

Gostariam de uma carona? perguntou Viktor.

O helicóptero pairava sobre eles.

Dois cabos desceram.

— Você e Pau vão — disse ele. — Eu vou nadar.

— Um pouco insensato, não acha? — disse Cassiopeia, enquanto ela e

Pau prendiam-se.

— Não para mim.

Ele observou enquanto eram içados pelo lago e levados para a margem, cerca de 200 metros de distância.

Verdade, a poluição do lago o preocupava, mas ficar em débito com Viktor Tomas parecia pior.

* * *

Ni examinava o lampião do dragão. Antes de seguir para a reunião com o primeiro-ministro no túmulo de Mao, mandara que trouxessem o lampião do aeroporto e colocassem-no em sua mesa.

Karl Tang tinha se esforçado muito para recuperá-lo. Por quê? Notou gravuras do seu lado e perguntou-se o que elas significavam. Ele deveria mandar ser examinado por alguns especialistas. A campainha do telefone em sua mesa o irritou.

Avisara seus funcionários de que não queria ser incomodado.

Apertou com força o botão que piscava.

— O gabinete do primeiro-ministro está na linha.

Sua raiva desapareceu.

— Pode passar.

Poucos segundos depois, o mesmo sussurro rouco do túmulo de Mao disse:

— Apenas alguns minutos atrás, um de nossos caças J-10 forçou uma aeronave anfíbia não identificada a pousar no Lago Dian. Em seguida, o caça foi derrubado por um de nossos helicópteros, pilotado por um estrangeiro autorizado a voar pelo ministro Tang.

Ele escutava em estado de choque.

— Esse helicóptero estava protegendo três pessoas que haviam fugido para o lago. — O primeiro-ministro fez uma pausa. — Um deles era Pau Wen. Ni levantou-se da cadeira.

— Parece, ministro, que Pau voltou para casa. Durante muitos anos, ele tentou me convencer a permitir seu retorno. O que ele lhe disse é verdade. Nós nos falamos várias vezes desde que assumi este cargo. Na verdade, também falamos de você. Essas conversas eram inocentes. Dois velhos lamentando as oportunidades perdidas. Há muito tempo que Pau quer voltar, mas é melhor que ele fique longe. Infelizmente, parece ter encontrado um caminho de volta sem o meu consentimento.

Ni arrepiou-se.

— O que está acontecendo?

— Uma excelente pergunta, para a qual você deve descobrir a resposta. Eu realmente não sei. Mas gostaria de saber por que perdemos a vida de um homem e uma aeronave de 5 milhões de iuanes.

Ni também gostaria.

— Há muito tempo aprendi que aqueles que se destacam em defesa enterram-se nas profundezas da terra — continuou o primeiro-ministro. —

Aqueles que se destacam em ataque agem das maiores alturas do céu. Pau Wen nunca age na defensiva.

Ele se mantém em constante ofensiva.

O fuso horário estava deixando Ni extremamente cansado. Enigma não ajudavam. — O que devo fazer?

— Eu sei o que Karl Tang está procurando, e também sei por que Pau Wen voltou.

— Então envolva a segurança interna e as forças armadas. Eles podem lidar com a situação.

— Não, ministro. A última coisa que a China suportaria é uma guerra civil pública por controle político. O caos seria insuperável. O mundo quer tirar vantagem da nossa crise. Isso deve ser um assunto privado. Entre o senhor e Tang. Não vou envolver mais ninguém, nem permitir que o senhor faça isso.

— Parece que Tang envolveu o exército.

— E eu tomei medidas para impedir que isso aconteça novamente.

— Então o que devo fazer?

— O senhor pode começar ouvindo. Tenho de lhe contar o que aconteceu, em 1977, pouco depois que Mao morreu.

* * *

Cassiopeia soltou a corda e saltou os poucos metros que restavam até o chão. Estava molhada, mas felizmente o ar da manhã estava quente. Pau Wen saltou ao lado dela. Ela ficou impressionada com a agilidade do homem mais velho.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Muito bem. — Ele alisava sua camisa e calças encharcadas. Eles estavam à beira de um campo amplo que se estendia a leste do lago por 1 quilômetro ou mais. O helicóptero afastou-se algumas centenas de metros e aterrisou, levantando uma nuvem de poeira. Ela se apressou em direção à beira do lago, chegando no instante em que Malone surgiu.

— Não há como saber quantos parasitas e bactérias tenho agora dentro de mim — disse ele, água escorrendo por todo o corpo.

Ela sorriu.

— Não pode ser tão ruim assim.

— Fácil para você dizer. Você não vai ter seis dedos e três braços em alguns dias.

Pau Wen aproximou-se deles.

Na verdade, esta parte do lago é relativamente limpa. A parte norte é outra história.

— Onde está seu namorado? — perguntou Malone.

Ela não gostou de seu tom, mas entendeu o ressentimento. Viktor sabia da rota, porque Ivan sabia, o que significava que tinham sido traídos por um deles, ou por ambos.

Mas isso não fazia sentido.

Os russos queriam encontrar Sokolov, Por que acabar com a missão antes mesmo de começar?

Ela ouviu passos pela terra seca atrás deles e virou-se para ver Viktor, vestido em um macacão de voo verde, vindo em sua direção.

Malone passou correndo por ela e deu um soco na cara de Viktor.

Malone estava preparado quando Viktor ficou de pé. Desviou da primeira investida e acertou outro soco no estômago de Viktor e, imediatamente, notou que era duro como aço.

— Você nos traiu — disse ele —, de novo.

Viktor baixou os punhos.

— Malone, você é tão burro assim? Karl Tang não liga a mínima para você. É *ele* quem Tang quer morto. — Viktor apontou para Pau. — Só o que fiz foi intervir e salvar o seu pescoço, o que, aliás, pode vir a custar o meu.

— E você espera que acreditemos nisso? — perguntou Malone. — Tang quer vê-lo morto — Viktor disse a Pau. — Para salvá-los, tive de salvar você. Wen virou-se para Malone.

— Temos de seguir para o norte. Tang tem um poder enorme nesta região.

— Posso levá-los para onde precisarem — disse Viktor.

— E por que confiaríamos em você? — perguntou Cassiopeia. — Acabei de explodir um piloto. Isso não mostra de qual lado estou?

Malone percebeu a mudança no tom de voz. Mais macia, mais calma Tranquilizadora. A voz parecia ser apenas para ela. Porém Malone queri saber:

— Karl Tang vai nos deixar vagar pela China em um helicóptero PLA. Podemos fazer o que nos der vontade?

— Se formos rápidos, estaremos bem longe antes que ele tenha tempo de reagir. Minhas ordens eram assegurar que o caça bombardeasse o lago com seus canhões para que ninguém nadasse até a margem. Mudei as ordens. Vai demorar um pouco para que se reorganizem. Uma coisa que aprendi é que os chineses, diferente de nós, não sabem como improvisar. Essa não foi uma ação com permissão oficial, então algum comandante local está agora tentando decidir o que fazer. Malone, passando a mão pelos cabelos molhados, tentou avaliar suas opções. Não havia muitas.

Olhou para o lago e percebeu que nenhum dos juncos aproximara-se dos destroços na água ou na margem onde eles estavam. Quando se virou para fazer outra pergunta a Viktor, um punho acertou seu queixo. O choque deixou-o atordoado, derrubando-o no chão, o dia claro piscando em seus olhos.

— Não. Me. Bata. De novo. — disse Viktor, por cima dele.

Malone pensou em revidar, mas optou por não fazer nada. Ainda estava indeciso, mas tinha certeza de duas coisas: Viktor acabara de salvar suas vidas e, aparentemente, gostava de Cassiopeia. As duas coisas c

incomodavam.

— Vocês dois já terminaram? — perguntou Cassiopeia.

— Eu sim — disse Malone, levantando-se e encarando Viktor. — Eu não sou seu inimigo — disse Viktor. Malone esfregou o maxilar.

— Já que temos pouco tempo, teremos de confiar na sua palavra. Leve-nos para o norte.

— Onde?

— Xi'an — respondeu Pau. — Para a tumba de Qin Shi.

* * *

Ni esforçava-se para ouvir a voz baixa do primeiro-ministro pelo telefone.

— A época que precedeu a morte de Mao foi caótica, logo em seguida também. A política alternava entre o maoísmo e algo extremamente diferente. Que direção isso tomaria ninguém sabia. O próprio Mao tentou equilibrar os pontos de vista conflitantes, mas já era muito velho e fraco para mantê-los sob controle.

Embora fosse jovem, Ni lembrava-se do início dos anos 1970, e sabia que a Camarilha dos Quatro, maoístas radicais liderados pela esposa de Mao apoiava táticas como lutas de classes, anti-intelectualíssimo, igualitarismo e xenofobia. A oposição lutava por crescimento econômico, estabilidade, educação e pragmatismo.

— A balança ficou oscilando nos dois anos que antecederam a morte de Mao. Havia lutas internas, brigas secretas, expurgações públicas e até mesmo algumas mortes. No fim, Deng Xiaoping reivindicou o poder, mas a luta para chegar a esse ponto foi longa e amarga. As cicatrizes, profundas. Pau Wen e eu estávamos presentes durante cada batalha.

— De que lado?

— Isso não importa. Mas os erros cometidos naquele tempo ainda nos assombram. É por isso que a luta pelo poder, entre Tang e você, não pode ser um espetáculo público. Não permitirei que o mesmo erro seja cometido novamente.

O primeiro-ministro falava como um confucionista.

— Deng Xiaoping era, de muitas maneiras, pior do que Mao — disse o primeiro-ministro. — Para ele, qualquer reforma era aceita, contanto que não afetasse o partido, o governo ou a ideia do marxismo. Sua filosofia era elevar o padrão de vida, não importava como, e olhe o que aconteceu. Ele nos permitiu destruir nosso país.

Ni não tinha argumentos contra essa conclusão. As cicatrizes desse desenvolvimento desregrado e sem freios assomavam em toda parte. A nação não tinha sido poupada em nada.

— Parecemos condenados — disse o primeiro-ministro. — Éramos uma nação isolada, até a chegada dos portugueses. Duzentos anos depois, fomos devastados por nossa própria corrupção. Tropas ocidentais e canhoneiras controlavam nossos portos, como se fôssemos uma colônia das potências

ocidentais. Essa atmosfera de derrota era perfeita para a ascensão de Mao, que disse às pessoas exatamente aquilo que elas queriam ouvir. O comunismo, porém, mostrou-se muito pior do que qualquer outra coisa que aconteceu antes. Mao nos isolou novamente. Deng tentou mudar isso, mas foi longe demais, rápido demais. Não estávamos prontos. Foi quando Pau Wen decidiu agir. Ele enxergou uma oportunidade e colocou cada irmão do *Ba* no governo ou nas Forças Militares, cobrando deles apenas um dever crescer em estatura e poder. Ninguém sabia quem ascenderia mais rápido, e essa pessoa foi Karl Tang.

— E ele tem outros, não apenas do *Ba*, que o seguirão.

— Muitos outros. Seus argumentos são persuasivos, assim como eram os de Mao e Deng. Muitos no Comitê Central e na Assembleia Nacional apoiarão de boa vontade o legalismo de Tang.

Seus consultores já o haviam alertado dessa probabilidade.

— A história é como uma donzela e podemos vesti-la como bem entendermos — disse o primeiro-ministro. — Dez anos após a morte de Mao, nosso governo tinha sido completamente transformado, reorganizado. Milhares de novos oficiais foram indicados, o passado totalmente erradicado. Pau Wen aprendeu com esse caos. Com rara habilidade, nas últimas três décadas, ele tem comandado os irmãos do *Ba*, incluindo Karl Tang, em um rumo singular. Eu sei que ele deixou o país para administrar melhor esse plano.

Ni lembrou a conversa telefônica gravada e falou para o primeiro-ministro:

— Obviamente, os caminhos de Tang e Pau se separaram.

— Cuidado, ministro, não se pode confiar em eunucos.

Seus nervos estavam à flor da pele. Esperou que o primeiro-ministro falasse mais, porém só houve silêncio. Finalmente, o velho homem disse:

— Ministro, eu fui informado neste instante de que um helicóptero decolou do Lago Dian com quatro pessoas. Três delas, incluindo Pau Wen saíram do lago.

— Intercepte-o.

— O que ganharíamos com isso?

Ele sabia a resposta. Nada.

— Por sorte acredito saber o destino desse helicóptero.

Ele escutou.

— Xi'an, você deve ir para lá imediatamente. Mas, antes, tem algo que você precisa saber. Algo que nem mesmo Pau Wen sabe que existe.

* * *

Tang esperou no campo de pouso de Lanzhou. O terminal, um cubículo cinza de cimento, com cortinas de veludo vermelho adornando as janelas altas, tinha o charme de um prédio abandonado. Não poderia partir sem saber o que tinha realmente acontecido no Lago Dian. Se tudo saísse de acordo com o plano, Viktor Tomas estaria com todos os três passageiros a

bordo de seu helicóptero. Se fosse assim, Viktor não faria um relatório por telefone. Em vez disso, eles inventaram um código por meio do qual uma mensagem poderia ser transmitida sem despertar suspeitas.

Depositará muita confiança nesse estranho, mas, até aquele momento, o desempenho de Viktor tinha sido admirável. Escutara, no dia anterior, enquanto Viktor contava suas façanhas com Cotton Malone e Cassiopeia Vitt, avaliando como poderia tirar proveito dessas informações. Havia concordado com a opinião de Viktor de que, para ser aceito por Malone e Cassiopeia, e descobrir precisamente o que os russos e os americanos tanto queriam, algo impressionante teria de acontecer.

Por isso autorizou Viktor a abater o bombardeiro.

Agora descobriria exatamente o que seus inimigos planejavam. Quando tomasse posse como primeiro-ministro, com total controle do Partido e da nação, usufruindo do apoio do Comitê Central e das Forças Militares, nunca seria questionado.

Até que isso acontecesse, estava vulnerável.

Portanto, qualquer medida que minimizasse seus riscos seria bem-vinda.

Seu telefone anunciou uma mensagem de texto de sua equipe. Olhou o visor.

* * *

Clima para a região de Lintong acessado.

Monitorando o fluxo de dados vindo do helicóptero, era possível tomar conhecimento das informações digitais enviadas ou recebidas pelos aparelhos eletrônicos a bordo. Viktor tinha dito que, se não conseguisse usar o rádio, solicitaria informações sobre a previsão do tempo para um determinado local. Esse seria o destino deles.

Lintong ficava na província de Shaanxi, a leste de Xi'an. Onde ficava a tumba de Qin Shi e os guerreiros terracota. Respondeu à mensagem de texto para sua equipe com uma ordem concisa.

CERTIFIQUEM-SE DE QUE O CAMINHO DELES ESTEJA SEM INTERFERÊNCIAS.

13H

Malone sentou-se no compartimento de passageiros do helicóptero com Cassiopeia e Pau Wen, enquanto Viktor pilotava sozinho na cabine. Suas roupas ainda estavam molhadas do mergulho no Lago Dian, mas já estavam secando. Eles voavam para noroeste, mil quilômetros sobre o coração da China, seguindo para a província de Shaanxi e Xi'an. Continuava cético em relação a confiar em Viktor, então fez um gesto para Cassiopeia e Wen tirarem os fones de ouvido.

Aproximou-se deles e falou:

— Quero ter uma conversa sem que ele escute. — Manteve a voz abaixo do nível do barulho dos motores.

— Estamos progredindo, Cotton — respondeu Cassiopeia, e ele percebeu sua irritação.

— Sei que seu objetivo é achar o filho de Sokolov. Mas algum de vocês acha que isso tudo está acontecendo sem ninguém saber? — É claro que não — disse Pau. — Mas estamos chegando aonde precisamos ir. Até lá, poderemos mudar a situação.

— E brigar com Viktor — completou Cassiopeia — não tornará as coisas mais fáceis.

— Você tem uma queda por ele, não tem?

— O meu interesse é pelo filho de Lev Sokolov. Quero achar esse garoto. E para fazer isso, preciso encontrar uma amostra de petróleo antigo para dar a Tang. Para conseguir isso, temos que estar em Xi'an.

— Você não acha que esse trato continua valendo, acha? Sokolov deve estar encrencado. — A frustração dela era visível, e ele odiava pressioná-la, mas aquilo tinha de ser dito. — É possível que Tang já esteja com Sokolov — falou. — Talvez ele nem precise mais de você.

— Então por que ainda estamos vivos? — perguntou ela.

Ele apontou para Wen:

— Aparentemente, ele é o alvo do interesse de Tang agora. Viktor deixou isso extremamente claro.

E ainda havia o que Ivan não tinha dito. Sobre Sokolov. Os russos queriam de volta, mas, se ficassem sem alternativa, sua morte não estava fora de questão.

Ele olhou para Wen.

— O que vamos fazer quando chegarmos?

— Vamos entrar na tumba de Qin Shi, como eu já fiz uma vez.

Mas vamos precisar de lanternas.

Malone achou um compartimento onde havia duas e pegou-as.

— A tumba não estava acabada quando Qin morreu — disse Pau. — Seu filho, o Segundo Imperador, a terminou e lá enterrou o pai. Ele, então enganou os arquitetos e alguns dos construtores, fazendo-os entrar na tumba e aprisionando-os debaixo da terra.

Eles morreram com o imperador.

— Como você sabe disso? — perguntou Malone.

— Vi seus ossos. Estavam lá quando entrei na tumba.

— Então você está dizendo que existe outra entrada e saída — disse Cassiopeia.

Pau explicou que a água subterrânea representara um desafio para os construtores porque as escavações foram tão profundas a ponto de encostar no lençol d'água. Então, um elaborado sistema de drenagem foi criado. Longos canais de 800 metros de comprimento atravessavam a terra, impedindo a água de penetrar nas câmaras durante a construção. Uma vez completas, a maior parte dos túneis foi preenchida e aterrada para formar uma represa.

Entretanto, alguns permaneceram abertos.

— Eu encontrei um desses túneis por acaso quando descobri a biblioteca de Qin Shi. Ele contorna todas as armadilhas que os construtores armaram para os ladrões, o que deve ter sido a intenção. Eles precisariam de uma maneira de entrar para inspecionar a obra de vez em quando, sem se expor ao perigo. — Por que, então, eles não utilizaram esses túneis quando ficaram presos lá dentro? — perguntou Cassiopeia.

— A resposta para a sua pergunta será óbvia quando vir a entrada.

— E o mercúrio? — perguntou Malone, lembrando a conversa do dia anterior na casa de Pau.

Eu deixei a tumba ventilar por vários dias antes de entrar. Também usei um respirador.

— E agora? — perguntou Cassiopeia, A tumba está lacrada há mais de vinte anos.

— Medidas preventivas foram tomadas.

Não era exatamente reconfortante, pensou Malone, olhando de relance para a cabine, seu outro problema. Do lado de fora, a chuva escondia o sol conforme nuvens ameaçadoras aproximavam-se.

— Ele salvou nossas vidas — disse Cassiopeia. — Inclusive a sua. É a nossa forma de chegar até Tang.

— E o que impede Tang de ir à tumba de Qin e pegar o óleo ele mesmo? Viktor já sabe disso há dois dias.

— Como entraria? — perguntou Pau. — A tumba nunca foi escavada.

— Você não sabe o que eles fizeram — explicou Malone. — Nós nem sabemos se estamos indo para Xi'an.

— Estamos na direção correta — disse Pau.

— E se alguém estiver nos esperando quando aterrissarmos? — Se fosse o caso — retrucou Pau —, por que não permitir que o bombardeiro nos

matasse?

Boa pergunta.

— O que tem dentro da tumba? — perguntou Cassiopeia a Pau.

— Não é o que você espera.

Malone disse:

— Poderia explicar melhor?

— Vou deixar que você mesmo descubra quando estivermos lá dentro.

14H30

Ni saiu do carro que o levava a leste, de Xi'an ao distrito de Lintong e ao museu da Dinastia Qin, onde ficavam os guerreiros e cavalos de terracota. O primeiro-ministro dissera que o helicóptero que transportava Pau Wen chegaria nos próximos 30 minutos. Também contara a Ni algo que nunca soubera, algo que somente uma pessoa ainda viva sabia.

A tumba de Qin Shi, Primeiro Imperador da China, tinha sido aberta.

Embora os guerreiros de terracota tivessem sido escavados e colocados em exposição para o mundo ver, a tumba em si, um enorme monte arborizado que dominava uma terra plana e miserável, supostamente nunca havia sido violada. Todos concordavam que a tumba constituía uma das maiores oportunidades arqueológicas do planeta. Qin Shi mudou fundamentalmente a forma como o seu mundo era governado, solidificando o legalismo, criando um conceito de governo que unificou a China. Ele se tornou o centro de uma nação, e assim permaneceu até mesmo depois de morto, levando com ele não apenas uma comitiva de barro, mas um sistema político completo, que refletia a autoridade suprema na vida e na morte. Aqueles que vieram depois dele tentaram diminuir sua influência reescrevendo a história. Mas entrar na tumba, estudar seu conteúdo, poderia ser uma forma de corrigir cada uma dessas edições.

No entanto, o governo comunista sempre disse não.

Oficialmente, o motivo era que ainda não existiam tecnologias e técnicas para preservar adequadamente o que estava por baixo do monte. Por isso, foi considerado mais seguro manter a tumba selada.

Até poucas horas atrás, Ni nunca havia questionado essa explicação. Não era importante para sua caça contra a corrupção. E ele só havia visitado o museu uma vez, há alguns anos, quando uma série de roubos aconteceu na oficina de restauração — trabalhadores locais roubaram peças dos guerreiros escavados para vender no mercado negro. Agora ele estava de volta, e o lugar fervilhava com as multidões que se moviam e balançavam como algas em uma corrente suave. Milhões de pessoas visitavam o local todos os anos; e hoje — apesar de um opressor céu cinzento — não parecia ser uma exceção. Os parques estavam cheios, a área especialmente reservada para ônibus, lotada. Ele sabia que um metrô estava em construção em Xi'an, uma linha de 30 quilômetros que aliviaria o tráfego, mas ainda faltavam alguns anos para sua conclusão.

Não contara a ninguém para onde estava indo, requisitando o

helicóptero do Comitê Central que o levava a oeste. Karl Tang havia deixado Lanzhou três horas atrás, para leste, na direção de Xi'an, o que significava que seu inimigo já devia estar ali. Aproveitou o voo de Pequim para ler o que sua equipe havia acumulado, estudando um assunto que pouco conhecia.

Eunucos.

Sua população variava de 3 mil a 100 mil, dependendo da época. Para todos os chineses, todas as forças naturais vêm em ciclos, atingindo um pico com o yang, em seguida recuando com o yin. Masculinidade, força e virtude sempre estiveram associadas ao yang, enquanto as mulheres, os eunucos e o mal eram governados pelo yin. Ele aprendeu que pode haver uma explicação lógica para essa dicotomia. Toda a história da China foi escrita por mandarins, a elite culta que, como classe, desprezava os eunucos do palácio. Mandarins tinham de qualificar-se para a posição, depois de anos de árduo estudo, passando por exames. Eunucos adquiriam sua influência sem quaisquer qualificações. Assim, era compreensível que os registros escritos que sobreviveram tivessem pouca coisa boa a dizer sobre os eunucos.

Não era nenhuma surpresa saber que maus-tratos eram comuns. Cada vez que encontravam um membro da família imperial eram obrigados a humilhar-se como escravos. Eles perceberam cedo na vida que nunca poderiam ser venerados como estudiosos ou estadistas. O complexo de inferioridade gerado a partir de tal tratamento motivaria ressentimento em qualquer um. Aprenderam que sua capacidade de sobrevivência, uma vez que seus serviços não fossem mais necessários, dependia da quantidade de riqueza que conseguissem acumular secretamente. Para adquiri-la, precisavam estar muito próximos das autoridades. Então, manter-se nas boas graças de seus patronos e conservar seus patronos no poder tornaram-se seu principal interesse.

Existiram, porém, eunucos que se tornaram conselheiros estimados. Vários alcançaram altas posições. Tsai Lun, no século II, inventou o papel. Ssu-ma Chien tornou-se o pai da história chinesa. Zheng He foi o maior marinheiro da China de todos os tempos, construindo uma frota no século XV que explorou o mundo. Nguyen An, um verdadeiro renascentista, projetou o Palácio Proibido. Feng Bao, durante o século XVII, habilmente geriu os negócios da nação sob o imperador Wanli. Na mesma época, Chen Ju ajudou a manter um tribunal interno funcionando, enquanto o externo era despedaçado em facções. Por seus serviços, depois de sua morte, a ele foi conferido o título de *Puro e Leal*.

Em sua leitura, Ni percebeu que os imperadores simplesmente passaram a acreditar que os eunucos eram mais confiáveis do que os funcionários do governo. Eunucos nunca aprenderam ideais grandiosos ou foram levados a considerar o bem maior sobre si. Eles simplesmente passaram a representar a vontade pessoal do imperador, enquanto funcionários do governo apresentavam a vontade política alternativa da burocracia estabelecida.

Um embate clássico de ideologias.

Que os eunucos venceram.

Depois perderam.
Agora eles estavam de volta.
E seu líder estava aqui, em Xi'an, esperando.

* * *

Tang analisava os monitores do circuito fechado. Toda a área do museu era coberta por câmeras que mantinham vigilância constante sobre as três covas e seus abrigos correspondentes, o salão de exposições, os restaurantes, o centro de informação, o cinema, até mesmo sobre as lojas de souvenirs.

Ele olhou para o relógio de parede e percebeu que um helicóptero logo se aproximaria. Nada incomum. Os oficiais do governo, dignitários, até mesmo alguns dos novos-ricos do país voavam rotineiramente para o local. Da mesma forma que os militares transportavam pessoal indo e vindo. Tang viera no mesmo helicóptero que o esperava a 1 quilômetro de distância, um pouco além do perímetro externo, em um campo designado como local de pouso.

Vinte e quatro telas enchiam a parede esverdeada diante dele em um prédio mal-iluminado que ficava a 2 quilômetros da tumba. O edifício era parte de um complexo administrativo que os cientistas, arqueólogos e burocratas usavam como sede. Ele fora informado de que a fiação defeituosa havia sido responsável pelo incêndio na Cova 3. Um mal-estar geral pairava no ar, pois ninguém queria ser responsabilizado. Principalmente o administrador. O tolo irritante desculpou-se repetidamente sobre a *catastrófica perda para a história*. Tang decidiu ser mais generoso do que o esperado e assegurou à equipe que ele compreendia. Contratemporos acontecem. Conduza uma investigação, depois envie um relatório detalhado.

Seu olhar varreu os monitores.

Uma multidão, ansiosa e ativa — empurrando, acotovelando-se — encheu as telas. A chuva começara havia uma hora. Tang compreendia o valor das receitas turísticas, mas a adulação necessária para garantir aquele dinheiro irritava-o.

Isso também mudaria quando chegasse ao poder.

As imagens nos monitores mudavam de poucos em poucos segundos, a rolagem dos números na parte inferior indicavam o tempo e a localização de cada exibição. Seus olhos dançavam nas telas, absorvendo o caos, reparando nos guardas uniformizados que apareciam de tempos em tempos, cada um falando via rádio com o despachante à sua direita.

Uma tela chamou sua atenção.

— Lá — ordenou ele, apontando. — Número 45.

O monitor que indicava câmera 45 parou de rolar.

— Onde fica isso?

— No lado oeste da montanha, perto dos túmulos dos artesãos. A tela mostrava um homem vestido com uma camisa escura, de mangas curtas e calça escura. Estava parado na beira de um campo molhado, a floresta na

base do monte da tumba ao fundo. Estava virado para a câmera, a chuva encharcando seu corpo. Alto, magro, de cabelos negros e, apesar de Tang não conseguir ver esses detalhes, ele sabia que o homem tinha olhos castanhos, nariz largo e traços definidos.

Um murmúrio de alarme fluiu pela sala quando o rosto foi reconhecido.

— O ministro Ni está no local — ouviu um dos homens dizer.

Na tela, Ni virou-se e lutou contra o solo úmido, em direção a um aglomerado de casas de madeira e pedra com telhados de colmo.

— O que é isso? — perguntou Tang.

— Área restrita. Ordens de Pequim, ministro. Há muito tempo.

Aquela área está proibida.

— Ninguém entra lá?

O homem balançou a cabeça.

— Nunca. Monitoramos a cerca, mas não entramos.

Ele compreendia os efeitos criados por uma ordem de Pequim. Não era questionada, apenas obedecida, até que outra ordem oficial vinda de Pequim revogasse a anterior.

Na tela, enquanto Ni afastava-se, Tang notou algo saliente no bolso traseiro da calça dele.

— Foque no que ele está carregando — ordenou imediatamente. O foco da câmera aproximou de Ni ainda caminhando, e o objeto tornou-se claro. Uma lanterna.

Deu um tapinha no ombro de um dos seguranças e apontou para a arma no coldre.

— Preciso da sua arma. O homem entregou-a.

Ele verificou o pente. Totalmente carregada. — Leve-me até lá.

* * *

Ni parou propositalmente e virou-se para a câmera. Se Karl Tang estivesse observando, e o primeiro-ministro tinha garantido que ele estaria, então queria que ele soubesse que estava ali. Agora, veria se seu inimigo tinha mordido a isca.

Malone olhava por uma janela manchada pela chuva para a tumba de Qin Shi. O monte coberto pela floresta crescia do chão como um furúnculo na paisagem marrom plana. Ele havia lido sobre o lugar muitas vezes. Um complexo de catacumbas subterrâneas ao longo de 50 quilômetros quadrados, a maioria inexplorada. Até visitou a exposição de guerreiros de terracota em Londres no ano passado, mas nunca imaginou que pudesse um dia entrar na própria tumba.

O helicóptero aproximou-se pelo sul, mergulhando sobre colinas acinzentadas a uns 300 pés. Uma chuva torrencial inundava a área. Mais montanhas apareciam a oeste, o rio Wei fluía para o norte. A 1,5 quilômetro, mais ou menos, podia ver os imponentes salões e outros edifícios que compunham a área do museu, e uma multidão de pessoas com guarda-chuvas, que enfrentavam o dilúvio.

— Vamos aterrissar ao norte — disse Viktor nos fones de ouvido. — Disseram que há um lugar reservado para helicópteros lá.

Malone preferia estar armado e estava torcendo para conseguir acessar um armário que vira antes. Quando o trinco abriu, suspeitou imediatamente. Dentro, havia quatro pistolas. Ele pegou uma e, lembrando-se da última vez que esteve em um helicóptero com Viktor Tomas no controle, conferiu o pente.

Totalmente carregada. Vinte balas.

Removeu algumas e examinou. Nenhum cartucho vazio.

Recolocou a munição e entregou uma delas a Cassiopeia. Não ofereceu uma a Pau Wen, e ele também não pediu.

Guardou a pistola semiautomática por baixo da camisa. Cassiopeia fez o mesmo.

Os rotores desaceleraram, e eles gradualmente começaram a perder altitude.

* * *

Tang saiu do prédio da segurança dirigindo-se para um carro que o esperava, quando viu um helicóptero militar vindo do sul. Ele queria ir atrás de Ni Yong, mas sabia que não deveria.

— Deixe o carro ligado — ordenou. Então voltou para o prédio.

* * *

Ni parou na cerca enferrujada junto a um conjunto de edifícios em ruínas. O primeiro-ministro tinha dito que as estruturas parecidas com cabanas haviam sido construídas às pressas na década de 1980. Até onde o primeiro-ministro sabia, ninguém entrava na área havia vinte anos — e a julgar pela grama alta e a vegetação que consumiam o lugar, e os buracos que marcavam os telhados de palha, ele acreditava naquela afirmação. Os edifícios ficavam a cerca de 100 metros da base do monte dentro do perímetro de uma antiga muralha que não existia mais.

Ele olhava com uma mistura de fascínio e admiração.

O primeiro-ministro também avisou que Pau Wen estava indo paia c interior da tumba de Qin Shi. — Como isso é possível? — perguntou.

— Há duas maneiras de entrar. Pau Wen conhece uma. Eu conheço : outra.

* * *

Cassiopeia pulou do helicóptero no chão encharcado, seguida por Malone e Pau. Enquanto as pás paravam de rodar, Viktor surgiu da cabine : perguntou:

— Achou as armas, Malone?

- E desta vez elas realmente têm balas.

— Você gosta de guardar rancor, não é?

Ninguém se aproximou do helicóptero, e não havia nenhum veículo à vista. Estavam provavelmente a 1,5 quilômetro do monte, e metade disso do complexo do museu. Outro helicóptero pousou a uns 100 metros de distância.

— Amigos seus? — perguntou Malone.

Viktor deu de ombros.

— Não faço ideia.

— A segurança é um pouco relaxada — disse Malone.

— E nós somos estrangeiros — ressaltou Cassiopeia.

— Mas vocês vieram em um helicóptero PLA — disse Viktor. — E isso que importa.

A chuva caía sem parar, encharcando novamente a roupa ainda úmida de Malone. Mas pelo menos o ar estava quente.

Pau Wen apontou na direção do museu.

— Temos de ir. As exposições fecharão em breve.

* * *

Tang analisava o monitor, satisfeito por Viktor tomas ter entregado Pau Wen, Cotton Malone e Cassiopeia Vitt, exatamente como prometido. Ele dividia sua atenção entre o campo de pouso ao norte e o que Ni Yong estava fazendo no lado oeste do monte. Sua posição dava-lhe vantagem, e mandou que os homens que manipulavam as câmeras não perdessem de vista nenhuma das duas cenas.

Assumiu o comando da segurança do museu, sabendo que ninguém questionaria sua autoridade. Tampouco entrariam em contato com Pequim. A única pessoa que poderia lhe dar ordens era o próprio primeiro-ministro, o que era muito improvável. O velho raramente se preocupava com política hoje em dia, e Tang tinha parado de prestar atenção às atividades diárias do primeiro-ministro. Simplesmente não importavam.

Ni Yong e Pau Wen.

Eles importavam.

E Tang já tinha os dois à vista.

Seu olhar voltou-se para a tela de Ni Yong. Viu Ni escalar uma cerca de aço frágil e saltar para o outro lado. Precisava ir até lá e descobrir o que estava atraindo a atenção de seu inimigo. Ele fora informado de que não havia nada lá, apenas um depósito deserto, ainda assim o "nada" era cercado, vigiado e protegido por uma ordem da capital.

No monitor, viu Wen e seus três companheiros caminharem pela chuva em direção ao saguão da Cova 3. O mesmo lugar onde a câmara da biblioteca imperial costumava ficar. Onde o relógio havia sido encontrado. Interessante.

Malone ficou impressionado com a Cova 3. Era o menor dos três sítios escavados, e um cartaz em inglês dizia que este era o centro de comando do exército subterrâneo, com oficiais de alta patente, uma guarda imperial e uma carruagem. Os visitantes enchiam uma passarela que rodeava as escavações 15 metros abaixo. A iluminação suave dava à cena surreal um brilho verde-amarelado. O ar estava úmido, a chuva caía no teto alto em uma batida constante. Um forte aroma de terra encheu suas narinas. A falta de controle do clima era surpreendente, considerando que, certamente, a ideia de envolver a cova era para manter a umidade controlada.

Pau levou-os à grade enquanto um grupo de turistas afastava-se ao longo do corredor.

— Esta cova é única no tamanho e na composição.

Malone avaliou a disposição da cova. Muitas das figuras de terracota estavam sem cabeça. No pavimento abaixo, cacos de outras figuras estavam empilhados, como um quebra-cabeça despejado da caixa.

— Apenas 68 guerreiros foram encontrados aqui — disse Pau. — Milhares enchem as outras duas covas. Aqui, foram encontrados os guardas do exército imperial subterrâneo, seus generais, a elite.

Malone observou a carruagem, que ficava no centro da cova, na base de uma rampa parcialmente escavada que subia ao nível do chão.



— Estive aqui em 1979, quando esta cova foi encontrada — disse Pau —, mas ela não foi completamente explorada até meados da década de 1980, na mesma época que deixei a China. Então, vi apenas fotos. Reparei em alguma coisa estranha?

Oito soldados estavam à esquerda da carruagem, nenhum à direita. Todos os outros soldados preenchiam as duas reentrâncias de ambos os lados da cova em forma de U.

— Por que não há ninguém do lado direito da carruagem? — perguntou Malone.

— Tem outra coisa — disse Pau.

— O carro está torto em relação à rampa — disse Cassiopeia.

Malone viu que ela tinha razão, o que tornava impossível para as rodas saírem da cova sem colidir com a parede da rampa. Para sair, teria de manobrar à esquerda.

— Reparei nisso pelas fotos — disse Pau. — Para um povo tão cuidadoso com cada aspecto do projeto, esse erro não pode ser por acaso.

— Então, o buraco na parede de barro, à esquerda do carro, é importante? — perguntou Malone.

Pau assentiu.

— Os arquitetos deixaram a mensagem de que algo importante está localizado à esquerda. Poucos dias atrás, essa câmara que está vendo foi redescoberta.

— Parece uma bagunça — disse Viktor.

Malone também notou cabos, pás, ancinhos e montes de terra de cada lado da abertura, e o que parecia ser uma caixa elétrica chamuscada.

— Parece mais um incêndio.

— Acidentes acontecem — disse Pau.

Mas Malone não era tão tolo.

— Você soube no momento em que a câmara foi encontrada, não foi?

— Mais importante do que isso, Karl Tang descobriu. Ele estava aqui, e começou o incêndio. Intencionalmente destruiu a Biblioteca Imperial do Qin Shi.

Malone tinha mais perguntas, mas agora não era o momento.

— Este lugar fecha em 45 minutos.

— Temos de entrar nessa abertura — disse Pau.

Malone avaliou a cova novamente. Duas rampas adicionais levavam até o chão da cova. Ambas bloqueadas com correntes que poderiam facilmente ser puladas. Pelo menos quatro câmeras de um circuito fechado estavam visíveis, embora, provavelmente, houvesse mais. As que podiam ser vistas mandavam o recado de que alguém estava observando, e as escondidas proporcionavam os melhores ângulos. Contou seis guardas uniformizados patrulhando a passarela e só Deus sabia quantos outros espalhados, à paisana. A multidão estava calma e pacífica.

— Precisamos de uma distração — sussurrou.

Cassiopeia concordou.

— Estava pensando a mesma coisa.

— Tenha cuidado — disse Pau. — Os seguranças daqui vão reagir a qualquer gesto imprudente.

— E se formos pegos? — perguntou Viktor.

— Seremos presos, e aí poderemos ver se *você* é mesmo um amigo ou um inimigo.

Malone gostava da parte da frase relacionada a Viktor, mas a ideia de ser detido na China não era muito boa, especialmente levando em conta que estavam ali ilegalmente, e pelo menos dois deles estavam armados.

— Vou cuidar da distração — disse Viktor.

— Achei que deveria — disse Malone.

— Tenho a sensação de que vocês três não me querem por perto mesmo.

Não, Malone pensou, ele não queria.

— Vou estar lá fora quando acabarem de fazer seja lá o que estiverem

planejando. Vou chamar atenção com alguma coisa, mas nada que me faça ser preso.

Viktor saiu, misturando-se à multidão, atravessando para o outro lado da passarela.

— Temos de evitar as rampas — disse Malone. — É muito evidente. Vamos usar a escada. — Indicou com a cabeça para uma pequena corrente que bloqueava degraus metálicos. — Desçam depressa e entrem no buraco no chão antes que as câmeras se reagrupem.

Pau e Cassiopeia assentiram.

Malone levava duas lanternas numa mochila, atirada sobre o ombro, de cor verde característica do exército, com uma estrela vermelha. Manteve a arma debaixo da camisa molhada.

Um grito ecoou pelo salão.

Malone viu Viktor agitando um braço no ar e gritando em chinês. Parecia que ele tinha se ofendido com alguma coisa que um dos visitantes tinha dito ou feito.

Viktor empurrou um homem.

Mais discussão.

A atenção da plateia focou-se no distúrbio, assim como a da segurança. Todos os seis uniformes correram em direção à confusão que rapidamente se agravava.

Malone esperou que as câmeras virassem em direção ao crescente tumulto, então sussurrou:

— Agora.

Cassiopeia pulou a corrente curta e desceu.

Pau Wen a seguiu.

Malone vigiava. Ninguém parecia estar prestando a menor atenção neles. Quando Wen chegou ao chão, Malone desceu a escada atrás dele. Juntos, eles colaram na parede de barro para evitar as figuras de terracota parcialmente restauradas no caminho.

Cassiopeia entrou na câmara.

Antes de Wen desaparecer no interior da passagem, pegou uma das pás. Aparentemente, as ferramentas seriam necessárias, de modo que Malone pegou outra e entrou na passagem escura.

* * *

Tang assistia a Viktor Tomas em um monitor e Pau Wen e seus dois companheiros no outro. Tang inspecionou a câmara da biblioteca minuciosamente antes de ordenar o incêndio e descobriu que não havia nada de interessante lá dentro, além dos manuscritos. Pau sabia que os manuscritos haviam sido perdidos, queimados — eles falaram sobre isso ao telefone — mas a primeira coisa que fez ao voltar à China foi ir direto para lá.

Por quê?

— Ordene a desocupação do prédio — disse. — Coloque um homem

em cada saída e vários nas passarelas. Mantenha esta câmera focada naquela abertura. Se alguém aparecer, detenha-o imediatamente. Se eles se tornarem um problema, atire.

Ele segurou a pistola com força.

— Estou indo para lá agora. Quero o edifício vazio até eu chegar, exceto o estrangeiro que começou a confusão. Mantenha-o dentro do prédio.

* * *

Malone examinou o espaço apertado, talvez 1 metro quadrado, no chão e nas paredes, tijolos rudimentares, e no teto, madeira grossa, uma parte desmoronada havia muito tempo.

— Entrei pela primeira vez pelo buraco do teto — disse Pau. Três mesas, parecidas com pedestais, feitas de pedra, estavam vazias. O chão cheio de cinzas, o ar denso com o cheiro de fuligem.

Definitivamente alguma coisa tinha pegado fogo ali.

— Essas mesas já foram cobertas de tiras de bambu e seda, todas com inscrições da época de Qin Shi. Sua biblioteca imperial. Karl Tang mandou destruí-la há dois dias.

— Por que ele faria uma coisa dessas? — perguntou Cassiopeia. — Como poderia ser uma ameaça para ele?

— Qualquer coisa que ele não pode controlar é uma ameaça. Malone ouviu o ruído lá de fora começar a diminuir. Ele deu um passo para a saída e olhou para cima.

— As pessoas estão indo embora.

— Imagino que a mando de Tang. O que significa que temos pouco tempo.

— Para quê? — perguntou.

— Para sair.

Ni atravessou um emaranhado de grama molhada e aproximou-se da segunda de três estruturas rebaixadas. A chuva continuava caindo. A vegetação já tinha coberto as paredes externas havia muito tempo, trepadeiras espessas iam do chão ao teto. A maioria das janelas estava intacta, as vidraças estavam cobertas com uma camada de sujeira úmida. Viu besouros e mosquitos esmagados em telas rasgadas.

Aproximou-se da porta de madeira. Nenhuma fechadura impedia o acesso, como havia sido informado, então ele a empurrou. As dobradiças enferrujadas resistiram e, em seguida, cederam. A porta afastou-se o suficiente para ele passar pela abertura.

Forçou para fechá-la mais uma vez.

A luz filtrada pelas janelas sujas tornava-se um cinza amarronzado. As sombras consumiam o lugar, que talvez tivesse uns 5 metros quadrados. Uma das paredes havia desabado, expondo o clima e o que estava atrás da construção. Arados estavam espalhados pela terra escura, tudo coberto por uma camada úmida de ferrugem e terra. Diversos vasos e jarros de barro quebrados estavam amontoados contra uma parede. Teias de aranha cobriam os cantos.

Passou pela ruptura na parede, de volta à chuva. O que buscava estava do lado de fora.

Lembrou-se da voz ao telefone mais cedo.

— *Contratei espíões para monitorar o que Pau Wen estava fazendo na área do monte — dissera o primeiro-ministro. — Ele achava que ninguém o vigiava, e isso pode ter sido verdade nos casos de Mao e Deng, mas não para mim. Eu o acompanhei de perto.*

— *E o que descobriu? — perguntou Ni.*

— *Pau encontrou uma entrada para a tumba. O que me surpreendeu. Foi relatado que a tumba de Qin continha grandes quantidades de mercúrio. No entanto, ele entrou, chegando a ficar lá dentro por várias horas certo dia, reaparecendo de um buraco na terra, perto do lugar que mais tarde se tornaria a Cova 3. Aconteceram episódios estranhos durante a noite ao longo da semana seguinte, embora ninguém tenha denunciado nada oficialmente.*

Ni queria saber mais.

— *Homens e equipamentos trabalhavam no escuro.*

Trabalhadores que não faziam parte da força de trabalho do local. Uma das desvantagens da nossa forma de governo é que ninguém jamais teria denunciado o que viu ou ouviu. Pau Wen estava no comando, e ninguém o desafiaria.

— *Só você.*

— Fiz uma investigação nas semanas seguintes. Não conseguimos encontrar o lugar por onde Wen tinha desaparecido. Tantas escavações aconteciam, a área estava repleta de talhos profundos, o que tornava impossível. Mas descobri outra coisa, anos mais tarde. Por ordens de Pequim, voltei ao monte da tumba. Isso foi depois de Wen ter fugido da China. Mandaram que eu encontrasse um caminho para o interior do monte, e eu encontrei.

— Por que ninguém nunca falou sobre isso?

— Há um bom motivo para o sigilo.

Ni olhou para as sombras que envolviam os barracos em ruínas. Árvores haviam bloqueado o céu, deixando apenas filetes de luz atravessarem a folhagem. A água, porém, encontrou caminho e caía em um ritmo constante. O monte da tumba começava sua ascensão a menos de 50 metros de distância. Estava, talvez, o mais próximo da base que poderia chegar. As cercas que protegiam a frente também passavam atrás das construções, bloqueando qualquer caminho adiante.

Viu o poço exatamente onde o primeiro-ministro dissera que estaria. Uma construção circular de alvenaria com 2 metros de altura e plantas molhadas agarrando-se às pedras.

Não tinha caminhado em direção ao poço contornando os barracos porque queria retardar seu adversário. Desta forma, Tang iria vê-lo entrar na construção, mas não sair dela.

Aproximou-se do poço e olhou para dentro. A menos de 1 metro para baixo, uma chapa enferrujada bloqueava a abertura. Duas alças improvisadas tinham sido soldadas nela. Para todos os efeitos, o tampão estava lá para impedir que alguém, ou alguma coisa, caísse no poço. Mas ele sabia que não.

Agarrou as alças, a ferrugem úmida manchando sua pele, tornando difícil segurar firme. E afastou a placa.

Malone ficou confuso.

— Para onde vamos?

Pau ajoelhou-se e começou a afastar uma camada de poeira e detritos do chão.

— Quando entrei nesta câmara pela primeira vez, a sala estava intacta, mas notei áreas afundadas em dois lugares.

Malone entendeu.

— Levando em conta as três mesas de pedra, significava que havia terra firme em toda parte.

— Correto. Lá fora falei sobre o simbolismo da carruagem e a rampa apontando para a esquerda. Agora está óbvio para mim que é por causa do que encontrei dentro desta sala.

— Está ficando quieto lá fora — disse Cassiopeia.

Malone também percebera isso.

— Fique atenta.

Ela se posicionou perto da saída.

Pau terminou, e Malone viu tijolos, cada um com um símbolo gravado, que já estava meio apagado.

— O que são? — perguntou.

— O que parece uma casa é o símbolo para o número 6. O X com uma linha em cima e outra embaixo é o 5. O que parece um T é o 7.

Malone observou que as linhas paralelas, que obviamente formavam o 4, apareciam com mais frequência do que outros algarismos, exceto a colher com uma linha ao longo do cabo. — O que é isso?

— Nove.

— Há um padrão — disse Pau. — Mas confesso que só fui capaz de decifrá-lo porque o chão afundou. Malone seguiu por onde Wen apontara.

— Os números 4 e 9 são importantes para os chineses. Nove é pronunciado *jiu*, que é o mesmo para "longo" e "para sempre". O número 9 sempre foi relacionado à vida longa e boa sorte. Chegou a ser associado aos imperadores. Quatro, por outro lado, é pronunciado *si*, que é o mesmo que "morte". O número 4 sempre foi considerado azar.

Ele procurou os símbolos de 4 e 9 e viu que havia dois conglomerados.

— Quando entrei na câmara, vi que esses tijolos — Wen apontou para um grupo de nove — estavam afundados. Esse grupo de quatro também estava. Descobri que havia aberturas abaixo do chão que levavam até duas passagens separadas.

— Então você escolheu a da sorte — disse Malone.

— Parecia a escolha certa.

Malone ainda segurava uma pá. Ele forçou a lâmina entre dois tijolos no chão com um nove e bateu a sola do sapato contra a parte de cima. O chão era duro, mas cedeu, e ele inclinou o cabo, forçando o tijolo para cima.

— Como estão as coisas lá fora? — perguntou a Cassiopeia.

— Muito quietas.

— O ministro Tang está a caminho — disse Pau.

Malone olhou para Pau, que estava ajudando a tirar cada tijolo. De repente, teve uma ideia. Pau olhou para cima e o olhar do homem mais velho confirmou que ele também havia determinado o próximo passo.

— Isso é assustador — disse Malone. — Estou realmente começando a pensar como o senhor.

Pau sorriu.

— Não consigo ver por que isso é ruim.

* * *

Tang seguia por um tapete vermelho que formava um caminho até os poucos degraus de pedra no edifício de vidro e tijolos que protegia a Cova 3. Fora informado de que o salão estava vazio, e todas as saídas, protegidas com guardas. Trouxera com ele dois homens, ambos irmãos do Ba, que ele tinha mandado ficar a postos nas proximidades.

— Ninguém sai deste prédio — gritou ele quando passou por três dos guardas do museu nas portas principais.

Viktor Tomas o esperava lá dentro.

— Você foi ótimo — disse a Viktor.

— Entregue, como prometido.

A cova escavada estendia-se diante dele. Aproximou-se do parapeito da passarela, apontou para baixo e, em seguida, virou-se para os dois irmãos:

— Fiquem de guarda bem na saída desta escavação.

Tang assistiu a quando eles desceram a escada, sacaram as armas e cada um ficou de um lado do portal para a biblioteca imperial de Qin Shi.

Entregou sua arma a Viktor.

— Termine o serviço. Agora.

Viktor pegou a pistola e desceu as escadas, aproximando-se dos dois homens, que estavam prontos para atacar.

— Pau Wen — chamou Tang. — O prédio está fechado.

Ninguém respondeu.

— Você está preso. — Sua voz ecoou pelo salão, mascarada pelo barulho da chuva batendo no telhado de metal.

Nenhuma resposta.

Fez sinal para Viktor avançar.

Os dois irmãos moviam-se com cautela, olhando ao redor da borda do portal, avaliando a situação, então correram para a escuridão, seguidos por Viktor.

Ele esperou o estalar suave de tiros abafados, mas nada aconteceu.

Viktor reapareceu.

— Você deveria vir aqui.

Ele não gostou do tom zombeteiro na voz do homem.

Desceu a escada e entrou na câmara. Assim como ele suspeitava, um cheiro de cinzas espalhava-se pelo ar. Nem uma única seda ou tira de bambu restava, apenas as três mesas de pedra, a sala não estava muito diferente de dois dias atrás — exceto por duas coisas.

No chão, dois conjuntos de tijolos tinham sido removidos, expondo aberturas de aproximadamente 1 metro quadrado cada uma, em lados opostos da sala.

Olhou dentro das aberturas.

Elas desciam cerca de 2 metros dentro da terra. Mas qual delas eles usaram?

Malone percebeu que seu truque, de expor ambas as aberturas, só atrasaria os perseguidores momentaneamente. Mas cada segundo que pudessem ganhar era importante.

Outro problema era mais imediato.

Não gostava de espaços apertados e subterrâneos, embora acabasse dentro deles mais vezes do que gostaria. Sabia que Cassiopeia não sofria do mesmo desconforto, então ela foi na frente, mergulhando na escuridão intensa, a luz de sua lanterna iluminando apenas alguns metros à frente.

Caminhavam em silêncio, o lugar por onde entraram estava agora a 100 metros deles, com curvas fechadas que viravam primeiro à esquerda depois à direita. O piso, ligeiramente inclinado, era de tijolos, semelhante à Cova 3, as paredes e teto, de pedras.

— Isso era parte da drenagem que protegia a tumba das águas subterrâneas — sussurrou Pau. — As curvas são para desacelerar a água que venha a se acumular, a inclinação dificulta a invasão da água. Bronze foi derramado atrás destas paredes para adicionar mais uma camada de proteção. Eles eram muito engenhosos.

— E aonde é que isto leva? — perguntou Malone.

— Direto para o túmulo, e para a entrada secreta usada pelos construtores.

Malone recordou a distância do museu para o monte da tumba — cerca de 700 metros, ele havia estimado quando estavam no helicóptero. Mas isso em linha reta, algo que o túnel não era.

Sua ansiedade crescia.

Cassiopeia parou e olhou para trás em sua direção. Olhou para ele, querendo saber se estava bem, e ele fez sinal para que seguissem em frente.

Passaram por ramificações, entradas escuras à esquerda e à direita. Oito até então. Também notou caracteres gravados ao lado dos portais, mais números chineses. Pau explicou que os túneis serviam para o escoamento, levando o máximo de água possível para longe da tumba, permitindo uma nova infiltração no solo. Semelhante a um campo de drenagem para um tanque séptico, pensou Malone.

— Os números ao lado de cada porta são importantes? — perguntou.

— Muito — disse Pau. — Entre no errado e pode nunca mais sair daqui.

Tang não estava a fim de truques.

Olhou para os buracos no chão e ordenou:

— Vocês dois ficam de guarda. Não deixem este lugar sozinho.

Se qualquer estrangeiro surgir dos buracos, matem-no.
Eles assentiram.
Tang fez sinal para Viktor segui-lo. Hora de lidar com Ni Yong.

* * *

Ni reparou que ele estava de pé na entrada da tumba de Qin Shi exatamente como o primeiro-ministro havia descrito. Quase 25 anos atrás, uma seleta equipe de cinco pessoas, chefiada pelo vice-ministro para assuntos internos, que mais tarde se tornaria primeiro-ministro da nação, tinha usado um radar de penetração no solo para encontrar alguma forma de entrar. Pequim já tinha, na época, descoberto o valor dos guerreiros de terracota para consolidar uma nova imagem mundial da China. Acrescentar o próprio túmulo de Qin Shi ao repertório só aumentaria o efeito. Mas depois dos muitos fracassos de Mao, o Partido apostava apenas em coisas certas.

Assim, uma exploração secreta foi encomendada.

Felizmente, um túnel foi descoberto quase que imediatamente, e eles cavaram. Quando terminaram, um poço foi construído sobre a entrada e tampado com uma chapa de ferro, toda a área foi cercada e declarada zona proibida.

Sua lanterna revelou uma passagem, elevando-se em arco, com talvez 10 metros de altura. O chão era revestido com pedras. Arcos apareciam em intervalos regulares, sustentando o teto acima. Um cabo seguia por uma das paredes, colocado lá pela equipe da primeira exploração.

Siga-o, fora a instrução.

Se o que lhe disseram estava certo, ninguém passava por esse caminho havia mais de 30 anos. Antes disso, dois milênios se passaram entre as visitas.

Caminhou pelo que estimou serem uns 100 metros. A luz de sua lanterna revelou um portal de pedra, mas duas portas bloqueavam o caminho.

Ele se aproximou.

O portal de pedra reluzente tinha 3 metros de altura, veios verde-escuros e pretos brilhavam sob a luz. Cada porta fora esculpida a partir de um único bloco de mármore, as superfícies repletas de símbolos e uma braceira de bronze. A porta da direita estava entreaberta, deixando uma passagem pelo meio.

Ele hesitou e iluminou os dois lados. Fendas nas paredes da passagem, no alto, perto do teto, indicavam onde armas, mais especificamente bestas, foram colocadas no passado para atirar em qualquer intruso. O primeiro-ministro dissera-lhe que os relatórios sobre armadilhas em alguns dos relatos históricos provaram-se verdadeiros, entretanto 2.200 anos tinham-nas tornado inúteis. Foram colocadas grades pelo lado de fora das portas, e ele viu uma prancha de madeira pesada que antes ficava dentro da braceira de bronze.

Todo estudante aprendia sobre Qin Shi. Ele era a personificação da China, o fundador do sistema político mais duradouro na terra. Um

conquistador, unificador, centralizador, criador de normas, construtor — o primeiro de uma longa linhagem de 210 homens e uma mulher a ocupar o Trono do Dragão.

E esta era a sua tumba.

Ni espremeu-se na abertura entre as portas, encontrando mais escuridão do outro lado. Havia sido instruído para olhar à sua direita. Com a lanterna, encontrou o cabo no chão, que também passava pelas portas abertas, terminando em uma caixa de metal.

Abaixou-se e examinou o exterior. Ainda estava em bom estado. Segurou uma alavanca, preparou-se, e girou-a para baixo.

* * *

Cassiopeia guiava. Eles fizeram mais uma curva e passaram por um terceiro conjunto de ângulos retos. Ela percebeu que outra curva aproximava-se, o que os colocaria de volta na direção da tumba. Estimou que talvez tivessem caminhado uns 200 metros, então deveriam estar chegando perto do que quer que estivesse no final.

Ela não podia deixar de maravilhar-se com a engenharia. Seus próprios pedreiros, contratados para reconstruir o castelo que ela vinha trabalhando para construir havia quase uma década, desde o início explicaram as dificuldades. Construir hoje, exatamente da mesma forma como era feito no século XIV, usando ferramentas e métodos de 700 anos, era desencorajador. Mas os construtores deste túnel não foram tão afortunados. Suas ferramentas e tecnologias não chegavam perto da sofisticação do século XIV. No entanto, eles conseguiram realizar a tarefa, e seu sucesso retumbante deixou Cassiopeia ainda mais determinada a concluir sua própria restauração. — Estamos chegando — ouviu Pau Wen dizer.

Para sua surpresa, o ar cheirava a mofo, mas não era fétido. Aparentemente, ventilação também estava nos planos dos construtores.

Ela sabia que ficar confinado embaixo da terra não era a diversão preferida de Malone. Mas voar, dando voltas e voltas em um avião ou helicóptero, também não era seu passeio favorito. Nada sobre a situação deles era boa. Estavam contando com um homem que era completamente indigno de confiança, porém não tinham escolha. Mas tinha de admitir que estava animada com a possibilidade de entrar na tumba. Nunca havia imaginado que essa oportunidade se apresentaria. Sentia-se melhor com a arma em sua cintura e Malone atrás dela, mas continuava apreensiva com o que se encontrava pouco além da luz de sua lanterna.

Passaram por mais duas saídas, ambas marcadas com os símbolos chineses. A passagem fazia um ângulo reto logo à frente, como sabia que faria.

Ela parou e virou-se.

Malone estava a alguns metros atrás dela. Ela abaixou a lanterna, apontando a luz para o chão.

Ele fez o mesmo.

Então notou algo.

— Cotton.

Ela apontou com a lanterna, e ele se virou.

Pau Wen havia sumido.

— Por que isso não me surpreende? — murmurou Malone. — Ele deve ter entrado em uma das passagens laterais pelo caminho.

Ela pegou a arma, e Malone fez o mesmo.

— Vá na frente — disse ele.

Ela aproximou-se da curva e olhou atentamente ao redor. O túnel estendia-se por mais 50 metros, terminando no que parecia ser uma porta. Uma laje de pedra grossa, cortada em um retângulo quase perfeito, preenchia a abertura, um lado ficava para fora, como uma porta ficaria se estivesse parcialmente aberta. Luz iluminava o lugar além da pedra, raios refletiam na direção deles no corredor escuro.

— Eu não esperava por isso — sussurrou Malone em seu ouvido.

Tang examinou o interior do barraco em ruínas no qual Ni Yong havia desaparecido. Ele tinha visto mais cedo, pelo monitor de segurança, que Ni entrara por aquela porta, mas agora seu inimigo tinha desaparecido.

— Ele foi por ali — disse Viktor, apontando para a parede ao fundo, que estava desmoronada.

Dois outros homens estavam com ele, mais irmãos do *Ba*, eunucos como ele e os dois que ele tinha deixado na Cova 3, todos comprometidos por juramento a seguir suas ordens. Parabenizava-se silenciosamente por ter premeditado tais acontecimentos, especialmente devido à maneira como as coisas estavam progredindo.

A chuva havia diminuído, embora o ar úmido continuasse impregnando o ambiente. Seu olhar fixou-se na parede, de vime entrelaçado coberto por gesso, com uma rachadura que expunha o bambu. Ele atravessou o barraco, passando por ferramentas enferrujadas e cerâmica quebrada, e saiu.

Os outros seguiram.

O exterior estava repleto de sombras, o céu cinzento era bloqueado por galhos e folhas molhadas. As violetas começavam a florescer sob as árvores. A cerca que rodeava a área estava a 50 metros de distância, intacta. Ni poderia ter pulado, mas para onde teria ido?

Um poço chamou sua atenção e ele aproximou-se.

Não era incomum. Toda a área estava repleta deles. Na verdade, foi a escavação de um poço em 1974 que levou à descoberta do exército de terracota. Mas uma chapa de ferro tampava a abertura.

Para onde Ni tinha ido?

Tang olhou ao redor do terreno molhado, cheio de árvores, na direção do começo do monte.

Ni foi ali por algum motivo.

Tang sabia que a cerca havia sido erguida no início da década de 1990, sob ordens de Pequim, e que a área fora considerada zona proibida. Por quê? Ninguém sabia. Viktor informou-o de que Pau Wen dissera a Malone e Vitt que conhecia um caminho para a tumba de Qin Shi. Pau, então, fora direto para a biblioteca imperial, recentemente descoberta, e confirmou sua história, localizando duas passagens subterrâneas, uma das quais Vitt, Malone, e Pau utilizaram.

— Ministro — chamou Viktor.

Sua mente voltou à realidade.

Viktor apontava para o interior do poço.

— Está vendo as marcas nas laterais? Estão frescas. Esta placa foi removida, e em seguida recolocada.

A observação estava certa. Estava claro que alguém tinha mexido naquele poço. Mandou que os dois irmãos levantassem a chapa e conseguiu ver o início de uma escada de madeira. Havia chegado até ali em um veículo de segurança do museu. Veja se há lanternas no carro — ordenou. Um dos homens foi correndo.

— Até onde a escada vai? — perguntou Viktor. Tang sabia. — Até a tumba. Onde Ni Yong me espera.

* * *

Malone aproximou-se da entrada iluminada e posicionou-se de um lado da porta entreaberta enquanto Cassiopeia ficou do outro. Desligaram as lanternas e guardaram-nas no bolso. Ambos seguravam suas armas.

Ele notou braçadeiras de bronze em forma de L afixadas no lado dele: da porta, outras à esquerda e à direita do batente. Um pedaço espesso de madeira repousava contra a parede, na vertical. Era fácil determinar para que servia. Uma vez apoiado nas braçadeiras, seria impossível abrir a porta pelo outro lado.

O que Pau havia lido para eles?

Concubinas sem filhos receberam ordens de seguir o imperador na morte, e artesãos e trabalhadores não tiveram permissão de sair dali vivos.

Malone espiou o interior do espaço iluminado.

A câmara subterrânea estendia-se por quase o comprimento de um campo de futebol. O teto arredondado tinha em torno de 10 metros de altura, erguido por arcos que se estendiam ao longo de câmara e colunas espalhadas por todo o salão retangular. Luzes erguidas por tripé foram colocadas a cada 6 metros aproximadamente, por toda a câmara, lançando um brilho amarelo-alaranjado que iluminava aquilo que parecia ser um teto de cristal, pérolas e pedras preciosas, dispostas como estrelas num céu noturno. O chão havia sido talhado como um gigantesco mapa topográfico tridimensional com rios, lagos, oceanos, montanhas, vales, templos, palácios e cidades.

— Caramba — murmurou Cassiopeia.

Ele concordou. O relato de Sima Qian parecia relativamente preciso.

As constelações do céu haviam sido reproduzidas em cima, e as regiões da terra, embaixo.

Ele notou um tom prateado reluzente das representações da água. Mercúrio.

Usando mercúrio, eles fizeram os cem rios da terra, o Amarelo e o Yangtse, a Mar da China, e máquinas mantinham as águas em movimento.

Estremeceu, mas lembrou-se do que Pau dissera: *medidas preventivas*. Esperava que o filho da mãe tivesse falado a verdade sobre isso.

Ninguém estava à vista. Então, quem acendera as luzes? Pau Wen?

Arriscou outra espiada e percebeu que estavam dentro da menor

parede do retângulo, no extremo oposto do que parecia ser a entrada principal. Todas as quatro paredes eram de pedra polida, decoradas com cabeças de animais esculpidas, e imagens etéreas davam vida à superfície brilhante. Ele viu um tigre, um cavalo deitado, um sapo, uma rã, um peixe e um boi. Multicoloridos. Pilares e arcos amarelados envernizados, paredes avermelhadas, um teto roxo-escuro.

No centro, estava um pedestal trabalhado, mais largo na base do que no topo, forjado no que parecia ser jade. Dois pontos de luz iluminavam os entalhos extraordinários que decoravam suas laterais. Nada em cima. Vazio, como o resto da câmara. Pedestais de pedra adornavam as quatro paredes, espaçados a cada 6 metros ou mais, a cerca de 3 metros do chão. Malone deu-se conta do que ficava sobre eles no passado.

Tochas feitas de óleo para queimar por um longo tempo.

Mas não havia nenhum lampião aparente.

Dentro da tumba de Qin existem centenas de lampiões cheios de petróleo. E i mesmo acendi um. Mais uma das mentiras de Pau Wen.

Malone havia lido o suficiente sobre túmulos imperiais chineses para saber que haviam sido concebidos como representações simbólicas do mundo de um imperador. Não um monumento, mas sim um análogo da vida, por meio do qual o imperador eternamente perpetua sua autoridade. O que significa que o salão deveria estar cheio de coisas.

Olhou para Cassiopeia. Ela concordava com o passo seguinte. Malone saiu do espaço escuro para o salão iluminado. O piso representava as margens do extremo sudoeste do império de Qin Shi, mostrando o que ele reconhecia como cadeias de montanhas esculpidas em jade. Uma expansão plana ao norte delineava o deserto, que estendia-se a leste em direção ao coração do império. A vários metros de distância, estavam mais planícies abertas, planaltos, arvoredos, montanhas e vales. Palácios, templos, vilas e cidades, todos feitos de pedra e bronze, brotavam em todos os lugares, conectados pelo que parecia ser um sistema de estradas.

Ele percebeu que o painel de pedra, que bloqueava o portal quando fechado, teria se dissolvido discretamente na parede ornamentada. Uma entrada capaz de ser vista e aberta somente pelo exterior. Dragões enrascados, rostos humanoides e aves cristadas de cauda longa surgiam das paredes adjacentes.

Malone apontou para o centro da câmara com a arma e eles costuraram um caminho, tomando o cuidado de encontrar áreas lisas onde pisar. Ainda estava preocupado com o mercúrio e com os vapores, então se abaixou perto de um dos rios e viu que o canal esculpido, talvez com 30 centímetros de largura e alguns de profundidade, fluía com mercúrio.

Mas havia algo mais, por cima. Transparente. Oleoso. Encostou na superfície brilhante com a ponta da arma, no mesmo instante, e ondulações espalharam-se. Examinou a arma e arriscou cheirá-la, identificando um leve odor de petróleo.

Então entendeu.

— Óleo mineral — sussurrou. — Pau revestiu o mercúrio com isso para

reter os vapores.

Tinha feito o mesmo uma vez, no ralo de um porão, jogando óleo por cima da água para diminuir a evaporação, mantendo os gases do esgoto sob controle. Ficou aliviado ao saber que o ar não estava repleto de toxinas, porém ainda o preocupava não só para onde Pau Wen tinha ido, mas também quem mais poderia estar por perto.

Dirigiram-se para o pedestal central, que dominava a plataforma em destaque. Estava certo. A peça fora toda esculpida em jade e mostrava uma multidão de imagens humanas, botânicas e animais. Os artesãos fizeram excelente uso da variação de tons da pedra, e ele não pôde resistir à tentação de acariciar a superfície translúcida.

— É incrível — disse Cassiopeia. — Nunca vi nada parecido.

Malone sabia que os chineses consideravam o jade um presente dos deuses, a chave para a vida eterna. Simbolizava a eternidade e, supostamente, possuía poderes maravilhosos, capazes de proteger contra o mal e trazer boa sorte. Por isso que os imperadores chineses eram enterrados em ternos de jade, costurados com fios de ouro e adornados com pérolas.

— Aqui ficava o imperador — sussurrou Cassiopeia.

Não havia outra conclusão. Para uma cultura que valorizava o simbolismo, esta parecia ser a expressão máxima.

Mas o pedestal estava vazio.

Malone notou que a superfície não era lisa. Em vez disso, imagens haviam sido gravadas de ponta a ponta, enquadradas por uma margem de símbolos chineses.

— Parece o mapa na casa de Pau Wen — disse Cassiopeia.

Ele pensou a mesma coisa.

Estudou a escultura de perto e viu que era uma reprodução compacta do que o piso representava — o Império de Qin Shi. O que Pau havia dit sobre o mapa pendurado em sua casa? *É uma reprodução de algo que vi uma vez. Com algumas modificações.* Encontrou seu iPhone e tirou algumas fotos da sala à sua volta e do mapa.

— Estava deitado em cima de seu reino — sussurrou. — Mas onde está agora? — perguntou Cassiopeia.

* * *

Ni ficou chocado quando girou a alavanca e as luzes acenderam. O primeiro-ministro dissera que tinham levado energia para o subsolo e instalado tripés. O grande propósito da incursão fora verificar se o tumulto poderia ser usado para propaganda em conjunto com os guerreiros de terracota. Mas o complexo foi encontrado vazio, todos os artefatos haviam desaparecido, incluindo o próprio imperador. Isso explicava por que o governo não permitiu qualquer tipo de exploração arqueológica. Pense no constrangimento. As perguntas, todas sem resposta. Assim, um poço foi construído sobre a entrada, a área, cercada, e o acesso foi proibido.

O primeiro-ministro não sabia se as lâmpadas ainda funcionariam. A

maioria sim. Iluminando uma série de três antecâmaras arqueadas, e o salão principal da tumba, com um brilho fluorescente. Foi informado de que o mercúrio estava seguro, coberto por uma camada de óleo mineral que Pau Wen aplicara durante a primeira exploração.

Ele se perguntou se Karl Tang encontraria o caminho para a tumba. Certamente encontrara o poço, e a remoção da placa de ferro deixara muitas marcas frescas. Sons de passos, aproximando-se por trás dele, ao fundo do túnel de onde havia acabado de sair, confirmaram que alguém estava vindo nessa direção.

Então ouviu outra coisa.

Movimento dentro do salão principal.

E viu sombras dançando em uma parede.

Estranho.

Olhou através das antecâmaras restantes, que se abriam uma para a outra, e observou as sombras distantes. Estava posicionado para lidar com Karl Tang, arma em punho.

Mas também estava preso.

Entre o conhecido e o desconhecido.

Tang havia lido sobre tumbas imperiais, e tinha até visitado algumas escavações notáveis, mas agora andava dentro de uma totalmente intacta. Era evidente, porém, que alguém estivera ali antes. Um grosso cabo elétrico acompanhava a base da parede do túnel e desaparecia na escuridão à frente. Pau Wen? Por isso viajou direto para Xi'an? Mas Wen desaparecer dentro da Cova 3, longe de onde Tang estava. Não, Ni Yong havia entrado ali. O que significava que seu adversário sabia de coisas que ele não sabia.

Viktor e os dois irmãos seguiam na frente por uma passagem tão larga quanto uma avenida e negra como a noite. O cuidado na construção, os detalhes, as cores — tudo era espetacular. Decoração estampada em relevo suave cobria as paredes. À luz fraca das lanternas, viu cenas da vida na corte, da nobreza divertindo-se, uma procissão real, ursos, águias e bestas míticas.

Incensários, em forma de montanhas e feitos de pedra, marcavam o caminho.

Cinquenta metros à frente um feixe de luz revelou uma espaço entre duas portas de mármore polido, ambas ganhavam vida com mais gravuras. Leões de pedra flanqueavam os dois lados. Figuras híbridas de homens-pássaro com chifres — destinados, ele sabia, a repelir espíritos malévolos — surgiam nas paredes de ambos os lados. Acima da porta havia três símbolos esculpidos. Tang sabia o significado. "Ao lado da capital." O que era adequado. Lembrou-se do que Sima Qian escreveu sobre o Primeiro Imperador em Shiji. *Qin Shi percebeu que a população de seu império tinha crescido muito, mas os palácios reais de seus ancestrais eram ainda pequenos.* Assim, construiu um enorme palácio, ao sul do rio Wei, ao lado de sua capital. Com cerca de 700 metros de comprimento e mais de 100 metros de largura, suas galerias eram capazes de acomodar 10 mil pessoas. Chamou-o de Afang, que refletia sua localização, "ao lado da capital".

Estudou as portas e descobriu que elas estavam penduradas sem dobradiças. Em vez disso, uma meia esfera convexa havia sido esculpida nas partes de cima e de baixo, em seguida posicionada dentro de uma abertura cônica no teto e no chão. Ele supôs que, muito provavelmente, as articulações deveriam ser untadas com óleo.

Atravessaram o espaço onde as portas se separavam, a abertura com cerca de 1 metro de largura, para uma câmara iluminada, que abriu para outra, em seguida, mais duas, todas suportadas por arcos largos e grossas colunas. Esse era uma *yougong* — um lugar isolado.

Estranhamente, as salas estavam vazias.

Lembrou-se de mais palavras de Sima Qian. *E havia ferramentas maravilhosas, joias preciosas e raros objetos trazidos de longe.* As câmaras e alcovas deveriam estar cheias de tecidos de seda, vestimentas, cerâmicas, coroas, cintos, enfeites, bronze e objetos funerários de estanho, laca, figuras de madeira — tudo que o imperador precisaria em sua vida após a morte.

No entanto não havia nada.

Reparou em pedestais ornamentados espalhados pelas paredes em intervalos regulares e percebeu que os lampiões — como o que procurara com Pau Wen, e que Pau jurara a Malone e Vitt que existia — deveriam estar apoiados nos pedestais para iluminar o caminho do imperador e nutrir os espíritos dos mortos.

Mas não havia lampiões.

O que significava nada de petróleo.

Nada

Apenas uma urna azul e branca, talvez com 1 metro de largura e altura, no centro da câmara seguinte. Ele tinha visto fotos de uma antes. Um lampião eterno, cheio de petróleo, com um pavio à tona. Ele aproximou-se e olhou dentro dela, esperando que restasse ainda um pouco do petróleo bruto antigo, mas estava seco.

Viktor avançou para a câmara seguinte, os dois irmãos logo atrás.

Tang demorou-se, sua mente acesa com pensamentos conflitantes.

A tumba de Qin Shi tinha claramente sido explorada — havia eletricidade e estava iluminada. Isso não poderia ter acontecido durante a última década. Seu ministério ficaria sabendo de qualquer tentativa. Obviamente, porém, Ni Yong sabia o que tinha acontecido ali.

— Ni Yong — gritou. — É hora de resolver o problema entre nós.

* * *

Malone congelou ao som de uma voz, as palavras ricochetearam pelo silêncio como um tiro. Cassiopeia reagiu também, e ambos agacharam-se em um lado do pedestal de jade, identificando que a voz vinha de fora da entrada principal do salão.

Estavam falando mandarim com eles?

Se sim, eles não tinham como entender.

Esse não foi Pau Wen — sussurrou Cassiopeia.

Ele concordou.

— E não temos muitas opções.

Estavam no meio da câmara, o pedestal como sua única cobertura. Arriscou uma olhada e reparou em sombras na câmara seguinte, talvez a 30 metros de distância. Duvidava que ele e Cassiopeia conseguiriam voltar para a abertura na parede por onde tinham entrado sem serem notados.

Viu a preocupação nos olhos dela.

Eles estavam encurralados.

Tang avançou para a entrada da câmara sepulcral e gritou novamente:

— Ni Yong, você não tem para onde ir.

Do arco, ele avaliou o enorme palácio subterrâneo. O teto brilhava com milhares de luzes. No chão, um mapa tridimensional surreal cintilava com o brilho do mercúrio nos rios, lagos e mares. Agora entendia por que o governo havia resistido a todas as solicitações para abrir a tumba. O lugar estava vazio. Exceto por uma mesa feita em jade, que ganhava vida com suas gravuras, no centro, onde certamente o Primeiro Imperador repousara.

Os dois irmãos aproximaram-se.

— Há câmaras anexas — disse um deles.

Ele também tinha visto as passagens escuras.

— E há outra maneira de sair daqui. — Apontou para o outro lado da tumba, onde havia uma abertura na parede de mármore a pelo menos 70 ou 80 metros de distância. — Onde está Viktor? — Verificando as câmaras anexas. Ele apontou para a saída distante.

— Vamos ver se Ni Yong foi para lá.

* * *

Ni procurou refúgio em uma das várias salas que se abriam depois das três antecâmaras. As luzes não haviam sido instaladas ali. Assistiu a Kar Tang e aos outros três homens maravilharem-se com o que ele já havia se pasmado ao ver.

Embora estivesse fora do campo de visão imediata deles, simplesmente não havia lugar para esconder-se. A câmara escura em que entrou estava vazia, exceto por uma coleção de murais. Ouviu a declaração de Tang e sabia que teria de atirar para abrir caminho até ficar em segurança.

Esse deve ser um assunto privado. Entre você e Tang.

Foi o que o primeiro-ministro lhe dissera. Foi isso o que ele quis dizer?

Não vou envolver mais ninguém, nem permitir que você faça isso.

Infelizmente, Tang não viera sozinho. Conseguiria ele ganhar dos quatro? Parecia uma repetição dos acontecimentos na casa de Pau Wen — só que dessa vez ele não tinha um salvador.

Esperava que a câmara sepulcral capturasse a atenção de Tang para que ele tivesse a oportunidade de escapar por onde havia entrado. Mas antes que pudesse refazer seus passos e fugir, a saída do portal foi bloqueada por um homem. Baixo, corpulento, de pele clara, europeu, que segurava uma pistola semiautomática.

Apontando em sua direção.

O estrangeiro mirava com o corpo na luz, sua coluna reta, e olhos fixos à frente. Ni segurava a arma ao seu lado, o cano apontado para o chão.

Nunca levantaria a arma a tempo. Dois tiros estouraram.

* * *

Tang examinava o chão ao avançar cuidadosamente em direção ao centro do salão. Tinha acabado de cruzar uma ponte estreita que atravessava o que era certamente o Mar da China. No tempo de Qin Sh

essa era a fronteira oriental do império. O "mar", uma área de cerca de 20 metros de comprimento pelo mesmo de largura, cintilava com mercúrio.

Inicialmente, ficou preocupado com a toxicidade, mas notou que uma fina camada de óleo mineral havia sido aplicada sobre o mercúrio.

Alguém tinha planejado.

Isso não foi uma inovação antiga.

Tang sabia que o óleo mineral só surgiu quando o petróleo foi destilado pela primeira vez em gasolina — no século XIX do Ocidente — muito tempo depois de Qin Shi. Notou também as lâmpadas fluorescentes, seus bulbos não eram do tamanho e da forma utilizados hoje. Estas eram mais antigas. Maiores. Mais quentes. Estimou a idade delas em 20 anos ou mais, e perguntou-se sobre a última vez que foram acesas.

O detalhe do mapa topográfico no piso era incrível, a topografia crescente do sul e do oeste ilustrando montanhas que, gradualmente, se transformavam em planícies férteis. Florestas foram representadas por árvores esculpidas em jade. Mais rios de mercúrio serpenteavam seus caminhos entre templos, vilas e aldeias. Presumiu que o pedestal no centro ficava onde a capital imperial localizava-se na época de Qin Shi, não muito longe da atual Xi'an.

Dois estalos perturbaram o silêncio.

Tiros. Atrás dele.

Vinham da direção que Viktor tinha tomado.

Parou de andar, assim como os dois irmãos.

Outro estalo soou.

Virou-se e correu na direção dos tiros.

* * *

Malone observou o vice-primeiro-ministro, Karl Tang. E outros dois homens fugirem da câmara sepulcral. Reconheceu o rosto das fotos que Stephanie fornecera. Viktor certamente sabia que seu chefe estaria nas proximidades, o que explica o outro helicóptero e por que ele tão generosamente ofereceu-se para criar uma distração.

— Essa foi por pouco — disse Cassiopeia.

Se os três homens tivessem chegado até a mesa, teria sido impossível evitá-los. Ele e Cassiopeia teriam sido expostos, e ele já havia decidido matar os dois servos e lidar com Karl Tang separadamente.

— Quem está atirando? — perguntou Cassiopeia.

— Não sei. Só estou feliz por estarem atirando.

Ni ouviu os dois tiros quando o homem na porta atirou nele. Mas as balas zuniram sobre sua cabeça e ricochetearam nas paredes, fazendo-o abaixar-se e proteger a cabeça. Era óbvio que o homem havia reajustado sua mira pouco antes de puxar o gatilho, intencionalmente apontando para o alto.

Ele não seria tão generoso. Apontou a arma e apertou o gatilho. Mas o homem tinha sumido.

Sua bala, como as duas anteriores, encontraram apenas pedra, ricocheteando nas paredes, fazendo com que agora se jogasse ao chão.

Ficou de pé, sem usar as mãos como apoio, e correu para a saída. Uma espiada em torno da borda da porta e outra bala voou em sua direção, forçando-o a voltar e encostar contra a parede. Por que o homem atirava nele sem querer atingi-lo? E por que um estrangeiro estaria ali com Tang?

Lembrou-se do que o primeiro-ministro dissera. *Um caça foi derrubado por um de nossos helicópteros, que era pilotado por um estrangeiro autorizado a voar pelo ministro Tang.* Seria este o homem?

* * *

Tang fugiu do salão principal e entrou novamente na primeira antecâmara. Viktor apareceu de um dos três arcos escuros que levavam para a saída. De costas, liderava o caminho, a arma em punho.

— Achei o ministro Ni — disse Viktor.

Tang fez um sinal para os dois irmãos assumirem posições à esquerda e à direita. Os dois brandiram suas armas, enquanto ele segurava uma semiautomática.

— Existe alguma outra saída? — perguntou Tang.

Viktor balançou a cabeça.

— Só por aqui.

Malone assistiu ao desdobramento da cena com interesse.

— O que acha que está acontecendo? — perguntou Cassiopeia. Ela não estava a par dos relatórios de Stephanie, então, ele explicou:

— O homem lá no meio, dando ordens, é Karl Tang.

Viu de relance um quarto homem agora dentro da antecâmara.

Viktor. Deveria ter adivinhado.

— Acha que estão atrás de Pau Wen? — perguntou Cassiopeia. — Pode ser. Mas parece que ele antecipou essa recepção calorosa.

— Isso significa que tem alguém aqui. Alguém de quem Karl Tang não

gosta.

— O que torna essa pessoa nossa aliada. — Então, vamos ajudá-la.

* * *

Cassiopeia pegou a arma, preparando-se. Malone deslizou para um lado do pedestal, ela foi para o outro. Felizmente, a mesa de jade tinha sido posicionada na diagonal, o que lhes oferecia maior proteção.

Malone ficou de pé.

— Ei, babacas — gritou.

Tang, Viktor e os dois homens giraram.

Malone atirou na direção deles, obviamente para não acertar ninguém, e sim para atrair sua atenção. O que funcionou. Os quatro esconderam-se. Dois atiraram enquanto desapareciam de vista.

Tanto Cassiopeia quanto Malone grudaram no pedestal.

— Espero que a pessoa a quem estamos ajudando saiba apreciar — disse ela.

* * *

Ni ouviu alguém gritar, em seguida, escutou três disparos. Ele correu para um espaço menor e mais escuro que havia entre ele e a antecâmara iluminada. Pressionou as costas contra a parede adjacente ao portal e espiou. Tang e os dois homens estavam de pé, assim como ele, encostados na parede da entrada do salão de sepultamento.

Não viu o estrangeiro. Observou um dos homens virar-se e disparar pela arcada na câmara sepulcral.

Em seguida, outro fez o mesmo.

Algo tinha chamado sua atenção, para longe dele.

Decidiu tirar vantagem da situação.

Mirou e disparou.

* * *

Tang foi surpreendido pelo tiro atrás dele. Um dos irmãos gritou e, em seguida, caiu no chão. O homem contorcia-se de dor.

Tang virou-se e viu Ni Yong fugindo, passando por um dos portais escuros, correndo para a antecâmara seguinte. Virou a arma e atirou, mas Ni desapareceu depois da arcada, encontrando refúgio no outro lado.

Onde estava Viktor?

O irmão ferido continuava a gemer em agonia, exposto por todos os lados.

Só havia uma coisa a fazer.

Tang atirou na cabeça dele.

* * *

Droga — disse Malone. — você viu aquilo? Atiram nos próprios homens — disse Cassiopeia.

— O que significa que eles terão pouco respeito por nós.

* * *

Ni não perdeu tempo. Assim que apertou o gatilho, correu para a saída, encontrando abrigo pouco antes de Tang reagir. Escapou para a antecâmara ao lado, mantendo-se perto da parede mais distante, longe do meio vulnerável, fugindo em direção à porta principal. Se conseguisse chegar até a passagem que levava de volta para o poço, a escuridão seria sua aliada.

Escapou para a última antecâmara.

Encostado na parede, deu uma rápida olhada para trás. Viu Tang e o outro homem de relance quando entraram no salão de onde tinha acabado de sair.

Um deles atirou.

Esquivou-se. Em seguida, atirou de volta, aproveitando o momento para passar pelo espaço entreaberto das portas principais. Do outro lado da entrada, estava protegido de balas. Não podia perder nenhum momento. Na escuridão, longe das luzes, estaria seguro.

Virou-se para fugir, mas um homem bloqueou seu caminho.

O estrangeiro que atirou nele antes e errou intencionalmente.

— Você não me conhece — disse o homem, com a arma na mão, apontada diretamente para ele. — Mas não sou seu inimigo. O estranho andou, aproximando-se da luz. Definitivamente europeu. Ni gravou aquele rosto em sua memória.

O homem entregou sua arma a Ni, segurando-a pelo cano curto.

— Acerte em mim com esta arma, e dê o fora daqui.

Não precisava pedir duas vezes. Aceitou a arma e bateu com a base de metal na têmpora do homem.

Em seguida, jogou a arma de lado e fugiu na escuridão.

* * *

Tang emergiu das portas e avistou Viktor jogado no chão, sua arma a poucos metros de distância. Investigou a escuridão à frente, mas não ouviu nem viu nada.

Ni fugira.

Viktor estava levantando-se, esfregando a cabeça.

— Estava esperando por ele, mas o desgraçado foi rápido. Acertou minha cabeça.

Tang não tinha tempo para desculpas. Sem ter como prosseguir, apontou para a escuridão e disparou quatro tiros, movendo o braço da direita para a esquerda, de uma parede à outra.

Balas zuniam na escuridão.

O eco refletia nas paredes, fazendo seus ouvidos doerem.

— Ele se foi — disse Viktor calmamente.

Tang abaixou a arma.

— Precisamos voltar. Malone, Vitt e Pau Wen ainda estão lá.

* * *

Malone escutou passos vindo na direção deles e supôs que Viktor e os dois homens haviam fugido. Não tinha ideia do que estava no outro lado do arco da entrada principal do salão do sepultamento.

Mas agora era hora de agir.

Voltar para o painel secreto por onde entraram era muito arriscado. Muitas construções pelo caminho. Então acenou para Cassiopeia e, juntos deixaram o pedestal, atravessando 30 metros até o arco da entrada em apenas alguns segundos. Felizmente, a topografia do chão era formada principalmente por planícies e mar, sobre a qual se estendia uma passagem estreita que lhes permitiu correr a maior parte do caminho.

O homem baleado estava imóvel, sangue escorria de suas duas feridas.

Malone arriscou olhar para o interior da câmara adjacente e viu três homens, Viktor e Tang entre eles, entrando novamente na extremidade oposta, andando diretamente na direção deles. Cassiopeia viu também, e decidiram que precisavam recuar. Mas, primeiro, ele disparou um tiro que dispersou os três homens.

Cassiopeia tomou à frente refazendo o caminho para o pedestal central. Conseguiram chegar no momento em que mais dois tiros foram disparados.

Aparentemente, seus perseguidores não iriam embora.

Eles colaram-se ao lado protegido do pedestal.

— Percebeu que não temos para onde ir — disse Cassiopeia.

— Pensei a mesma coisa.

Ni levantou-se. Tinha se jogado ao chão, usando um dos incensórios grandes como cobertura, quando Karl Tang disparou contra a escuridão. Continuou deitado enquanto as balas ricocheteavam pelas paredes e, em seguida, viu os três agressores desaparecerem de volta para a tumba. O homem que ele nocauteou obviamente trabalhava para Tang, mas, ao que parece, também tinha os próprios objetivos.

Mas quem gritou e atirou da câmara sepulcral? Deveria ajudá-los? C que poderia fazer, além de colocar-se novamente em perigo.

Morrer não ajudaria. Tinha de sair dali.

* * *

Malone viu as sombras reaparecendo na antecâmara. Escutou quatro tiros e perguntou-se o que estava acontecendo. Mas, aparentemente, um problema fora solucionado ou já não era mais uma preocupação. Em vez disso...

— Nossa vez — disse.

Viu cabeças aparecerem pelo arco, explorando a câmara sepulcral.

— Será que conseguiríamos atraí-los mais para o centro? — sussurrou Cassiopeia do outro lado do pedestal.

— Eles não têm certeza se ainda estamos aqui. Eles também estão vendo o buraco na parede atrás de nós. Podem pensar que estamos lá.

Infelizmente, seu refúgio estava a 30 metros de distância, o espaço até lá era aberto, com exceção de algumas colunas, e nenhuma delas daria muita cobertura.

Sua mente procurava possibilidades.

Não eram muitas.

Avaliou o tripé de luzes que iluminava o pedestal. Seu olhar encontrou um rio de mercúrio que fluía a poucos metros de distância — uma representação, ele supôs, do rio Amarelo atravessando o antigo império de leste a oeste. Lembrou-se novamente do que Pau Wen havia lido para eles no dia anterior. *Usando mercúrio, eles fizeram os cem rios da terra, o Amarelo e o Azul, e o Mar da China, e máquinas mantinham as águas em movimento.* Será que os reservatórios eram conectados? Independente disso, o que ele tinha em mente deveria funcionar.

— Prepare-se para correr — sussurrou.

— O que você vai fazer?

— Criar um problema.

Tang viu sombras na plataforma central.

Alguém estava lá. Dois contornos.

Um de cada lado da mesa de jade, posicionada em diagonal no salão. Examinou o restante da câmara e confirmou que não havia outro lugar para se esconderem.

Então onde estava a terceira pessoa, que deveria estar ali?

— Matem os dois — ordenou. E, para Viktor, deixou claro: — Desta vez quero vê-los mortos. Não precisamos de mais distrações.

Viktor pareceu entender que as coisas não estavam dando certo e balançou a cabeça.

— Vamos cuidar deles.

Malone viu os canos de duas armas, um de cada lado do arco.

Ambos atiraram.

Balas ricochetearam no jade.

Hora de agir.

Sentou-se no chão, ergueu a perna direita e bateu a sola do sapato no tripé de apoio às lâmpadas elétricas. O metal fino caiu, lâmpadas explodiram em uma chuva de faíscas e o calor inflamou o óleo mineral. Sabia que comedores de fogo e especialistas em efeitos especiais preferem o óleo mineral, uma vez que este possui alto grau de inflamação e baixa temperatura de combustão. Não precisa de muito para que acenda, nem dura muito, uma vez em chamas.

Como papel mágico, produziu um efeito espetacular.

Chamas brilhantes irromperam pelo salão da tumba, enquanto o óleo em cima do mercúrio nos lagos, rios e mar era consumido. Uma rajada de ar ecoou pelas paredes, como uma onda correndo para a praia, gerando calor instantâneo e luz brilhante.

Malone não perdeu tempo. Ficou de pé e juntou-se a Cassiopeia para correr os 30 metros em direção à abertura na parede da câmara. Desviaram de mais rios e lagos, mas felizmente na parte ocidental do império Qin prevaleciam desertos e montanhas. O óleo foi rapidamente consumido, e a luz apagou-se. O que restou foi uma nuvem escura que levantava do chão, e ele sabia o que havia naquela nuvem mortal.

Mercúrio.

— Respire fundo e prenda a respiração — disse.

* * *

Tang assistiu ao tripé cair no chão e, então, sentiu o calor vindo do óleo mineral que inflamou em uma explosão de luz ofuscante. Protegeu os olhos levantando um braço. O irmão e Viktor fizeram o mesmo.

O clarão inesperado deixou manchas pretas faiscando, mas quando sua visão acostumou-se ele avistou, através da nuvem de névoa cinza-escura, duas figuras no lado mais distante da câmara correndo em direção à abertura na parede.

— Não podemos ficar aqui — disse Viktor.

Tang sabia que a fumaça era tóxica e estava a apenas alguns metros de distância, então afastou-se do arco.

Outro estalo ressoou pela câmara e as luzes começaram a explodir. Ouviu um surto elétrico e algo estourou atrás dele em uma chuva de faíscas.

A caixa de junção em que o cabo que vinha de fora alimentava energia.

— Estão entrando em curto-circuito — gritou Viktor. Então o mundo escureceu.

* * *

Cassiopeia continuou correndo, sentindo que a corrente elétrica oscilando no mercúrio tinha finalmente alcançado as linhas. A última coisa que viu antes de todas as luzes se apagarem foi a parede, a cerca de 10 metros de distância.

Parou e ouviu Malone parar também.

- Nós temos que ir — sussurrou Malone.

Ela expirou.

— Encontre a parede. A saída estava a quase 20 metros à direita. — Talvez tenhamos um minuto ou mais de ar bom por aqui, mas precisamos nos apressar.

A escuridão era total. Ela não conseguia sequer ver as próprias mãos. Cuidadosamente, tateou no ar e encontrou a parede com a ponta de sua arma. A lanterna ainda estava em seu bolso, mas isso só criaria um alvo perfeito para uma rajada de balas em meio à neblina.

— Vá — sussurrou Malone. — Rápido.

Feixes de luz surgiram do outro lado do salão, os raios fazendo caminho através da nuvem, que agora estava talvez a 2 metros acima do chão, e estava subindo.

As luzes encontraram a parede e começaram a procurar à esquerda e à direita.

Por eles.

— Eles têm de estar lá — disse Tang.

Os três homens usaram suas lanternas para procurar pelas duas figuras do outro lado da câmara. Os feixes eram fracos, mas a luz era suficiente.

— Encontre a abertura — ordenou. — É para onde eles estavam indo.

As luzes continuaram sua dança. Um deles localizou a fenda na parede e, à sua direita, uma figura.

Indo direto para a abertura.

— Ali — disse. — Atire.

— Vamos, se jogue — gritou Malone, sabendo o que estava por vir.

A luz descobriu Cassiopeia, pouco antes de ela encontrar abrigo.

Ele decidiu não dar oportunidade a ninguém.

Mirou no outro lado do salão e disparou no meio das três luzes.

* * *

Tang escutou a bala atingir o irmão. O homem foi jogado para trás com o impacto, a luz zigzagueou na escuridão, e seu corpo bateu nos tijolos.

Tang imediatamente recuou para trás do arco, assim como Víktor, do outro lado. A nuvem de mercúrio estava avançando na direção deles, agora a poucos metros de distância.

Tinham de sair. Mas primeiro.

* * *

Cassiopeia observou uma luz cair e outras duas desaparecerem, provavelmente buscando cobertura. Ela ficou de pé, encontrou a abertura da parede com a mão e entrou. Uma laje espessa de pedra entre ela e as balas.

Malone, porém, ainda estava lá fora.

— Entrou? — Escutou quando ele perguntou.

— Estou aqui. É a sua vez.

As luzes começaram a buscar novamente, focando na abertura. Mas estavam visivelmente mais fracas por causa do nevoeiro, que ela reparou que ficava cada vez mais denso e avançava em direção ao lado que eles estavam no salão.

Em meio minuto chegaria ali.

As luzes se afastaram e abaixaram.

Ambas em cima de Malone.

* * *

— Lá está — disse Tang a Víktor. — atire nele agora. Suas armas atiraram.

Malone avistou a nuvem escura, a menos de 10 metros de distância. Deitou-se no chão e as armas dispararam do outro lado do salão.

Prendeu a respiração e as luzes ficaram um pouco acima dele.

Ficar de pé, ou mesmo agachado, seria fatal.

Mas precisava ir. Agora.

* * *

Cassiopeia mirou em volta da porta de pedra e esvaziou seu cartucho na câmara, disparando na direção das luzes. — Venha para cá agora — gritou para Malone.

* * *

Malone percebeu que não seria assim tão fácil. As luzes tinham recuado por causa dos tiros de Cassiopeia, que ele presumiu serem para lhe dar cobertura, mas que também fizeram a cena diante dele voltar à escuridão absoluta. Ele sabia que a abertura estava a cerca de 2,5 metros à

sua direita. Ainda assim, teve de apalpar o caminho pela parede, indo na direção do som dos tiros.

Repetidos cliques indicavam que o cartucho dela estava vazio.

Encontrou a abertura, pulou para dentro e expirou. — Precisamos da o fora daqui — disse.

* * *

Tang deu-se conta de que Cotton Malone e Cassiopeia Vitt tinham ido embora, escapando pela saída dos fundos. O nevoeiro estava quase sobre eles, então não havia como persegui-los atravessando a câmara. Recuou, assim como Viktor.

— Não importa — disse. — Tenho dois irmãos esperando por eles quando chegarem à saída.

Ni saiu do poço e olhou o relógio. Quase 18 horas. Respirou fundo o a quente e úmido. A chuva tinha parado.

Recolocou a chapa de ferro no poço.

Sem dúvida Tang viria logo atrás, por isso precisava ir embora. Seu adversário estava preparado, mas ele também.

Pegou o celular e usou a discagem rápida. O número foi acionado, e a conexão, feita.

— Eu quero vocês aqui em 15 minutos.

Doze dos seus investigadores tinham vindo em helicópteros separados, que chegaram cerca de meia hora depois dele. Receberam a instrução de esperar a poucos quilômetros até serem chamados. — Estamos a caminho.

— Encontrem-me no centro de segurança, nos prédios administrativos, a leste do museu. Desligou e saiu.

* * *

Malone abriu caminho enquanto ele e Cassiopeia corriam pelo mesmo túnel por onde haviam entrado. Ele sabia que tinham de passar por quatro ângulos retos. Restavam dois, já que tinham virado à esquerda uma vez, e depois à direita. Evitou todas as portas que levavam para outros caminhos, tomando o cuidado de refazer o mesmo trajeto que usaram para entrar. Ficaria muito feliz quando o céu estivesse novamente acima de sua cabeça.

Ainda segurava a arma, que continha algumas balas. A de Cassiopeia estava sem munição. Ambos carregavam lanternas.

— Agradeço o que você fez lá trás — disse ele.

— Era o mínimo que eu poderia fazer.

— Você sabe que era o Viktor com uma das lanternas.

— Sabemos também que nenhum de nós dois levou um tiro.

Ele parou.

— Você não pode estar falando sério. Realmente acha que ele ajudou?

— Cotton, eu não sei o que pensar. Parece uma traição após a outra. Tudo o que sei é que um menino de 4 anos está desaparecido e não estou nem perto de encontrá-lo.

Ele viu a irritação nos olhos dela e esperou mais um ataque verbal. Em vez disso, ela se aproximou e lhe deu um beijo.

Delicado. Doce. Não era uma pergunta, mas sim uma declaração.

— Viktor não é você — disse ela.

— Acha que estou com ciúmes?

— Acho que você é humano.

Ele não estava nem um pouco à vontade. Sentir emoções era uma coisa, revelá-las era outra completamente diferente.

— Nós precisamos sair daqui.

Ela concordou.

— Tudo bem. Vamos.

Viraram as últimas duas curvas. Malone viu um feixe de luz no túnel à frente. A abertura no chão da biblioteca. Pararam debaixo do buraco e olharam para cima.

Eu vou primeiro — disse Cassiopeia.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela saltou, segurou firme e levantou o corpo, atravessando o buraco.

Na metade do caminho, alguém puxou-a para cima.

Um homem pulou pela abertura e caiu de pé.

Ele usava o uniforme de segurança do museu e carregava uma arma, que estava apontada direto para Malone.

— Acho que eles querem que você suba — disse Cassiopeia — rápida e calmamente.

* * *

Tang saiu do carro que ele e Viktor usaram para voltar do poço ao escritório de segurança. Tinham encontrado a saída do mundo subterrâneo de Qin Shi rapidamente e fugiram da área cercada. Os dois irmãos mortos foram deixados no subsolo. Pouco poderia ser feito com seus corpos, especialmente considerando que o lugar estava contaminado com mercúrio.

Ni Yong era sua preocupação imediata.

Tivera a oportunidade perfeita dentro do túmulo — privacidade o suficiente — para acabar com o problema.

Mas tinha arruinado a chance.

Ou, mais precisamente, Viktor tinha arruinado a chance.

Guardou sua insatisfação para si. Seria fácil lidar com o estrangeiro quando chegasse a hora certa.

— Espere aqui fora — disse a Viktor.

Irrompeu no prédio de segurança climatizado. Suas roupas estavam sujas, seus cabelos, desgrelhados, sua garganta era tomada pelo gosto do ar mofado.

Os homens no interior do prédio ficaram em alerta.

— Alguém velho saiu da câmara da Cova 3 cerca de uma hora atrás?

O supervisor bradou instruções, e outro homem digitou em um teclado de computador, aparentemente localizando as fitas de vídeo para o momento e lugar relevantes. Tang viu quando um dos monitores acendeu mostrando a Cova 3: os guerreiros silenciosos em guarda, a carruagem, os cavalos, a abertura na parede de barro. A imagem era filmada em um ângulo que parecia vir de uma câmera no telhado interior. Viu quando um homem mais velho saiu da fenda negra que levava à câmara da biblioteca, seguido

pelos dois irmãos que havia deixado de guarda. Um deles apontava uma arma e estava levando Pau para uma escada próxima, por onde todos os três subiram até a passarela. Outro monitor mudou de imagem para mostrar o exterior do museu da Cova 3 e os três homens saindo do prédio. Não via Pau Wen havia mais de vinte anos, desde pouco antes de Pau fugir do país, mas ele pouco havia mudado. Ainda tinha o mesmo rosto longo, os olhos arredondados e a testa alta. Os cabelos ainda eram ralos, só que agora estavam mais grisalhos. Um dos irmãos apontava a arma para o prisioneiro, e Tang observou enquanto lentamente atravessaram a praça vazia.

— Aonde eles estão indo? — perguntou.

O supervisor fez um sinal para o operador e a imagem no monitor mudou para a de outra câmera.

— Nós os acompanhamos por alguns minutos — disse o supervisor. — Então gravamos isso.

Tang viu que Pau e os irmãos estavam no estacionamento. Os visitantes ainda estavam lá, lotando os ônibus de turismo e indo embora em seus carros. Viu os irmãos e Wen aproximarem-se de um sedã de cor clara. Agora ninguém mais segurava nenhuma arma. Os dois irmãos abraçaram Wen calorosamente, e os três foram embora no carro.

Seu rosto permaneceu inexpressivo.

Ninguém disse uma palavra.

— Mais dois indivíduos, um homem e uma mulher, deveriam ter saído da mesma sala subterrânea na Cova 3 — disse.

O supervisor rapidamente assentiu e estalou os dedos. Toques no teclado trouxeram as imagens corretas a um monitor.

— Quando os dois homens que você deixou lá saíram — disse o supervisor —, enviei dois de nossos homens para vigiar.

Pelo menos alguém tinha feito o seu trabalho.

— Foi a coisa certa a fazer.

O homem assentiu em agradecimento ao elogio e fez sinal para que o vídeo fosse reproduzido. Tang observou enquanto um dos seguranças do museu surgiu da câmara da biblioteca, seguido por um homem e uma mulher, e logo atrás outro guarda com uma arma na mão. É claro que se os dois irmãos tivessem ficado em seus postos, Cotton Malone e Cassiopeia Vitt estariam mortos, e o problema estaria resolvido.

— Onde eles estão agora? — perguntou Tang.

— Detidos.

— Leve-me até eles.

Virou-se para sair.

A porta abriu-se e Ni Yong invadiu a sala, seguido por dez homens armados.

Em nome da Comissão Central de Inspeção Disciplinar do Partido Comunista da China, assumi agora o controle desta instalação.

Cassiopeia estava sentada com as pernas apoiadas sobre a mesa e observava Malone. Ele também estava reclinado em uma das cadeiras de metal, as pernas cruzadas, os olhos fechados. O quarto para onde tinham sido levados pelos guardas armados não tinha janelas, fazendo com que ele se lembrasse de sua cela na Bélgica.

— Outra bela confusão em que nos metemos — murmurou ele.

Pelo menos ninguém vai saber que você colocou fogo em um dos maiores achados arqueológicos de todos os tempos.

Abriu os olhos.

— Ninguém gosta de espertinhos.

Ela sorriu.

— Você acha que esta sala está grampeada?

— Espero que sim. Ei, quem estiver ouvindo, estou com fome. Traga alguma comida.

Ele fechou os olhos novamente. Interessante como ele era o único homem que conseguia deixá-la pouco à vontade — o que, de uma forma estranha, a deixava à vontade. Não tinha de provar nada para ele, e ele não competia com ela. Ele era apenas ele mesmo. E ela gostava disso.

— Boa jogada, com as luzes — disse ela.

Ele deu de ombros.

— Pensei no Tivoli. Tem um engolidor de fogo lá que vi algumas vezes. Um dia desses, conversando com ele, descobri que ele usa óleo mineral para todos os seus truques. Claro, ele nunca colocou fogo em óleo em cima de mercúrio. — Aquele tumulto vai ficar tóxico por um bom tempo.

— Que diferença faz? Ninguém vai saber. Das duas uma: Pau saqueou a tumba ou ela já tinha sido saqueada quando ele entrou. De qualquer forma, os chineses não querem ninguém lá. E, por sorte nossa, conseguimos nos meter na guerra civil particular entre dois gigantes políticos.

Ela o conhecia melhor do que ele gostaria de admitir e podia ver que sua mente estava trabalhando.

— O que foi?

Ele abriu os olhos novamente e ela viu o brilho em seu olhar.

— Quem disse que tem alguma coisa?

— Eu digo.

— Por que você me beijou?

Ele estava sendo evasivo, e ela sabia disso.

— Porque eu quis.

— Isso não é uma resposta.

— Claro que é.

Por que ela o beijou era um mistério para ela também, simplesmente teve vontade. Droga, alguém tinha de dar o primeiro passo. Mas agora não era a hora de cruzar esse campo minado emocional.

— Responda. O que essa sua memória fotográfica encontrou?

Como eu gostaria que fosse fotográfica em vez de eidética. Seria muito mais fácil. Em vez disso, meu cérebro louco gosta de lembrar-se de cada detalhe inútil. — Fechou os olhos. — E esse é o problema. Preciso de algum tempo para navegar por eles.

* * *

Ni colocou-se de igual para igual com Karl Tang, tinham mais ou menos a mesma altura e ele sabia que eram quase da mesma idade, sendo Tang um ano ou dois mais velho. Sabia que este era um lugar público, cheio de olhos e ouvidos, e a forma como ele e Tang se comportavam seria alvo de muita zombaria.

— Você não me dá ordens — Tang deixou claro.

— Estou aqui sob ordem direta do primeiro-ministro. Pode ligar para o seu escritório e verificar, mas lhe asseguro que ele autorizou esta ação. E ele, ministro, lhe dá ordens.

As roupas de Tang estavam tão sujas quanto as suas; ambos estavam molhados, sujos e com raiva.

— Sou objeto de alguma investigação? — perguntou Tang.

Ni não ia cair nessa armadilha.

— Não posso revelar essa informação, nem mesmo para o vice-primeiro-ministro.

Tang parecia sozinho. Todos os outros na sala usavam uniformes do museu. Ni tinha procurado pelo estrangeiro que salvara sua vida na tumba, mas não conseguiu encontrá-lo em lugar algum. Queria interrogar aquele homem.

— Você e eu deveríamos conversar — disse Tang —, em particular.

Ele rapidamente considerou os prós e os contras e decidiu que as vantagens superavam quaisquer contratempos. Seu olhar parou no superintendente, que fez sinal para uma porta no lado oposto, à direita dos monitores.

Ele e Tang retiraram-se para a sala sem janelas e fecharam a porta.

— Você deveria estar morto — disse Tang para ele, os olhos ardendo de ódio.

— É a segunda vez que falha em me matar. Você não vai vencer essa luta.

— Eu já venci.

Ni não gostou do tom confiante.

— Eu poderia prendê-lo.

— Por quê? Não tem prova de nada. E se está contando com Pau Wen, boa sorte. Ele não poderia ser menos digno de confiança.

— E se tirarmos suas calças, o que descobriremos?

Que tenho coragem — disse Tang.

— Você tem orgulho do que é?

— Tenho orgulho do que vou fazer.

Ni sabia que sua situação era perigosa. Não existiam provas de que Tang tinha feito algo de errado, e expô-lo como eunuco não levaria a nada. Levantar uma acusação e não ser capaz de prová-la só destruiria sua própria credibilidade. Seu departamento floresceu simplesmente porque tomava boas decisões. Sabia que muitos no governo estavam à espera de uma falha catastrófica e de uma oportunidade para acabar com a autonomia que tornara seus inquéritos tão bem-sucedidos.

— Há um piloto morto na província de Yunnan — disse Ni. — Abatido por um estrangeiro pilotando um de nossos helicópteros.

Você autorizou o voo.

— Autorizei o helicóptero. Para impedir Pau Wen de entrar ilegalmente no país. Mas manca autorizei o assassinato de um piloto.

Tem provas do contrário?

— Quando achar aquele estrangeiro, terei.

Que poderia muito bem ser o mesmo homem da tumba. O homem que o salvou. Tang, obviamente, não tinha ideia de que seu suposto aliado era tudo menos isso.

Ou ele sabia?

Ele decidiu não dizer nada sobre o que havia acontecido. Se o homem que o ajudou estava realmente jogando nos dois lados, Ni poderia precisar de sua ajuda novamente. Se a coisa toda tinha sido um truque, então o silêncio seria ainda melhor. — A briga é entre nós dois — disse Tang. — O vencedor leva a China.

— Sei qual é a recompensa.

Os olhos de Tang ardiam de ódio.

— Saiba que você não vai viver para me ver ganhar.

Seu inimigo abriu a porta e saiu, caminhando em silêncio ao passar pelos outros, retirando-se do prédio.

Ni voltou para a sala e disse:

— Quero ver tudo que o ministro Tang viu e quero saber tudo o que lhe foi dito.

* * *

Malone visualizou o topo do pedestal de jade claramente em sua mente. Um mapa tridimensional do império Qin Shi, cercado por símbolos. Tanto ele quanto Cassiopeia tinham se lembrado da seda pendurada na casa de Pau Wen.

*É uma reprodução de algo que vi uma vez. Um mapa antigo da China.
Com algumas modificações.*

Desejou ainda ter seu iPhone, que tinha sido confiscado, juntamente com suas armas, quando os guardas os revistaram.

Sem ele, não tinha tanta certeza — mas acreditava que sim.

A porta abriu-se.

Um homem entrou, talvez entre 50 e 60 anos, rosto tenso marcado por cicatrizes, cabelos escuros e grossos cobrindo orelhas salientes.

Uma determinação solene enchia seus olhos. — Eu sou o ministro N Yong.

Tang deixou o prédio da segurança e foi direto para o carro que ele e Viktor haviam requisitado. Mandara Viktor esperar do lado de fora e aparentemente, ele fora inteligente o suficiente para esconder-se quando Ni e seus homens chegaram. Dois dos agentes de Ni montavam guarda à entrada do edifício. Decidiu que não deveria ser óbvio ao procurar por Viktor, então sentou atrás do volante, ligou o motor e foi embora. Um movimento no banco de trás o assustou.

O rosto de Viktor apareceu no espelho retrovisor.

— Estava me perguntando quando você ia sair.

— O ministro Ni está procurando por você.

— Tenho certeza de que está.

Tang chegou à conclusão de que Viktor não tinha mais muita serventia. Se Ni conseguisse capturá-lo, não demoraria muito para ele falar. Os procedimentos usados nos interrogatórios chineses eram bastante eficazes. Ao contrário do Ocidente, não se hesitava em empregar tortura.

Mas havia o problema de Pau Wen. Para onde o velho tinha ido? Seu telefone tocou. Havia religado o aparelho assim que deixou o prédio de segurança. Parou o carro no acostamento e atendeu a ligação, colocando a chamada em viva voz.

— Estou de volta — disse Pau Wen.

Mas ele queria saber como.

— Você disse que a tumba continha lampiões com petróleo. Não havia nada lá.

— No passado, havia muitos lampiões, todos cheios de petróleo — disse Pau.

— Mas quando entrei duas décadas atrás, retirei todos os artefatos, incluindo os lampiões.

— Onde você está?

Pau riu.

— Por que eu responderia essa pergunta?

— Você está na China. Eu vou encontrá-lo.

— Tenho certeza de que viu pelas câmeras que os dois irmãos posicionados para guardar a câmara da biblioteca saíram comigo. Acho que isso é prova suficiente de que você não conta com o apoio total da fraternidade.

— Tenho homens suficientes para acabar com você.

— Mas em quem pode realmente confiar? Quem mais está enganando você?

— Preciso daquela amostra de petróleo. Você sabe disso.

— Para conseguir um dos lampiões, terá de lidar comigo.
— Você me garantiu que teria uma amostra. É imperativo para o nosso plano.

— Não é mais o nosso plano. Você tomou o controle. Agora é o seu plano. Isso ficou claro na última vez que nos falamos.

Tang sabia o que dizer.

— Como podemos resolver este impasse?

— *Bao he dian* — disse Pau.

Lembrou-se de que Viktor entendia mandarim perfeitamente e sabia a tradução.

Pavilhão da Preservação da Harmonia.

— Lá — disse Pau — conversaremos.

— E você poderá me matar?

— Se quisesse você morto, já estaria morto.

Para provar a teoria do petróleo abiótico e libertar a China das amarras da importação, Sokolov precisava receber uma amostra verificada de petróleo extraído dos campos de Gansu 2.200 anos atrás. Pau Wen era a única fonte conhecida para tal amostra.

Ainda assim...

— Como vou saber se a amostra que vai me entregar é autêntica? — Transferi tudo que estava na tumba de Qin Shi para outro lugar. Isso exigiu um grande esforço. Seria inconcebível para mim alterar qualquer coisa que tive tanto trabalho para salvar.

— Por que nunca soube disso?

— Porque não era necessário lhe dizer.

— Estou a caminho — declarou.

— Então nos falaremos novamente. Lá.

A ligação terminou, e ele fechou o telefone.

— Suponho que nós dois vamos? — perguntou Viktor.

A conversa foi problemática de muitas formas, \ima delas o alertou para o fato de que ainda precisava do estrangeiro.

Pelo menos por um tempo. — Isso mesmo.

* * *

Ni avaliou os dois estranhos. Os passaportes identificavam-nos como Cotton Malone e Cassiopeia Vitt, que sua equipe confirmou ser verdade. Espiões normalmente não carregam suas verdadeiras identidades. Também estavam armados com duas pistolas ELP, provavelmente retiradas do helicóptero que viera do norte do Lago Dian. Uma rápida busca na internet revelou que Cassiopeia Vitt era uma mulher rica que vivia no sul da França e seu pai, um bilionário, havia deixado tudo para a única filha. Seu nome apareceu em inúmeros relatos da imprensa de todo o mundo, a maioria sobre achados arqueológicos ou algum tipo de objeto histórico em risco que ela descobriu ou renovou.

Cotton Malone era outra história. Advogado, comandante da Marinha

e ex-agente americano do Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Aposentou-se havia dois anos e agora era dono de uma livraria em Copenhague, na Dinamarca.

Um disfarce?

Talvez, mas parecia um pouco óbvio.

— Quero saber sobre o piloto que trouxe vocês da província de Yunnan — disse Ni em inglês.

— Isso é fácil — disse Malone. — Seu nome é Viktor Tomas e ele é ur pé no saco. Se pudesse prendê-lo, seria ótimo.

— Adoraria fazer isso. Ele matou um dos nossos pilotos.

— Que estava tentando nos matar — disse Cassiopeia.

Ni olhou para ela.

— Ele era um oficial do ELP, que seguia ordens. Ele não fazia a menor ideia de quem vocês eram.

— Viktor está por aqui em algum lugar — disse Malone. — Trabalho para Karl Tang.

Ni sentiu a animosidade.

— Você não gosta desse homem.

— Digamos que não vou mandar cartão de Natal para ele.

— Por que estão aqui? — perguntou.

— Passeando — disse Malone. — É uma nova turnê que está sendo oferecida pelo ELP. Pegar carona em um de seus helicópteros, ser atacado por um caça e, de brinde, dar uma olhada dentro de um túmulo antigo.

Ni sorriu com o sarcasmo. Aqueles dois não eram uma ameaça.

Pelo menos não para ele.

Vocês dois estavam na tumba, atirando em Tang e em seus homens?

Malone olhou para ele.

— A julgar pelas suas roupas molhadas e pela fuligem que está nos cobrindo, você também estava lá. "Ei, idiotas." Lembra disso?

— Você me deu tempo para escapar.

— Era essa a ideia — esclareceu Vitt. — Embora não soubéssemos a quem estávamos ajudando.

Decidiu arriscar.

— Esse Viktor Tomas me ajudou a fugir.

Malone parecia surpreso.

— Sorte sua. Parece que você vai receber um cartão de Natal dele.

— Isso é ruim?

— Tudo depende de que lado da cerca ele está hoje.

— Onde está Pau Wen? — perguntou.

— Sumiu — disse Vitt. — Desapareceu dentro de um túnel no caminho para a tumba. Não temos ideia de onde ele foi.

— É claro que você já sabia disso — disse Malone. — Ele já saiu daqui, não é?

Ni observou que Malone tinha bons instintos. Mas não podia esperar nada menos de um ex-agente.

— Foi embora há duas horas.

— Parece que você tem uma infinidade de problemas — disse Malone.

— Assim como você.

A porta abriu-se.

— Ministro, precisamos de uma palavra — disse um de seus homens em mandarim.

Ele perguntou-se se Malone ou Vitt tinham entendido.

Nenhum deles indicou se sim ou não. — Volto logo.

Malone sabia o que estava por vir.

— Não precisava entregar o Viktor — disse Cassiopeia assim que a porta se fechou.

— Ele já estava acabado.

— Você ouviu Ni. Viktor o salvou.

— O que significa que os russos querem que Ni ganhe de Tang e controle deste lugar corruptível. Não há surpresa nisso. — Não mencionou os outros dois objetivos de Viktor: matar Tang e recuperar, ou se necessário, silenciar, Sokolov.

— Seu cérebro terminou a triagem? — perguntou Cassiopeia.

Ele a ignorou e levantou-se.

— O que vai fazer?

— Adivinhe.

Ele abriu a porta.

Dois homens reagiram à sua presença e rapidamente alcançaram as armas nos coldres. Ni Yong estava falando com o homem que tinha interrompido antes. Ladrrou uma ordem que Malone não entendeu, mas os homens abaixaram as armas.

— O que é? — perguntou Ni em inglês.

— Acho que posso ajudá-lo.

Tang acomodou-se no helicóptero enquanto ele levantava voo pelo céu noturno. Viktor sentou-se à sua frente.

Pavilhão da Preservação da Harmonia.

Não visitava o lugar havia muito tempo.

— *Irmãos, esta será a última vez que nos falamos frente a frente* — disse Pau Wen.

Tang estava com um seletor grupo de cinquenta. Pelas janelas abertas sentiu o cheiro do ar da montanha. O roupão de seda que ele e os outros usavam provia pouca proteção contra a friagem da tarde, mas não sentia frio.

— *Planejamos bem* — disse Pau.

O longo corredor era coberto por uma elaborada treliça que protegia centenas de prateleiras com escaninhos contendo os textos antigos. Cada manuscrito possuía quase 1 metro de comprimento e era composto por folhas soltas de seda e linho com séculos de idade, embrulhado em pano e comprimido entre duas placas entalhadas. Tinha reparado pessoalmente vários deles como parte de seu treinamento. Lâmpadas prateadas pontilhavam as paredes, mas as luzes não eram necessárias com o sol brilhante inundando as duas galerias superiores. Lá fora, o gemido de uma conchui, soprada por outro irmão, indicou que eram 15 horas.

— *De todos, vocês são os que eu acredito terem as melhores chances de ascender a posições de poder e influência. Um de vocês pode até vir a ser primeiro-ministro, o que tornará o nosso objetivo muito mais fácil de alcançar. Garanti que todos tivessem um início adequado. Todos vocês estão prontos. Então, sigam em frente. Tou liang huan zhu.*

Substitua as vigas e os pilares por madeira podre.

Tang entendia perfeitamente o provérbio.

Sabotar, destruir ou remover as estruturas essenciais que sustentam um adversário e substituí-las pelas suas. Incapacitar seu adversário, e assumir o controle, começando de dentro.

— *Quando as rodas estão no ar* — disse Pau Wen — *a carruagem não consegue se mover. Quando vigas e pilares são retirados, a casa desmorona.*

Tang estava orgulhoso de fazer parte do que estava prestes a começar.

— *Partirei em breve* — explicou Pau. — *Isso é necessário para termos sucesso em nosso objetivo. Acompanharei o progresso e comandarei à distância. Irmão Tang será minha voz para vocês. Tinha ouvido direito? Por que não um dos mais velhos? Não tinha nem 30 anos e era novo no Ba. Mesmo assim estaria no comando?*

— *A juventude é sua aliada* — disse Pau. — *Nosso plano vai durar muito tempo. Embora existam muitos mais experientes, o tempo não é aliado deles.*

Olhou ao redor da sala e viu que nenhum dos outros demonstrou a menor reação. O Ba não era uma democracia. Na verdade, esse conceito havia sido destituído do pensamento legalista. O Hegemoni tomava todas as decisões, sem discussão ou debate. — E por que você deve partir? — perguntou de repente um dos homens mais velhos.

O rosto de Pau Wen permaneceu impassível.

— Posso ser uma distração.

— O que significa que seus inimigos poderiam interferir.

— Há muito tempo você tem reservas acerca do nosso caminho — disse Pau.

— Isso é calúnia. Minhas reservas são direcionadas a você.

Tang sabia que este homem possuía uma estatura quase igual à de Pau Wen. Preferido na capital, conhecido no Partido. Respeitado. Mas Tang também percebeu o que Pau estava fazendo.

Atraindo o tigre das montanhas.

Em vez de adentrar em um território perigoso e desconhecido para enfrentar um adversário, era muito melhor fazê-lo sair e lutar com você.

— Você está nos levando para uma batalha árdua — disse o adversário. — Uma que não está disposto a lutar conosco. Alguns podem ter sucesso, muitos não. Você, contudo, não tem como perder.

— O que quer que eu faça?

— No mínimo, fique aqui.

Estrategema inteligente, Tang pensou. Quando um oponente possui a vantagem, em vez de enfrentá-lo, esgote seus recursos, mine suas forças. Provoque um erro. Com um homem menos inteligente, tal manobra poderia ter funcionado...

— Mas aí você não teria como me enfraquecer — disse Pau.

Os olhares fixaram-se em Wen.

— Eu sei o que você vem fazendo — declarou Pau. — Sei que quando eu for embora, vai usurpar tudo o que planejei. É por isso que não foi escolhido como meu mensageiro. É por isso que estamos aqui, para que todos saibam de sua traição.

O homem manteve a compostura, as costas tão rígidas quanto sua atitude.

— Você será nossa ruína.

Os braços de Pau estavam cruzados sobre o peito, as duas mãos escondidas dentro das mangas do robe. Tang observou quando apenas os olhos de Pau viraram-se para a esquerda, e o irmão que estava ao lado daquele que desafiava Pau avançou dois passos, pegou a cabeça do homem com as mãos e a virou. Um estalo quebrou o silêncio e o corpo tombou sobre o mármore.

Ninguém reagiu.

Pau Wen continuou imóvel.

— Depois de escrever A arte da guerra, Sun Tzu teve uma audiência com o rei de Wu. Queria o comando do Exército, mas o rei não acreditava que alguém poderia ser treinado como um soldado, então apresentou um desafio a Sun Tzu. Treme as concubinas da corte para lutar e poderá comandar meu exército. Sun Tzu aceitou o desafio, nomeando duas das mulheres oficiais e explicando os comandos para marchar. Mas quando tocou o tambor, todas as mulheres caíram na gargalhada. Sun Tzu sabia que se as ordens não são claras, a culpa é do general. Então, repetiu a explicação, mas as oficiais e as mulheres apenas riram novamente.

Sun Tzu também sabia que quando as ordens são claras, mas não são seguidas, a culpa é dos oficiais. Então ele ordenou que as oficiais, as duas concubinas favoritas do rei, fossem decapitadas. Depois disso, as outras mulheres passaram a seguir as ordens e foram muito bem treinadas. O rei, embora revoltado e furioso, deu a Sun Tzu o comando do exército.

Todos eles ficaram em silêncio.

— As minhas ordens estão claras? — perguntou ao grupo.

Todos assentiram.

Tang recordou o que aconteceu depois da reunião. Ele e outros dois retiraram o corpo, levando-o para além das pedras, ao lugar sagrado. Lá os membros foram separados, o cadáver, cortado em pedaços, pedras foram usadas para triturar a carne e os ossos até formar uma pasta, que misturaram com farinha de cevada e leite.

Assim, os abutres foram convocados.

Ele testemunhara o *jhat* diversas vezes. A tradução literal é "dar esmolas aos pássaros", a única maneira prática de desfazer-se de restos humanos em uma terra muito rochosa para cavar sepulturas e com pouca madeira para cremar.

— É um mau presságio — dissera Pau certa vez — se as aves têm de ser persuadidas a comer ou mesmo se uma pequena parcela da oferta permanece depois que se vão.

Mas naquele dia os pássaros só partiram quando não restava mais nada para ser comido.

Desejava poder lidar com Ni Yong com tanta facilidade quanto Pai Wen descartara seu adversário. A ousadia de Ni era perturbadora. Teria o primeiro-ministro realmente autorizado Ni Yong a detê-lo? Decidiu descobrir e mandou o piloto do helicóptero conectá-lo com Pequim. Seu assistente-chefe atendeu e informou que o primeiro-ministro tinha deixado a capital havia algumas horas.

— Para onde está indo?

— Região de Xingjian. Para uma cerimônia em Kashgar para inauguração de uma nova estação de tratamento de água. Não é algo que normalmente exigiria a presença do primeiro-ministro do Partido e presidente do país, então expressou suas preocupações.

Eu pensei a mesma coisa — respondeu seu assistente. — Perguntei e me disseram que o governador está preocupado com a instabilidade na região.

Os confins ocidentais da China sempre foram um problema. Oito nações dividiam sua fronteira, a cultura muito mais muçulmana e asiática do que oriental. Para diluir a sua população de quase 90 por cento de chineses que não eram Han, Mao encorajou a imigração. Os governos seguintes, incluindo o atual, continuaram a política. Nos últimos tempos, os protestos violentos contra uma evidente ação de invasão cultural tinham se intensificado.

— Foi tudo o que conseguiu descobrir?

— Começaram a questionar por que estava tão interessado. Eu disse

que você queria uma reunião.

Artifício apropriado.

— Ministro, acabo de ser informado de outra coisa.

Ele não gostou da mudança de tom.

— O laboratório em Lanzhou foi atacado. Os homens estão mortos.
Levaram Lev Sokolov.

Ni fitava Cotton Malone, que estava parado na porta, confiante e seguro. Ousado também, por voar para a China sem autorização. Ni havia solicitado mais informações sobre ambos, Malone e Vitt, mas não recebera nada. Em vez disso, tinha acabado de receber informações sobre uma conversa pelo celular interceptada há poucos minutos: uma conversa de Karl Tang com Pau Wen. — *Você me garantiu que teria uma amostra. É imperativo para o nosso plano.*

— *Não é mais o nosso plano. Você tomou o controle. Agora é o seu plano.*

— Como conseguiu isso? — perguntou.

— Estamos monitorando cada número de telefone que o ministro Tang utiliza atualmente.

— Onde está Tang?

— Saiu daqui em um helicóptero oficial. Um avião o espera em Xi'an, e um plano de voo para Kashgar foi apresentado. — Lembrou-se da localização que Pau mencionou na ligação.

Bao he dian.

— Que tipo de ajuda pode nos oferecer? — Ni perguntou a Malone.

— Sei para onde Pau Wen foi. Na verdade, ele também sabia.

— Para onde?

— Para o Pavilhão da Preservação da Harmonia.

* * *

Malone voltou para a sala, seguido por Ni Yong. Obviamente dera a resposta correta. Na mesma hora, Ni dispensou seu assessor e apontou para a sala. Cassiopeia ainda estava sentada confortavelmente na cadeira, pés sobre a mesa, mas Malone sabia que ela tinha escutado a conversa.

— O que você sabe sobre o Pavilhão? — perguntou Ni.

Sentou-se.

— Para começar: nós não somos o seu problema.

— Eu não sei quem são vocês.

— Estamos aqui — disse Cassiopeia — por causa de um menino de 4 anos.

E ela contou a Ni Yong a história do filho de Lev Sokolov.

O homem escutou, parecendo genuinamente interessado, então disse:

— Isso é um problema em toda a China. Todos os dias, centenas de crianças desaparecem.

— E o que o senhor faz sobre isso? — perguntou Malone.

Ni fitou-o, irritado.

— Eu não faço nada, mas concordo. Alguém deveria estar fazendo alguma coisa.

— Não somos espiões — disse Cassiopeia.

— Talvez não. Mas trouxeram Pau Wen, e ele é uma ameaça a este país.

— Nisso eu acredito — disse Malone.

— Como pode me ajudar? — perguntou Ni.

— Preciso do meu iPhone.

Ni ponderou o pedido, em seguida, abriu a porta e disse algo em chinês. Momentos depois, o telefone estava sobre a mesa. Malone pegou o celular, tocou a tela e encontrou suas fotos.

— Tirei essa foto na Bélgica, quando visitamos a residência de Pau Wen. É um mapa de seda que ele mandou reproduzir e nos mostrou com muito orgulho.

Um deslizar do dedo e Malone fez aparecer outra imagem. — Esta foi tirada dentro da tumba, no topo do pedestal onde Qin Shi deveria estar repousando.

Ni estudou a nova imagem. Malone esperou um comentário, mas o homem não disse nada. Em vez disso, Ni trouxe a tela mais perto, alternando entre as duas imagens. Ni colocou o telefone na mesa e pegou o dele, tocou em um dos botões da discagem rápida e aguardou a conexão ser concluída. Quando atenderam, ele ladrou comandos em chinês e esperou. Falou mais algumas palavras e, em seguida, encerrou a chamada.

Malone tentou avaliar Ni Yong, lembrando-se do que havia lido no livro vindo da Bélgica. Por experiência própria, sabia que os chineses eram difíceis de ler. Eles praticavam, quase como uma forma de arte, a estratégia de enganar, mantendo não só os seus adversários, mas também seus aliados, vigilantes. Este homem, porém, não era nenhum agente de baixo escalão. Era o chefe da instituição mais temida em toda a China. Ele podia literalmente, derrubar qualquer um a qualquer momento. Stephanie tinha lhe dito que os Estados Unidos consideravam Ni um político moderado em uma nação de fanáticos. Bem mais preferível do que Karl Tang como o novo líder. Os russos pareciam pensar de modo parecido, já que, pelo visto, tinham mandado que Viktor Tomas protegesse Ni. Contudo, Stephanie também dissera que o Departamento de Estado temia que Ni Yong não fosse forte o suficiente para dominar a China.

— *Outro Gorbachev* — dissera ela.

O telefone de Ni tocou.

Ele apertou um botão, esperou um pouco e depois avaliou a tela.

— Quando as pessoas chegam a um cargo do alto escalão trazem objetos de valor. Esses bens pessoais são exclusivamente deles. Então, para garantir que não haja mal-entendido quanto à origem, o meu departamento faz um registro fotográfico.

— Para que levem apenas o que trouxeram — disse Malone.

Ni assentiu.

— Quando você me mostrou aquela imagem, ela desencadeou uma memória. Na residência presidencial há um gabinete particular usado apenas pelo primeiro-ministro. O atual ocupante decorou a sala com objetos que levou quando assumiu o cargo há nove anos. Móveis de pau-rosa, vasos, pergaminhos, marchetes em madeira. Estive naquela sala várias vezes.

Ni pôs o telefone dele ao lado do de Malone. Apesar de sua tela ser menor que a do iPhone, a imagem era nítida.

Um mapa de seda.

— Isto está pendurado na parede do gabinete.

Malone e Cassiopeia inclinaram-se.

— São idênticos — disse ela.

Malone percebeu as implicações imediatamente.

— Sempre admirei esse mapa — disse Ni. — O primeiro-ministro me deu a mesma explicação que Pau deu a vocês. Uma reprodução que havia mandado fazer de um mapa antigo que admirava.

— Tang e Pau são eunucos — disse Malone. — O *Ba*.

E o que não foi dito pairava no ar.

E o primeiro-ministro?

Eu perguntei — disse Ni. — Ele diz que não é eunuco. Recusou a operação.

— Acreditou nele? — perguntou Cassiopeia.

— Não sei mais em que acreditar.

— Tem mais uma coisa — disse Malone, apontando para os telefones.

— Observe a borda ao redor do mapa no gabinete do primeiro-ministro.

— Números chineses — disse Ni, apontando para o canto superior esquerdo. — Três, quatro, seis, oito, dois, cinco, um, sete.

Malone colocou o dedo delicadamente sobre um símbolo que aparecia no lado esquerdo, na vertical.

— Nove. Aqui. Na linha de cima. Após mais dois. Quatro.

Apontou para o seu telefone, para a imagem da residência de Pau.

— Eles são idênticos. Mas olhe isso. — Tocou na tela e revelou a foto do topo do pedestal. — Símbolos diferentes em lugares diferentes.

Observou enquanto Ni examinava a foto.

— Estes não são números. São caracteres.

O pensamento pareceu ocorrer a todos ao mesmo tempo.

É uma reprodução de algo que vi uma vez.

Com algumas modificações.

— Pau já esteve naquela tumba — disse Malone.

— Assim como o primeiro-ministro — acrescentou Ni.

— Foi assim que aquelas luzes foram parar lá? — perguntou Malone.

Ni assentiu.

Malone traçou duas linhas no ar acima da tela. Uma para baixo a partir do quatro. Outra através do nove.

— São coordenadas — disse ele —, criadas para esses mapas. Assim como coordenadas usadas em qualquer mapa. Eles usaram quatro e nove. Sorte e azar. Pau explicou isso na câmara da biblioteca. Aposto que o pont

onde essas linhas se cruzam é importante.

Malone pegou seu telefone e ampliou a parte relevante do mapa. As linhas realmente se cruzam em um ponto preciso. O que Pau havia dito? *Um local isolado nas montanhas do Oeste.* Indicado por três caracteres.



— Eu sei o que significam — disse Ni. — Ao lado da capital.

— Não conseguimos vê-los nesta pequena imagem no seu telefone

— disse Malone. — Mas se alguém verificar a foto que o senhor tem, aposto que os mesmos três símbolos estarão no local exato. Ni fez outra ligação e levou apenas alguns segundos para receberem a confirmação.

As coisas estavam se conectando no cérebro de Malone.

O telefone de Ni apitou novamente. Ele pegou o aparelho, apertou um botão e leu.

Malone pôde ver a expressão de choque no rosto do homem. Ele e Cassiopeia escutaram quando Ni contou sobre um telefonema que seus homens interceptaram há pouco tempo, entre Tang e Pau.

— Algum tipo de divisão está acontecendo entre eles — disse Ni. — Pau Wen atraiu Tang, e agora quer que eu vá também. Alguns anos atrás fizemos um site para permitir que informantes denunciassem casos de corrupção eletronicamente. Pau conhece esse site. Mencionou isso para mim. E acabou de me enviar uma mensagem através desse site. *Informe o ministro Ni que eu o espero no Pavilhão da Preservação da Harmonia, onde muita corrupção pode ser encontrada. Diga a Cassiopeia Vitt que o que ela procura também está lá.*

— O cretino sabia o tempo todo onde o menino estava — disse ela.

Malone balançou a cabeça.

— A rede de informações dele deve ser das melhores. Pau sabe que sobrevivemos e que estamos com você.

— Espiões — disse Ni.

— Precisamos ir para lá — falou Cassiopeia.

— Neste momento, Karl Tang está indo para o oeste — observou N calmamente.

— Ela está certa — disse Malone. — Nós temos que ir.

Ni balançou a cabeça.

— Não posso permitir isso.

Cassiopeia não queria ouvir isso.

Por que não? Aposto que o senhor sabe tudo sobre o *Ba*. Também parece saber um pouco sobre Pau Wen. Não conheço Karl Tang, mas tive experiências suficientes com ele nos últimos dias para saber que é perigoso. Não há como saber o tamanho da ameaça. A Rússia e os Estados Unidos estão tão preocupados a ponto de trabalharem juntos para acabar com eles. Entendo que o senhor tem um problema com Viktor Tomas, e não estou desculpando o que ele fez com o piloto, mas ele salvou a *sua* pele. Agora parece que o primeiro-ministro em pessoa pode estar envolvido. O senhor não nos conhece, ministro. Mas nós somos os aliados mais confiáveis que possui. Essa coisa está prestes a acabar. — Ela apontou para o mapa na tela do telefone de Malone. — Bem ali. — Checou o relógio. — São quase 11 horas.

Precisamos ir.

A expressão de Ni suavizou-se.

— Algo deve acontecer antes. Fui informado disso lá fora, mais cedo.

Malone esperou.

— Encontramos Lev Sokolov. Ele está vindo para cá.

KASHGAR
REGIÃO AUTÔNOMA DE XINJIANG
SEXTA-FEIRA, 18 DE MAIO
1H

Já era madrugada quando Tang desceu de seu jato. O voo para o oeste sobre o deserto do Taklamakan tinha sido calmo, sem turbulências. Notou que os relógios do lado de fora do aeroporto marcavam duas horas mais cedo, um desafio não oficial ao decreto de que toda a China funcionasse no horário de Pequim. O atual governo havia sido tolerante com tais deslizes. Ele não seria tão generoso. Os motins e a inquietação que permeava a parte ocidental da nação seriam reprimidos. Tendências separatistas seriam punidas. Se necessário, iria destruir todas as mesquitas e executar publicamente todos os dissidentes para mostrar que essa terra continuaria sendo da China.

Viktor saiu do avião, logo atrás dele. Falaram pouco durante o voo, ambos dormiram por algumas horas, preparando-se para o que estava por vir.

Precisava falar com seu gabinete, mas não havia conseguido entrar em contato.

Um helicóptero militar aguardava a 100 de metros de distância, suas pás já girando. O voo ao sul, para as montanhas, seria de apenas 300 quilômetros e não demoraria muito.

Ele fez um gesto e, juntos, ele e Viktor avançaram em direção ao helicóptero.

* * *

Cassiopeia ficou emocionada ao ver Lev Sokolov. Ficaram esperando por ele no aeroporto em Xi'an. Seu amigo parecia cansado e frágil, mas apesar disso, bem-humorado. Assim, que Sokolov chegou, ela, Malone Sokolov e Ni Yong embarcaram em um avião turboélice chinês confiscado da Sichuan Airlines. Com espaço para sessenta passageiros, mas com apenas quatro a bordo, puderam esticar-se e dormir, até mesmo comer alguma coisa, já que a cozinha fora abastecida antes de partirem. Antes de atravessar o deserto do Taklamakan, pararam uma vez para reabastecer.

Durante o voo, Sokolov relatou como fora capturado por Tang, a tortura que sofreu e sua prisão no laboratório. Mais cedo, os homens de Ni

invadiram as instalações, surpreenderam os guardas e libertaram-no, matando dois dos comparsas de Tang. A única preocupação de Sokolov parecia ser o filho, e ficou mais alegre quando Cassiopeia disse-lhe que talvez soubessem o paradeiro do menino.

— Por que você é tão importante para Karl Tang? — perguntou Ni.

— Eu odeio vocês, chineses — cuspiu Sokolov.

— Ele está aqui para ajudar — disse ela. — Tang tentou nos matar.

— Entendo seu ressentimento — disse Ni. — Mas eu não precisava levá-lo comigo, nem tinha de salvá-lo. Optei por fazer as duas coisas, então espero que isso sirva para deixar claro minhas intenções.

O rosto de Sokolov suavizou-se, seus olhos relaxaram. — Eu descobri que o petróleo é infinito.

* * *

Tang ouviu pelos fones de ouvido seus subordinados relatarem o que tinha acontecido em Xi'an depois que partiu, e o que ocorreu no laboratório em Lanzhou.

— Sokolov foi levado para o sul, para Xi'an — afirmou seu assessor-chefe. — O ministro Ni está indo para oeste com dois estrangeiros e Lev Sokolov.

Sabemos para onde?

— Não, senhor. Não informaram o trajeto do voo.

— Localize o avião. A Sichuan Airlines tem transponders. Quero saber quando pousarem.

Seu assessor compreendeu o pedido.

Hora de tomar algumas medidas preventivas.

— Coloque-me em contato com o Ministério da Defesa paquistanês — pediu a seu subordinado. — Agora.

Viktor estava ouvindo a conversa pelo próprio fone de ouvido.

Enquanto esperava a ligação ser feita, Tang disse:

— Ni decidiu usar Malone e Cassiopeia como aliados.

Viktor assentiu.

— Jogada inteligente. Mas Malone é um problema. Ni não sabe com quem está lidando.

Tang não estava gostando daquilo. Estava sendo forçado a tomar medidas cada vez mais ousadas. Até agora, fora capaz de operar dentro dos limites do sigilo do Partido, onde ninguém questiona nada. Mas não estava mais em Pequim.

Sentia-se vulnerável.

— Quer que eu dê um jeito em Malone e Cassiopeia? — perguntou Viktor.

— Não. Desta vez, eu mesmo vou fazer isso.

Ni escutou as palavras que Lev Sokolov dissera.

— Explique-se.

— O petróleo é infinito. Ele vem do fundo da terra e pode ser

reabastecido. Suas origens são abióticas. O petróleo biótico foi completamente consumido há muito tempo.

— É por isso que Tang queria o lampião com o petróleo? — perguntou Cassiopeia.

O russo assentiu.

— Eu preciso da amostra para o teste de comparação capaz de comprovar a teoria. Petróleo retirado de terra há muito tempo, em um local determinado.

A mente de Ni deu voltas.

— Tang sabe disso?

Sokolov assentiu.

— Por isso levou meu filho. Por isso — o homem tocou de leve sua camisa acima do abdome — me torturou.

— Você tem como provar que o petróleo é infinito? — perguntou Malone.

— Tenho. É o trabalho de toda a minha vida. Meu amigo JIN Zhao foi morto por isso.

O que explicava por que Karl Tang tinha se interessado tanto pela execução de Zhao. Ni contou a Malone e Cassiopeia sobre as acusações contra Zhao, seu julgamento e sua sentença de morte, que Tang tinha supervisionado pessoalmente.

— Ele era um homem bom — disse Sokolov. — Assassinado por vocês.

— Não por mim — esclareceu Ni.

— Todo o seu país é podre. Nada nele é bom.

— Se você se sente assim, por que imigrou? — perguntou Malone.

— Amo minha esposa.

Ni perguntou-se quantas pessoas o Partido Comunista Chinês tinham matado da mesma forma. Milhões de pessoas? Não, centenas de milhões. Sem contar as dezenas de milhões que tinham sido massacradas por nenhuma outra razão além da manutenção do poder. Os últimos dias tinham aberto seus olhos, e ele não estava gostando do que via.

— A visão que a China tem do mundo — disse Ni — sempre foi obscurecida por uma crença de superioridade. Infelizmente, esse conceito nos deixa vulneráveis. Taiwan é um exemplo. Uma ilha pequena e insignificante que, no entanto, tem dominado nossos pensamentos por décadas. Nossos líderes proclamaram que deve ser reincorporada à China. Ameaças de guerra surgiram, a tensão internacional aumentou.

— E o petróleo é o seu ponto mais fraco — disse Malone. — A China não poderia sobreviver mais do que duas semanas sem petróleo estrangeiro.

Ni assentiu.

— Isso não é segredo. Quando Deng Xiaoping nos modernizou, ficamos totalmente dependentes do petróleo, a maior parte, estrangeiro, razão pela qual a China foi forçada a se relacionar com o mundo. Precisamos de energia para produzir bens para venda, para acomodar 1,5 bilhão de pessoas.

— A menos que o petróleo retirado de solo chinês seja infinito — disse Cassiopeia.

— O petróleo chinês é abiótico — disse Sokolov. — Testei todos os poços. O resultado é consistente com a teoria.

Ni balançou a cabeça.

— Saber que não somos mais dependentes da energia importada mudaria drasticamente nossas políticas externa e interna.

Malone assentiu.

— E não para o bem.

Neste momento, precisamos negociar o petróleo. Sabendo que não precisaria mais negociar, Tang se concentraria em realizar os sonhos territoriais que a China nutre há séculos.

— Como Taiwan — disse Malone.

Ni assentiu.

— O que poderia desencadear uma guerra mundial. Os Estados Unidos não deixariam tal ação sem resposta.

— Meu filho está mesmo aonde vamos? — perguntou Sokolov.

Cassiopeia assentiu.

— Achamos que sim.

— Mas nós estamos levando em conta a credibilidade de um e-mail de Pau Wen, um mentiroso patológico — disse Malone.

Ni sentiu-se compelido a dizer para Sokolov:

— Nós vamos encontrar o seu filho. Saiba que vou fazer tudo o que for possível para localizá-lo.

— E o senhor vai matar Karl Tang? — perguntou Sokolov.

Essa era uma pergunta que Ni fazia a si mesmo repetidamente, desde que fugira da tumba de Qin Shi. Tang claramente o queria morto. Por isso fora atrás dele na tumba.

— Você precisa saber — disse Cassiopeia a Sokolov — que os russos estão envolvidos.

Apreensão encheu os olhos cansados do homem.

Ela explicou a ele como haviam entrado na China com a ajuda da Rússia.

— Achavam que eu estava morto — disse Sokolov.

— Não necessariamente — disse Malone.

— Eles me querem de volta?

Sokolov parecia compreender as implicações. Assim como Cassiopeia Vitt.

— Viktor está aqui para matá-lo, não é? — perguntou ela a Malone.

— Como eu disse. Tê-lo de volta é bom, mas abafar essa situação é melhor.

Tang passou o voo todo sentado e em silêncio. O helicóptero voava através do que ele sabia ser o ar cada vez mais rarefeito do planalto ocidental. Estavam provavelmente seguindo a autoestrada Karakoram, que ligava Kashgar ao Paquistão através de um caminho montanhoso, quase 5 mil metros acima do nível do mar. Este tinha sido o caminho usado pelas caravanas que cruzavam a Rota da Seda, patrulhada apenas por bandidos que se aproveitavam do terreno complicado para matanças e saques. Hoje, era um canto esquecido da república, reivindicado por muitos, controlado por ninguém.

Permanecera com os fones de ouvido não apenas para abafar o zunido do rotor, mas também para evitar falar com Viktor Tomas. Felizmente, o homem tinha fechado os olhos e cochilado, sem os fones de ouvido.

Por uma década, ele intencionalmente evitara o Pavilhão da Preservação da Harmonia. A penas alguns irmãos ainda viviam lá, sobretudo para perpetuar a ilusão de um mosteiro nas montanhas, uma casa de homens santos que não queriam nada além de ficar em paz.

Disse a si mesmo para ser cauteloso.

Tudo estava acontecendo por uma razão.

— Ministro — disse o piloto pelo fone.

A palavra afastou-o de seus pensamentos.

— O que foi?

— Uma ligação de seu escritório.

Ouviu um clique, e depois:

— Ministro, temos quase certeza sobre o destino de Ni Yong. Yecheng.

Também conhecido como Kargilik. Visitara o lugar uma vez, elogiando para as câmeras de televisão controladas pelo governo, sua mesquita do século XV e suas vielas com paredes de barro.

— Há um pequeno aeroporto ao sul da cidade — disse seu assessor-chefe. — O turboélice que o ministro Ni solicitou deve pousar lá. É o único local disponível na rota dele.

— Ouça-me atentamente. Isso deve ser resolvido. Vou considerá-lo pessoalmente responsável se falhar.

O silêncio confirmou que seu assessor-chefe entendia a gravidade da situação.

— Localize o comandante da polícia municipal em Yecheng. Acorde-o se for preciso. Diga-lhe que quero que os ocupantes do avião sejam presos. Um deles, um russo, Lev Sokolov, juntamente com o ministro Ni, devem se isolar dos outros e detidos até que eu dê uma segunda ordem. Envie por

e-mail ou fax uma foto de Sokolov para que sua identificação não seja um problema. O ministro Ni, eu suponho, ele reconhecerá.

Como o senhor quiser.

— Mais uma coisa. Não quero Sokolov nem Ni feridos. Se isso acontecer, avise que o policial pagará caro.

— E os outros dois?

— Não tenho nenhum dever de protegê-los. Na verdade, se desaparecerem, o comandante local poderá até ser recompensado. Malone colocou o cinto de segurança quando uma rajada de vento fez o avião chacoalhar durante a descida.

— Nós vamos evitar Kashgar — disse Ni. — Fui informado de que Tang e o primeiro-ministro voaram para lá. Este avião pode pousar mais perto de nosso destino. Existe um pequeno aeroporto, cerca de uma hora de carro de distância do nosso destino, em Yecheng.

Ni mostrou um mapa da região e explicou como o Afeganistão, o Paquistão e a Índia, três vizinhos voláteis, há muito reivindicam os montes e vales como seus. As cordilheiras do Himalaia, Karakorum, Hindu Kush e Pamir unem-se aqui, com cumes de até 7 mil metros de altura. E embora os mosteiros fossem comuns mais a leste no Tibete, eles eram relativamente raros nessa parte do oeste.

— Existe apenas um local nos arredores do que foi marcado nos mapas da seda — disse Ni. — É antigo, nas montanhas, e habitado por monges reclusos. Disseram-me que é um lugar calmo e que nunca houve qualquer relato de atividade estranha lá.

— Por que haveria? — perguntou Malone. — A última coisa que o Ba deseja é chamar a atenção.

— Chegar lá pode ser complicado. Teremos de perguntar aos moradores.

— Vamos precisar de armas — disse Cassiopeia.

— Eu trouxe suas armas e munição extra.

— Muita confiança — disse Malone.

Ni parecia captar a mensagem subjacente.

— Fiz uma ligação, antes de sairmos de Xi'an, para um amigo na embaixada americana. Ele averiguou e disse que você é um homem em quem posso confiar. Disse que, se você está aqui, deve ser por um motivo importante.

— Já ouviu falar em lorota?

Ni sorriu.

— Não, Sr. Malone, acho que o senhor e a Srta. Vitt estão mais parados do que inimigos.

Durante a última hora, havia conversado com Ni Yong sobre a China este respondendo às suas perguntas sempre de forma direta.

— Disseram-me que o senhor pode ser o próximo primeiro-ministro — dissera Malone.

— É isso que os Estados Unidos querem?

— Eu não trabalho para os Estados Unidos.

Ni riu.

— Você é um livreiro. Foi o que meu amigo na embaixada disse. Eu também amo livros. Infelizmente, a China não sente o mesmo. Sabia que nenhum livro sobre o que aconteceu na Praça da Paz Celestial é permitido na China? Todos os sites e páginas da internet que simplesmente mencionam as palavras são censurados. É como se isso nunca tivesse acontecido.

Malone viu a dor nos olhos de Ni.

— Você estava lá?

Ni assentiu.

— Eu ainda posso sentir o cheiro, o fedor das fezes de 1 milhão de pessoas. Os trabalhadores do setor de saneamento tinham tentado limpá-los nos meses anteriores, mas nunca conseguiram manter o ritmo. Quando as pessoas finalmente fugiram, apenas seus excrementos permaneceram. Um cheiro horrível. — Ni pausou. — Que a morte só piorou.

Malone tinha lido sobre o massacre. Ele vira o vídeo das colunas de tanques, descendo a rua, um jovem de camisa branca e calças pretas, sacos de compras em cada mão bloqueando o caminho. Quando os tanques desviaram em torno dele, ele pulou na frente. Será que iam atropelá-lo? Será que os soldados atirariam nele? Seu duelo continuou por alguns minutos tensos, até que foi levado embora. Contou a Ni o que se lembrava.

— Eu estava lá — disse Ni. — Assisti a esse duelo. Muitos já tinham morrido. Muitos outros ainda morreriam. O tempo todo eu pensava na rua onde tudo estava acontecendo: Chang'an, avenida da Paz Eterna. Quíronia.

Malone concordou.

— Levou dois dias para que caminhões tirassem os corpos — disse Ni, sua voz quase um sussurro. — O que o Ocidente não sabe é que o governo não permitiu que os feridos fossem tratados nos hospitais. Eram rejeitados. Quantos morreram por causa daquela crueldade, nunca saberemos.

— Parece que o senhor guardou tudo isso.

Aquilo me transformou. Para sempre.

Malone acreditava nisso. A dor que ele via nos olhos de Ni não poderia ser fingida. Será que este líder chinês era diferente?

— Quem está com o meu menino? — perguntou Sokolov.

— Algumas pessoas extremamente más — disse Ni. — Eunucos. Pense que já não existiam mais. E se você tivesse me contado isso há quatro dias, eu diria que era impossível. Agora sei o quão errado posso estar.

— Não sabemos mais nada sobre o Pavilhão da Preservação da Harmonia? — perguntou Cassiopeia.

— Fui informado — disse Ni — de que não é aberto ao público. Mas isso não é incomum. Temos milhares de lugares que são restritos. Esta região é disputada. Nós controlamos o terreno, enquanto o Paquistão e a Índia brigam por ele. Como a luta fica do lado sul das montanhas, o que geralmente acontece, não gastamos muito para defendê-lo.

A energia nos motores foi diminuindo e eles começaram a perder

altitude. Lá fora estava escuro como breu. — E o primeiro-ministro? — perguntou Malone.

Ni estava sentado em sua cadeira, olhando para a frente, aparentemente pensativo.

O avião continuou a descer.

— Ele aterrissou em Kashgar horas atrás.

Malone percebeu o ceticismo em sua voz.

— O que foi?

— Odeio ser enganado — disse Ni. — Pau e o primeiro-ministro mentiram para mim. Acho que estou sendo usado por ambos. — Não há nada de errado com isso — disse Malone. — Contanto que esteja ciente disso.

— Continuo não gostando.

Malone tinha de dizer:

— O senhor tem consciência de que Tang deve saber para onde estamos indo. Não há por que ele não saber. — Apontou para o russo. — Ele vai querer Sokolov de volta.

Este arrepiou com a perspectiva.

— Não deve haver tantas pistas de pouso nesta área — acrescentou Malone. — Tang certamente checkou.

— O que você tem em mente? — perguntou Ni. — Nós também podemos enganar um pouco.

Malone olhou para baixo, para Yecheng. A cidade ficava na margem sul do deserto do Taklamakari, com montanhas apenas ao sul. Ni tinha explicado que a cidade era o lar de cerca de 20 mil pessoas, abençoada com uma convergência de estradas e rios. Séculos atrás, este era o ponto de partida das caravanas para a Índia. Hoje era apenas como uma cidade mercantil, onde um pequeno aeroporto foi construído na década de 1970 para abastecer o comércio.

— Parece que a pista fica a alguns quilômetros da cidade — disse. Sem muitas luzes acesas, a cidade estava praticamente às escuras.

Uma estrada iluminada serpenteava um caminho pelo terreno plano até uma pequena torre, dois hangares enormes e uma pista que iluminava a noite. Ele imaginou o que os esperava no chão, mas uma prévia do que seria podia ser vista pelos faróis acelerando em sua direção.

Dois veículos.

A esta hora da noite?

— Parece que temos um comitê de boas-vindas — disse Malone.

Cassiopeia estava sentada perto de outra janela.

Eu os vi. Estão se aproximando rápido.

— O ministro Tang é previsível — disse Ni.

Sokolov permaneceu em silêncio, mas a preocupação em seu rosto era evidente.

— Fique calmo — disse Malone ao russo. — Todos sabem o que fazer.

* * *

Ni estava tenso. O desembarque havia sido tranquilo, e agora estavam taxiando em direção à torre. O asfalto era mal iluminado, mas a área em torno dos dois hangares e da torre estava bem iluminada por holofotes que lançavam uma camada de luz por todo o asfalto preto. O avião freou, os motores ainda trabalhando.

Cassiopeia abriu a porta traseira e saltou.

Ni saiu em seguida.

Andaram cerca de 50 metros, esperando os dois veículos virem até onde estavam — o primeiro era um Range Rover, o outro, uma van de cor clara, ambos com a insígnia da polícia. Ni tinha visto milhares de veículos semelhantes por toda a China, mas nunca fora o alvo de um.

Procurou acalmar-se.

Agora sabia o que os sujeitos de suas investigações sentiam. Sem tei

certeza do que ia acontecer, no limite, avaliando o que o outro lado pode ou não saber. Logo concluiu que definitivamente era melhor estar do lado de fora da gaiola, olhando para dentro.

Os dois veículos frearam bruscamente.

Do Range Rover surgiu um homem baixo e magro, com característica muito mais tibetanas do que Han. Estava vestido com um uniforme oficial verde e tragava profundamente um cigarro. O motorista permaneceu no carro. Ninguém saiu da van.

Malone havia explicado o que tinha em mente e Ni concordara — afinal, havia poucas opções.

— Ministro Ni — disse o homem. — Sou Liang, da polícia provincial. Recebemos instruções para prender o senhor e todos a bordo deste avião.

Ni assumiu uma postura ainda mais ereta.

— Quem o instruiu?

— Pequim.

— Existem 20 milhões de pessoas em Pequim. Poderia ser mais específico?

Liang pareceu não gostar da repreensão, mas rapidamente recuperou a compostura e disse:

— O gabinete do ministro Tang. As ordens foram claras.

Cassiopeia permaneceu à sua direita, observando. Estavam armados, a arma dele escondida sob o paletó, e a dela sob a camisa, nas costas.

— Sabe quem eu sou? — perguntou Ni, em mandarim, ao policial. — Estou ciente de sua posição. — O que restava do cigarro foi jogado à distância.

— E ainda assim quer me prender?

— Existe algum russo a bordo do avião? Um homem chamado Sokolov?

Ni viu que Cassiopeia compreendeu o nome, então falou em inglês:

— Quer saber se há um homem chamado Sokolov conosco.

Ela deu de ombros e balançou a cabeça.

Virou-se de frente para Liang.

— Não que saibamos.

— Devo revistar o avião. Instrua o piloto a desligar os motores.

— Como quiser.

Ni virou-se, encarou a cabine e acenou cruzando os braços no alto, enviando um aviso.

Nada aconteceu.

Virou-se para trás.

— Gostaria que os outros dois homens no avião saíssem?

— Isso seria excelente. Por favor.

Ni virou-se para Cassiopeia e disse: — Vá pegá-los.

* * *

Malone assistia ao que estava acontecendo a uns 30 metros de distância. Supôs, corretamente, que a pessoa enviada por Tang para

cumprimentá-los estaria esperando por quatro pessoas. Assim, quando apenas dois deixassem o avião, em algum momento iam querer procurar os outros dois.

E Cassiopeia estava voltando para buscá-los.

Ni esperou Cassiopeia avançar até a porta aberta da cabine e gesticular.

Dois homens saltaram, e todos foram na direção em que ele estava com o chefe de polícia.

Liang enfiou a mão no bolso e tirou uma folha dobrada.

Era isso que temia.

Liang desdobrou a página, e Ni pôde ver uma foto em preto e branco, o rosto inconfundível.

Sokolov.

— Nenhum destes homens é russo — disse Liang. — O outro homem deveria ser americano. Estes homens são chineses.

Malone podia ver que as coisas não estavam indo bem.

Após aterrissarem, enquanto estavam taxiando até o terminal, ele e Sokolov trocaram de lugar com os pilotos, que não estavam dispostos a contestar ordens de Ni Yong.

Viu Ni fazer sinal com os braços novamente, aparentemente querendo que ele desligasse os motores. Não tinham conseguido enganar a polícia.

— O que vai fazer? — perguntou Sokolov. — Não o que eles esperam.

* * *

Cassiopeia ouviu o motor do avião acelerar, as hélices girarem mais rápido, a fuselagem virar à esquerda e avançar à frente, na direção deles. O policial falou com Ni com uma voz exaltada, e ela não precisava de um intérprete para saber o que estava sendo dito.

O policial apontou e Ni casualmente virou-se assistindo enquanto o avião continuava avançando, mais rápido agora.

Quarenta metros.

Os dois pilotos entraram em pânico e correram em direção à torre. O policial os deixou ir, obviamente sabendo que não eram os homens que ele procurava.

O girar das hélices agitava o ar seco. Era uma sensação agradável. Desde o dia anterior, estava usando as mesmas roupas, que tinham sido banhadas em águas do lago chinês, em seguida, cobertas de terra de um túmulo com 2.200 anos.

O avião pegou seu caminho.

Trinta metros.

Malone estava fazendo sua entrada.

Triunfal, como de costume.

Ni ficou chocado com a manobra de Malone. O americano havia lhe dito que se o esquema não funcionasse iria protegê-los, mas não explicara como. Ni sabia pouco sobre Cotton Malone além das parcas informações que sua equipe tinha conseguido, que indicavam que ele tinha sido um agente americano altamente respeitado, capaz e inteligente.

Os motores do avião estavam a menos de 20 metros de distância.

— Diga-lhe para parar — gritou Liang sobre o rugido. — Para onde ele está indo?

Ni olhou para o policial.

— Aparentemente, para cá.

As luzes nas asas e na cauda piscavam, iluminando a noite de verde e vermelho. Ele perguntou-se até onde Malone pretendia ir, mas estava determinado a manter sua posição e ver quem se rendia primeiro: o avião ou o policial.

* * *

Malone cronometrou sua abordagem, esperando o momento certo antes de virar a roda, girar a fuselagem, usando a asa e a hélice esquerda como armas.

O policial reagiu, mergulhando no chão, assim como Ni e Cassiopeia.

Os três desapareceram debaixo do trem de pouso. Os dois pilotos haviam muito fugido. O motorista do Range Rover rolou do carro assim que a asa passou por ele, a hélice a apenas 30 centímetros de distância.

O pânico reinou, o que era exatamente a intenção.

Exceto por um problema.

Quando o motorista surgiu e jogou-se para a pista, Malone viu uma arma na mão dele.

* * *

Cassiopeia rolou, o cheiro do asfalto gelado enchia suas narinas, e o barulho da hélice era ensurdecedor. Tinha visto Ni e o policial jogarem-se no chão, bem como o motorista do Range Rover, que tinha aparecido segurando uma pistola.

Encontrou sua arma, mirou e atirou. A bala acertou a porta do carro, que o motorista usava para se proteger.

Infelizmente, ela estava exposta. Nenhum lugar para esconder-se.

* * *

Ni escutou o tiro e percebeu que ele e Cassiopeia estavam vulneráveis. Nenhuma proteção contra uma evidente retaliação. Exceto...

Ele sacou a arma e pressionou o cano contra o pescoço de Liang mantendo-o preso ao chão, com uma mão na coluna de Liang, e a outra pressionando a arma contra a nuca.

O avião completava uma volta, as hélices agora de costas, a traseira avançando para a esquerda enquanto o nariz voltava completando o giro.

— Ordene que seu homem pare de atirar imediatamente — vociferou Ni, pressionando mais a arma.

O motorista estava mirando, aparentemente sem ter certeza do que fazer. Tinham perdido o controle da situação, que era bem mais do que a equipe daquele departamento de polícia provincial estava acostumada a enfrentar.

Ordens foram bradadas.

— Deixe claro — disse Ni.

Outro comando.

Cassiopeia estava deitada no asfalto com a arma apontada para o Range Rover. Ni cruzou o olhar com o dela e balançou a cabeça. Ela parecia entender que ele estava tentando negociar uma saída.

— Diga a ele para jogar a arma fora — disse Ni.

Liang obedeceu.

O motorista parecia não querer uma briga e cedeu. Ficou de pé e afastou-se da porta com as mãos na cabeça.

* * *

Malone concluiu o arco e endireitou o nariz do avião, novamente de frente para os dois veículos. Ficou satisfeito ao ver um dos policiais no chão com a arma de Ni no pescoço e o outro com as mãos para cima. Cassiopeia levantava-se. Pelo visto, sua manobra havia funcionado.

Mas uma inquietação o invadiu.

E a van?

Tinha de haver pelo menos um motorista dentro e, mesmo assim, não reagira aos acontecimentos.

As portas traseiras da van abriram-se.

Quatro homens saltaram dela, cada um carregando um fuzil. Eles tomaram suas posições no chão, joelhos dobrados, armas apontadas — duas para o avião, uma para Ni e outra para Cassiopeia.

— Isso é um problema — murmurou.

Ele tinha arriscado, apostando que os habitantes locais poderiam ser dominados ou enganados. Pelo visto, tinha os subestimado. As hélices ainda giravam e ele poderia avançar de novo, mas isso seria insensato.

Eles simplesmente crivariam o avião de balas.

Ni manteve sua arma pressionada enquanto os reforços Assumiam posição de ataque.

— Deixe-me levantar — disse Liang, vendo que a situação tinha mudado.

Mas Ni manteve a arma.

— Não pode vencer esta batalha — disse Liang.

Não, ele não poderia.

Sem ter certeza do limite das ordens de Tang, e lembrando-se do que tinha acontecido na tumba e das ameaças posteriores, retirou sua arma e levantou-se.

Os motores do avião pararam.

Aparentemente, Malone tinha percebido a mesma coisa.

Haviam perdido.

Tang saiu do helicóptero em um gramado escuro junto à cidade de Batang. Sabia o que o rodeava. Picos imponentes, geleiras brilhantes, florestas e rios siltosos alimentados por cascatas que caíam centenas de metros em perfeitos véus d'água. Visitou o povoado muitas vezes quando era jovem, caminhando pela trilha, descendo as montanhas para colher arroz, pimentão, repolho e batata; qualquer coisa de que a fraternidade necessitasse.

O amanhecer aproximava-se, mas a luz do dia chegava lentamente às montanhas. Inspirou o ar cristalino e redescobriu a força que uma vez havia adquirido desta terra solitária. Este é um lugar sem meio-termo — noites negras, dias brilhantes —, o ar perigosamente fino, o sol quente e as sombras caindo sobre a terra como gelo negro.

A 100 metros dali, Batang dormia. Talvez 3 mil pessoas vivessem ali, e quase nada havia mudado. Edifícios caiados adornados com ocre vermelho e telhados planos. Uma cidade mercantil, cheia de peregrinos, carneiros, iaques e comerciantes. Uma das várias cidades que pontilhavam os tapetes verdes esparsos por entre os picos cinzentos, espalhados pela paisagem. As conexões culturais por aqui aconteciam muito mais para o sul e oeste do que para o leste. Realmente um mundo em si mesmo, razão pela qual o *Ba* havia muito tempo escolhera este lugar como seu lar.

Começou a caminhar sobre a terra batida, Viktor ao seu lado.

O helicóptero decolou para um céu rosado. O barulho dos motores desapareceu e o campo caiu em um silêncio profundo.

Yecheng estava a somente trinta minutos de voo ao norte.

Com sorte, tudo teria dado certo lá e o helicóptero voltaria com Ni Yong e Lev Sokolov. Ele ainda estava vestindo a mesma roupa suja. Durante o voo, forçou-se a comer um pouco da comida que ofereciam a bordo. Estava preparado. Pronto para este dia. Um dia pelo qual esperava fazer duas décadas.

— O que vai acontecer? — perguntou Viktor.

— Isso não lhe diz respeito.

Viktor parou.

— Não me diz respeito? Matei um piloto para você. Entreguei Malone Cassiopeia e Ni Yong para você. Fiz seu jogo, exatamente como pediu. E isso não me diz respeito?

Tang também parou, mas não virou. Em vez disso, focou seu olhar nas montanhas distantes, a oeste, além de Batang, e no que sabia que o esperava lá. — Não teste a minha paciência.

Ele não precisou olhar para Viktor para saber que o estrangeiro tinha uma arma. Havia permitido que continuasse com ela.

— Pretende atirar em mim? — perguntou calmamente.

— Resolveria muitos problemas, o menor deles sendo a sua ingratidão.

Tang continuou de costas para Viktor.

— E isso que os russos querem que faça? Que me mate? Eles gostariam disso?

— Você paga melhor.

É o que você sempre diz. Ele decidiu usar a diplomacia, pelo menos até que todas as ameaças fossem eliminadas. Saiba que preciso de sua ajuda. Peça apenas paciência. Tudo será explicado nas próximas horas.

- Eu deveria ter ido para Yecheng.

Viktor pedira e ele dissera que não.

— Sua presença não era necessária lá.

— Por que estou aqui?

— Porque o que eu procuro está aqui. E Tang recomeçou sua caminhada.

* * *

Malone estava sentado ao lado de Cassiopeia em um piso de tijolos imundo. Foram separados de Ni e Sokolov, todos detidos no campo de pouso, no interior do pequeno terminal, trancados em algum tipo de depósito com paredes de aço, iluminado por uma lâmpada empoeirada.

— Deu tudo errado — disse Cassiopeia.

Ele deu de ombros.

— Foi o melhor que pude fazer.

O ar fétido lembrava o cheiro de uma lixeira. Ele perguntou-se o que havia sido guardado neste lugar recentemente.

— Duvido que Sokolov esteja em perigo — disse Malone. — Pelo menos não por enquanto. Tang fez de tudo para tê-lo de volta. Ni, no entanto, é outra história. Independente do que fizerem com ele, não será nada bom.

Cassiopeia sentou-se abraçando os joelhos. Parecia cansada. Ela definitivamente estava, embora ambos tivessem cochilado durante o voo. Já estavam sentados ali havia mais de uma hora, sem ouvir um pio sequer vindo de fora.

— O que vamos fazer agora? — perguntou ela.

— Torcer para que alguma coisa saia errado. Ela sorriu.

— Você é sempre tão otimista?

— É a nossa melhor alternativa.

— Eu e você temos algumas questões a resolver. Disso ele sabia.

— Mais tarde. OK? Ela assentiu.

— Concordo. Mais tarde.

Mas o não dito ficou claro. *Contanto que exista um mais tarde.*

Um novo som rompeu o silêncio.

Motores de helicóptero.

* * *

Ni estava sentado na sala iluminada. A única janela era protegida pelo lado de fora por um dos homens com rifles automáticos. Certamente havia outro do lado de fora. Ele perguntou-se o que tinha acontecido com Malone e Cassiopeia. Ficou claro que Tang queria tanto ele quanto Sokolov vivos. Uma expressão de derrota, e não de pânico, como ele esperava, tomou conta do rosto de Sokolov.

— Por que nenhum outro levou em conta a sua descoberta? — perguntou Ni ao russo em mandarim. — Malone disse que os russos já sabem do petróleo infinito há um bom tempo.

— Não é tão fácil para eles. Quais amostras de petróleo de 2 mil anos existem no planeta? Amostras verificáveis e comparáveis a amostras modernas extraídas da mesma área? — Sokolov fez uma pausa, seu olhar caiu para o chão. — Somente um lugar no planeta tem isso. Aqui, na China. Ninguém mais era capaz de perfurar petróleo havia tanto tempo. Só os chineses. A prova está aqui e em nenhum outro lugar. — A voz estava baixa, como se Sokolov estivesse realmente arrependido de ter feito a descoberta.

— Seu filho vai ficar bem.

— Como sabe disso?

— Você é muito valioso. Tang sabe que o garoto é o único poder de barganha que tem sobre você.

— Pelo menos até que saiba o que eu sei.

— Você contou?

— Algumas coisas. Mas não tudo.

Ni lembrou-se do desgosto que o russo expressou no avião e sentiu-se obrigado a dizer:

— Não somos todos como Karl Tang.

Sokolov olhou para ele pela primeira vez.

— Não. Mas são todos chineses. Isso é ruim o suficiente.

* * *

Tang andava pela única rua de Batang, percebendo que continuava sendo um lugar de prédios sem graça e becos sem sombra, tudo coberto de poeira. Carrinhos de madeira espalhavam-se pelas laterais, e dois caminhões estavam estacionados em um ângulo torto. Duas rodas de oração rangiam e tocavam sinos. Um enorme cão disparou de um dos becos e caiu de costas quando a corda amarrada ao seu pescoço esticou-se ao máximo. O cão levantou-se e tentou de novo, aparentemente decidido a livrar-se da coleira.

Tang fitou o animal que latia.

Um gongo suspenso por vigas e tiras de couro ficava a poucos metros de distância. Em breve, anunciaria o início de outro dia. Um pequeno hotel

em meio às ruínas, com portas entreabertas e paredes cobertas por cascalho, chamava a atenção. Isso também mudara pouco.

O cão continuou a latir.

— Acorde o proprietário — ele ordenou a Viktor.

Ele sabia que aventurar-se nas montanhas à noite seria tolice. As trilhas eram frágeis e sujeitas a deslizamentos. A luz do dia, que aumentava, e a névoa baixa permitiam que visse os picos distantes.

Não demoraria muito.

* * *

Ni não sentia mais medo. O interior do túmulo de Qin Shi, no subsol de um local que ninguém sequer sabia da existência, tinha oferecido a Tang o lugar perfeito para matá-lo. Mas fazê-lo aqui, com todas estas testemunhas, parecia fora de cogitação. Nem mesmo o vice-primeiro-ministro poderia manter este segredo. Em vez disso, percebeu que seriam levados para um lugar privado, e o som dos motores aproximando-se sinalizou que ele havia chegado à conclusão certa.

Sokolov também reagiu ao barulho.

— Estamos indo para onde seu filho está — disse.

— Como sabe disso?

— Tang precisa de nós dois vivos. Eu, apenas por pouco tempo. Você, por muito mais tempo. Por isso, ele reunirá você com o menino, para abrandar a situação.

— Não está com medo?

— Estou com mais medo de falhar.

Sokolov pareceu compreender.

— E quanto a Malone e Cassiopeia?

— Creio que a situação deles é muito pior.

Malone escutou os rotores do helicóptero acelerarem e, em seguida, enfraquecerem. A aeronave ficou parada por apenas alguns minutos. Tempo suficiente para Ni e Sokolov embarcarem, pensou Malone.

— Nossa vez — disse Cassiopeia.

Os dois ainda estavam sentados no chão.

— Mas nós não vamos por ar — continuou.

— Talvez. Mas vamos aterrissar de um jeito diferente.

Eles eram estrangeiros, estavam ilegalmente no país, eram espões que ninguém reivindicaria ou se importaria. Um dos riscos ocupacionais de seu emprego antigo.

Ele não precisava dizer isso. Ela sabia. Tentariam fugir na primeira oportunidade. Uma vez que não tinham nada a perder, literalmente.

O ruído do metal indicou que a porta de aço estava sendo destrancada. Cassiopeia começou a levantar-se, mas ele colocou a mão em seu joelho e balançou a cabeça. Ela ficou no chão. A porta se abriu e o comandante da polícia que conheceram antes entrou, carregando uma pistola. Ele não parecia feliz.

— Noite difícil? — perguntou Malone.

Ele perguntou-se se o homem havia entendido. Mas ali não era Pequim ou leste da China, onde o inglês era comum. Estavam no meio do nada. O homem fez sinal para que se levantassem e saíssem. Do outro lado da porta, mais dois homens esperavam com rifles automáticos.

Malone examinou-os. Ambos eram jovens, inseguros e nervosos. Quantas vezes estiveram nessa mesma situação antes? Não muitas, concluiu.

O comandante acenou novamente.

Ele notou que a porta de aço, que abria para fora, não continha nenhuma trava, apenas uma maçaneta com um cadeado que, quando fechado, se prendia a uma base de aço, que precisava de uma chave para ser aberta.

— Acho que essas pessoas não entendem inglês — murmurou para Cassiopeia.

O líder estava impaciente com a conversa deles, mas não parecia saber o que estavam dizendo. Malone sorriu e disse com uma voz calma, nunca diminuindo seu sorriso:

— Você fede como um porco.

O comandante olhou para trás, sem reação ao insulto, fazendo apenas outro gesto com a arma para eles seguirem em frente.

Malone virou-se e disse:

— Ele não sabe inglês. Primeiro as damas. Fique pronta para entrar em ação. Ela passou pela porta.

Ele viu o chefe afastar-se para que ele pudesse sair, exatamente o que pensou que o homem faria. Dessa forma, poderia reagir se tentassem fazer alguma coisa, a distância entre eles aumentava a proteção.

Exceto por uma coisa.

Enquanto Malone saía, fechou a porta com o pé direito, prendendo o policial dentro do depósito. Ao mesmo tempo, seu cotovelo esquerdo acertou o homem mais próximo dele, fazendo o guarda cair para trás.

Cassiopeia saltou, atacando o homem perto dela com um pontapé no peito.

Os guardas tinham sido pegos de surpresa.

Malone avançou e deu um soco no rosto do homem com quem lutava. O guarda tentou retaliar e segurar o rifle ao mesmo tempo — má ideia —, e Malone não lhe deu tempo para pensar. Mais três socos de direita e o homem caiu. Malone pegou a arma dele, e também uma pistola de um coldre em sua cintura. Virou-se para ver Cassiopeia, que estava tendo um pouco de dificuldade:

— Acelera — disse ele.

Os dois socos lançados pelo outro homem não acertaram o alvo, pois ela esquivou-se. O guarda já tinha perdido a arma, que estava no chão. Cassiopeia atacou, mas o golpe apenas resvalou na garganta do seu oponente. Ela, então, girou e saltou, jogando sua perna direita em um arco, acertando com toda força o peito dele. A outra perna esmagou-o contra a parede, e ela terminou acertando dois golpes na garganta, fazendo o guarda escorregar para o chão.

— Você demorou — disse.

— Você poderia ter ajudado.

— Como se precisasse.

Ela roubou a pistola do homem e recuperou o rifle. O comandante não era mais uma ameaça, trancado dentro de uma sala com paredes de aço, batia na porta e gritava algo em chinês.

— Havia mais dois antes — disse ela —, com rifles. E outros dois motoristas.

Ele já tinha feito as contas.

— Acho melhor tomarmos cuidado.

Ele abaixou-se próximo a uma das janelas e olhou para fora. Viu o Range Rover estacionado a 50 metros de distância. A van não estava à vista.

Isso deixou-o preocupado.

— Tomara que as chaves estejam dentro do carro — disse ele.

Eles encontraram a porta e abriram-na cuidadosamente. A noite ainda dominava o tranquilo campo de pouso.

— Eles iam nos levar para algum lugar para nos matar ou iam nos matar aqui mesmo — disse ele. — De qualquer forma, precisariam daquela van.

Ele viu que ela estava pensando a mesma coisa.

— Não faz sentido ficar esperando.

Ela avançou, seu rifle na frente.

Ele a seguiu.

Aproximadamente 50 metros separava-os do Range Rover. Seu olhar examinava a escuridão. Focos de luz das janelas do último andar iluminavam o trajeto. Estavam a meio caminho do objetivo quando o rugido de um motor quebrou o silêncio e a van passou por um dos hangares, indo na direção deles.

Ele viu um braço estendido do lado do carona segurando uma pistola.

Cassiopeia não hesitou, pulverizando o para-brisa com o rifle automático. As balas fizeram a arma na janela desaparecer e a van rodou para a direita, ficando sobre duas rodas, por fazer a curva tão fechada, e começou a girar fora de controle, deslizando de lado e batendo em um dos hangares.

Eles correram para o Range Rover e pularam para dentro, Malone a volante. Chaves penduradas na ignição.

— Finalmente alguma coisa deu certo.

Ele ligou o motor e fugiram da área cercada.

— Só tem uma coisa... — disse Cassiopeia.

Ele estava esperando ela mencionar.

— Como vamos chegar lá? Não podemos simplesmente parar e pedir orientações.

— Não é um problema.

Ele enfiou a mão no bolso de trás e mostrou um papel dobrado. — Guardei o mapa que Ni usou no avião. Achei que poderíamos precisar dele

BATANG

7H

Tang estava junto à janela, protegendo os olhos dos raios dourados do sol que banhavam os picos do leste. Segurava uma xícara de chá preto doce perfumado com cardamomo. Quase esperava ouvir o lamento romântico de uma concha, seu tom crescente como o de uma sirene ecoando pelos penhascos. Todos os dias ao amanhecer, um irmão costumava tocar o sino dos muros do mosteiro.

Olhou para a rua.

Batang estava ganhando vida, um pingo de pessoas lentamente se tornando um córrego. A maioria usava longas vestes de lã com cintos vermelhos de tecido, capuzes alaranjados e golas altas, que ofereciam proteção contra o vento que soprava sobre a construção, fazendo balançar as paredes de madeira. Tang sabia que o clima ali era inconstante, particularmente nessa época do ano. Apesar da grande altitude, o vento de fim de primavera seria quente, aquecido pelos raios ultravioleta que a fina atmosfera mal conseguia conter.

Viktor estava comendo no andar de baixo. Há duas horas havia recebido, via celular, a notícia de que Ni e Sokolov tinham deixado Yecheng, presos. Ordenara que o helicóptero entregasse os prisioneiros e, em seguida, viesse buscá-lo às 7h30. Também ficou satisfeito ao saber que Malone e Cassiopeia tinham sido capturados e presumiu que já estivessem mortos.

Tudo estava se encaixando.

Respirou o ar quente, impregnado com o cheiro de lamparinas a óleo. Do outro lado das janelas, ouvia-se o ensurdecedor tinir dos sinos.

A porta abriu-se.

Virou-se e disse a Viktor:

— É hora de ir embora. O helicóptero retornará em breve.

Na cama estava o equipamento que Viktor tinha trazido antes. Corda mochila, lanterna, faca e um casaco de lã.

— A caminhada até o Pavilhão da Preservação é de um pouco mais de uma hora — disse Tang. — A trilha começa a oeste da cidade e segue montanha acima. O pavilhão fica do outro lado da serra, logo após uma ponte suspensa. Budas esculpidos na rocha após a ponte marcam o caminho. Não é difícil de encontrar.

— O que aconteceu em Yecheng?

— Não importa.

Aparentemente, Viktor Tomas ainda estava preocupado com Cassiopeia Vitt. Estranho. Para ele, as mulheres não passavam de uma distração. Homens como Viktor deveriam pensar o mesmo.

Estranho ele pensar diferente.

Viktor recolheu seu equipamento, vestindo uma jaqueta de couro.

— Siga a trilha — disse Tang. — Certifique-se de que ninguém daqui siga. Chegue ao Pavilhão sem ser notado e entre com cautela. Receba informações de que há poucos homens lá, então conseguirá entrar facilmente. Os portões principais são deixados abertos.

— Vou lhe dar cobertura — disse Viktor. — Mas, ministro, o senho tem um problema mais imediato.

Tang não gostou das palavras, nem do tom.

— Por que diz isso?

— Porque Malone e Cassiopeia Vitt acabaram de chegar na cidade.

* * *

Cassiopeia ficou admirada com Batang. Muros de adobe branco desenhos da lua e do sol em vermelho acima das portas, lenha e tijolos de esterco empilhados sobre os telhados. Tudo típico para aquela área. Uma mistura de mongóis, chineses, árabes, tibetanos que, ao contrário das populações de seus respectivos países, aprenderam a conviver. Tinham dirigido por quase duas horas por uma paisagem desértica, com nada além de rochas, em uma estrada de terreno irregular.

— Meu estômago ainda está se recuperando daquela ração — disse Malone ao sair do Rover.

Durante a viagem encontraram alguma comida no carro, barras duras feitas de migalhas de biscoito e leite em pó misturado com o que ela achava ser banha. Tinha gosto de papelão doce. Seu estômago doía por causa daquilo e do sacolejar do carro. Estranho ficar enjoada — um dos pontos fracos que não gostava de deixar transparecer ou discutir —, mas o chão firme era melhor.

— Ni falou que o mosteiro fica a oeste da cidade — disse ela. — Teremos de pedir informações.

Rostos encobertos observavam Cassiopeia e Malone. Ao olhar para cima, ela viu dois corvos sobrevoando o céu da manhã. O ar estava definitivamente rarefeito e, para compensar, percebeu que respirava mais rápido, mas disse a si mesma para parar, pois aquilo não resolveria o problema.

— Perguntar não me parece uma boa ideia — disse Malone parado perto do capô.

Ela concordou.

Acho que eles não estão acostumados a receber muitos estrangeiros por aqui.

* * *

Tang ficou longe da janela encardida, que estava com o batente solto.

— Parece que estava certo sobre Malone — disse ele a Viktor. — É um homem para ser respeitado.

— Ela também.

Virou-se para olhar Viktor.

— Como você não para de me lembrar.

Para sua frustração, a fixação de Viktor por essa estrangeira parecia não ter fim.

— Vou sair. Mantenha-os ocupados até que eu esteja longe da cidade.

— E o que devo fazer depois?

— Certifique-se de que sigam para as montanhas. Há soldados lá que podemos usar.

— E esses soldados vão me pegar também?

— Acho difícil. Já que você sabe que eles existem.

Mas Tang perguntou-se se Viktor acreditou nele. Difícil descobrir qualquer coisa sobre este homem reservado. Sempre parecia estar acontecendo algo mais dentro dele. Como agora. Entrou na sala sabendo que Malone e Cassiopeia estavam ali, mas segurou a informação até estar pronto para revelá-la.

Felizmente, ao cair da noite, se livraria deste homem. Junto com todos os outros.

* * *

Malone e Cassiopeia ouviram o som ao mesmo tempo. A batida rítmica dos rotores. Baixa, constante, hipnótica, como a batida de um coração.

— É um helicóptero — disse ele.

— Está se aproximando.

Ele apertou os olhos para o céu brilhante e viu a aeronave, vindo do norte, a quilômetros de distância. O helicóptero passou pelos cumes, seguindo para um prado de edelvais próximo à periferia da cidade. Sua cor verde com a estrela vermelha estampada na lateral deixou claro de onde vinha.

Exército de Libertação Popular.

— É para Tang — disse uma voz.

Malone virou-se.

Viktor estava a 10 metros deles.

* * *

Tang fugiu do hotel por uma porta nos fundos. O proprietário tinha sido muito acolhedor, e as poucas centenas de iuanes que Viktor lhe deu evitaram qualquer questionamento. Passou por uma marcenaria, um torneador de madeira, um chaveiro e uma alfaiataria, seguindo uma viela aos fundos que levava direto a um campo ao norte dos limites da cidade. Ao

fim da rua, podia ver o colorido das edelvais. Ouviu o helicóptero aproximar-se.

O fato de Malone e Cassiopeia ainda estarem vivos era um problema. Foram incógnitas desde o início, algo usado em seu benefício, mas agora estavam chegando muito perto. E o tempo estava se esgotando.

Pegou o telefone e ligou para o escritório, grato pelo fato de os satélites não serem afetados pelo terreno montanhoso. Seu assessor-chefe atendeu imediatamente.

- Diga a nossos amigos em Islamabad que quero que façam o que pedi.
- Eles estão esperando notícias.
- Certifique-se de que eles compreendam que o sucesso é só o que importa. Nada menos. Deixe claro que não vou esquecer esse favor.
- Ainda será apenas um alvo?
- Não. Três. E quero todos eliminados.

Malone examinou Viktor. Um rolo de corda sobre um ombro, a alça de uma mochila no outro, uma jaqueta grossa com zíper na frente.

— Para onde está indo? Como se eu precisasse perguntar.

— O que está fazendo aqui?

Cassiopeia deu um passo à frente.

— Tang está com Ni e Sokolov.

— Ele já sabe disso — disse Malone. — Você é um cara ocupado. Primeiro, sequestrou Cassiopeia, torturou-a e a deixou escapar, depois permitiu que voássemos direto para uma emboscada chinesa. Aí, desapareceu e permitiu que quase nos matassem outras duas vezes. Agora está aqui.

— Você ainda está vivo, não é? Salvei sua pele naquela tumba.

Não. Você salvou Ni. Faz parte da sua missão.

— Você não sabe nada sobre a minha missão.

Malone viu o helicóptero levantando voo no céu da manhã.

— Tang está indo embora?

— Eu tenho que ir — disse Viktor.

— Nós também — disse Cassiopeia.

— Os russos querem ter certeza de que Ni Yong será o próximo primeiro-ministro deste lugar abandonado por Deus — disse Malone. — E querem Sokolov de volta.

— Caia na real, Malone. Você acha que eles são os únicos que querem isso? Por que acha que Stephanie Nelle estava em Copenhague? Esto trabalhando para ela. Ela sabia que eu tinha sequestrado Cassiopeia. Ela permitiu. Queria que você se envolvesse. Não sou o manipulador aqui, sou apenas mais um peão no tabuleiro. Assim como vocês.

A notícia o acertou em cheio. Stephanie o havia enganado. *Mas acredite em mim, já fiz as minhas apostas. Não estou contando 100 por cento com Ivan.*

Agora entendia o que ela queria dizer com isso.

— Estou apenas fazendo o meu trabalho — disse Viktor. — Faça o seu ou saia do meu caminho.

Malone agarrou o braço de Viktor.

— Você arriscou a vida de Cassiopeia por esse jogo.

— Não, na verdade, Stephanie fez isso. Mas, por sorte, você estava por perto para salvar o dia.

Ele empurrou Viktor.

A corda enrolada em seu ombro caiu, no momento que o outro braço de Viktor livrou-se da mochila.

Mas Viktor não revidou.

— Você gostou de matar aquele o piloto? — perguntou Malone. — Explodi-lo no ar. Aquilo era parte da sua missão também?

Viktor ficou em silêncio.

— Você é um assassino — disse Malone. — Você matou o piloto só para nos envolver. Para provar que estava do nosso lado. Depois, assim que chegamos ao túmulo, lá estava você, tentando nos matar novamente. Uma daquelas lanternas que nos procurava através daquela fumaça era sua. Os olhos de Viktor ardiam de raiva.

— Gostou de torturar Cassiopeia? Provocando-me com aquilo. Foi você quem derramou a água?

Viktor jogou-se para cima de Malone e os dois caíram sobre o capô do Range Rover. A rua ao redor deles esvaziou enquanto rolavam na terra. Malone conseguiu soltar-se e ficar de pé em um salto, mas Viktor foi mais rápido, já de pé, deu-lhe um chute no estômago.

Ele ficou sem ar.

Recuperou-se e girou, acertando Viktor no peito com um soco. Sofria com o ar rarefeito, ofegando profundamente, o esforço sobrecarregava seus pulmões, o mundo girava. A falta de oxigênio, junto com o chute de Viktor, desorientou-o mais do que esperava.

Recuperou-se, concentrou-se e avançou.

Viktor manteve sua posição, mas Malone estava pronto, esquivando-se de um golpe, depois de outro, acertando com o punho direito a barriga de Viktor. Acertou mais dois golpes. Suas mãos estavam pesadas, mas ele não desistiu. Com um direto no queixo, Viktor oscilou, seus joelhos dobraram, e então caiu. Malone esperou para ver se Viktor levantaria, o que não aconteceu.

Inspirou profundamente. A altitude não ajudava. Virou-se com a intenção de voltar para onde Cassiopeia estava.

E não viu o que o atingiu, mas era sólido e o acertou bem no meio das costas. A dor fez com que se curvasse, caindo de joelhos. Outro golpe em seu ombro jogou-o para a frente. Caiu no chão e rolou, Viktor por cima, agarrando sua jaqueta com as mãos, puxando-o.

* * *

— Parem! — gritou Cassiopeia.

Assistira a Viktor pegar uma pá, que estava apoiada ao lado da porta de uma loja, e atingir Malone pelas costas. Seguido de outro golpe. Agora Viktor estava montado sobre Malone, que estava claramente tonto, pronto para bater a cabeça do rival no chão.

— Solte-o — disse ela, encarando os olhos furiosos de Viktor.

Ele respirava rápido e com dificuldade.

— Solte-o! — repetiu, com a voz mais baixa.

— Avisei que na próxima vez seria diferente — murmurou Viktor, soltando Malone e saindo de cima dele.

Os espectadores se dispersaram. A luta acabou. Nenhum policial à vista. Ela duvidava de que a cidade tivesse algum. Viktor pegou sua mochila, pendurou-a no ombro e recolocou o rolo de corda sobre o braço esquerdo.

Malone apalpava sua coluna, ainda no chão.

Tang deu ordens para matarem vocês — disse Viktor. — Os paquistaneses. A fronteira é lá em cima na rota para o mosteiro. Os soldados estão esperando.

— Sabe que provavelmente mandou matarem você também — disse ela.

— Essa ideia me ocorreu. É por isso que vou primeiro. Prefiro que não me sigam. Mas não vão me ouvir, não é?

— Vai precisar de ajuda.

— Malone estava certo. Eu arrisquei sua vida muitas vezes.

— E também me salvou.

— Não vou fazer isso de novo.

— Arriscar? Ou salvar?

— Nenhum dos dois, e já que sei que não vão ficar aqui, a trilha a oeste da cidade leva a uma ponte suspensa. Depois dela, algumas esculturas apontam o caminho para o Pavilhão. Espere por uma hora. Isso deve me dar tempo para fazer algo que ajude. Talvez possa despistá-los. — Viktor apontou para Malone. — Ele não estará pronto para se mover antes disso de qualquer forma.

Ele começou a andar.

Cassiopeia agarrou seu braço e sentiu Viktor estremecer. O que va fazer?

— Por que se importa?

— Por que não me importaria?

Ele fez um gesto com a cabeça na direção de Malone.

— Por que não me disse na Bélgica que estava trabalhando para Stephanie?

— Não é assim que faço as coisas.

— E me torturar é?

— Não pense que gostei daquilo. Não tive escolha. Ela viu a dor em seus olhos e quis saber:

— Você é leal a alguma coisa?

— A mim mesmo.

Mas ele não conseguia enganá-la.

— Há muito mais em você do que quer que saibam. Ele gesticulou novamente.

— Assim como ele. Então ela entendeu.

— Você queria uma briga, não é?

— Eu tinha que protelar sua partida. Diga-lhe que lamento o golpe baixo, mas foi a única maneira que encontrei de atrasá-los.

— Está aqui para matar Tang?

— Muita gente ficaria satisfeita com isso. Tive a chance de acabar com

ele pouco tempo atrás.

— Por que não o matou?

— Cedo demais. Preciso saber o que há lá em cima, nas montanhas. N
está lá em cima. Tenho que tirá-lo de lá.

— O que vai fazer com Sokolov? Ele não respondeu.

— Vai matá-lo? Mais silêncio.

— Fale! — disse Cassiopeia, erguendo a voz.

— Simplesmente terá que confiar em mim.

— Eu confio.

— Então ficaremos bem.

E ele partiu.

Ni estava admirado com sua prisão o quarto era espetacular. Colunas de mármore brotavam em direção ao teto decorado, dragões em baixo-relevo contorciam-se de ponta a ponta. Afrescos nas paredes retratavam a jornada de um imperador, uma delas mostrava-o deixando seu palácio, o desdobramento da procissão pelas montanhas por mais duas paredes e terminava na quarta, em um conjunto de edifícios coloridos de roxo, cinza e tons de ocre, crescendo no topo da montanha.

Aqui. Neste exato lugar.

Como representado pelo artista, e como Ni pôde ver ao chegar de helicóptero, havia geleiras aninhadas sobre um vale árido.

Ele e Sokolov foram trazidos diretamente de Yecheng. Foram bem tratados, acompanhados em uma pista de pouso, do lado de fora dos muros, por dois homens mais jovens que usavam vestes de lã, e tinham os cabelos enroscados no alto da cabeça, preso com borlas vermelhas e faixas de tecido vermelho envolvendo suas cinturas.

A lamparina de manteiga do tamanho de uma pia feita de cobre batido queimava em um canto, perfumando o quarto. As janelas estavam abertas, o ar frio invadia o ambiente, suavizando a influência hipnótica da chama. Ocasionalmente, era possível ouvir o berro distante de um iaque. Percebeu que não havia chance de escapar, pois as janelas abriam para um pátio interno.

Sokolov estava sentado em uma das várias cadeiras laqueadas, o mobiliário com detalhes e design requintados. Tapetes caros amaciavam o piso de mármore. Aparentemente, o *Ba* acreditava em viver confortavelmente.

A porta abriu-se.

Virou-se e viu Pau Wen.

— Disseram que você tinha voltado à China — disse Ni ao homem mais velho.

Pau usava um manto amarelo-dourado. Escolha interessante de cor, já que Ni sabia que ela simbolizava o trono. Outros dois homens mais jovens permaneciam atrás de Pau, ambos carregando arco e flecha, em posição de ataque.

— O ministro Tang está a caminho — disse Pau.

— Para mim? — perguntou Sokolov.

Pau assentiu.

— Sua descoberta revolucionária é vital para os planos dele.

— Como você sabe da minha descoberta?

— Karl Tang é um irmão do Ba.

Lembrou-se da conversa telefônica e da separação que ocorreu entre Pau e Tang.

— Você mente bem.

Pau parecia absorver o insulto.

— Faço parte da fraternidade quase toda minha vida adulta. Fu submetido à faca aos 28 anos. Cheguei a Hegemon aos 40 anos. Nunca duvide, porém, que eu amo a China. Sua cultura. Seu patrimônio. Tenho feito tudo o que posso para preservá-la. — Você é um eunuco, tão ardiloso quanto todos os outros que vieram antes.

— Mas muitos de nós realizaram grandes feitos, cumpriram seus deveres com habilidade e honra. Na verdade, ministro, a história mostra que havia muito mais eunucos desse tipo do que do outro.

— E qual deles é você? — perguntou Ni.

— Não sou um monstro — disse Pau. — Voltei para casa voluntariamente.

Ni não ficou impressionado.

— E por que fez isso?

— Para ver quem irá liderar a China.

— Parece que isso já está decidido.

— Seu cinismo é autodestrutivo. Tentei alertá-lo sobre isso na Bélgica.

— Onde está meu filho? — perguntou Sokolov. — Disseram que ele estava aqui.

Pau fez um sinal e os dois irmãos de pé atrás dele saíram. Outro irmão avançou segurando a mão de um garotinho, talvez com 4 ou 5 anos, os mesmos cabelos e rosto de Sokolov. O garoto viu o pai e correu para ele abraçaram-se e Sokolov começou a balbuciar palavras em russo. Ambos choravam.

— Está vendo? — perguntou Pau. — Ele está bem. Esteve aqui o tempo todo, foi muito bem cuidado.

Sokolov não prestou atenção, sufocando o menino com beijos. Ni, solteiro, só podia imaginar a agonia que o pai havia sofrido.

— Tive muito trabalho para atrair todos para cá — disse Pau.

Nisso ele acreditava.

— E o que isso vai decidir?

— O destino da China, como aconteceu muitas vezes ao longo dos séculos. E o que faz a nossa cultura tão especial. É o que nos diferencia de todos os outros. Nenhum imperador governou apenas por sua linhagem sanguínea. Na verdade, a responsabilidade do imperador era dar exemplo de moralidade para seu governo e seu povo. Se ele se tornava corrupto, ou era incompetente, a rebelião era considerada um recurso legítimo. Sempre foi assim. Qualquer camponês que conseguisse reunir um exército poderia estabelecer uma nova dinastia. E isso aconteceu muitas vezes. Se o governo levasse à prosperidade, então consideravam que tinha recebido o "mandato do Céu". Seus herdeiros homens deveriam sucedê-lo, mas, também, poderia ser deposto se fosse julgado incapaz. O mandato do Céu não só deve ser

mantido, mas deve ser conquistado.

— E o Partido Comunista conquistou seu mandato?

— Dificilmente. Eles o fabricaram. Mas essa ilusão tornou-se óbvia demais. Esqueceram tanto de suas raízes legalistas quanto de sua moral confuciana. O povo os julgou impróprios para governar há muito tempo.

— E agora você reuniu um exército para derrubá-los?

— Eu não, ministro.

Ouviu um helicóptero aproximando-se do lado de fora. — É Tang — disse Pau. — Finalmente chegou.

* * *

Malone estava recostado no pneu do range rover, esfregando suas costas. Lembrava-se claramente do que tinha acontecido no ano anterior na Ásia Central, quando ele e Viktor brigaram pela primeira vez, e o que Stephanie dissera.

Viktor, se você se cansar de trabalhar por conta própria e quiser um emprego, me avise.

Aparentemente, Viktor tinha levado a oferta a sério.

Ressentia o fato de Stephanie não ter lhe contado, mas gostava do fato de que, certamente, Ivan não sabia que Viktor estava trabalhando para todos os lados.

Bem feito para o desgraçado presunçoso.

A rua tinha voltado ao normal, os moradores haviam retomado suas rotinas.

— Isso doeu — murmurou. — Há quanto tempo ele foi embora?

Cassiopeia ajoelhou-se ao lado dele.

— Há quase uma hora.

Malone tinha se recuperado da tontura e, apesar de suas costas estarem doloridas, ele estava bem.

Ficou agachado.

— Ele disse para esperarmos uma hora antes de o seguirmos.

Malone a encarou.

— Disse mais alguma coisa?

— Pediu desculpas pelo golpe baixo.

Malone continuava encarando-a.

— E disse para confiarmos nele.

— Mas é claro.

— Acho que está tentando ajudar.

— Cassiopeia, não sei o que aquele homem está tentando fazer. Sabemos que os russos querem Sokolov de volta, mas você tem de entender que, se for necessário, vão matá-lo para mantê-lo fora das garras dos chineses ou dos americanos.

— Se Stephanie estiver puxando a coleira de Viktor, não vai querer Sokolov morto.

— Não a subestime. Ela quer que ele viva, mas não quer que os

chineses fiquem com ele.

— Você se deu conta de que Stephanie provavelmente sabia que eu estava sendo torturada — disse ela. — Viktor estava do lado dela.

— Não, ela não sabia. Ela me disse que só soube que Viktor sequestrou você depois que ele entrou em contato comigo. Eu contei a ela sobre a tortura.

Pôde ver a frustração nos olhos de Cassiopeia. Sentia-se assim também.

Cassiopeia contou sobre os paquistaneses que Tang tinha envolvido na situação, estavam esperando por eles nas montanhas. Forçou-se a ficar de pé.

Vou arriscar. — Olhou ao redor. — Precisamos encontrar o caminho.

— Isso não é um problema.

— Deixe-me adivinhar. Viktor lhe disse isso também.

Tang entrou no pátio principal. As folhas perenes plantadas durante a dinastia Ming cresciam nas brechas do pavimento. Portões gigantes, que para ele só poderiam ser movidos por gigantes, estavam abertos, suas portas esculpidas com imagens neolíticas que retratavam aventuras e força. As lajotas nas quais pisava haviam sido colocadas séculos antes, muitas gravadas com poemas, que davam nome à estrutura de vidro no centro do pátio — *Huan yong ting*, Pavilhão Rodeado por Música. A água fluía em um curso cuidadosamente mapeado por uma corrente artificial e estendia-se por várias pontes arredondadas de madeira.

Acima de cada um dos altos edifícios ao redor desse lugar, os beirais estendiam suas abas. Nas pontas, finos pilares de madeira polida com camadas de tinta vermelha e verniz brilhavam como vidro. Há séculos, os irmãos residiam ali, divididos por uma hierarquia definida por idade e status. Um lugar que antes desconhecia a eletricidade, muito mais adequado para aves do que para pessoas, tinha sido transformado em um santuário pelo *Ba*.

O helicóptero fora embora.

Apenas seus passos, o gotejar da água e um ruído metálico das chaminés perturbavam a quietude.

Dois irmãos aguardavam no final do pátio, no topo de uma escada levemente inclinada, ambos usavam vestes de lã com uma faixa vermelha. Seus cabelos eram raspados na frente, mas trançados nas costas. Olhos negros como azeitonas mal piscavam. Ele caminhou em direção a uma varanda sustentada por outros pilares pintados de vermelho-sangue e decorados em prata e ouro. Subiu quase todo o caminho, parando na base do terceiro degrau. Atrás dos irmãos, havia portas duplas abertas, com dois enormes dentes de elefante em ambos os lados.

Pau Wen apareceu pelo portal.

Finalmente, estavam frente a frente. Depois de tantos anos.

Pau desceu os degraus.

Tang esperou, então, curvou-se em reverência.

— Tudo correu de acordo com seu plano.

— Você fez bem. O fim agora se aproxima.

Gostava dessa sensação de orgulho. Entregou a Pau o relógio encontrado na câmara da biblioteca imperial.

Achei que gostaria de ter isso de volta.

Pau aceitou o presente com uma saudação.

— Meus agradecimentos.

— Onde está Ni Yong?
— Aguardando. Lá dentro.
— Então vamos terminar essa história e começar um novo dia para a China.

* * *

— Está muito quieto por aqui — disse Malone. A trilha deles tinha sido até agora, calma.

Uma vastidão de picos irregulares e cobertos de neve cercavam-no. O que tinha lido certa vez? Uma terra de lobos pretos e papoulas azuis, cabritos-monteses e leopardos da neve. *Onde as fadas se encontravam*, lembrou-se do comentário de um velho observador. Possivelmente a inspiração por trás de *Shangri-La* de James Hilton.

Nenhum sinal de Viktor ainda, nem dos soldados.

Nenhum outro som além do barulho de seus pés na trilha rochosa.

Ao longe havia colinas cobertas de verde com riscos vermelhos. Rebanhos de gado e barracas nômades com bandeiras amarelas marcavam as encostas. No fundo de um dos desfiladeiros, Malone viu a carcaça em decomposição de um burro que caíra para encontrar a morte.

Ele notou uma movimentação pelo canto do olho, à frente e acima deles.

Continuou andando, como se não tivesse percebido e sussurrou para Cassiopeia:

— Você...

— Eu vi — murmurou ela.

Quatro homens.

A trilha à frente levava a um trecho arborizado. Cassiopeia foi na frente.

— Prepare-se para correr — sussurrou; sua mão buscando a arma na jaqueta.

Ele ouviu o estampido de uma arma, em seguida, uma bala passou zunindo.

* * *

Tang entrou na sala e fitou Ni Yong. Pau Wen já havia tirado Sokolov e o menino de lá. Com um pouco de sorte, um reencontro entre pai e filho acalmaria o russo e garantiria sua cooperação. — Nossa luta chegou ao fim — disse Tang a Ni.

E como a minha morte será explicada?

— Um trágico acidente de helicóptero. Você estava na província de Xingjian investigando outros casos de corrupção. Não é isso o que faz?

— Minha equipe sabe para onde eu estava indo e por quê.

— Sua equipe terá de colaborar ou será silenciada.

— E a polícia em Yecheng? Os dois pilotos no avião que recrutei em

Xi'an? Eles sabem demais.

Ele deu de ombros.

— Todos podem ser facilmente eliminados. Acha que sou burro? Eu sabia que você estava monitorando minhas ligações. Usamos isso como forma de enviar mensagens. Gostou da discussão entre mim e Pau? Ni deu de ombros.

— Uma façanha pouco dramática para dois mentirosos tão bem-sucedidos.

— Eu me mantive informado de tudo que você fazia. Por isso soube que estava indo para a Bélgica.

— E o atentado contra mim?

— Foi verdadeiro. Esperava que fosse resolver o problema. Mas você ao que parece, conseguiu evitar o homem que enviei.

— Na verdade, Pau Wen salvou minha vida.

Ele ouviu aquilo mesmo? Pau? Viktor fora incapaz de descobrir o que acontecera na residência de Pau, já que estava na Antuérpia, lidando com Cassiopeia Vitt. Nenhum dos homens dera qualquer informação, e Pau como sempre, não o havia informado de nada. Ele teria de falar com seu mestre sobre o assunto. Por enquanto, deixou claro:

— O Hegemon não tem medo de derramar sangue. Se interveio, teve um bom motivo.

— Falou como um autêntico legalista. Parabéns pela sua vitória, ministro. A história vai descrever você como o homem que finalmente destruiu a China.

* * *

Malone mergulhou no solo pedregoso e procurou um abrigo nas esparsas árvores. Cassiopeia Vitt fez o mesmo e eles rastejaram pelo cascalho afiado, encontrando uma pedra grande o suficiente para proteger os dois.

— Isso está ficando sério — disse Cassiopeia.

— Você acha mesmo?

Eles não são chineses — disse ela. — Consegui dar uma olhada. Certamente paquistaneses. Parece que eles sabem para onde vamos.

— Também pensei nisso. — Então, acrescentou: — Eu avisei que ele não era confiável.

Ela o ignorou.

— Temos de seguir por ali. — Ele apontou para trás deles. — E esses soldados estão próximos o suficiente para nos machucar. — Temos de acreditar que ele vai conseguir resolver isso — disse ela finalmente.

— A escolha é sua, não minha. Vá na frente. Eu dou cobertura.

Ele pegou a pistola chinesa de dupla ação.

Cassiopeia preparou-se também.

Ela disparou na direção de uma fila de árvores.

* * *

Ni encarou Karl Tang.

Embora Tang tivesse tentado disfarçar, Ni pôde ver sua surpresa quando lhe contou que Pau Wen havia sido responsável por deter os atiradores. Será que havia mais por trás da discussão deles do que pura encenação?

— Guiamos você como um urso na coleira — disse Tang. — Você ouviu nossas ligações, e nós passamos exatamente as informações que queríamos que soubesse. Você viajou para a Bélgica, em seguida, para Xi'an e finalmente, para cá. Sempre ao nosso convite.

— Esse *nosso* inclui o primeiro-ministro?

— Ele não tem nenhuma importância. É um homem velho que logo morrerá.

Essa perspectiva o entristecia. Ele admirava o primeiro-ministro, um moderado que tinha se esforçado para temperar o fanatismo comunista. Nenhum escândalo jamais o havia tocado.

— Pau Wen é nosso mestre — disse Tang. — Todos os irmãos, inclusive eu, prometemos nossa fidelidade a ele. Acharmos que uma guerra aparente entre mim e Pau levaria você a uma falsa sensação de segurança. Tenho de admitir que isso deveria ter acontecido de forma diferente. Você deveria ter morrido na Bélgica.

— E Pau nunca mencionou que matou os quatro homens?

O rosto de Tang estava impassível.

— Qualquer coisa que tenha feito, era o correto a se fazer. — Certamente, Cassiopeia Vitt e Cotton Malone não faziam parte do seu plano.

Ele deu de ombros.

— O mestre precisava dela e de Malone para retornar à China.

Um estalido ao longe ecoou do outro lado das janelas.

Em seguida, mais barulho.

— Tiros — disse Tang. — Para seus aliados.

— Cassiopeia e Malone? — Ele manteve o tom de voz casual, embora estivesse profundamente preocupado.

— Eles escaparam de Yecheng, mas agora vão morrer aqui, nas montanhas, assim como você.

Cassiopeia esperou Malone alcançá-la. Ele tinha lhe dado cobertura com alguns tiros na direção certa.

Ele alcançou-a e os dois continuaram correndo, usando mais árvores para se proteger. Tiros agudos de rifle os acompanharam, e balas zuniam em volta deles. Ficaram sem proteção quando a trilha se afastou das árvores. A sua direita, viu desfiladeiros encobertos pelas sombras. Seguiram paralelamente à trilha, dando cada passo cuidadosamente. O sol brilhava forte do outro lado, obscurecido pela sombra negra da montanha. Trinta metros abaixo, água corria e tremia, cinzenta de areia, lançando espuma ao ar. Eles subiram a íngreme ladeira, passando por pedras soltas dos desabamentos das geleiras. Ela viu a ponte que Viktor tinha mencionado.

Cordas foram amarradas em vigas, ancoradas por montes de pedra, de ambos os lados do desfiladeiro. Os montes não eram lá essas coisas, apenas pedras, umas sobre as outras, com mato entre elas como se fosse argamassa. Uma passarela de tábuas com 30 metros pendia sobre o rio.

Tiros intermitentes ecoaram à distância.

Ela olhou para trás. Nenhum soldado.

Mais tiros ecoaram.

— Talvez ele os esteja distraindo.

Ele não comentou, embora ela pudesse perceber seu ceticismo.

Ele enfiou a arma no bolso.

Ela fez o mesmo, depois colocou o pé na ponte.

* * *

Ni escutou mais tiros à distância.

— Você terá um grandioso funeral de Estado — disse Tang. — Será um espetáculo e tanto. Você, afinal, é um homem respeitado.

— Depois o que vai fazer?

— Assumir o controle do governo. O primeiro-ministro não vai durar muito mais neste mundo, por isso certamente, de forma gradual, passará o controle para o seu vice-primeiro-ministro.

Nesse momento nosso retorno à glória começará.

— E o petróleo infinito ajudará nessa jornada?

Tang sorriu.

— Então Sokolov lhe contou. Ótimo. Você precisa saber o que perdeu. E sim, a perspectiva de não termos mais que nos prostituir para a Rússia, para o Oriente Médio e a África... e temer o que a América poderia fazer... só

para garantir que nossas fábricas continuem a produzir, vale todo o esforço.

— Então, tentar pegar aquele lampião na Bélgica era parte do grande espetáculo que vocês armaram?

— Não se engane, o lampião era importante. Mas também serviu como a isca perfeita para atraí-lo até lá. E você deveria ter morrido.

— Em vez disso, outros quatro homens morreram.

Tang deu de ombros.

— Como disse, Pau os matou.

— Mas você deu as ordens para o assassinato do piloto. Tang ficou calado.

— Você não tem noção de quais são os problemas da China. — Sim, eu tenho. Esta nação precisa de uma mão firme. Ni balançou a cabeça.

— Você é um lunático. Seu destino parecia selado.

E o som de mais tiros nas montanhas anunciou que Malone e Cassiopeia estavam igualmente em apuros.

* * *

Cassiopeia sentiu as tábuas vibrarem por causa da agitação das águas abaixo. Malone fora na frente, dizendo que se a ponte aguentasse o peso dele, certamente aguentaria o dela. O peso extra interrompeu a oscilação, diminuindo o balanço enervante. Eles agora estavam suspensos no ar, no meio da travessia, sem nenhuma cobertura, movendo-se das sombras para a luz do sol. Ela conseguia ver outra trilha de cascalho do outro lado que seguia entre as árvores. Uma estátua de aproximadamente 5 metros de altura, esculpida na rocha depois da trilha: uma imagem budista mostrou-lhe que estavam no lugar certo.

— Esta ponte já teve dias melhores — disse ela, enquanto Malone virou em sua direção.

— Espero que ainda tenha mais um dia.

Ela agarrou as cordas trançadas que sustentavam a ponte no ar, formando uma grade improvisada. Nenhum sinal dos perseguidores. Um novo som, porém, ecoou mais alto do que a correnteza. Tons graves e profundos. Distante, porém cada vez mais alto.

Ela viu uma sombra em uma pedra, talvez a 2 quilômetros de distância, onde o desfiladeiro que atravessavam encontrava outro perpendicular. A sombra distante ficou maior e assumiu a forma distinta de um helicóptero.

E não era um transporte. Era uma aeronave de ataque, equipada com canhões e mísseis.

— Eles não mandaram isso para nos ajudar — disse ela.

Então, ela soube. Os soldados tinham-nos conduzido a este local. C o piloto começou a atirar.

* * *

Tang ouviu os tiros rápidos de canhão e sabia o que estava

acontecendo. Os paquistaneses estavam usando um dos helicópteros. Ele havia avisado que uma invasão aérea nas montanhas não seria vista de forma negativa, pelo menos dessa vez. Pelo contrário, queria o trabalho bem-feito e pensou que a ponte poderia ser o local perfeito. Tinha esperanças de que Viktor se unira a Malone e Cassiopeia, e que os três estivessem atravessando a ponte naquele momento. Se não, os soldados poderiam tomar conta disso.

— Serei o próximo primeiro-ministro desta nação — disse a Ni. — A China vai retomar seu lugar superior no mundo. Também retomaremos Taiwan, as terras do sul, a Mongólia e até mesmo a Coréia. Estaremos completos novamente.

— Foi esse tipo de estupidez que nos trouxe onde estamos agora. — E você é o líder brilhante capaz de nos salvar? Você nem conseguiu ver que estava sendo manipulado. Você é ingênuo demais.

— E o mundo todo vai simplesmente assistir e permitir que você faça o que quiser?

— Essa é a parte mais importante. Saber que o petróleo é infinito é uma grande vantagem. Mantendo tal informação segura e usando-a sabiamente, podemos orquestrar a queda de mais de uma potência estrangeira. O mundo luta pelo petróleo como crianças por doces. Eles lutam entre si, física e economicamente, para satisfazerem suas necessidades. Tudo o que temos a fazer é direcionar a luta. — Ni balançou a cabeça. — Os exércitos mundiais não serão um problema para a China. Veja bem, ministro, uma única informação pode ser mais poderosa do que centenas de armas nucleares.

Tang virou-se para a porta.

— Agora, antes de deixar este mundo, o mestre achou que gostaria de ver uma coisa. Na verdade, ele acredita que nós dois acharemos interessante, uma vez que é algo que também não vi. — Perfeitamente. Vejamos o que o Hegemon quer nos mostrar.

* * *

Cassiopeia mergulhou de barriga sobre as tábuas da ponte, olhando para Malone enquanto uma sucessão de tiros era lançada na direção deles. O helicóptero aproximou-se, suas lâminas cortando o ar límpido. Salvas de tiros vieram na direção da ponte, atingindo madeira e corda com uma fúria selvagem.

Ódio encheu os olhos dela, que pegou a arma, ajoelhou-se e atirou na capota do helicóptero. Mas a maldita aeronave era sem dúvida blindada e movia-se a mais de 270 quilômetros por hora.

— Abaix-se — gritou ele.

Outro tiro de canhão aniquilou o trecho da ponte entre eles. Em um momento a construção de madeira e corda existia, no seguinte, era uma nuvem de poeira. Ela percebeu que a ponte estava prestes a desabar.

Ele ficou de pé.

Não havia como Malone chegar até ela, então ele correu os últimos 6

metros à sua frente, segurando-se nas cordas enquanto a ponte desabava debaixo de seus pés.

O helicóptero voou direto para o outro lado do desfiladeiro.

Ela segurou-se às cordas também e, conforme a ponte dividia-se, cada metade pendendo em um lado do penhasco, ela agarrou-se e voou no ar.

Seu corpo bateu na rocha, ricocheteou, depois parou.

Ela segurou firme e arriscou olhar para o outro lado. Devagar, Malone puxou-se para cima, escalando os metros que faltavam até o topo.

O barulho da correnteza e do helicóptero enchia os ouvidos.

Olhou novamente para o outro lado do desfiladeiro e Malone já estava no topo, de pé, olhando para ela. Ela agarrava-se com as mãos na outra metade da ponte, enquanto balançava contra o desfiladeiro. As pedras soltas impediam-na de apoiar-se.

O helicóptero fez uma manobra dentro do desfiladeiro, arqueando para cima, e começou a vir na direção deles de novo. — Você consegue escalar? — gritou ele, mais alto do que os outros barulhos.

Ela balançou a cabeça.

— Tente — berrou ele.

Ela virou o pescoço na direção dele.

— Saia daqui.

— Não sem você.

O helicóptero estava a mais ou menos 1 quilômetro de distância.

O canhão começaria a disparar a qualquer momento.

— Suba — gritou ele.

Ela tentou escalar, mas o outro punhado de corda que ela agarrou cedeu.

Cassiopeia caiu.

Dentro da correnteza.

Ni seguiu Tang pelo complexo de edificações. Galerias em vermelho e amarelo ligavam as inúmeras alas. Pilares excessivamente adornados, sua decoração dourada desgastada pelo tempo, erguiam os tetos a grandes alturas. Queimadores de incenso e braseiros aqueciam os salões. Finalmente, eles entraram em uma cavernosa câmara de três patamares.

— Este é o Pavilhão da Preservação da Harmonia — disse Tang. — O lugar mais sagrado para o *Ba*.

Era diferente das outras construções, ainda mais elaborada, com arcos alternando-se entre vermelho e amarelo pelos três níveis. Uma floresta de pilares contornava seu perímetro em três lados, com graciosos arcos no centro. Um arsenal de espadas, facas, escudos, arcos e flechas decorava todo o andar ao longo das paredes, e meia dúzia de braseiros de cobre brilhavam com carvão incandescente.

A luz do sol penetrava pelas janelas nas galerias superiores. No outro extremo, em um terraço elevado, a parede, que atingia cerca de 30 metros, exibia centenas de estantes diagonais lotadas de pergaminhos.

Lanternas prateadas pontilhavam as três paredes restantes entre os andares, mas mantinham-se apagadas. A luz vinha de lanternas elétricas penduradas no teto.

Nessas prateleiras acumula-se todo nosso conhecimento, escrito em seda, preservado para a consulta do Hegemon — disse Tang. — Não são traduções nem cópias, e sim as palavras originais.

— Aparentemente, o *Ba* é bem amparado financeiramente — disse ele.

— Apesar de sermos de origem antiga, somos de reencarnação recente. Os eunucos da época do último imperador, no início do século XX asseguraram-se de que não nos faltariam recursos. Mas ao tentou apaziguá-los, mas muitos trouxeram suas riquezas para cá.

— Mao odiava os eunucos.

— É verdade, mas eles o odiavam ainda mais.

— É uma pena que eu não vá viver para vê-lo fracassar.

— Eu não pretendo fracassar.

— Nenhum fanático pretende.

Tang aproximou-se.

— Você perdeu a batalha, ministro. Isso é o que a história registrará. Assim como o Bando dos Quatro perdeu a batalha deles.

Vários deles também perderam suas vidas tentando.

Atrás de Tang, mais ao fundo, uma parte da enorme parede encontrava-se aberta, e o painel mostrava-se cuidadosamente escondido

entre as prateleiras.

Pau Wen surgiu pela porta que o painel revelou.

— Ministros — chamou Pau. — Por favor, venham aqui.

Percebendo que Tang não gostou da interrupção, Ni decidiu cutucá-la sua ferida.

— Seu mestre chama.

Tang olhou-o com certa fúria.

— Isso é exatamente o que está errado na China. Ela esqueceu-se do medo e do respeito. Pretendo reintegrar ambos à nação. — Você pode encontrar alguma dificuldade em manter 1,5 bilhão de pessoas com medo.

— Já foi feito antes. Pode ser feito novamente.

— Qin Shi? Nosso glorioso Primeiro Imperador? Ele mal governou durante 12 anos, e seu império se desintegrou com sua morte. — Ele fez uma pausa. — Graças às conspirações dos eunucos.

Tang pareceu não se incomodar.

— Eu não cometerei os mesmos erros.

Eles caminharam em silêncio por todo o longo salão, que devia ter uns 50 metros de comprimento e metade disso de largura.

Passos curtos conduziram-nos até um piso elevado.

Eu não tinha conhecimento de que existia uma porta na parede — disse Tang.

Ni percebeu o tom de irritação em suas palavras.

— Só o Hegemon e um grupo selecionado de poucos irmãos sabem desta câmara — disse Pau. — Você não era um deles, mas pensei que agora seria um bom momento para mostrar-lhes o bem mais precioso de Ba.

* * *

Malone fitou a água, que corria entre as rochas enquanto descia das montanhas.

Ele esperou que ela viesse à tona.

Mas isso não aconteceu.

Permaneceu fitando a corredeira cinzenta e ruidosa que carregava lodo, pedras e espuma em uma formidável corrente.

Queria ir atrás dela, mas sabia que não era possível.

Ele também não sobreviveria à queda.

Permaneceu parado, olhando, incrédulo.

Depois de tudo o que tinham passado nos últimos três dias.

Ela estava morta.

No lado oposto do desfiladeiro um movimento chamou sua atenção. Viktor surgiu das rochas e aproximou-se da beira do penhasco.

A raiva de Malone transformou-se em fúria.

— Seu desgraçado miserável — gritou ele. — Você armou para nós. Você a matou.

Viktor não respondeu. Em vez disso, içou o que sobrou da ponte, amarrando a corda que tinha trazido à ponta despedaçada da ponte.

— Vai — gritou Viktor. — Suba. Eu vou atrás dela.

Sem chance, pensou.

Ele pegou sua arma.

Viktor arremessou a ponte de volta sobre a margem. A corda atingiu a água, e sua extremidade afundou no rio agitado. Seu inimigo fitou-o, como se dissesse: *você vai atirar em mim ou deixar que eu tente encontrá-la?*

O helicóptero sobrevoava o entorno para mais um rasante.

Malone ergueu a arma e a apontou.

Disparos ecoaram pelo desfiladeiro. Uma chuva mortal de tiros de alto calibre pingava pelas pedras a poucos metros de distância. Uma tempestade cada vez maior aproximava-se. Ele mergulhou para proteger-se enquanto o helicóptero passava voando baixo.

Suba — gritou Viktor. — Ni e Sokolov precisam de você.

E Viktor começou a descer.

O que ele não daria para ter a própria corda. Ele queria matar Viktor Tomas, mas o desgraçado estava certo.

Ni Yong e Sokolov.

Precisava encontrá-los.

* * *

Tang entrou na câmara sem janelas, seu espaço dividido em quatro cômodos. Pau Wen passou primeiro, seguido por Ni Yong. Dois irmãos ficaram esperando do lado de fora, cada um empunhando uma besta.

Luzes suaves iluminavam paredes vermelho-rosadas, o teto coberto de um azul-escuro pontilhado por estrelas douradas. A câmara central concentrava-se em torno de um pedestal de bronze sobre o qual jazia um traje fúnebre de jade.

Ele estava atordoado com a visão, e agora entendia por que o túmulo do Primeiro Imperador havia sido revelado.

— Eu resgatei Qin Shi — disse Pau. — Infelizmente, o altar de jade sobre o qual ele repousava era muito grande para transportar. Evidentemente fora construído dentro do túmulo. Mas estes eu consigo trazer — disse Pau apontando para o artefato. — As máscaras da cabeça e do rosto, a jaqueta, as bainhas, as luvas, as calças e os revestimentos de pé foram feitos sob medida para o usuário. O que significa que Qin Shi não tinha mais que 1,75m de altura, e era bastante magro. Tão diferente da imagem de um homem alto e corpulento que a história criou. — Pau hesitou, como se quisesse tornar suas palavras penetrantes. — Duas mil e sete peças de jade, costuradas com fio de ouro.

— Você contou? — perguntou Ni.

— Esta é a mais importante descoberta arqueológica de toda a história chinesa. O corpo do nosso Primeiro Imperador, envolto em jade. Isso merece um estudo cuidadoso. Estimamos que tenha sido utilizado cerca de 1 quilo de fio de ouro para atar as pedras. Os artesãos devem ter levado uma década para produzi-lo.

Tang quis saber:

— Você saqueou o lugar inteiro?

— Cada objeto. Tudo repousa aqui, em segurança, dentro de um palácio subterrâneo improvisado. Não se compara a um palácio subterrâneo tradicional, mas é o suficiente.

Nas três câmaras restantes transbordavam objetos fúnebres. Esculturas em bronze, vasos de cobre, madeira laqueada e utensílios de bambu. Objetos de ouro, prata e jade. Instrumentos musicais, cerâmica e porcelana. Espadas, lanças e flechas.

— Dois mil, cento e sessenta e cinco itens — disse Pau. — Inclusive o ossos dos construtores e das concubinas. Fiz um registro fotográfico completo da tumba. A localização exata de tudo está precisamente documentada.

— Que generoso da sua parte — disse Ni. — Tenho certeza de que um dia os historiadores apreciarão sua diligência.

— O sarcasmo faz você se sentir superior?

— Como eu deveria estar? Impressionado? Você é um ladrão mentiroso, como eu disse da vez que nos conhecemos. Além de ser um assassino.

— Você tem ideia do que Mao teria feito com isso? — perguntou Pau apontando para o traje de jade. — E os incompetentes que governaram depois dele? Nada disso teria sobrevivido.

— O exército de terracota sobreviveu — disse Ni.

— Sim, verdade. Mas por quanto tempo? O lugar está se deteriorando a cada dia. E o que está sendo feito? Nada. Os comunistas não se importam nada com nosso passado.

— E você se importa?

— Ministro, meus métodos podem ter sido pouco convencionais, mas os resultados são claros.

Ni aproximou-se do pedestal.

Tang manteve-se recuado, atraído pela imagem surreal — como um robô repousado ali, duro, inflexível. Mas ele estava ficando impaciente. Queria saber por que Pau tinha matado quatro homens na Bélgica e permitido que Ni sobrevivesse. Por que o mestre teria mentido para ele sobre os lampiões a óleo no túmulo de Qin Shi?

— Você abriu o traje? — perguntou Ni.

Pau Wen balançou a cabeça.

— Isso não me parece certo. Qin merece nosso respeito, mesmo após a morte.

— Quantas centenas de milhares morreram para que ele pudesse governar? — perguntou Ni.

— Isso era necessário em seu tempo — disse Pau.

— E ainda é. — Tang sentiu-se compelido a acrescentar.

— Não — disse Ni. — O medo e a opressão não são mais mecanismo viáveis. Certamente, progredimos para além deste paradigma. Dois terços do mundo praticam a democracia e, ainda assim, não conseguimos abraçar nem algumas poucas de suas qualidades?

— Não enquanto eu estiver no comando — declarou Tang. Ni balançou a cabeça.

— Você chegará à conclusão, assim como nossos antepassados comunistas aprenderam, de que a força é apenas uma solução de curto prazo. Para que um governo sobreviva, ele deve ter o apoio espontâneo do povo. — O rosto de Ni contraiu-se. — Algum de vocês já visitou a Ouvidoria Pública em Pequim?

— Nunca — disse Tang.

— Todos os dias centenas de pessoas de todo o país estão lá, esperando na fila, para registrar reclamações. Quase todos eles são vítimas. Seus filhos foram espancados por um funcionário local. Suas terras foram tomadas por um empreiteiro com a ajuda do governo local. Suas crianças foram roubadas.

Ni hesitou, e Tang sabia que ele queria que aquelas acusações ficassem no ar.

— Eles têm raiva das autoridades locais e estão convencidos de que se ao menos alguém na capital ouvisse seus casos, então suas injustiças seriam solucionadas. Você e eu sabemos que, infelizmente, eles estão enganados. Nada será feito. Mas aquelas pessoas entendem os fundamentos da democracia. Eles querem poder lidar com o governo deles diretamente. Quanto tempo você acha que podemos continuar a ignorá-los?

Tang sabia a resposta.

— Para sempre.

Cassiopeia atingiu a água com força e foi arrastada pelo fluxo violento da correnteza, seu corpo revirou-se como se estivesse dentro de um tornado. A água estava fria, mas este era o menor de seus problemas. Respirar era sua principal preocupação, e ela com um impulso conseguiu chegar até a superfície, valendo-se de um breve momento para inspirar antes que a água a arrebatasse novamente.

Tinha de parar de mover-se adiante. Poderia acabar sendo projetada sobre as rochas, quebrando algum osso, esmagando o crânio, ou até morrendo. Seus ouvidos só captavam um grave estrondo e o redemoinho de 1 trilhão de bolhas. Ainda não tinha tocado o fundo.

Conseguiu tomar algum fôlego e viu o que estava por vir.

Rochas. Das grandes. Suas superfícies molhadas e escorregadia surgindo das ondas.

Ela teria de arriscar.

Em uma luta frenética, deu fortes braçadas na água, na tentativa de orientar o próprio curso. Seu corpo foi arremessado sem piedade, considerando que a água era indiferente a tudo, menos à gravidade. Uma nuvem de espuma marrom batia em seu rosto. Manteve os braços estica dos, direcionando-se, tateando, até que suas mãos tocaram algo rígido.

Mas ela não se esquivou.

Em vez disso, segurou firme.

Sua cabeça emergiu à superfície.

A água trovejava colidindo com seus ombros, mas pelo menos não estava mais sendo arrastada. Respirou profundamente algumas vezes, desembalçou seus olhos e, por fim, percebeu que estava congelando.

* * *

Malone seguiu uma trilha marcada por pagodes e muros de orações. Uma súbita brisa trouxe o sopro frio das geleiras vizinhas. O vento forte e a tensão devastadora faziam com que tremesse, os punhos cerrados, os olhos umedecidos de emoção.

Quantos amigos ele ainda teria de perder?

Coelhos cinzentos cruzavam pelo caminho, e então se escondiam entre fendas. Ele ainda podia ouvir os estouros da queda-d'água atrás dele. O helicóptero tinha ido embora. Viktor provavelmente estava no fundo do desfiladeiro, fazendo o que achava que podia.

Filho da puta maldito.

Não sentia tanta raiva desde que Gary morrera no ano anterior. Mataria o sequestrador de seu filho sem o menor remorso. E faria o mesmo com Viktor.

Neste momento, era preciso ter foco. Proteger Sokolov era a chave. Ajudar Ni Yong, decisivo. Obviamente, Stephanie considerava ambos os objetivos importantes. Por que mais ela teria usado tanto ele quanto Cassiopeia, e recrutado a ajuda de Viktor? Em Copenhague, ele questionar por que Stephanie não havia se preocupado mais com a drástica situação de Cassiopeia. E como ela sabia tanto sobre petróleo abióticos e bióticos.

Agora ele sabia.

Ela tinha Viktor em cena, supostamente para protegê-la.

Mas foi o que ele realmente fez?

Stephanie também enfrentaria algumas consequências quando isso estivesse acabado.

Ele avistou um altar de pedra, iluminado por duas lanternas e aproximou-se com cautela. O caminho adiante virava à direita, e um grande muro bloqueava o acesso ao que o sobrevinha. Uma luz destacava-se na alta pedra cinzenta, tremeluzindo e faiscando. Ele vivia com medo de emoções, negando sua existência, enterrando-as sob uma avalanche de responsabilidades. Na verdade, porém, ele era totalmente dependente delas — um fato que nunca tinha percebido até que fosse tarde demais.

Sentiria mais saudades de Cassiopeia Vitt do que poderia imaginar.

Ele a amava — sim, ele amava —, mas nunca tinha conseguido pronunciar as palavras.

Por que não?

Um gongo soou, distante.

Os sons profundos foram sumindo, e um absoluto, vazio e reverberante silêncio engoliu-o.

* * *

Ni estava decidido a não demonstrar fraqueza. Enfrentaria esses fanáticos até o fim.

— Os soviéticos alegaram — disse ele — que poderiam forçar o povo a servi-los. Mesmo o senhor, Pau, na Bélgica, apontou este erro.

— Os soviéticos, de fato, cometeram muitos deslizes. Devemos evitá-los repeti-los.

— Mas eu não permitirei que a China perca seu rumo — declarou Tang. — O Ocidente tenta impor seus valores e suas ideologias por aqui todos os dias, acreditando que podemos ser desestabilizados por alguma campanha de marketing. Pela democracia.

— Você não tem ideia dos perigos que enfrentamos — disse Ni. — Esta não é mais a China dos dias de Qin Shi.

— Nós ainda somos chineses — disse Tang. — Derrubar nosso governo, seja por influência externa ou interna, será muito mais difícil do que o que aconteceu com a União Soviética.

Ni observou ambos, Tang e Pau Wen. Homens tão desonestos não eram diferentes dos déspotas que os precederam. A China, de fato, parecia fadada a repetir um erro após o outro.

Ele afastou-se do pedestal e olhou para as outras três câmaras, não tão grandes quanto suas equivalentes subterrâneas em Xi'an, mas espaçosas, cada uma repleta de bens sepulcrais.

Pau aproximou-se.

— Alguns dos vasos de bronze contêm líquidos. Quebrei a tampa de um e deleitei-me com um aroma ambrosíaco. A análise do líquido acusou álcool, açúcar, gordura: um rum amanteigado de mais de 2 mil anos.

Em qualquer outra circunstância, ele ficaria impressionado, mas, no momento, tentava descobrir como poderia evitar morrer num acidente de helicóptero.

— Aqueles lampiões de bronze — disse Tang. — Ali. São os mesmos?

Ni já havia notado. Dispostos ao longo das paredes em pedestais, prateleiras e no chão. Uma cabeça de dragão no corpo de um tigre, com as asas de uma fênix. Talvez uma centena delas. Assim como aquela que ele recuperara do museu.

— São iguais àquele da Antuérpia — disse Pau. — Cada um está abastecido com petróleo extraído do solo de Gansu há mais de dois milênios. Eu mantive um, como uma lembrança, e o levei comigo para a Bélgica.

— Eu preciso daquela amostra de petróleo — disse Tang.

— Receio que a tumba do imperador não seja mais pura — disse

Ni.

Malone e Cassiopeia haviam relatado a ele o que aconteceu depois da fuga. Embaixo do fogo e da fumaça. Contou a Pau.

— Por sorte — disse Pau —, o dano foi mínimo. O óleo mineral que deixei para proteger o mercúrio não teria causado nenhum dano. O mercúrio, entretanto, é outra questão. Seus vapores vão demandar tempo até que se dissipem.

— Não importa — disse Tang.

— Diferente de você — disse Ni a Pau —, ele parece se importar pouco com o passado.

— Uma falha que será sanada. Discutiremos o assunto.

— Há muitas coisas que precisamos discutir. — Tang deixou claro.

— Coisas que você parece ter deixado de mencionar.

Pau virou-se para Tang.

— Como meu motivo para matar os homens que você enviou à minha casa?

— Essa é uma delas.

— Nós conversaremos. Mas saiba que não presto explicações a ninguém. — Tang claramente não apreciou a repreensão.

— Isso também faz parte do show? — perguntou Ni. — Você está brigando?

— Não, ministro — disse Pau. — Este impasse é real.

As mãos de Cassiopeia estavam enfraquecendo, a corrente gélida produzia dores cortantes em suas articulações. Pela terceira vez em dois dias a morte parecia próxima. Duvidava de que sobreviveria ao trajeto rio abaixo e, com certeza, haveria uma queda-d'água para os vales mais baixos em algum ponto. Uma nuvem de espuma marrom encobriu sua face e ela fechou os olhos.

Alguma coisa firme segurou seu braço direito, vinha de cima, puxando-a com força da pedra que se agarrava.

Ela abriu os olhos e viu Viktor olhando para ela. Ele estava se equilibrando no topo de uma pedra, a mão direita cerrada em seu braço. Ela estendeu a mão esquerda e seu corpo girou enquanto era içado da água.

Ele salvou sua vida.

De novo.

— Pensei que você não ia mais fazer isso — disse ela, recuperando o fôlego.

— Era isso ou ser baleado por Malone.

Seu corpo foi tomado por um tremor, que ela não conseguia controlar. Viktor ajoelhou-se perto, ambos em cima das pedras, e tirou seu casaco. Ele passou a lã grossa em torno de seu peito e abraçou-a.

Ela não resistiu.

Não conseguia.

Os tremores tornaram-se incontrolláveis.

Seus dentes batiam e ela lutava para acalmar-se.

Viktor continuou a abraçá-la forte.

— Eu tentei distrair os soldados até que você e Malone tivessem atravessado a ponte, mas não sabia sobre o helicóptero. Ele veio rapidamente, parecendo saber que vocês teriam de atravessar a ponte. Tang planejou bem.

— Onde está Malone? — ela conseguiu perguntar, esperando que o fogo da artilharia não o tivesse atingido.

— Eu disse que ele deveria ir. Isso foi depois que ele decidiu não atirar em mim. O helicóptero queria me acertar também, mas não conseguia atirar aqui embaixo. Por isso, foram embora.

Ela olhou em seus olhos e viu preocupação e raiva.

— Como você me achou?

— Quando vi você se segurando, aquilo me deu tempo suficiente. Eu realmente esperava encontrar alguns ossos quebrados.

— Você e eu.

Ela foi firmando-se, os tremores passando. Ao olhar para trás viu o risco que ele correu, passo a passo, tateando entre as pedras salientes. Um desliz e teria sido arrastado pela correnteza.

— Obrigada, Viktor.

— Eu não podia deixá-la se afogar.

Ela libertou-se de seus braços e levantou-se, mas manteve o casaco

fechado. Água escorria de suas roupas. Suas mãos estavam azuis de frio. A esta hora da manhã, a luz do sol não conseguia encontrar seu caminho para baixo sem esbarrar nas paredes perpendiculares que se erguiam acima dela. Mas ela sabia que havia calor mais acima.

— Temos de chegar lá.

Ele apontou para a margem oposta.

— Há uma trilha que leva de volta para cima. Malone deve estar no mosteiro a esta altura.

— Você e ele podem fazer as pazes, quando isso acabar.

— Duvido que isso aconteça.

— Ele pode ser razoável.

— Não quando se trata de você — disse ele.

— E quanto a você?

Ele apontou o caminho mais seguro para a margem por entre as pedras.

— São uns bons vinte minutos até o topo. Precisamos nos apressar.

Ela agarrou o braço dele.

— Eu fiz uma pergunta.

— Malone estava de volta ao jogo — disse ele. — Eu assassinei aquele piloto por nenhuma outra razão a não ser ganhar sua confiança. — Fez uma pausa. — Como Malone sempre diz, sou apenas um informante. Outro jeito de dizer um *ninguém*. Quanto a mim, você perguntou? Quem se importa.

— Stephanie. Ela o mandou pegar Sokolov.

— E Ivan me enviou para matar Tang. No entanto, aqui estou eu salvando sua vida. Novamente.

Ela não sabia o que dizer, então desistiu. E ele saltou para a rocha seguinte.

Malone aproximou-se do mosteiro com cuidado. Contornou a curva no caminho e imediatamente analisou a grande coluna de paredes com ameias, tudo em vermelho purpúreo, que formava uma sólida muralha, a balaustrada interrompida apenas por um único portão.

Parou na entrada, ladrilhada com um amarelo dourado. Acima das maciças portas laqueadas vermelhas, estava pendurado um quadro com símbolos.



Eram os mesmos que ele vira no mapa de seda da residência de Pau Wen e no mapa que o primeiro-ministro chinês exibia. Afang. O nome do palácio de Qin Shi. E também o símbolo do Pavilhão da Preservação da Harmonia.

Os portões estavam abertos, parecendo convidá-lo a entrar. Então seguiu por uma estrada pavimentada com pedras, de largura equivalente a seis pessoas. Três portões mais elaborados abriam caminho para um pátio cercado por edifícios de vários andares e entradas amparadas por colunas. Árvores ornamentais, arbustos, flores e o filete d'água através do riacho artificial criavam uma sensação de paz.

Mas ele percebeu que este lugar era qualquer coisa, menos pacífico.

A estátua de uma divindade com múltiplos braços e diversos rostos seguiu-se diante dele. Na outra extremidade, até três varandas estreitas, sobre um pórtico, um grupo de portas deixadas abertas, guardadas por presas de marfim, o espaço ao lado de fora era bem iluminado. E ele ainda não tinha visto ninguém.

Manteve a arma ao seu lado, dedo no gatilho, lutando contra os fortes batimentos cardíacos e uma sensação de que ia desfalecer devido ao ar rarefeito. Então ouviu um som. Uma risada.

Uma criança.

Falando em russo.

Ele examinou o pátio e identificou de onde vinha. À sua direita, um andar acima, de uma janela aberta. Sokolov e seu filho?

Precisava descobrir.

* * *

Cassiopeia subiu pela trilha, ziguezagueando para cima, na direção de onde ela e Malone teriam chegado se sua travessia do rio não tivesse sido interrompida. Árvores serviram como apoio, suas raízes trançadas agarrando-se à terra com rígidos tentáculos.

O esforço fez seu corpo recuperar-se. Viktor foi na frente mas, vez ou outra, virava, olhando para ela. Ele a segurara com força no rio. Força demais. Ela percebera seus sentimentos, sabia que se importava, mas, assim como ela mesma e Malone, ele guardava muito mais em seu interior do que jamais expressava. O assassinato daquele piloto chinês parecia perturbá-lo. Incomum. Homens como Viktor raramente analisavam suas ações ou sentiam remorso. Um trabalho era um trabalho, e qualquer ética era deixada de lado. Pelo menos era assim que Viktor normalmente tratava as coisas. Acreditava no que ele dissera sobre Sokolov. Stephanie queria o russo vivo. Ivan, porém, era outra questão. Ele queria que Sokolov fosse silenciado.

Suas roupas molhadas, manchadas de marrom da água enlameada, pesavam, a poeira da trilha aderida a ela como que por magnetismo. Ela havia perdido a arma durante a queda e já tinha percebido que Viktor carregava apenas uma faca. Logo eles, desarmados, enfrentariam Deus-sabe-o-quê.

Chegaram ao topo da trilha e passaram por esculturas de pedra e um altar. Ao contornar uma curva, avistaram a magnitude purpúrea do mosteiro, erguido bem no alto, com vista para um anfiteatro natural de penhascos e vales. E ouviram um gongo.

* * *

Ni aproximou-se de uma exposição de espadas de bronze. As lâminas de corte reto brilhavam sob as luzes incandescentes, suas arestas e pontas afiadas.

Faça alguma coisa.

Mesmo que seja errado.

Wen voltou-se para Tang, e Ni aproveitou o momento para empunhar uma das armas, envolvendo imediatamente seu braço em torno de Wen, levando a lâmina à garganta do velho senhor, face plana na pele — por enquanto.

— Isto rasgará sua garganta facilmente — disse ele no ouvido de Pau.

Tang reagiu à ameaça convocando os homens que se mantinham do lado de fora. Dois irmãos adentraram rapidamente e apontaram suas bestas.

— Diga a eles que larguem seus arcos e saiam — ordenou Ni a Pau. — Não vai precisar de muito para que eu faça você sangrar até a morte.

Pau permaneceu imóvel.

— Diga a eles — falou de novo e, para enfatizar, girou a espada 90 graus, trazendo a borda afiada para o contato com a pele.

— Façam como ele diz — ordenou Pau.

Ambos os irmãos depuseram as armas e recuaram.

* * *

Malone entrou em um dos edifícios que ladeavam o pátio e subiu um andar pela escadaria. No topo, avançou por um largo corredor em direção a uma interseção. Cuidadosamente, espreitou ao redor da esquina e viu um homem mais jovem, em uma manta de lã, montando guarda em frente a uma porta fechada. Calculou que a sala daria para o pátio exatamente na localização da janela aberta.

Seis metros separavam ele do guarda que parecia desarmado. Decidiu que uma abordagem direta seria melhor, então enfiou a arma no bolso de trás e preparou-se.

Um.

Dois.

Ele virou a esquina e atacou. Assim como ele previra, a visão súbita de alguém causou certo atraso momentâneo na reação, o suficiente para que Malone nocauteasse o guarda com o punho, batendo a parte posterior da cabeça do homem contra a parede de pedra.

O homem caiu inconsciente no chão.

Malone verificou para ter certeza. Nenhuma arma. Interessante Talvez elas não fossem consideradas necessárias por trás dos impressionantes muros que cercavam este complexo.

Ele pegou sua arma, checkou a retaguarda — tudo calmo — e lentamente abriu a porta.

* * *

Tang questionou o que Ni esperava conseguir. Não havia para onde ir.

— Você não pode escapar.

— Mas eu posso matar o seu mestre. — Eu não temo a morte — disse Pau.

Nem eu. Não mais. Na verdade, eu prefiro morrer a viver em uma China governada por vocês dois.

Silenciosamente, ele parabenizou-se por sua premeditação. Tudo o que tinha a fazer era convencer Ni a voltar para dentro do salão.

Lá, ele poderia pôr um fim a este problema.

* * *

Malone percebeu o olhar de alívio no rosto de Lev Sokolov e viu o menino aninhado em seu colo.

— Malone — murmurou Sokolov. — Fiquei imaginando o que teria acontecido com você.

Ele atravessou o dormitório vazio e furtou um breve olhar pela janela. O pátio permanecia quieto. — Quantos homens há neste lugar?

— Não muitos, disse Sokolov. Eu vi apenas alguns poucos. Mas Tan, está aqui.

— Onde está Ni?

— Eles nos separaram cerca de meia hora atrás. — O menino olhou para Malone com desconfiança.

— Ele está bem? — perguntou a Sokolov.

— Parece bem.

— Temos de ir, mas ele precisa ficar em silêncio.

Sokolov sussurrou para o garoto, e vários gestos confirmaram que a criança havia entendido. Malone fez sinal e eles saíram do quarto, com ele liderando o caminho até o nível térreo.

Para chegarem ao portão de saída, precisavam cruzar o pátio aberto.

Observou as galerias superiores. Como não viu ninguém, fez sinal para os outros seguirem em frente. Passaram por uma das galerias inferiores, atravessaram a ponte arqueada de madeira sobre o córrego artificial e buscaram um refúgio momentâneo em uma galeria no lado oposto do pátio. Até agora, tudo bem

* * *

Ni percebeu que quanto mais tempo ficasse nesse espaço confinado, maior o risco. Não tinha ideia de quantos irmãos o esperavam do lado de fora. Mais do que ele poderia lidar, isso era certo. Mas estava determinado a agir.

— Saia daqui — ordenou a Tang.

Seu adversário moveu-se em direção à porta.

— Cuidado, ministro — sussurrou Pau. — Parece que ele quer vê-lo lá fora.

Cale a boca.

Contudo Pau estava certo. Ele tinha enxergado a mesma coisa nos olhos de Tang. Mas ele não podia ficar ali. O que o primeiro-ministro tinha dito a ele? *A vida de alguém pode ser mais pesada que o Monte Tai ou mais leve que uma pena de ganso. Como seria a sua?*

— Ande — ordenou ele a Pau.

Lentamente, avançaram até a saída para o salão. Seu olhar varreu as galerias em busca de ameaças, ao mesmo tempo observando os três homens a apenas poucos metros de distância.

Tantos lugares para se esconder.

E ele estava totalmente exposto, sobre uma plataforma elevada, um homem velho era a única coisa que continuava a separá-lo da morte.

— Não há para onde ir — disse Tang calmamente.

— Diga a quem quer que esteja naquelas galerias para se revelar —

ordenou a Tang. Para enfatizar o que dizia, pressionou a lâmina contra a garganta de Pau, e o velho se encolheu. Bom.

Enfim, era hora de ele experimentar o medo.

— Diga você mesmo — disse Tang.

— Apareçam — gritou ele. — Agora. A vida de seu mestre depende disso.

* * *

Malone ouviu um grito.

Sokolov também. Ele embalava o menino em seus braços, mantendo o rosto do filho enterrado em seu ombro, segurando-o apertado.

— Pareceu ser Ni — sussurrou ele.

— Algo sobre aparecerem ou seu mestre morreria — interpretou Sokolov.

Malone exalou enquanto considerava suas opções. Viu uma porta aberta a poucos metros de distância. Agarrou o braço de Sokolov e o levou para dentro do prédio. Outro longo corredor repleto de portas estendia-se diante deles. Andou sorrateiramente até uma das portas e, devagar, abriu-a. Dentro havia um pequeno quarto sem janelas, cerca de 8 metros quadrados, repleto de cerâmicas enormes, talvez para o pátio.

— Espere aqui — murmurou para Sokolov.

O russo assentiu, aparentemente dizendo: *Você está certo, não podemos deixá-lo.*

— Eu voltarei, esconda-se atrás de alguma dessas coisas.

Onde está Cassiopeia?

Não poderia dizer a ele o que aconteceu. Não agora.

— Apenas fiquem quietos. Vocês ficarão bem.

Ele fechou a porta, saiu rapidamente do edifício, e dirigiu-se direto para a porta aberta do outro lado do pátio, onde as vozes ainda podiam ser ouvidas.

* * *

Tang estava curtindo o momento. *Ni Yong estava encurralado.* Apenas nove irmãos guarneciam o mosteiro. Dois cuidavam daquele lugar, e outro vigiava Lev Sokolov. Os outros seis estavam espalhados pelo complexo aguardando seu comando.

* * *

Malone entrou.

Além do portal aberto, encontrou um hall e, em seguida, uma sala de reunião majestosa, coberta por um teto de telhas do amarelo mais reluzente. O brilho ardente de seis braseiros, três em cada lado, espalhava-se pelas paredes coloridas. Mostruários de armaduras e armas alongavam-se pelo

perímetro. Do outro lado, viu cinco homens.

Pau, Tang, Ni e outros dois.

Ni mantinha uma espada na garganta de Pau.

Eles encontravam-se diante de prateleiras de estantes diagonais, repletas de manuscritos enrolados. Milhares deles subindo por uns 15 metros. Ele manteve-se sob as sombras, confiante de que nada denunciava sua presença. Notou que um número menor de salas e pavilhões formava um perímetro fechado em torno do piso térreo, separando-o do restante do mundo. A luz entrava por uma colunata superior, que aparentemente alinhava-se às janelas.

Lá fora, um gongo soou novamente.

Ele usou as armaduras e os armamentos para se esconder. Seu olhar percorreu as galerias dos dois andares superiores. Achou que tivesse visto algum movimento, mas não tinha certeza.

Precisava ajudar Ni.

Um dos braseiros queimava a poucos metros de distância, logo depois da galeria em que se escondia. Avançou, protegendo seu corpo com o enorme vaso de cobre, seu calor intenso, olhando para a esquerda e para trás para identificar qualquer perigo.

Nada.

— Ministro Ni — gritou ele. — É Cotton Malone. Vou lhe da cobertura, tenho uma arma.

* * *

Ni não acreditou em sua sorte e gritou: — é bom ouvir a sua voz.

Assistiu a Malone levantar por trás de um braseiro, a arma apontada em sua direção.

— Agora eu posso cortar sua garganta e acabar com isso — sussurrou Ni no ouvido de Pau. — Suas mentiras chegaram ao fim.

— Você já encontrou coragem para tirar uma vida?

— A sua não seria um problema para mim.

— Escolha sabiamente, ministro. Muita coisa está em jogo. A lâmina pressionava a pele, seria fácil, com um simples movimento, atravessar a garganta do velho. Ele olhou para Karl Tang, desejando que fosse ele, e não Pau, enfrentando a espada.

Aquela decisão seria fácil.

E ele notou algo nos olhos de Tang.

— Ele quer que você faça isso — sussurrou Pau.

Cassiopeia e Viktor entraram no mosteiro e encontraram um pátio central. Tudo estava quieto, exceto pelas vozes que vinham das duplas portas abertas no longínquo final. Com cuidado, avançaram naquela direção, mantendo-se em meio às colunatas. Uma vez lá, Viktor escorou-se contra a parede do edifício e cautelosamente espiou pela entrada. — Malone está lá dentro — sussurrou ele.

Juntos moveram-se furtivamente e entraram, refugiando-se dentro de um hall que levava ao que parecia ser um grande salão. Malone estava no meio do caminho para a parte suspensa no extremo oposto, de frente para Tang e dois irmãos, além de Pau Wen. Ni Young estava atrás do homem mais velho, segurando uma espada próxima ao pescoço de Pau.

Eles esconderam-se atrás de um pilar espesso e observaram.

Tang conversava com Malone, mas o que estava acontecendo acima deles chamou a atenção de Cassiopeia. Um homem na galeria do primeiro andar, inserida por entre um dos arcos, segurava uma besta.

O ângulo tomava impossível para Malone ver o perigo diretamente acima dele.

— Ele não sabe — sussurrou Viktor.

— Vamos contar a ele. Ele balançou a cabeça.

— Precisamos manter o fator surpresa. Você cuida daquele cara.

Não vejo mais ninguém aqui em cima.

Ela não podia contestar este plano. Ele acenou para trás deles, à esquerda.

— Por aqui. Cubra nossa retaguarda.

— O que você vai fazer?

Ele não a respondeu, mas ela não gostou do que viu nos olhos dele.

— Não seja tolo — disse ela.

— Mais do que já tenho sido? Tang vai ficar sem reação quando me vir.

Vamos usar isso.

Ela desejou que eles tivessem uma arma.

— Dê-me sua faca. Ele a entregou.

— Isso não me servirá de nada.

— Malone provavelmente pensa que estou morta. Ele assentiu.—

Estou contando com isso.

* * *

Malone inalou o ar morno, com forte cheiro de carvão. Manteve-se a

15 metros de onde os outros estavam. As galerias superiores eram um problema, motivo pelo qual ele adotara a ponta direita da sala, de onde podia ver claramente as galerias da esquerda e qualquer um acima dele teria de revelar-se, se quisesse conseguir uma boa visão. Ni também podia ficar de olho. — Consegui evitar o comitê de boas-vindas que você enviou — disse ele a Tang, tentando olhar rapidamente para cima o tempo todo.

— E quanto à Srta. Vitt?

— Morta. Por ordem sua. — Ele não fez esforço para disfarçar sua amargura. Também percebeu que Tang, certamente, queria saber mais alguma coisa, então disse: — Seu homem, Viktor, contudo, ainda pode estar vivo.

Tang não disse nada.

— Onde está Sokolov? — perguntou Malone, tentando conseguir mais tempo.

— Ele está aqui — disse Ni. — Com o filho dele.

— E ele vai pegar uma amostra de petróleo? Uma que possa provar que é infinito?

— Vejo que você também sabe o que está em jogo — disse Pau. — O senhor queria que eu visse aquele mapa na sua casa, não queria?

— Se você não o tivesse notado, eu teria me assegurado de que notasse.

— Foi você quem incendiou a tumba de Qin Shi? — perguntou Tang.

— Fui eu. Para impedir que o senhor nos matasse.

— E permitiu que o ministro Ni escapasse — disse Tang. — Aquele não é...

* * *

Cassiopeia correu em direção à escada e subiu os degraus de mármore até a galeria do primeiro andar. Ela se agachou, mantendo-se abaixo da balaustrada que protegia a galeria do saguão adiante, e moveu-se cuidadosamente até um canto. Uma olhadela rápida confirmou a presença de um homem ali. De costas para ela, ele vestia um manto de lã e segurava uma besta.

Calmamente, ela retirou o casaco de Viktor que estava vestindo.

Permaneceu atenta, ouvindo a voz de Malone.

Logo depois, a de Tang.

E permitiu que o ministro Ni escapasse.

Aquele não é...

— Malone — falou a voz de Viktor.

Faca na mão, ela seguiu em frente, furtivamente.

* * *

Tang viu Viktor surgir, aparentemente de lugar nenhum. Perguntou-se há quanto tempo ele estava dentro da sala. Aquele homem realmente deveria estar morto, junto com Malone e Cassiopeia. Haveria mais alguém

ali?

* * *

Ni viu o estrangeiro, o mesmo homem que tinha salvado sua vida dentro do túmulo de Qin Shi. Seria ele amigo ou inimigo?

No instante que se decidiu por inimigo, e estava prestes a gritar em alarme, o homem gritou o nome de Malone.

* * *

Malone girou.

Viktor correu em sua direção, em seguida pulou, derrubando-o no chão.

Malone não conseguiu segurar a arma, mas agarrou Viktor pelo pescoço, lançando socos com sua mão direita, gritando:

— Onde ela está?

Viktor conseguiu livrar-se, era possível ver a ira em seu olhar.

— O rio a levou. Ela se foi.

Malone avançou e o golpeou com força, seriamente, aproveitando com prazer o impacto de seu punho ao atingir os ossos de Viktor, que recuou.

Existia muito espaço para a movimentação deles, entre os arcos, as armas e os braseiros. Ele pensou que talvez uma das espadas poderia vir a calhar. Viktor parecia ler sua mente, seu olhar percorrendo as lanças dispostas ao lado das armaduras e dos escudos. Viktor adiantou-se, agarrando o cabo de bambu de uma lança e agitando sua ponta, o que manteve Malone em guarda, sem ação.

Sua respiração ficou atordoada e superficial, e suas tonturas voltaram.

Suas entranhas ferviam como lava.

Este homem tinha sido nada além de problemas em todas as ocasiões. Agora Cassiopeia estava morta, graças a ele.

— Cara durão você é com uma lança — zombou ele. Viktor jogou-lhe uma arma, e então pegou outra.

* * *

Cassiopeia ouviu a luta. Precisava colocar-se numa posição em que pudesse ajudar. Isso significava neutralizar o homem de quem se aproximava, que agora prestava atenção à briga. Ela passou por espelhos de parede e um par de armários que exibiam jade, bronze e tesouros de porcelana. O sol da manhã era peneirado através dos painéis de conchas de mexilhão pontilhando luz ao longo da galeria. Ela empunhou a faca, mas outra ideia formou-se em sua mente. À sua direita, disposta em um nicho da parede, havia cerca de uma dúzia de estatuetas. Corpos humanos com cabeças de animais, os braços cruzados sobre o peito. Talvez com 30 centímetros de altura. Ela aproximou-se, guardou a faca em seu bolso e

pegou uma delas.

Uma peça com cara de cachorro, pesada, com uma base grossa e arredondada.

Perfeito.

Ela foi diretamente para seu alvo.

Uma pancada na base do pescoço e o homem desabou no mármore. Assim que caiu, ela o desarmou de sua besta. Ele teria uma dor de cabeça mais tarde, mas certamente seria melhor do que morrer.

Ela olhou para baixo.

Viktor e Malone encaravam-se no centro do salão, ambos segurando uma lança. Ni ainda tinha a espada no pescoço de Pau. Ninguém parecia notar o que aconteceu no andar de cima. Ela procurou por todo o restante dos arcos do primeiro andar e não avistou ninguém.

Estava sozinha, armada, pronta.

* * *

Tang instruíra um irmão a posicionar-se no primeiro andar superior, com uma besta na mão. Ele devia estar situado à sua esquerda, a meio caminho da entrada principal. Outros dois irmãos esperavam à sua direita, dentro da galeria do andar térreo, fora da vista de Ni.

Enquanto a luta continuava no centro da sala, ele olhou casualmente para a direita e localizou os dois irmãos.

Um aceno delicado de cabeça sinalizou: *ainda não. Mas em breve.*

* * *

Malone mantinha os olhos fixos em Viktor.

Pupilas que ardiam latentes como brasas negras retribuía o olhar, uma expressão carrancuda de raiva e ira deformando o rosto.

— Sabe quantas vezes eu poderia ter deixado você morrer? — perguntou Viktor.

Ele não estava escutando. Memórias inundavam sua mente em ondas de repugnância e nojo. Tudo que podia ver era Cassiopeia sendo arrastada pela água, seu corpo caindo no rio, Viktor provocando-o no vídeo, aparecendo nas rochas, o culpado por tudo isso. Ele atacou.

Viktor reagiu, desviando do soco e deslizando sua lança na direção de Malone, envergando-a para baixo, e, em seguida, repuxando-a para trás.

Malone aguentou firme e desviou da investida.

A testa de Viktor estava coberta de suor. O corpo de Malone também estava quente das chamas queimando a menos de 7 metros de distância. Ele decidiu que os braseiros poderiam ser uma oportunidade, recuando para trás enquanto duelava com Viktor, o que atraía seu adversário para mais perto. Cada fogareiro repousava em suportes de ferro com três pernas, elevados cerca de 1 metro acima do chão.

Instável o suficiente para seus propósitos.

Viktor continuou se aproximando, sendo atraído por Malone.

* * *

Ni apertou a borda da lâmina no pescoço de Pau. O velho não estava resistindo, mas os dois irmãos, embora desarmados, preocupavam Ni.

Manteve a atenção neles.

— Vocês dois podem aprender algo com a coragem deles — disse Pau.

Tang pareceu ressentir-se da indireta.

— Eu não sabia que me faltava coragem.

— Eu mandei que matasse Jin Zhao? — perguntou Pau. — Ele era um gequímico brilhante. Marido e avô. Inofensivo. No entanto, você o prendeu e o espancou até o coma. Então você o culpou injustamente e atirou enquanto ele estava inconsciente em seu leito hospitalar. Isso demonstra coragem? O choque de Tang com a repreensão era visível.

— Quando você prendeu ratos ao estômago de Sokolov e assistiu a sua agonia, isso era coragem? Quando você destruiu a biblioteca de Qin Shi quanta coragem foi precisa?

— Eu não tenho feito outra coisa se não servi-lo fielmente — declarou Tang.

— Por acaso, eu mandei que colocasse fogo naquele museu na Antuérpia? Um de nossos irmãos morreu naquele incêndio.

Tang não disse nada.

— E você, ministro Ni — disse Pau. — Quanta coragem é necessário para cortar o pescoço de um velho homem?

— Não muita. Por isso deve ser uma tarefa fácil para mim.

— Você se vende facilmente — disse Pau. — Na minha casa, você enfrentou o desafio daqueles assassinos. É semelhante ao que estamos vendo aqui, enquanto dois homens se confrontam. Ambos vieram aqui totalmente alheios ao que lhes esperava. No entanto, eles vieram. Isso é coragem.

* * *

Cassiopeia podia ver que Malone estava arrastando Viktor ao brasileiro. Pensou em intervir, mas tinha apenas uma flecha. O homem inconsciente ao lado dela, no chão, não carregava mais nenhuma. Revelar sua presença agora seria imprudente. Ela tinha um tiro, então ele tinha de valer a pena.

* * *

Malone sabia que estava próximo ao calor. Podia ouvir brasas estalando atrás dele enquanto rechaçava mais uma investida da lança de Viktor.

Ele precisava agir no momento certo, então girou rapidamente sua lança, como se desenhasse um grande arco no ar, o que forçou Viktor a agarrar o eixo com as mãos, bloqueando todos os ataques. No momento que Viktor reajustou sua empunhadura e preparou um ataque, Malone bateu

com o pé direito no suporte de ferro, derrubando o vaso de cobre.

Brasas cálidas derramaram-se pelo chão, assoviando e fumegando.

Viktor recuou, pego de surpresa. Malone usou a ponta de sua lança para arrancar uma das brasas do chão.

Arremessou-a em direção a Viktor, que se esquivou do projétil incandescente.

Malone lançou mais uma brasa quente, e desta vez jogou-a diretamente para onde os outros homens estavam.

Ni assistia enquanto Malone jogava o pedaço de carvão na direção deles. Soltando fumaça, a pedra voou sobre a cabeça de Tang e desapareceu entre as prateleiras atrás dele. Sedas de dentro de uma das caixas vaporizavam com o calor, os manuscritos simplesmente foram desaparecendo diante de seus olhos.

Malone jogou a lança de lado, encarou Viktor e permitiu que seu humor negro o consumisse.

— Vamos acabar com isso agora.

Viktor não hesitou. Jogou sua arma de lado também.

— Faz muito tempo que quero fazer isso.

Eles se jogaram um para cima do outro, ambos lançando socos. Viktor acertou Malone no lado esquerdo da cabeça e foi como se a sala explodisse em um turbilhão de luzes.

Ele atacou com a perna, empurrando Viktor, ganhando o tempo que precisava para atingir um soco pela direita no queixo do adversário.

Um chute violento na perna fez Malone contorcer-se.

Encarou alguns golpes, deixando Viktor se aproximar. Antes que recebesse outro soco, acertou Viktor na garganta, então atingiu um gancho de direita nas costelas dele.

O ar rarefeito cortava seus pulmões como lâminas de barbear. Avançou sobre Viktor, que estava levantando-se, a mão sobre a barriga, o rosto contorcido de raiva. — Eu vou matar você, Malone.

* * *

Cassiopeia ouviu a declaração de Viktor. Todos os nervos de seu corpo pareciam tensos. Ele tinha entrado no salão querendo um confronto. Malone também parecia nervoso.

Ela teve o cuidado de ficar atrás da coluna, escondida.

Um grito agudo abaixo chamou a atenção dela.

* * *

Malone ouviu um grito no instante que os ombros de Viktor acertaram seu peito. O impulso fez os dois caírem. Juntos bateram e deslizaram no chão duro.

Malone sentiu algo estalar no próprio ombro. Sentiu uma ardência terrível e calor na parte de trás de sua cabeça. Sentiu o cheiro forte de cabelo queimado.

O seu.

Viktor estava em cima dele, com as mãos na garganta de Malone.

* * *

Tang ficou chocado com o ataque verbal de Pau Wen. Seu mestre nunca falara com ele daquela forma, exceto nas conversas ensaiadas, realizadas para Ni escutar.

Perguntou-se se o mesmo estaria acontecendo agora — Pau fazendo seu melhor discurso, improvisando. Decidiu entrar no jogo.

— Eu não sabia que me achava tão covarde.

— Há muitas coisas que você desconhece.

— Como a biblioteca imperial que você encontrou décadas atrás? Ou o fato de que você saqueou o túmulo de Qin Shi e trouxe tudo para cá?

— Tudo feito antes de você chegar a qualquer posição de destaque. Eu, por outro lado, já era Hegemon.

— Por que você fugiu da cova, em Xi'an, com os irmãos, deixando Malone e Cassiopeia vivos? Eles deveriam ter morrido ali. — Isso ele realmente queria saber.

— Com toda a atenção que isso teria gerado? Nem mesmo você, o vice-primeiro-ministro, poderia explicar isso.

— Se você me acha tão incompetente, por que estamos fazendo isso?

— Diga a ele, ministro — Pau disse a Ni. — Por que estamos fazendo isso?

* * *

Ni não se deixou enganar com pau repreendendo Tang, mas decidiu responder à pergunta com outra.

— Quantas pessoas está disposto a matar pelo poder?

— Quantas forem necessárias — disse Tang.

— Então a resposta à sua pergunta é clara — disse ele no ouvido de Pau. — Você está fazendo isso para que muitas pessoas possam morrer.

* * *

Uma súbita onda de dor no topo de sua cabeça deixou Malone alerta. Jogou o braço direito para cima e prendeu o pescoço de Viktor em um forte aperto, rolando, revertendo a situação.

Viktor caiu em cima do carvão, que esmagou sob o seu casaco.

Rolaram novamente, dessa vez longe do calor. Mas Malone tinha um problema. Seu ombro esquerdo estava gravemente ferido, e a dor tirou toda a força de seu braço direito. E Viktor atacou.

* * *

Cassiopeia viu Malone colocar a mão sobre o ombro esquerdo enquanto Viktor lhe dava um soco, acertando o queixo de Malone, derrubando-o. Viktor aproveitou o momento e pegou a arma que tinha voado para longe, no início da briga. Ela tinha de fazer alguma coisa.

Então pegou a faca no bolso e jogou-a sobre o corrimão, mirando as brasas próximas a Malone.

* * *

Malone ouviu algo cair nas brasas.

Seus olhos voaram para a direita e ele viu uma faca no instante que Viktor encontrou a arma.

Seu ombro estava, provavelmente, deslocado. Todo movimento mandava sinais eletrizantes de agonia para seu cérebro. Sua mão direita agarrou o braço esquerdo, tentando manter a articulação no lugar enquanto alcançava a lâmina, quente ao toque, virando a ponta entre os dedos, pronto para atacar.

Os olhos de Viktor soltavam faíscas.

Suor gelado escorria pela testa dos dois. Viktor apontou a arma.

* * *

Tang gritou em mandarim:

— Agora.

E os dois irmãos nas sombras correram para a frente, apontando seus arcos para Ni.

— Seu show de coragem acabou — disse Tang. Ele viu uma expressão de satisfação nos olhos de Pau e disse: — Eu antecipei isso.

— Você, aparentemente, não tem grande consideração pelo seu mestre — respondeu Ni.

— Pelo contrário. Tenho grande consideração por ele. O suficiente para no caso de você matá-lo, nós mataremos você.

— Você acredita nele? — Ni perguntou a Pau. — Ou ele vai matar nós dois?

— Abaixo a lâmina — disse Pau, em um sussurro, a Ni.

* * *

Ni podia ver que suas opções haviam acabado. Poderia matar Pau Wen e morrer agora, ou poderia baixar a arma e tentar a sorte. Tang, não Pau, era quem merecia morrer. Ele recuou a lâmina e jogou-a no chão.

* * *

Cassiopia apontou o arco para baixo, preparando-se. Ela não tinha certeza do que estava acontecendo, além do fato de que Malone estava ferido, Viktor estava revoltado, Ni estava em apuros, e ela estava em posição de fazer algo. — Não faça isso — gritou ela.

* * *

Malone ouviu a voz de Cassiopeia.

Sua cabeça girou e ele viu uma besta aparecendo das sombras da galeria do primeiro andar, perto de um dos pilares, apontada para Viktor.

— Largue a arma — gritou ela. — Agora.

Malone olhou para Viktor, que não se mexeu, segurando firmemente a arma com ambas as mãos, mirando diretamente no peito de Malone.

— Atire em mim e ela atira em você — disse ele para Viktor.

Ele duvidou que Malone pudesse virar a lâmina antes da arma disparar.

— Essa é a minha faca — disse Viktor tranquilamente. — Eu dei a ela

— E ela me deu. O que dizia muito.

Viktor fechou os olhos e, em seguida, abriu-os. Malone compreendeu, o olhar mostrando uma intenção diferente da arma apontada. E então, ele entendeu. O que Stephanie tinha dito. *Na verdade, gostaríamos de ver Tang morto.*

— Tome conta dela, Malone — disse Viktor.

Em seguida, virou-se e ajustou sua mira. Direto para Karl Tang.

* * *

Tang estava impaciente com o confronto entre Viktor e Malone. O que ele estava esperando? Agarrou o arco do irmão ao seu lado e gritou: — Atire agora ou vou atirar em você.

Viktor girou.

Todo o medo que ele já sentira deste estrangeiro agora borbulhava para a superfície conforme o cano da arma mirando nele.

Ele lançou a flecha.

Um instante depois, ela se chocou contra Viktor Tomas.

O outro irmão, detectando o perigo, também tinha reajustado sua mira. A segunda seta perfurou o peito de Viktor, profundamente. Viktor engasgou, o sangue jorrou de sua boca. A arma caiu de sua mão. A outra mão alcançou a garganta.

Seus joelhos ficaram bambos. E ele desabou.

Cassiopeia estremeceu quando o corpo de Viktor foi perfurado por uma rápida sucessão de flechas. Apenas alguns segundos se passaram antes de ele vacilar, tentar encontrar o equilíbrio e cair no chão com um grunhido.

Ela saiu das sombras para o corrimão, apontando seu arco para Karl Tang e disparou.

Ni percebeu que Cassiopeia Vitt estava na galeria superior e, ao que tudo indicava, armada. Os dois irmãos tinham disparado suas flechas. O estrangeiro estava no chão. Malone segurava uma faca, mas estava muito longe.

Ela era sua única chance.

Cassiopeia apareceu, com um arco e uma flecha na mão, e disparou.

Tang, porém, tinha antecipado o movimento, e mergulhara à sua

direita.

A flecha atingiu o chão e escorregou para longe.

Malone pôde ver que o disparo de Cassiopeia não tinha acertado o alvo. Ele segurava uma faca, mas pouco poderia fazer com ela.

A arma.

Que estava caída ao lado de Viktor. Tinha de pegá-la.

Tang ficou de pé e correu na direção da espada que Ni Yong havia descartado. Segurou o punho e mandou os dois irmãos pegarem Ni.

Ele iria mostrar a Pau Wen que tinha coragem.

Levantou o braço e avançou em direção a Ni.

* * *

Ni tentou livrar-se, mas os dois irmãos eram fortes. Pau Wen tinha se afastado, chegando mais perto das prateleiras, observando.

Seu olhar girou para o corredor.

Malone estava procurando algo.

Tang estava a menos de 3 metros de distância, seu braço segurava a espada, pronto para fincar a lâmina no estômago de Ni.

* * *

Malone encontrou a arma.

A dor em seu ombro era excruciante. Duvidava ser capaz até mesmo de atirar a faca. Sua mão direita levantou a arma, dedo no gatilho. Perguntou-se se havia outros irmãos na sala, preparando-se, neste momento, para atingir-lhe também.

Não importava.

Não tinha escolha.

Apontou a arma e disparou.

* * *

Tang ouviu um barulho, então sentiu algo atingir seu lado direito. Uma sensação estranha. Nada primeiro, em seguida, uma dor inimaginável, como se uma onda de energia o atravessasse, queimando suas entranhas.

Parou seu ataque e cambaleou para a direita.

Olhou para o corredor e viu Cotton Malone apontando uma arma em sua direção.

Outro estrondo, e uma bala perfurou seu peito.

Um terceiro tiro.

Então não viu absolutamente nada.

Cassiopeia ficara chocada com a morte de Viktor. A de Tang, porém deu-lhe prazer. Sua cabeça explodiu com o último disparo de Malone, derrubando-o no chão.

— Todos parados — avisou Malone, a arma ainda apontada. — Ministro Ni, pegue a espada.

Ni obedeceu.

— Este assunto está encerrado — disse Pau Wen calmamente em voz alta.

* * *

Ni ficou parado com a espada na mão. Ele olhou para Pau Wen e disse:

— Explique-se.

— Conversamos na Bélgica. Você achou que menti para você lá. Não menti. Tudo que eu disse era a verdade. A China deve mudar. Qual seria a mudança era a questão. Um retorno ao legalismo severo?

Autocracia? Ou algo mais suave? Confucionismo? Democracia? Confesso que, no início, vinte anos atrás, pensei que o retorno ao legalismo era a resposta. Mas já não tenho tanta certeza. O que sei é que tanto a queda quanto a glória de um Estado podem surgir a partir de uma única fonte.

— Essas são palavras de Confúcio — disse Ni.

— Sim, é verdade. Ele era um homem sábio.

— Conversa estranha vinda de um legalista.

Wen balançou a cabeça. — Não sou nada disso.

* * *

Malone ouvia a conversa entre Ni e Pau, mas mantinha a arma pronta, seus olhos examinando o corredor.

— Décadas atrás — disse Pau —, tirei todos os textos de Confúcio da biblioteca enterrada de Qin Shi. Aquelas palavras tinham de sobreviver. Teria sido um crime destruí-las. Agora estão prontas para que você as use como achar melhor. Essa ética pode ser precisamente o que a China precisa para ajudar a acabar com a corrupção e a crescente desigualdade em nossa sociedade. — Pau hesitou. — Ministro, o *Ba* não fazia parte dessa batalha entre você e Tang. Nós não influenciemos nada, não escolhemos um lado.

— Tang era um dos seus.

Pau assentiu.

— Ele era. Mas não significa que eu queria que tivesse sucesso. A batalha tinha de acontecer, sem interferência, e assim foi. Você prevaleceu. Deste dia em diante, o Ba jura fidelidade a você. — Por que deveria acreditar em uma palavra do que diz? — perguntou Ni.

Malone também queria saber a resposta.

— A descoberta de Tang sobre petróleo infinito mudou tudo. O poder dessa descoberta tornou-se demais para ele. Sua ambição tomou conta. Cheguei a temer que ele não seria melhor do que aqueles que o precederam.

— No entanto, o senhor permitiu que minha vida fosse ameaçada.

Permitiu que todos nós fôssemos capturados por Tang.

— E trazidos para cá, ministro. Garanti que isso acontecesse.

Ni não parecia impressionado.

— O senhor é um assassino.

— Quatro homens morreram na Bélgica. Mas não foi em autodefesa?

— Não aquele que o senhor torturou e depois deu um tiro na cabeça.

— Onde está Sokolov? — gritou Cassiopeia de cima.

— Está seguro — disse Pau.

Malone decidiu manter silêncio sobre a localização real dele. Não acreditava necessariamente que Pau era um aliado. Por disso manteve a arma apontada e perguntou:

— Como explicará a morte de Tang?

— Ele sofrerá um acidente de carro, aqui nas montanhas — respondeu Pau. — Veio arejar a cabeça, refrescar o espírito.

— E os buracos de bala?

— Tragicamente, o carro pegou fogo, o corpo queimou e virou cinzas.

Ni ficou em silêncio por um momento, segurando a espada.

Malone manteve sua arma apontada, mas Pau não se moveu. — A escolha é sua, ministro — disse Malone a Ni. — O que vamos fazer?

— Eu acredito nele — disse Ni.

— Por quê? — gritou Cassiopeia.

— Baixem suas armas — disse Ni.

Malone questionou-se sobre a estratégia, mas percebeu que estavam presos em uma fortaleza na montanha com um número indeterminado de homens que os cercavam e poucas opções de arma, além de uma espada e algumas balas em seu revólver.

Decidiu confiar no julgamento de Ni e abaixou a arma.

Ele olhou para cima, perguntando a Cassiopeia:

— Você está bem? — Graças a Deus ela está viva.

— Estou bem. E você?

— Levei uma pancada no ombro.

— Vocês dois arriscaram suas vidas ao vir aqui — disse Ni.

— E Viktor deu a dele — disse ela.

Pau virou-se para Ni:

— Você me perguntou na Bélgica por que eu me importo. Eu lhe disse então que a explicação levaria tempo demais. Também disse que meu único interesse é o que for melhor para a China.

Eu estava falando a verdade.

Ni permaneceu em silêncio.

— O *Ba* — disse Pau — foi criado para garantir um forte sistema político que assegurasse a segurança coletiva. Nas dinastias anteriores, força e violência funcionavam melhor para realizar esses objetivos. Mas com o tempo se tornaram menos eficazes. Hoje, como você sabe, são contraproducentes. O *Ba* existe para a preservação da China, e não para preservação do grupo. O que é melhor para a nação é o que nós apoiamos. A batalha entre você e Tang era inevitável. Ninguém poderia impedi-la de acontecer. Mas nós poderíamos estar lá quando terminasse. — Por que não me dizer simplesmente? — Ni perguntou a Pau, com raiva em sua voz. — Por que não ajudar?

— Eu ajudei — disse Pau. — Eu disse coisas que você nunca soube que existiam. Quando você veio para a Bélgica, e eu vi o quão pouco você sabia, percebi que minha tarefa era levá-lo adiante. Você tinha de enfrentar o desafio que viria, mas para isso precisava saber sua grandeza. Seja honesto, ministro. Você não sabia de nada do que eu lhe disse. O silêncio de Ni serviu como resposta.

— Não me culpe por escolher mostrar em vez de contar o problema — disse Pau. — O aparecimento de Cassiopeia e Malone me ajudou a fazer isso. Se eu não tivesse aberto os seus olhos, Tang teria vencido. Você e eu sabemos disso.

— O senhor mentiu para mim e assassinou um homem a sangue-frio.

— Eu salvei a sua vida.

— Todos os irmãos estão de acordo com o que o senhor está dizendo? — perguntou Cassiopeia.

Pau assentiu.

— Eles juraram sua fidelidade e farão o que for melhor para a China. Ministro Ni emergiu como o mais forte. O *Ba* respeita sua força.

— O que devo fazer? — perguntou Ni.

— Faça a sua jogada pelo poder. Tang morreu. Alcance a posição para vice-primeiro-ministro, então receba as responsabilidades gradualmente transferidas para você. O primeiro-ministro respeita você e confia em sua palavra. Sei que isso é verdade. O *Ba* apoiará suas políticas, sejam elas quais forem. Percebemos que o governo vai evoluir, tomar-se um reflexo de seu novo líder, como muitas vezes antes, e estamos preparados para essa mudança.

— O governo vai mudar — declarou Ni. — Teremos uma nova Constituição.

— E nós podemos ajudar a obter a aprovação para isso — disse Pau.

— E o petróleo infinito? — perguntou Malone.

Pau virou-se e gesticulou. Um dos irmãos desapareceu no painel de parede aberta.

— Um subproduto inesperado desta batalha — disse Pau. — Em seu mérito, devemos dizer que Tang percebeu como essa descoberta poderia ser utilizada, se mantida em segredo.

O irmão reapareceu segurando um objeto que Malone reconheceu.

Um lampião de dragão.

Como aquele na Bélgica.

Pau entregou a Ni.

— Este é seu. Uma amostra de petróleo dos campos de Gansu, extraída da terra 2.200 anos atrás, guardado no túmulo do Primeiro Imperador. Espero que isso prove a teoria de Lev Sokolov.

Ni aceitou o lampião.

— Ministro — disse Pau. — Você entende que eu poderia simplesmente ter entregado o lampião, e o petróleo, para Tang. Ou para um dos muitos que estão aqui. Mas eu não os entreguei. Em vez disso, eu os escondi dele.

— O senhor usou como isca para me atrair para a Bélgica. Para me matar.

Pau assentiu.

— Esse era o objetivo de Tang, não o meu. É por isso que salvei a sua vida lá. Também permiti que a Srta. Vitt levasse o lampião. Ela fez um favor a nós dois, nos deu mais tempo.

Malone não concordava necessariamente com a parte do *favor*, mas compreendeu a lógica. Pau poderia simplesmente ter dado a Tang o que ele queria.

— O mundo será informado da descoberta — esclareceu Ni.

Pau assentiu.

— E a China vai receber algum crédito. A China esqueceu-se de sua grandeza. Nós já lideramos o mundo pela imaginação e podemos fazer isso novamente.

Pau Wen curvou-se.

Malone observou Ni considerar a oferta. Finalmente, Ni retribuiu o gesto.

Ele olhou para Viktor, o sangue escorrendo das feridas mortais, olhos cegos mirando o teto, flechas encravadas no peito. Ele inclinou-se e gentilmente fechou seus olhos. Tinha interpretado este homem errado.

Olhou para Cassiopeia.

Lágrimas corriam pelo seu rosto.

Malone tomou um gole de chá preto e sentiu a dor no ombro aliviar. Uma tipoia foi improvisada para segurar a articulação no lugar. Precisaria ver um médico quando saíssem dessa fortaleza.

Três horas tinham se passado desde a morte de Viktor. Havia passado meia hora dentro da tumba improvisada de Qin Shi, admirando o traje funerário de jade e os deslumbrantes objetos funerários.

Ni Yong estava sentado com ele no terraço. Além do muro, o sol da tarde corria as montanhas em tons de vermelho, preto e amarelo. O vento continuava brando, uma brisa suave movia algumas bandeiras de oração nas proximidades. Mantinha vigilância constante sobre um relógio de sol em mármore que ficava a poucos metros de distância. Estava apoiado sobre uma base circular, sustentada por quatro pilares quadrados.

— Todo templo na China — disse Ni — tem um relógio de sol. É um lembrete de que a virtude deve brilhar em todos os momentos, como o sol ao meio-dia. Um bom conselho que há tempos decidimos ignorar.

— Acredita no que Pau Wen lhe disse?

— Nem em uma única palavra.

— Esperava que o senhor não fosse tão tolo.

— Há uma história que todos aprendemos no treinamento militar — disse Ni. — Um grande guerreiro chamado Chão levou 40 mil tropas para cercar uma cidade defendida por uma tropa minúscula comandada por seu adversário chamado Zhang. Após quarenta dias os moradores da cidade estavam negociando seus filhos por comida. Mas Zhang recusava-se a render-se e até mesmo decapitou os oficiais que defendiam tal caminho. As flechas das forças de Zhang acabaram, então ele mandou que os moradores fizessem mil figuras de palha em tamanho real, vestidas de preto. Assim, uma noite, desceu as figuras ao longo das muralhas da cidade em cordas. As forças de Chão lançaram dezenas de milhares de flechas no que achavam ser inimigos tentando escapar. As flechas ficaram presas nas figuras de palha, que foram puxadas de volta para dentro da muralha. As forças de Zhang passaram de uma total falta de munição para uma plenitude.

— Cara inteligente.

— Ainda não acabou — disse Ni. — Mais tarde, naquela mesma noite Zhang fez quinhentos de seus homens mais valentes descerem as cordas. As tropas de Chão pensaram que eram os mesmos homens de palha e não deram atenção. Os homens de Zhang invadiram o acampamento de Chão e cortaram as cabeças dos inimigos enquanto dormiam. As forças de Chão entraram em caos e recuaram.

Malone entendeu o objetivo da história.

Ni disse:

— Zhang transformou uma posição passiva em uma de força. Lembrei-me dessa lição quando falei com Pau Wen. Estávamos sem munição, por isso baixei um chamariz para atrair os tiros de Pau, recarregando a nossa arma. Ele está ansioso para vencer, por isso me aproveitei de sua antecipação.

Ele não podia discordar dessa estratégia.

— Mas, eventualmente, vou "fechar a porta para se pegar o ladrão".

Malone sorriu, sabendo o que o provérbio significava.

— Cercar o inimigo. Bloquear todas as rotas de fuga.

Ni assentiu.

— Aprendemos isso também. Mas há cinco coisas para se lembrar ao fazer isso. Primeiro, para fechar a porta você deve ter uma concentração absoluta de forças superiores. Segundo, deve existir uma porta para se fechar. Terceiro, não se pode esperar passivamente que o ladrão entre. Ele deve ser atraído. Quarto, a porta tem de ser fechada no momento certo para que o ladrão realmente fique preso. E quinto, todas as outras rotas de escape devem estar fechadas também.

Ele entendeu o que Ni tinha feito.

— Então, o senhor colocou Pau para dormir.

— Da mesma forma que ele tentou me matar na Bélgica.

— Toda essa história de negar a Tang uma amostra do óleo. Ele estava testando todos os ângulos, tentando tudo que podia. Ele não dava a mínima para o senhor.

Ni assentiu.

— Ele é um mentiroso trapaceiro. Apenas usei suas próprias armas contra ele. Mas eu não tinha escolha. Estamos no território dele. É um lugar incerto. Ele se ofereceu para ser meu aliado, então aceitei. Mas lhe garanto que, quando chegar a hora, fecharei todas as portas.

— E o que disse sobre não usar a violência?

— Homens como Pau Wen são o motivo da decadência da China. Eles são um câncer para nossa sociedade. É o momento de receberem exatamente o que gostam de dar. O legalismo nada mais é do que oportunismo. Baseia-se em força e terror para gerar respeito. Só lhes darei aquilo que já compreendem, o que há muito tempo dizem ser a única forma de governar. Parece adequado. Malone concordou.

— Mesmo que tenha de abaixar as calças de cada homem do governo e dos militares, vou livrar a China de todos os eunucos.

Malone percebia a mudança em Ni; uma confiança que não estava lá antes, e perguntou:

— Já pensava nisso há muito tempo, não é mesmo?

— Assisti a homens estúpidos, egoístas e mesquinhos destruírem nosso país. Eles são corruptos. Isso vai acabar. Vou usar o *da* em minha vantagem, até que chegue o momento de eliminá-los.

Malone esperava que este homem pudesse realmente fazer o que propunha. Mas estava curioso, e Washington gostaria de saber.

— A democracia está em seus planos?

— Essa palavra tem muitas conotações negativas aqui. Por muito tempo foi usada para gerar ódio. Mas o povo *terá* voz no novo governo. Prestaremos contas em todas as instâncias, de cima a baixo. — Ni sorriu. — A democracia, na verdade, deve muito a Confúcio.

— Você parece preparado.

Ni assentiu.

— Falei com o primeiro-ministro há pouco. Ele terá de me elevar ao segundo posto. Está feliz por Tang ter morrido e apoiará o expurgo do *Ba*, quando for a hora certa. Pau superestimou em muito seu valor na China de hoje. Seu tempo acabou.

— Este não é o meu jogo — disse Malone. — Não conseguiria jogar dessa forma.

Ni sorriu.

— E a China, Malone. Nosso caminho. Infelizmente, a enganação orgânica ao nosso modo de governar. Gostaria de mudar isso também, mas isso demora um pouco mais.

— Você sabe que Viktor Tomas trabalhava para os russos e para o americanos?

Não estou surpreso. Mas com o agente deles morto, nem uma dessas potências estrangeiras vai saber de nada. — Ni parou. — A não ser que você e Srta. Vitt os informem.

Ele percebeu a palavra agente, quando aplicada a Viktor.

Isso mesmo, ele era um agente.

— E Sokolov? — perguntou ele.

Cassiopeia estava com o russo e seu filho, certificando-se de que estavam bem.

— Ele voltará para seu laboratório em Lanzhou, com a amostra de petróleo. Ele diz que vai cooperar comigo. É claro, a ameaça persistente dos russos joga a nosso favor. Ele acha que querem vê-lo morto. Ele e o filho retornarão para Kashgar comigo. Sua esposa está ansiosa para ver a criança. Mandeí que a levassem de avião para o oeste. Ela está voando neste momento. Farei todo o possível para protegê-los e conquistar a confiança dele.

— Vão manter uma estreita vigilância sobre ele.

— Vamos. Mas quando contarmos ao mundo sobre sua descoberta, duvido que o perigo continue por muito tempo.

— Vai realmente fazer isso?

Ni assentiu.

— É o único caminho. Essa revelação mudará o mundo, em benefício de todos.

— E a China ficará sob uma luz diferente aos olhos de todos.

— É o que espero.

O que satisfaria Washington. Ivan? Para ele, era péssimo.

— É quanto a Pau Wen e aqueles quatro assassinatos?

— Não serão esquecidos.

Ficou feliz por ouvir isso.

— Por que confiou em nós, em Xi'an?

Ni deu de ombros.

— Algo me disse que você e a Srta. Vitt eram pessoas em quem poderia confiar.

Malone pensou em Henrik Thordal e desejou que seu velho amigo tivesse morrido pensando a mesma coisa.

— Estou indo para Kashgar para encontrar o primeiro-ministro — disse Ni. — Ele e eu retornaremos para Pequim juntos. Vou me certificar de que um helicóptero retorne para pegar você e a Srta. Vitt. — Ni levantou-se e estendeu a mão. — Eu lhe agradeço. Devo-lhe a minha vida.

Malone apertou a mão dele e acenou, dispensando sua gratidão.

Basta fazer o que disse que vai fazer. Mas havia outra coisa que queria saber. Se eu não tivesse aparecido, teria cortado a garganta de Pau?

Ni não respondeu imediatamente, como se considerasse seriamente a pergunta. Por fim, ele disse:

— Eu não tenho certeza. Graças a Deus não tivemos de descobrir.

Ele sorriu.

— Cuide-se, Sr. Malone.

— O senhor também.

Ni desapareceu através de uma porta que estava aberta, voltando para o interior do prédio. Malone entendeu por que ele e Cassiopeia não estavam indo embora com ele.

Hora de desaparecerem despercebidos.

Como todos os agentes fazem.

Malone tinha lido sobre o sepultamento a céu aberto. Cortar um cadáver em pedaços, batendo-o em uma pasta com farinha, chá e leite, em seguida, permitindo que as aves aproveitassem o banquete com a mistura representando um retorno à água, ao fogo, à terra e ao vento, os elementos básicos do homem. Uma grande honra.

Ele e Cassiopeia, de pé, assistiram à cerimônia antiga. Algumas horas atrás, o corpo de Viktor havia sido levado para fora dos muros, a um vale próximo, e preparado.

— Nossos irmãos são treinados no *jhat* — disse Pau. — É um ritual que realizamos muitas vezes.

— O senhor vai realmente ajudar Ni Yong? — perguntou Malone. — Legalismo? Confucionismo? Comunismo? Democracia? Um imperador? O um presidente eleito? Nosso problema nos últimos sessenta anos é que nenhum único conceito ou filosofia tem dominado. Em vez disso, padecem em um meio incerto, parte de cada um competindo pelo controle. Os chineses temem o caos. Nós desprezamos incerteza. Muitas vezes aceitamos o sistema errado em nome da certeza. — Pau hesitou por um momento. — No mínimo, Tang e Ni ofereceram uma escolha clara. Agora ela foi feita. Assim o Ba deve ser aliado de Ni.

— Onde fui criado — disse Malone — há um ditado que diz: "Não passe por seu ânus para chegar ao seu apetite." Talvez os chineses possam

aprender com isso.

Pau sorriu.

— Essa sabedoria é de um dos grandes filósofos americanos?

— De um grupo deles. Eles são chamados de caipiras.

O que impede que alguém simplesmente substitua Tang? — perguntou Cassiopeia. — Certamente ele tem seguidores prontos para assumir a causa.

— Sem dúvida — disse Pau. — Mas aqui não é a América ou a Europa; Esses seguidores não têm acesso à mídia, nem à hierarquia do Partido. Esse privilégio tem de ser conquistado ao longo de muitos anos de serviço leal. A política aqui é uma jornada pessoal, que leva um tempo terrivelmente longo. A própria ascensão de Tang precisou de cerca de vinte anos. — Pau balançou a cabeça. — Não. Ministro Ni agora é o único preparado para o poder supremo.

Algo que Ni bem sabia, pensou Malone. Ele estava tão desapontado que não estaria por perto quando Pau Wen recebesse uma dose de seu próprio remédio.

— O senhor parece confiante — disse Cassiopeia.

— O destino interveio em nome da China.

— O senhor não acredita mesmo nisso, não é? — perguntou Malone. — Destino? Você determinou a maior parte desse destino.

Pau sorriu.

— De que outra forma poderiam explicar o envolvimento de todos nós? Não é estranho que cada um de nós estava no lugar certo, no momento certo, precisamente para chegar ao resultado final?

Se isso não for o destino, então o que é?

A avaliação que Ni fizera de Pau parecia estar correta. Ele superestimou seu valor. E não é necessário ser um gênio para entender as ramificações desse erro. Mas isso não era problema de Malone. Seu trabalho estava feito.

Meia dúzia de irmãos cercava os restos mortais preparados de Viktor, entoando, incenso soprando de vasos de cobre.

Acima, os abutres tinham chegado.

— Podemos ir embora? — perguntou Cassiopeia.

Eles saíram antes que os pássaros chegassem e caminharam de volta ao mosteiro por entre rochas e pedras contornadas por grama. Nenhum deles virou-se para ver o que aconteceu.

— Eu estava errado sobre Viktor — disse ele, calmamente.

— Era um erro fácil de cometer. Ele era difícil de se ler.

— Não no final.

— Ele se retirou do jogo usando Tang, contando comigo para acertar o tiro fatal — disse ela.

Ele tinha pensado a mesma coisa.

— Eu ouvi o que ele disse quando se virou disse ela.

Cuide dela.

Ele parou. Ela também

Ele disse:

— Nós já jogamos muitos jogos.

- Jogos demais.
- O que faremos agora?

Os olhos dela eram como piscinas.

— Estranho. Você e eu tendo esta conversa enquanto Viktor está morto.

— Ele fez sua escolha.

Ela balançou a cabeça.

— Não tenho tanta certeza de que eu não a fiz por ele. Quando jogue aquela faca para baixo. Isso é o que realmente confunde. Ele representou muitos papéis diferentes, para muitos públicos diferentes. Você tem de pensar, aquelas foram suas palavras finais ou apenas parte do ato?

Malone sabia a resposta. Ele tinha visto algo que ela não poderia ter testemunhado. No momento de sua morte, Viktor Tomas finalmente transmitiu a verdade.

Cuide dela.

Sim, é verdade.

Ela olhou para ele, aparentemente juntando coragem para revelar algo. Ele se sentia da mesma forma. Seus pensamentos estavam igualmente confusos. Quando ele acreditou que ela estava morta, um futuro sem ela pareceu inimaginável.

— Os jogos acabaram — disse ela.

Ele assentiu.

Ele pegou a mão dela e a segurou entre as suas.

— Cotton...

Ele silenciou seus lábios com os dedos. — Eu também. — E ele a beijou.

Este livro nos levou, Elizabeth e eu, para Copenhague e Antuérpia mas, infelizmente, não para a China. Essa viagem teria levado muito mais tempo do que tínhamos disponível. Um livro por ano exige uma agenda apertada. Então, junto com a Antártica de *A busca de Carlos Magno*, a China permanece na nossa lista de lugares que temos de conhecer.

Os personagens, porém, visitaram tanto o país quanto possível.

Chongqing, província de Gansu, Xi'an, Kashgar, Yecheng, Pequim Lanzhou, província de Yunnan e os planaltos do oeste foram todos precisamente descritos. As estatísticas referentes à China no capítulo 2 são precisas, assim como todas as outras informações essenciais sobre o país durante todo o livro. É realmente um lugar de superlativos. A cidade de Botang e o Templo para a Preservação da Harmonia são fictícios. Dian Chi (capítulo 47) é real, mas sua poluição é muito pior do que me permiti descrever (capítulo 48).

Agora é hora de separar o que é fato do que é ficção.

A Comissão Central de Inspeção Disciplinar do Partido Comunista Chinês existe e funciona como descrito (capítulo 4).

Todas as descobertas, inovações e invenções científicas antigas atribuídas aos chineses, detalhadas nos capítulos 4 e 7, são verdadeiras. A China já foi a líder tecnológica do mundo. Esse domínio mudou por volta do século XIV quando diversos fatores — entre eles a falta de um alfabeto manejável, as influências do confucionismo e do taoísmo e a propensão que todas as dinastias tinham de erradicar todos os traços das precedentes — resultaram não apenas em uma estagnação ideológica, mas também em uma amnésia cultural. A história contada no capítulo 7 sobre os missionários jesuítas mostrando um relógio que os chineses não sabiam que eles mesmos tinham inventado mil anos antes é verdadeira. Um acadêmico britânico, Joseph Needham, do século XX, usou a sua vida para documentar o passado tecnológico e científico perdido da China. A pesquisa e as publicações que ele começou continuam até hoje por intermédio do Needham Research Institute.

Tivoli Gardens, em Copenhague, é um lugar maravilhoso para se visitar. Tudo que é descrito no capítulo 3 existe, incluindo o pagode chinês. O Café Norden (capítulo 13) fica em Højbro Plads em Copenhague e continua a servir uma deliciosa sopa de tomate.

Infelizmente, o roubo de crianças é uma praga na China (capítulos 8 e 9). Mais de 70 mil crianças desaparecem lá todos os anos, a vasta maioria formada por meninos, vendidos a famílias desesperadas por um filho.

Incluir essa realidade inacreditável no livro foi a minha forma de chamar a atenção para o problema. Existe um excelente documentário, *China's Stolen Children*, a que você pode assistir se desejar saber mais sobre o problema.

O debate entre confucionismo e legalismo segue há 3.000 anos (capítulo 10). Uma dessas duas filosofias concorrentes definiu cada dinastia governante, incluindo a comunista. Também é verdade que nenhum dos textos originais de Kong-Fu Zi sobreviveu. Tudo que restou foram interpretações dos originais. Os fracassos de Mao (capítulo 49); a ascensão e queda de tantas dinastias imperiais corruptas (capítulo 12); a campanha Desabrochar de Cem Flores (capítulo 45); e a desastrosa Revolução Cultural estão cuidadosamente descritos.

Da mesma forma, divisões violentas dentro da estrutura política chinesa são comuns, assim como destrutivas guerras civis internas. A batalha entre a Camarilha dos Quatro e Deng Xiaoping ocorreu no final da década de 1970 (capítulo 12). Três dos quatro integrantes derrotados perderam suas vidas. Aqui, eu apenas criei outra guerra por controle político entre dois novos adversários.

Séculos atrás, o *Ba* floresceu. A história de hegemonia, o *Ba*, e o legalismo são realmente descritos com exatidão (capítulo 24). Hegemonia (capítulo 45) é um conceito unicamente chinês que há muito tempo define sua consciência nacional de uma forma que o Ocidente tem dificuldade de compreender. E como Karl Tang percebe no capítulo 24, o totalitarismo é uma inovação chinesa.

A Antuérpia é uma linda cidade europeia com uma distinta sensação antiga (capítulo 8). Havia muito tempo que eu queria incluí-la em um de meus livros. O museu Drie Van Egmond (capítulos 25, 27-31), porém, é uma criação minha. Como eu sabia que destruiria o prédio, achei que algo fictício seria uma escolha melhor. Curiosamente, porém, eu o modeliei segundo um museu real da Antuérpia — que pegou fogo enquanto eu escrevia o livro.

Lev Sokolov e Cassiopeia Vitt têm uma história, que é comentada no capítulo 36. Se você quiser conhecer a história completa de como esses dois se conheceram, e por que Cassiopeia tem uma dívida com ele, existe um conto, "The Balkan Escape", que pode ser baixado da internet em forma de e-book. Dê uma olhada.

Os eunucos (capítulo 7) são uma parte importante da história chinesa. Em nenhum outro lugar do mundo eles exerceram tanta influência política. Definitivamente, existiram personalidades boas (capítulo 51) e ruins. A história deles como contada por todo o livro é verdadeira, assim como o processo de castração (capítulos 7 e 33). Associar os eunucos ao *Ba* foi invenção minha, embora eles provavelmente tenham desempenhado algum papel nesse movimento.

Duas formas de tortura foram descritas no livro: o pó de pimenta (capítulo 23) e a outra com ratos (capítulo 39). Ambas foram criadas pelos chineses. Os registros do historiador ou *Shiji* (capítulo 38) continuam sendo uma fonte vital da história antiga chinesa. As passagens mencionadas durante o livro são citações fiéis. A censura da internet na China é uma

realidade que acontece todos os dias (capítulo 43). Uma intranet, para uso apenas dentro do país, está sendo criada.

Citações do Presidente Mao Tsé-Tung ou *O Livro Vermelho* (capítulo 43) é o livro mais impresso da história, com 7.000.000.000 de exemplares. Já houve uma época em que todo chinês carregava um. Isso não acontece mais.

O lampião do dragão (capítulo 4) é real, embora tenha sido encontrado em outra tumba imperial, adaptada aqui para Qin Shi.

A Baía de Ha Long, no norte do Vietnã (capítulo 41), é um local deslumbrante que não consegui resistir e tive de incluir. A tumba de Mao (capítulos 42 e 43) também me fascina. As histórias sobre o cadáver do presidente, a história do embalsamamento malfeito, o boneco de cera e a possibilidade de o corpo de verdade não existir mais há muito tempo são todas reais. E embora seja uma história muito mais recente, o que aconteceu na Praça da Paz Celestial e o que aconteceu em junho de 1989 (capítulo 43) permanecem um mistério. Até hoje, ninguém sabe quantas pessoas morreram. Muitos pais realmente foram até o local depois que os tanques se retiraram para procurar seus filhos (capítulo 43). E como foi relatado no capítulo 66, todos os livros e websites que mencionam o incidente são censurados na China.

O Museu dos Guerreiros de Terracota (capítulo 6), perto de Xi'an, é um importante cenário para o livro. Quando a exposição itinerante dos guerreiros esteve no High Museum em Atlanta, na Geórgia, visitei duas vezes e fiquei tão fascinado que comprei uma réplica, que hoje fica no meu refúgio. Tentei incorporar o máximo possível o museu de Xi'an, focando a Cova 1 (capítulo 6) e a intrigante Cova 3 (capítulo 53). É claro que a câmara da biblioteca imperial (capítulo 10) foi uma adição minha. O conceito da carruagem direcionada para a esquerda e a falta de guerreiros no lado esquerdo da Cova 3 (capítulo 53) não é um acréscimo meu. Veio de *The Terracota Warriors: The Secret Codes of the Emperor's Army* de Maurice Cotterell.

O monte da tumba de Qin Shi, que fica perto do sítio do exército subterrâneo, é descrito com exatidão. Os túneis de drenagem, cavados há mais de 2.220 anos, continuam lá (capítulo 55). A descrição do interior da tumba, no capítulo 38, é a única já escrita. Minha visão de seu interior (capítulos 55-57) é imaginada, mas tentei me manter o mais próximo possível não apenas do *Shiji* mas também de outras tumbas imperiais conhecidas. Até hoje, o governo chinês não permite nenhuma escavação no túmulo eterno de Qin Shi. A descrição de Qin Shi no capítulo 38 é baseada na representação mais popular, mas foi feita centenas de anos depois de sua morte. Na verdade, ninguém tem ideia de como ele era.

Inacreditavelmente, os chineses escavaram em busca de petróleo 2.500 anos atrás da forma descrita no capítulo 21, tornando-se o único povo da época capaz de realizar tal façanha. Eles encontraram não apenas óleo cru mas também gás natural, e aprenderam a usar ambos em seu cotidiano. A dependência chinesa por petróleo (capítulo 17) é uma realidade, assim como sua política de apaziguamento estrangeiro para obter grandes

quantidades. Sua falta de reservas é uma fraqueza estratégica, assim como o fato de que um simples bloqueio naval de dois estreitos poderia deixar a China de joelhos (capítulo 17).

O debate sobre petróleo biótico e abiótico é real e continua até hoje. Será que o petróleo vem de organismos decompostos ou é naturalmente produzido pela terra? Uma fonte é finita, a outra, infinita. Os russos, motivados por Stalin, foram os pioneiros na teoria do petróleo abiótico, na década de 1950, e continuam a encontrar petróleo, utilizando o conceito, em lugares onde combustíveis fósseis nunca poderiam ter existido (capítulos 15 e 17). Dessa forma, como Stephanie Nelle comenta no capítulo 15, o poços do Golfo do México estão se esgotando em um ritmo assombrosamente lento, o que tem confundido os especialistas americanos. Diamantoides, ou adamantes (capítulo 44), foram isolados pela primeira vez de petróleo tcheco em 1933, depois o mesmo foi feito de amostras americanas no final da década de 1950. Recentemente, esses fascinantes compostos provaram ter aplicações promissoras em nanotecnologia. Eu os adaptei como prova de petróleo abiótico, já que os diamantoides só podem se formar sob extremo calor e pressão, do tipo que só existe bem no fundo na terra, muito longe de onde quaisquer combustíveis fósseis possam estar.

E esse mito do petróleo finito?

"Combustível fóssil" nada mais é do que uma teoria, criada em 1757 por um cientista russo chamado Mikhail Lomonosov. Em experiências para a Academia Imperial de Ciências, Lomonosov escreveu: "O petróleo se originou quando minúsculos corpos de animais enterrados nos sedimentos, que sob a influência de alta temperatura e pressão, agindo durante um período de tempo inimaginavelmente longo, se transformam em petróleo."

Muitos cientistas questionam essa afirmação, mas no decorrer do tempo, nós fomos simplesmente levados a acreditar que o petróleo vem apenas de compostos orgânicos.

Em 1956, o geólogo sênior na exploração de petróleo para a União Soviética disse: "A preponderância opressiva de provas geológicas leva à conclusão de que petróleo cru e gás natural não têm nenhuma conexão intrínseca com matéria biológica que se origine perto da superfície da Terra. Eles são matérias primordiais que entraram em erupção vindo de grandes profundezas."

Mas poucas pessoas escutaram suas palavras.

Raymond Leary, em seu livro de 2005, *Over a Barrel*, escreveu: "Nada dura: fama, fortuna, beleza, amor, poder, juventude, nem mesmo a própria vida. A escassez reina. Assim, a escassez — ou melhor, a percepção de escassez — se torna uma oportunidade para os manipuladores." O melhor exemplo disso é a OPEP, que continua a obter lucros obscenos da escassez de sua própria criação.

Leary, porém, não deixa dúvidas.

Ele, como muitos outros, incluindo os russos, têm absoluta certeza.

O petróleo não é escasso. Nós apenas tememos isso.

[1] *Hogaris Heroes* é uma série de televisão da década de 1960 que satiriza a Segunda Guerra Mundial. Sargento Schultz é um personagem da série cujo bordão é "Eu não escutar nada, eu não ver nada, eu não saber de nada". (N. da T.)

[2] *Besta* é uma antiga arma portátil que consiste em um arco de madeira, chifre ou aço, montado em uma coronha, cujas extremidades são ligadas por uma corda que se retesa por meio de mola e que, ao ser solta, arremessa setas curtas, pelouros etc.; balesta, balestra. (Dicionário Houaiss) (N. da T.)